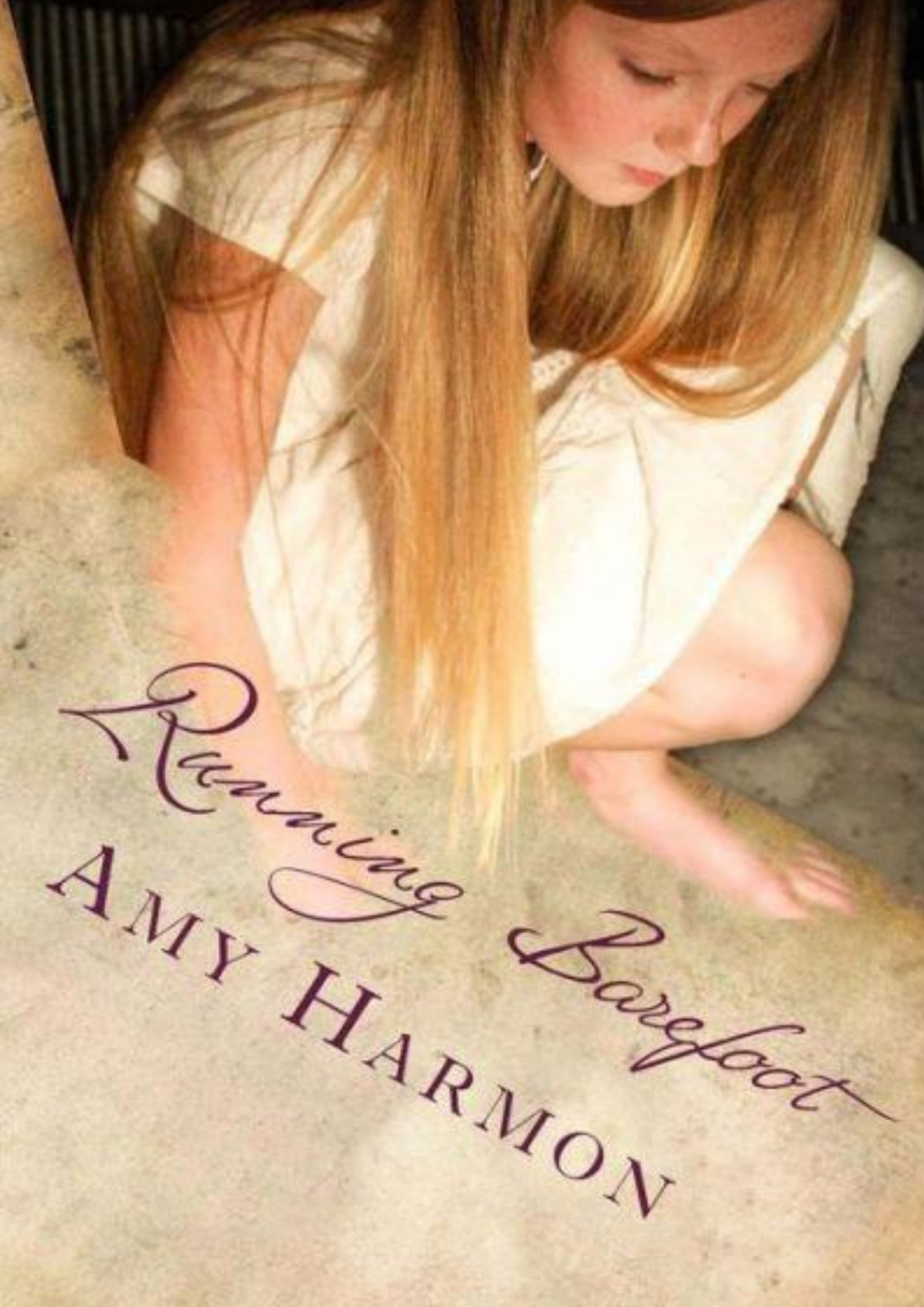
Running Barefoot
AMY HARMON

The Rose Traduções



Disponibilização: Jmh Alves

Tradução: Danielle

Revisão: DK

Leitura Final: DK

Formatação: DK

Sinopse

Quando Josie Jensen, uma desajeitada prodígio musical de 13 anos de idade cai de cabeça no novo garoto Samuel Yazzie, um rapaz de 18 anos de idade, Navajo e cheio de raiva e confusão, uma improvável amizade floresce. Josie ensina Samuel sobre palavras, música e amizade, e ao longo do caminho encontra sua alma gêmea.

Após a formatura, porem, Samuel abandona a sonolenta cidade pequena, em busca de um futuro e de uma vida, deixando sua jovem mentora para trás.

Muitos anos se passam antes de e Samuel voltar a encontrar sua velha amiga, que agora necessita das mesmas coisas que ofereceu a ele anos antes. Seus papéis são invertidos, e Samuel ensina a Josie sobre a vida, o amor e sobre deixar ir.

Profundamente romântica e comovente, 'Running Barefoot' é a história de uma menina de cidade pequena e de um menino nativo americano, sobre os laços que nos unem aos nossos lares e famílias, e sobre o amor, que nos dá asas.

1. Prelúdio

Eu vivi toda a minha vida em uma pequena cidade de Utah, chamada Levan. Levan situa-se no centro do estado, e as pessoas da cidade gostam da piada sobre como Levan é 'umbigo' soletrado de trás para frente[1] - "Estamos no umbigo de Utah," dizem. Não é muito distinto, eu sei, mas parece ajudar as pessoas a lembrar o nome. Várias gerações da minha família viveram em Levan, desde os primeiros colonos em 1860, quando o povoado tinha o apelido de “Pequeno Dinamarca”. Essas primeiras famílias que se instalaram na cidade eram mórmons, tentando encontrar um lugar para chamar de lar e, finalmente, serem deixados sozinhos para levantar suas famílias e viver em adoração e paz.

A maioria das pessoas na cidade é descendentes dos dinamarqueses de cabelos loiros. Meus antepassados Jensen estavam entre os primeiros colonos da Dinamarca, e meu cabelo ainda é um loiro pálido como em todas as gerações da família. Minha mãe, com seu lindo cabelo castanho, era a única pessoa que não era loira na família, e ela não tinha nenhuma chance contra seu gene dinamarquês de teimosia. Meu pai, meus três irmãos e eu, todos compartilhamos os mesmos cabelos loiros e olhos azuis como o céu, como meu grande avô Jensen, que cruzou as planícies quando era um jovem homem e instalou-se no início de Levan, construindo uma casa e uma vida.

Há muitos anos, Levan era uma cidade próspera, ou assim meu pai disse. Junto a rua principal havia a loja do pastor, chamada Mercantile, e uma sorveteria, onde o sorvete caseiro era feito a partir de blocos de gelo e armazenado durante os meses de verão em um grande poço de gelo coberto

[1] Navel = umbigo

com terra, sal e palha. Havia uma escola primária e uma câmara municipal. Em seguida, uma nova estrada foi construída, contornando Levan por algumas milhas. A cidade nunca tinha sido construída para chamar a atenção para si mesma, mas iniciou uma morte lenta, como um novo filete de sangue, e desacelerou até parar. A sorveteria tinha fechado quando eu nasci, e então a loja teve que fechar suas portas.

A escola primária caiu em desuso, e encolheu para uma escola com apenas uma sala quando a geração mais jovem cresceu e saiu, sem ninguém para encher as mesas que eles haviam desocupado. As crianças mais velhas pegavam um ônibus por meia hora para o norte até uma cidade vizinha, chamada Néfi, para cursar o ensino fundamental e médio, e quando eu era velha o suficiente para a escola primária havia um professor para o jardim de infância até a segunda série, e outro para o terceiro ano até a sexta série. Algumas pessoas se mudaram, mas a maioria das famílias que estava ali há gerações ficou.

Tudo o que restou ao longo da rua principal era uma pequena loja onde os habitantes da cidade poderiam comprar qualquer coisa, desde leite a fertilizantes. Ela ostentava o nome de “shopping da cidade”. Não faço idéia porque, já que era a coisa mais distante de um shopping que já existiu. Há algum tempo o proprietário adicionou uma sala em cada extremidade e alugou o espaço para que alguns moradores iniciassem suas próprias lojas.

De um lado tinha algumas mesas e uma pequena cozinha, que serviu como um restaurante e onde os homens mais velhos sentavam e bebiam seu café da manhã. Betty “suada" Johnson (como nós chamamos a Sra Johnson) cozinhava o jantar por tanto tempo quanto poderíamos lembrar. Ela é várias mulheres em uma - cozinha, serve mesas e gerencia o negócio, tudo por conta própria. Ela faz donuts caseiros macios e a melhor batata frita gordurosa do planeta. Tudo o que ela faz é frito, e seu rosto tem um brilho permanente de

gordura, assim ela ganhou o apelido de Betty suada. Mesmo ao limpar a igreja nos domingos seu rosto brilha e, infelizmente, não é do Espírito Santo.

Na outra extremidade, minha tia Louise, irmã da minha mãe, oferecia desde cortes de cabelo, coloração e boa companhia para a maioria das mulheres em Levan. Seu último nome está escrito como Ballow, mas é pronunciado Ba Loo com o acento no Loo, por isso ela chamou sua loja de “Ballow'Do” - mas a maioria das pessoas apenas chama de Loja da Louise.

Em frente ao “shopping”, haviam duas bombas de gasolina, e quando eu era mais jovem, uma loja de Cones de Neve chamada Magrinha, para onde eu e os filhos de Louise (meus primos) corríamos durante o verão. Bob, marido de Louise, era um motorista de caminhão e viajava muito. Eles tinham cinco filhos, que ela precisava manter ocupados enquanto cortava o cabelo de suas clientes. Louise decidiu que era hora de um negócio de família, assim nasceu a “Cones de Neve Magrinha”. Bob construiu uma loja simples de madeira que acabou parecendo um pouco como um banheiro externo, daí o nome do magrinha. A loja vendida blocos de gelo, então eles tinham uma fonte para a “neve”.

Louise comprou um picador de gelo e algum xarope de Cola do distribuidor em Néfi, junto com algumas palhas, guardanapos e alguns copos de isopor, em 2 tamanhos. Era um modelo de negócio muito simples, com um custo muito baixo. Louise pagava ao garoto de plantão $5 por dia, além do maior número de cones de neve que ele quisesse. Minha prima Tara, que é da mesma idade que eu, comeu tantos cones de neve em um verão que ficou doente. Ela não os suporta até hoje, até mesmo o cheiro dos cones de neve a faz vomitar.

Havia uma pequena agência de correios de tijolos na rua, e um bar chamado Pete’s ao lado direito da igreja - uma localização interessante, eu sei. E isso era Levan. Todo mundo sabia quais habilidades cada pessoa possuía, assim tivemos ferreiros, padeiros, até mesmo fabricantes de velas. Meu pai poderia ferrar um cavalo melhor do que ninguém; Jens Stephenson era um grande mecânico, Paul Aagard um carpinteiro e assim por diante. Tivemos

decoradores, cozinheiros e talentosas costureiras. Elena Rosquist era uma parteira, e tinha ajudado no parto de vários bebês que tinham vindo sem muito aviso, não deixando tempo para a viagem de carro até o hospital em Néfi. Fizemos o comércio devido as nossas habilidades, tendo um sinal na fachada ou não.

Eventualmente, algumas novas famílias mudaram-se para Levan, decidindo que não era tão longe para viajar diariamente para as cidades maiores. Era um bom lugar para descansar e um bom lugar para ter e criar raízes. Em cidades pequenas todos ajudam a educar as crianças. Todo mundo sabe o que todos fazem, e se algo ou alguém está aprontando alguma, os pais saberão antes que a criança possa chegar em casa para contar o seu lado da história. A cidade não era muito maior do que uma milha quadrada, sem contar as fazendas que encontram-se no interior, mas como uma criança, esse era o meu mundo inteiro.

Talvez a pequenez desse mundo fez minha perda precoce mais suportável, simplesmente porque eu era cuidada e amada por tantos. Isso, no entanto, fez a minha perda posterior mais difícil de recuperar, porque foi uma perda coletiva, uma vida muito jovem arrancada à beira, um choque para a comunidade adormecida. Ninguém esperava que eu seguisse em frente. Como um sapato que perdeu o seu par e nunca é usado novamente, eu tinha perdido meu par, e não sabia como correr descalça.

A perda precoce à qual refiro-me foi a morte da minha mãe. Eu tinha menos de nove anos quando Janelle Jensen, esposa e mãe, sucumbiu ao câncer de mama. Lembro-me claramente como eu estava apavorada quando seu belo cabelo havia caído, e ela usava um pequeno boné rosa sobre a cabeça lisa como um bebê. Ela riu, e disse que pegaria uma peruca loira para finalmente combinar com o resto da família. Ela nunca conseguiu fazer isso; ela foi embora cedo demais. Ela foi diagnosticada com câncer logo depois do Natal, e ele logo se espalhou para seus pulmões, e era inoperável. Até o 4 de julho ela

já tinha morrido há duas semanas. Lembro de ouvir o primeiro som de festa comemorando a independência do nosso país, odiando a independência que tinha sido forçada de repente em cima de mim. O barulho dos fogos de artifício no bairro fez com que meu pai tivesse seus lábios e mãos apertadas.

Ele olhou para nós, seus quatro filhos com sombrias cabeças baixas, e tentou um sorriso.

"O que me dizem, turma J?" A voz dele tinha rachado quando usou o apelido preferido da minha mãe para nossa família. "Vocês querem dirigir até Néfi e ver o grandes fogos de artifício?"

Meu pai se chama Jim, e minha mãe achava que nossos nomes começando com a mesma letra seria apenas mais uma prova que eles pertenciam juntos. Portanto, ela nomeou cada um dos bebês com um nome que começava com 'J', para caber no molde. Ela não era muito original, porque em Levan você encontrará famílias com todos os nomes com 'K', todos os nomes com 'B', todos os nomes com 'Q'. Você escolhe uma letra e nós temos isso. As pessoas têm mesmo 'temas' para os nomes de seus filhos, apelidos como Brodeo e Cowgirl identificando a sua origem. Não estou brincando.

Então, na minha família todos os nomes começavam com J: Jim, Janelle, Jacob, Jared, Johnny e Josie Jo Jensen, a "Turma J". O único problema era que sempre que minha mãe precisava de um de nós ela tinha que correr pela ladainha de nomes 'J' até que chegasse no nome certo. Não sei porque lembro disso, pequena como eu era, mas nos dias e semanas antes da minha mãe morrer, não lembro dela tropeçar em qualquer um dos nossos nomes. Talvez os detalhes da vida diária nos distraíram, uma vez que a língua dela estava amarrada, e isso foi dissolvido em sua insignificância, e ela deu sua atenção à cada palavra nossa, cada expressão, cada movimento.

Não conseguimos ver os grandes fogos de artifício naquele ano. Meu irmãos e eu vagamos para fora para ver os vizinhos detonar foguetes de garrafa, e meu pai passou a noite no celeiro tentando escapar dos sons zombeteiros da

folia. Trabalho duro tornou-se o remédio do pai à depressão; ele trabalhou incessantemente, e deixou o álcool preencher as rachaduras no meio.

Tínhamos uma pequena fazenda com galinhas, vacas e cavalos, mas agricultura não paga bem, e meu pai trabalhava na usina em Néfi para ganhar a vida. Com três irmãos muito mais velho do que eu, meus deveres na nossa pequena fazenda foram mínimos. Meu pai precisou de uma empregada e uma cozinheira, e esperava-se que eu ocupasse o lugar da minha mãe. Jacob, Jared e Johnny eram 5, 6 e 7 anos mais velhos do que eu; minha mãe sempre disse que eu era uma linda surpresa e, quando ela estava viva, eu tinha apreciado o fato de ser uma menina, adorada por toda a família. Mas sem minha mãe tudo mudou, e ninguém mais queria um bebê.

Inicialmente, tivemos mais ajuda do que poderíamos imaginar. Levan é a única cidade que eu sei onde sempre existem atribuições feitas para alimentar uma família depois de um funeral. Tradicionalmente, fomos checados um dia antes do funeral, e depois, novamente, uma hora antes do serviço. Depois do funeral e do enterro, família e amigos voltam para a igreja para uma grande refeição servida pelas boas mulheres da cidade. Ninguém diz "eu vou trazer um bolo," ou "eu vou fornecer as batatas". A comida só chega, uma infinidade de carnes, saladas e acompanhamentos, bolos e tortas. As mulheres de Levan podem se espalhar diferente de tudo que já vi. Lembro-me de estar de pé ao longo das mesas carregadas com alimentos depois do funeral de minha mãe, olhando para a variedade bonita, não tendo qualquer desejo de comer uma única mordida. Eu era jovem demais para entender o conceito de comida-conforto.

A doação continuou por dias a fio depois do funeral. Alguém diferente trouxe jantar todas as noites durante três semanas. Nettie Yates, uma mulher mais velha do fim da estrada, veio quase todas as outras noite e organizou os alimentos, colocando a maior parte em recipientes, e os congelou para mais tarde. Nenhuma família possivelmente poderia comer a quantidade de alimento

que recebemos, mesmo uma família com três filhos adolescentes. Mas eventualmente a comida diminuiu, e o povo de Levan mudou-se para outras tragédias.

Meu pai não era muito talentoso na cozinha, e depois de meses de sanduíches de manteiga de amendoim e cereais, pedi a minha tia Louise para me mostrar como fazer algumas coisas. Ela veio num sábado e mostrou-me o básico. Fiz um esboço com detalhes de como ferver água (manter a tampa até ferver, tire do fogo quando ferver!) como fritar ovos (você tem que manter o queimador mais fraco pra cozinhar ovos!) como fritar hambúrguer (mantenha-se virando até que não esteja mais rosa). Anotei tudo muito cuidadosamente, fazendo Louise descrever cada passo. Eu escrevi receitas de panquecas (virá-las até que tenham grandes crateras como a lua), espaguete (um toque de açúcar mascavo no molho era o segredo da tia Louise) e cookies com gotas de chocolate (é a gordura que torna-os macios e inchados). Louise estava exausta no fim do dia, mas eu tinha listas e listas de muito detalhadas instruções, escritas em minha mão infantil e penduradas na geladeira.

Depois de um mês, todo mundo estava cansado de panquecas e espaguete - meu irmão nunca ficava cansado dos biscoitos de chocolate – e como Louise disse que sua cabeça explodiria se "alguma vez tivesse que fazer isso de novo", comecei a perguntar as mulheres da igreja se eu poderia vir e vê-las fazer o jantar. Eu fiz isso toda vez que eu precisava de uma receita nova. As mulheres foram sempre gentis e pacientes, levando-me através do processo de descrever os ingredientes e mostrando onde encontrá-los na loja ou em um jardim. Eu até mesmo desenhei fotos das latas e caixas, assim não esqueceria como tudo era. Eu fiz um caderno gráfico com representações coloridas de como a parte superior do vegetal parecia (cenouras, rabanetes, batatas...) para saber o que sairia do chão. Não tínhamos nossa própria horta nos primeiros anos depois que mamãe morreu, mas Nettie Yates deixou-me colher na sua sempre que eu queria. Eventualmente ela me ajudou a plantar minha pequena

horta, que se expandiu a cada ano. Quando eu estava no colégio, tinha uma horta de bom tamanho onde eu plantei, cuidei e colhi meus próprios alimentos.

Eu aprendi a lavar roupas, separando as brancas das coloridas, as roupas de trabalho manchadas de graxa das roupas do dia-a-dia. Mantive a casa limpa, imaginando que eu era a Branca de Neve cuidando de sete anões desarrumados. Até mesmo pedalei até o velho Correio e peguei nossa correspondência todos os dias. Não temos caixas de correio na frente de nossas casas em Levan. Em vez disso, tudo era entregue aos correios e cada pessoa na cidade tinha uma caixa e uma chave. Meu pai arrumava todas as coisas que precisavam ser enviadas, e eu me certificava que todas tinham selo e as levava para os Correios. Quando eu tinha doze anos sabia como controlar um talão de cheques, e meu pai abriu uma conta doméstica para mim. A partir desse ponto, lidar com os utilitários e as compras da casa se tornaram minha responsabilidade. Meu pai tomou conta da fazenda, e eu cuidava da casa.

A única coisa que eu não queria fazer era cuidar das galinhas. Minha mãe sempre tinha tomado conta das galinhas: alimentá-las, recolher os seus ovos e limpá-las. Eu sempre tive muito medo das galinhas. Minha mãe contou uma vez, quando eu era apenas uma criança, que os meninos tinham se distraído quando eles deveriam estar cuidando de mim. Caminhei em direção ao curral e uma galinha vermelha particularmente desagradável me encurralou, e eu estava congelada no terror do momento que mamãe me encontrou. Ela disse que eu não estava chorando, mas que quando ela me pegou eu estava tão dura como uma tábua, e tive pesadelos durante semanas depois.

Galinhas são difíceis de se conectar. Elas são agressivas e mal-humoradas, e rápidas para bicar e fazer barulho. A primeira vez que recolhi os ovos depois que minha mãe morreu eu quase hiperventilei - estava tão aterrorizada. Pouco a pouco, vencer meu medo me fez sentir poderosa, e eu comecei a ter orgulho de cuidar dos bichos indesejáveis. Eu nomeei cada uma, e falei com elas como se fossem minhas crianças desobedientes. Com cada

tarefa que dominei, me senti mais no controle e me tornei mais hábil, seguindo os passos da minha mãe.

2. Maestro

Gostava de ter um propósito, gostava de ser necessária, e achei que servir a meu pai e meus irmãos me fez amá-los mais. Amá-los tornou mais fácil viver sem minha mãe. Eu tinha sido uma criança séria antes, achava mais fácil estar sozinha do que com amigos, mas a morte da minha mãe fez minha natureza solitária ainda mais solitária. Quanto mais independente eu me tornava, mais difícil era agir como as crianças da minha idade. Eu não subia mais no colo do meu pai ou pedia para ser abraçada e beijada. Eu não reclamava quando era ignorada por muito tempo. Acho que eu agia como uma pequena adulta; solidão não era algo que me incomodava tanto assim. Era melhor que a simpatia que as outras pessoas pressionavam em mim o tempo todo.

Houve momentos, especialmente o ano após a morte da minha mãe, quando o luto em nossa casa era tão sufocante quanto colocar uma colcha pesada em nossa cabeça e tentar respirar. O peso da nossa tristeza combinada era claustrofóbico, e eu me encontrei sofrendo longe de casa tanto quanto pude. Quando não estava ocupada com afazeres, pegava minha bicicleta azul e pedalava tão rápido quanto minhas pernas poderiam aguentar, até chegar ao pequeno cemitério no fundo de Tuckaway Hill, há uns 2km da minha casa. Eu sentava ao pé da sepultura da minha mãe e deixava o silêncio soltar minhas lágrimas até respirar se tornar mais fácil. Trazia meus livros e lia com minhas costas pressionadas contra a pedra que levava o nome dela. Meus livros foram meus amigos, e eu devorei tudo o que poderia pegar. Todos os meus personagens favoritos tornaram-se meus heróis. “Anne de Green Gables” tornou-se minha amiga do peito, “A Pequena Princesa” e “Heidi”, fontes de força

e exemplo. Eu apreciava finais felizes, onde as crianças como eu triunfaram apesar das dificuldades. Sempre havia dificuldade nas histórias e essa percepção consolou-me. Fui inspirada pelo sacrifício de “Summer of the Monkeys”, e plantei uma samambaia vermelha no túmulo da minha mãe para Dan e Ann, depois de ler “Where the Red Fern Grows”.

Foi num dia desses, lendo sozinha no cemitério, um pouco mais de um ano depois que mamãe morreu, quando um longo Cadillac branco deslizou lentamente para baixo da estrada de terra que corre ao longo do lado oeste do cemitério. Não haviam Cadillacs brancos em Levan; na verdade, não havia nenhum Cadillac em Levan, branco ou não. Eu vi quando ele fez o seu caminho em direção a mim, levantando poeira e chamando a minha atenção do “Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa”, que eu tinha lido duas vezes antes. Ele roncou e subiu a rua que levava para as casas de veraneio na colina de Tuckaway Hill. Talvez uma nova família havia se mudado. Eu estava, de repente, esmagadoramente curiosa para ver onde ia aquele carro. Pensei que poderia ser sorrateira, usando as plantas como cobertura se me sentisse exposta quando chegasse perto. A pista era íngreme, e minha pele estava com comichão de suor e poeira conforme eu chegava ao topo da colina.

Três lindas casas tinham sido construídas em Tuckaway Hill, todas de propriedade de uma família rica chamada Brockbank. Aparentemente os filhos Brockbank, que se envolviam com contratação e desenvolvimento, tiveram a idéia de que a colina iria fazer um retiro de verão ideal para a família abastada, e tinham construído um conjunto impressionante. Os Brockbanks e seus filhos crescidos tinham visitado as casas em diferentes momentos, mas as casas estavam agora vazias há vários anos. Eles tinham chamado a colina Tuckaway, mas aparentemente era muito escondido, porque nenhum deles veio alguma vez em muito tempo.

A porta da garagem da casa maior ficou aberta, e o Cadillac branco estava estacionado no interior. Eu não podia ver ninguém por perto, sem caixas ou van em movimento, sem brinquedos abandonados ao acaso na entrada.

Não me atrevi a bater, e espreitar pelas janelas quando alguém estivesse em casa seria muito descarado para minha natureza cautelosa. Eu me virei para sair quando um ruído violento me assustou, e deixei cair minha bicicleta, gritando com a surpresa. Tardiamente percebi que alguém estava tocando um piano com grande entusiasmo. Não reconheci a música, mas não era bonita. Era intenso, e me lembrou o tipo de música que teria em um filme de terror, um filme de terror onde a menina que está bisbilhotando na propriedade de outra pessoa é assassinada pelo proprietário louco. Eu estava seriamente assustada, e recolhi minha bicicleta, apenas para descobrir que a cadeia tinha saído do lugar quando eu tinha deixado cair. Eu me agachei e rapidamente comecei a tentar forçar a cadeia de volta ao redor da roda dentada - isto já tinha acontecido comigo antes, e eu sabia como resolver.

Enquanto eu trabalhava, escutei nervosamente a música poderosa fora de casa. De repente a música mudou e se transformou em algo igualmente poderoso, mas repleto de alegria em cada nota. O música inchou no meu coração, e de repente tinha lágrimas enchendo meus olhos e transbordando em minhas bochechas. Limpei-as com espanto, deixando um raia de graxa na lateral do meu rosto.

Música nunca me fez chorar antes. E estas não eram lágrimas de tristeza. Eu estava ouvindo a música, e me senti como eu às vezes me sentia na igreja, quando cantava músicas sobre Deus ou Jesus. Me fez sentir assim sem quaisquer palavras. E eu amava as palavras. Fiquei surpresa que a música poderia falar comigo *sem* palavras. Eu me atrevi a ouvir, e quando a música parecia perto do seu final, peguei minha bicicleta e fugi, pedalando com a música que agora enchia minha cabeça.



"É um médico aposentado e sua esposa", meu pai contou no jantar daquela noite, quando eu contei a história do Cadillac branco. "Grimwald é seu nome, ou algo assim".

"Grimaldi," Jacob corrigiu com a boca cheia de purê de batatas. "Rachel e sua mãe ajudaram a limpar a casa antes deles mudarem".

Rachel era namorada de Jacob. A mãe da Rachel é a presidente da organização das mulheres em nossa pequena igreja, e o dever a faz uma mulher ocupada. Também fornece uma oportunidade para saber em primeira mão sobre acontecimentos da cidade, embora ela não fosse o tipo que abusa da sua posição.

"Rachel disse que a esposa do doutor insistiu em pagar-lhes", Jacob continuou. "Ela ficou meio mal-humorada quando elas se recusaram. Rachel disse que ela e sua mãe ficavam dizendo que estavam felizes em ajudar e queriam servir. A esposa do doutor finalmente cedeu, mas disse que se Rachel quisesse volta ela pagaria para limpar uma vez por semana". Jacob recostou-se com um arroto satisfeito.

"Por que se mudaram para Levan?" eu questionei. "São parentes de alguém?" Levan estava longe de St. George, três horas ao sul, onde os aposentados normalmente mudavam-se para pegar sol e desfrutar de invernos menos rigorosos.

"Rachel diz que o velho está escrevendo um livro e quer paz e tranquilidade" Jacob disse com naturalidade. "A esposa do doutor disse que eles são velhos amigos do Brockbank, e Levan parecia um bom lugar para ele escrever".

Eu pensei da música barulhenta e apaixonada de mais cedo naquele dia. Definitivamente não havia sido tranqüila. Resolvi adular Rachel para levar-me com ela quando fosse limpar novamente. E foi assim que eu conheci Sonja Grimaldi.



Rachel era uma ruiva pequena e bonita que estava bem-humorada e muito disposta. Ela estava sempre em movimento e fazendo coisas. Ela se referia à tudo como uma coisa ou um trabalho - ela provavelmente nunca teria ganho uma libra - e trabalhava mais rápido do que falava ou parecia cansar-se. Eu a amava, mas passar muito tempo em sua presença me fez buscar tempo para sentar e me afogar em um livro profundamente. Ela era um perfeito complemento para o meu irmão mais velho descontraído e de fala mansa, e eu estava grata que um dia ela provavelmente seria uma Jensen - eu gostaria de ter uma irmã.

Sábado ela estava feliz em me deixar ir junto para a casa dos Grimaldi, e encontrei-me ansiosa para ouvir mais músicas, na esperança de que quem tinha tocado antes poderia fazê-lo novamente. A senhora Grimaldi estava longe de ser encontrada quando chegamos, embora Rachel não parecesse preocupada, e imediatamente começou a trabalhar. Eu tentei ajudá-la a limpar, mas ela me afastou, rindo e dizendo que não queria partilhar o seu lucro. Eu andei pela cozinha e pela sala, onde pensei que o piano devia esta. O piano era um exemplar admirável, enorme, preto e brilhante, a tampa levantada no alto, e um longo banco preto em frente. Eu desesperadamente queria sentar e correr minhas mãos pelas teclas. Então eu fiz: sentei no banco e descansei minhas mãos suavemente sobre o branco cintilante. Eu toquei em cada tecla muito, muito suavemente, apreciando os sons individuais.

"Você toca?" Disse uma voz atrás de mim.

Meu coração saltou do peito e caiu no chão quando eu sentei congelada, minhas mãos ainda nas teclas.

"Você tocou as teclas tão suavemente, pensei que você tocasse" a voz continuou.

Meu coração voltou ao meu peito, batendo ruidosamente para me avisar que eu ainda estava viva. Eu parei e virei lentamente. Uma mulher parecida com um pássaro, não mais alta do que eu, estava atrás de mim. Seu cabelo prateado estava arrumado em um coque, como Jane Seymour tinha usado em “Em algum lugar do Passado”. Usava óculos de aros pretos pendurados em seu nariz muito longo, e um terninho roxo profundo com correspondentes gemas roxas, que eu aprendi mais tarde serem chamadas garnet, em suas orelhas, mãos e pescoço.

"Eu sou Josie," gaguejei. "Josie Jensen. Eu vim com a Rachel. Eu não toco... mas eu gostaria de conseguir".

Ela deslizou passando por mim e sentou-se majestosamente no banco preto que eu havia desocupado.

"Quem é o seu compositor preferido?" O óculos dela escorregou quando ela baixou seu rosto para frente, olhando para mim por cima das lentes.

"Eu não conheço quaisquer compositores", eu confessei timidamente. "A maioria da música que eu conheço, ouvi na igreja ou no rádio. Eu amo ouvir o órgão tocar os hinos”. Pensamentos de Jane Seymour momentos atrás trouxeram uma lembrança à minha mente. "Havia essa música em um filme que eu vi uma vez. Era o favorito da minha mãe, e ela chorou sempre que assistiu. O filme se chamava “Em algum lugar do Passado”... você sabe essa?" Apressei-me quando ela não respondeu. “Havia esta bela canção que continuava tocando."

"Ahhh, sim," ela suspirou. "É uma das criações de Rachmaninoff. É isso?" Ela começou a tocar os acordes românticos e lembrei-me da música. Eu afundei

em uma cadeira nas proximidades e escutei um toque de agitar a alma. Senti meu coração inchar e as lágrimas escaparem de meus olhos, como antes.

Ela se virou para mim quando terminou, e deve ter visto algo no meu rosto - deve ter visto como a música me tocou.

"Quantos anos você tem, filha?" ela perguntou calmamente.

"Meu aniversário é 1 de setembro. Eu vou ter dez anos na terça-feira." Eu respondi timidamente. Sabia que parecia mais velha, e sempre achei engraçado quando confessava a minha idade.

"Como a música faz você sentir?"

"Viva", respondi imediatamente e sem pensar, e corei um pouco na minha resposta. Ela parecia estranhamente satisfeita.

"Gostaria de aprender a tocar?"

"Eu adoraria!" Exclamei, excitada. "Eu vou ter que pedir ao meu pai... mas tenho certeza que ele vai deixar!" Um pensamento nebuloso passou pela minha cabeça. "Quanto custa?" Preocupei-me.

"O único custo é o prazer de sua companhia, e a promessa solene que você vai praticar muito." Ela acenou com o dedo severamente. "Uma criança que não pratica não prossegue com mais lições."

"Vou praticar mais duro do que alguém jamais praticou!" Eu prometi, sinceramente.

"A escola já começou?"

"Sim, senhora. Começou na semana passada."

"Então vejo você segunda-feira depois da escola, Josie." Ela estendeu suas mãos ossudas e apertou as minhas suavemente, selando o nosso negócio. Foi o melhor presente de aniversário que recebi.

Sonja Grimaldi tinha sido professora de música por trinta anos. Ela conheceu e se casou com seu marido Leo, também conhecido como Doutor,

mais tarde, e embora o doutor tivesse um filho de um casamento anterior, eles nunca tinham tiveram filhos juntos. Tinha sido uma série de estranhos eventos e coincidências que os trouxeram para Levan, que não era um lugar que normalmente atraia acadêmicos que se aposentaram. Doutor tinha sido um amigo para o Sr. Brockbank desde que eles tinham ido para a escola juntos quando jovens. Ele tinha sido o médico de família desde que terminou a faculdade de medicina. Sonja e o doutor estavam em seus setenta anos, mas ainda ágeis e ambiciosos. O doutor sempre quis escrever, mas enquanto praticava medicina nunca encontrou o tempo. Sonja pensava que gostaria de compor um pouco também, e Tuckaway Hill parecia o retiro perfeito para um escritor.

Eu folheei os classificados do Penny Pincher por algumas semanas até que encontrei um piano à venda. Era velho e feio, mas tinha uma som rico e lindo. Eu contribuí com todo o dinheiro que eu tinha guardado com a venda de ovos do meu frango no mercado do fazendeiro semanal, e paguei por ele completamente. Meu pai resmungou um pouco quando custou $75 para que alguém o pegasse e levasse até Levan, mas ele pagou por isso, avisando-me que era melhor eu praticar.

Meu problema não era praticar. Eu não podia me afastar das teclas. Sonja não era uma professora convencional, e eu era uma estudante talentosa. Em vez de aulas uma vez por semana, como a maioria dos estudantes, eu tinha aula todas as tardes. Eu voei através das lições rudimentares, rapidamente apreendendo conceitos musicais e a teoria, passando para os livros e canções intermediárias após apenas um mês. Por um tempo eu mesmo parei de ler, empurrando tudo para longe da minha música. Eu pratiquei por horas a fio. Felizmente para meu pai e meus irmãos, eles passavam mais tempo fora do que em casa, e eu raramente havia perturbado alguém com minha obsessão. Sonja disse que eu não era exatamente um criança prodígio, mas quase. Tive profunda paixão e apreço para música e rapidamente absorvi tudo o que ela me ensinou.

Eu aprendi que a música que tinha me assustado no dia em que segui o Cadillac branco até sua casa era uma peça de Wagner. Ela pronunciava Vah gner. Eu não ligo muito para Wagner, mas Sonja disse que ele fazia o sangue dela ferver, dando voz para sua “besta selvagem". Ela sorriu quando disse isso, e eu sorri com ela. Eu não acho que Sonja alguma vez tenha sido “bestial”. Ela disse que todos temos um pouco da besta em nós.

Se Wagner falou com a besta, Beethoven deu voz para a beleza. A Nona Sinfonia de Beethoven tornou-se minha força vital. Eu fiz Sonja tocar todos os dias no final de nossas aulas, e cada dia eu saia cheia de esperança, derrotando a besta.



Meninas de dez anos sem mães não deveriam ter de suportar o fardo da puberdade precoce, mas seja como for, comecei a menstruar não muito tempo depois que conheci Sonja Grimaldi. Eu acreditei estar sofrendo de algum tipo terrível de doença quando descobri o sangue nas minhas calcinhas e, amedrontada, gritei meu medo da morte para Sonja. Ela estava tocando a Sonata de Beethoven ao Luar, e a beleza e a melancolia da música me fizeram afogar em auto-piedade.

"Acho que estou morrendo, Sra. Grimaldi," Eu tinha chorado. Ela havia me encontrado e persuadiu uma confissão de mim. Quando ela percebeu o que estava acontecendo comigo, suspirou e me afastou, com um brilho de lágrimas em seus olhos.

"Josie! Esta não é a morte! É um renascimento!" Ela exclamou dramaticamente.

Eu olhei para ela com uma expressão estupefata.

"Não é surpreendente, você sabe. Você está além de seus anos em todos os outros sentidos. Você ganhou muito mais cedo este direito de passagem do que a maioria das garotas. Josie, a feminilidade é um presente incrível! É uma dádiva de Deus. Isso é o que ele nos concedeu. A feminilidade é incrivelmente poderosa, e a você isso foi confiado anos antes das outras meninas. Isto significa que você é muito especial aos seus olhos. Vamos festejar!" Ela aplaudiu e levantou-se com um ruído do seu quimono vermelho longo.

Assim o fizemos. Nós acendemos velas e tomamos Sidra espumante em taças de cristal. Ela leu a história da rainha Esther com grande paixão, dizendo como sua beleza, graça e coragem salvaram seu povo. Como seu poder teve influência das nações. Ela leu para mim a história da Virgem Maria do novo testamento, que apenas alguns anos mais velha que eu foi mãe do Salvador do mundo.

Dias depois Sonja e eu fomos para a cidade, e ela me comprou novas calcinhas e soutiens em um bonito tom pastel, e camisolas correspondentes para quando os sutiãs fossem absolutamente necessários. Tivemos manicure, e ela comprou suprimentos femininos para estocar em minha gaveta do banheiro por vários anos. Eu senti a presença da minha mãe aquele dia, e sabia que ela tinha sido um instrumento para a chegada de Sonja Grimaldi em minha vida. Afinal, se eu não estivesse em seu túmulo aquele dia, não teria visto o Cadillac branco. Depois disso, fiquei muito mais segura do amor de Deus por mim, e não amaldiçoei mais minha subida rápida para a feminilidade.



Uma tarde, no início da Primavera, cheguei para minha aula e encontrei Sonja deitada no sofá com um livro sobre o peito e os olhos fechados.

"Sonja"? Eu sussurrei, não querendo acordá-la, mas não querendo sair sem ver se ela estava precisando de algo. Eu estava um pouco assustada. Ela parecia pequena e cansada, e me fez pensar em minha mãe antes de morrer, encolhida e pálida.

"Sonja"? Minha voz balançou, e pus a mão no braço dela.

Ela abriu os olhos sonolenta, seus olhos castanhos enormes sob as grossas lentes de fundo de garrafa de seus aros negros.

"Ah, Josie! Já está na hora? Estava tentando ler, e meus olhos ficam tão cansados quando leio ultimamente... Eu tenho medo de ter que desistir de meus livros." Ela disse a última parte um pouco melancolicamente. Sonja não era uma pessoa triste e franzina, e eu olhei mais de perto o livro que ela estava lendo.

"O Morro dos Ventos Uivantes", li em voz alta. "E se eu ler para você, enquanto descansa seus olhos? Eu sou uma excelente leitora."

Sonja sorriu para esta declaração séria da minha habilidade, e entregou-me o livro. "Está bem, você lê um pouco e depois nós praticamos."

Eu odiava “O Morro dos Ventos Uivantes”. Cada dia eu viria para minhas aulas de piano, e lia para Sonja por meia hora antes de nós começarmos. Após uma semana eu passei a odiá-lo. Mas eu era jovem, sensível e pensativa, e com a explicação de Sonja para as diferentes palavras e frases, eu tinha compreendido mais do que tinha lido, e tinha confortavelmente seguindo a linha da história.

"Essas pessoas são horríveis! Eu as odeio! Não consigo ler mais isto!" Eu me surpreendi, irrompendo em lágrimas violentas e engolindo desesperadamente para controlar a exibição embaraçosa.

"Eles são, não é?" Sonja concordou em silêncio. "Muita feiúra para um espírito sensível. Talvez um dia você vá lê-lo com olhos diferentes... mas talvez não. Chega de Heathcliff por enquanto. Para o piano agora, filha!" Ela disse vivamente, e eu a segui humildemente, esfregando os olhos e sentindo-me

aliviada que não teria que gastar mais tempo vagando nos pântanos com fantasmas.

No dia seguinte, um novo livro estava esperando por mim. Notei que o autor era chamado Bronte, e encolhi-me interiormente. Mas Jane Eyre não era nada como Catherine Earnshaw Linton. Eu adorava Jane Eyre, e implorei a Sonja para levar o livro para casa, para ler entre nossas visitas. Ela concordou graciosamente, mas me fez prometer que escrevesse cada palavra que eu não entendesse e procurasse, para que eu realmente entendesse o que estava lendo. Quando Sonja descobriu que eu não tinha um dicionário em casa, ela me deu uma cópia do Dicionário Noah Webster de 1828. Ela disse que era o segundo livro mais importante da língua inglesa, ao lado da Bíblia.

Eu cumpri a minha promessa: lia até altas horas da noite e escrevia à lápis as palavras que não entendia na parede acima da minha cama. No dia seguinte eu mergulhava em meu dicionário pesado e procurava todas as palavras que tinha escrito na noite anterior. Com cada livro minha "Parede de Palavras" cresceu, assim como a minha fome por mais. Um dia, muitos meses mais tarde, meu pai entrou no loft que servia como meu quarto – o que ele raramente fazia - procurando por algo. Eu estava lá embaixo, batendo uma receita nova na cozinha, e deixei cair a bacia de mistura quando ele rugiu meu nome.

Eu vim correndo, temendo que algum desastre tivesse ocorrido, e achei ele olhando para minha parede afrontado.

"Josie Jo Jensen! O que é isto?" Ele jogou sua mão para a parede atrás de minha cama, que agora estava parcialmente coberta de palavras.

"É minha parede de palavras pai." falei mansamente. Quando ele olhou furioso para mim e dobrou os braços sobre o peito, decidi que era melhor me explicar mais.

"Veja, à noite, quando estou lendo, não gosto de parar no meio da história e procurar palavras que não conheço... então eu escrevo-as na parede e,

procuro pela manhã. É muito educativo!" Eu disse brilhantemente, sorrindo para ele esperançosamente.

Meu pai balançou a cabeça, mas eu vi um brilho de um sorriso através dos lábios dele. Ele caminhou até a parede e leu algumas das minhas palavras.

"Melhorar?" ele leu. "É uma que nunca ouvi antes."

"Melhorar significa tornar melhor. Minha parede de palavras melhora meu vocabulário," disse inteligentemente.

Meu pai riu alto. "Não é?" Ele balançou a cabeça e olhou para mim com carinho, todos os vestígios de raiva sumiram. "Tudo bem Josie Jo. Você pode manter sua parede. Mas mantenha aqui, ok? Eu não quero escrito por toda a cozinha quando você ficar sem espaço de palavras."

"Talvez eu devesse escrever menor," Eu disse, de repente preocupada com meu espaço limitado da parede.

Ouvi meu pai rir enquanto descia as escadas estreitas.

3. Proposta

Sonja tinha feito a difícil mudança para a maturidade mais fácil, mas eu ainda tinha que suportar o escrutínio que meu corpo mudando incentivava. Quando entrei para a sétima série, eu estava totalmente crescida. Embora fosse esbelta (tinha 1.68m), tinha seios e curvas, enquanto as garotas da minha idade ainda estavam molhando a cama. Tara achava que eu era a garota mais sortuda do mundo, e até me perguntou se poderia usar meu sutiã “só para ver como é ser uma mulher."

Sendo a única menina numa família feita de rapazes, meu guarda-roupa tornava minhas escolhas bastante limitadas. Eu usava camisetas velhas do meu irmão, e calças de segunda mão, porque era isso que tínhamos. Meu pai nunca pensou em algo diferente, e eu nunca tinha pensado que isso era importante o suficiente para perguntar. Eu tinha superado a compra de calcinhas de Sonja no primeiro ano, e se não fosse por minha tia Louise certificar-se de que eu tinha um sutiã resistente, não sei o que teria feito. O vestuário infantil disfarçava minha figura, e embora eu encolhesse meus ombros para esconder minha altura e meus seios, eu era constantemente auto-consciente e desajeitada

Sonja tinha insistido que eu fosse a uma consulta oftalmológica quando eu continuava colocando meu rosto muito perto da partitura, "arruinando a minha postura". Acabou que eu precisei de óculos para leitura ou para tocar o piano, e desde que meu nariz estava constantemente em um livro, eu estava usando-o a maioria das horas. Eu também usava palavras grandes e deixava escapar pensamentos, e acho que meus colegas me consideraram extremamente estranha quando me perceberam.

O sétimo ano era parte do ensino médio, e eu estava aliviada para deixar a escola para trás, esperando que seria mais fácil me misturar com os jovens. Mas o colégio era apenas um tipo diferente de tortura. A escola secundária era composta pela sétima a nona série, o ensino médio consistia na décima a décima segunda série, e todos nós andávamos no mesmo ônibus até a escola em Néfi. Eu odiava andar de ônibus. Johnny era um veterano quando comecei a sétima série. Ele dirigia o “Velho Marrom”, nossa velha picape, até a escola quase todos os dias, porque ele jogava vários esportes e tinha prática depois da escola.

Às vezes ele me dava uma carona, mas na maioria das vezes ele levava seus amigos, não deixando nenhum espaço para seus irmãos. O ônibus era alto e lento, com crianças rastejando por todo lugar. Eu odiava os cotovelos no meu lado, a luta e o pior de tudo, buscar um assento.

O ponto de ônibus perto da minha casa era o último, e todos os dias eu tinha o pavor de caminhar pelo corredor do ônibus cheio procurando um lugar para sentar. Chamei a atenção indesejada dos meninos do ensino médio, o riso dos garotos mais jovens e a animosidade da maioria das meninas. Tara, minha prima leal e amiga, geralmente tentava guardar um lugar pra mim, mas eu quase preferia não sentar com ela. Aos treze anos ela era quase tão pequena quanto uma criança de nove, e nossa diferença de tamanho fazia meu desconforto ainda maior. Ela não era apenas pequena, era barulhenta, e onde eu preferia me esconder a cada chance, ela gostava de chamar a atenção para si mesma, todas as chances que tivesse.

Havia um menino do primeiro ano, chamado Jenkins Joby, que as vezes andava com o meu irmão Johnny. Ele gostava de ser o palhaço da classe, e pensei que ele era o garoto mais engraçado na Terra. Eu não gostava muito dele; seu humor era geralmente mesquinho e sempre à custa de alguém mais fraco. As crianças mais jovens no ônibus eram seus alvos. Meu pai disse que ele era um idiota, mas principalmente, ele era apenas um valentão detestável.

Acima de tudo, eu não podia suportá-lo, porque ele olhava para meu peito sempre que me via. Johnny parecia alheio a isto, como de costume, e ele achava Joby hilário e divertido. Como Joby não praticava esportes, ele sempre pegava o ônibus, segurando um lugar atrás, fazendo a vida de muitas crianças miserável.

Uma manhã em particular, no início do outono, subi no ônibus, nervosa e desesperada por um lugar, como de costume. Tara acenou para mim e apontou animadamente as etiquetas com nomes presos em cada assento. Sr. Walker, o motorista do ônibus, tinha feito as atribuições. Senti uma ponta de alívio e comecei a procurar pelo meu nome. Assentos atribuídos significavam nunca ter que procurar um lugar para sentar, e fiquei ridiculamente agradecida quando procurei o meu. Eu comecei a notar que a maioria dos mais jovens e crianças menores estavam sentadas com garotos mais velhos, fazendo os assentos um pouco mais confortáveis. Assim que me aproximava da traseira do ônibus um calor vermelho subiu ao meu rosto quando uma voz muito familiar soou.

"Josie Jensen! Vem pro papai!" Joby Jenkins chamou cantarolando. Todos ao redor dele explodiram em risos. "Ei, nós podemos brincar de cowboys e índios! Não se preocupe, Jos, eu não vou deixar o Sammy aqui fazer de você sua esposa."

Encontrei meu lugar. Meu nome estava no banco do outro lado do corredor de Joby. Joby estava sentado com as pernas no corredor, para que seus joelhos e seus grandes pés em desamarrados Reeboks tornassem impossível para qualquer pessoa passar sem um confronto. Ele acariciou o assento de plástico verde ao seu lado. Sentado ao lado do assento dele estava Samuel Yates.

Samuel Yates era o neto de Don e Nettie Yates, que moravam perto da minha casa. Don e o filho de Nettie, Michael, haviam servido em uma missão Mórmon em uma reserva indígena Navajo há mais de vinte anos. Depois de sua missão, ele acabou voltando para o Arizona para algum trabalho. Ele se casou com uma garota Navajo, e eles tiveram Samuel. Alguns anos mais tarde,

Michael Yates foi morto quando caiu de um cavalo. Não me lembro os detalhes; tudo aconteceu quando eu era pequena, mas em pequenas cidades, a história torna-se conhecida posteriormente.

Eu tinha ouvido sobre Samuel quando várias mulheres, incluindo Nettie Yates, reuniram-se na nossa cozinha para fazer algumas conservas. Todos os anos desde que minha mãe tinha morrido meus vizinhos traziam frutos e hortaliças de suas próprias hortas, e escolhiam um dia para encher nossas prateleiras com seus trabalhos. Em agosto daquele ano a cozinha estava desconfortavelmente quente e cheirava a tomates cozidos. Eu ouvia as mulheres que vieram visitar, e desejava a liberdade do término daquelas conservas intermináveis, embora a minha gratidão não me permitiria sair. Encontrei-me arrastada para a conversa por puro tédio. Nettie Yates estava desabafando suas preocupações para as outras mulheres.

"Ele ficou assim, e sua mãe não pode lidar com ele. Ela casou de novo, vocês sabem. Parece que Samuel não se deu muito bem com seu padrasto e seus meio-irmãos. Minha opinião é que há algum álcool envolvido, seu pai bebe muito, eu acho. Samuel se envolveu em várias lutas este ano, e foi expulso da escola. Ele é um menino zangado, e estou um pouco preocupado por ter de vir viver aqui." Nettie Yates fez uma pausa para respirar, e depois continuou. "Eu só espero que as pessoas sejam boas para ele - é o que Michael também iria querer. Nós queríamos criá-lo quando Michael morreu, mas sua mãe não ouviu. Dissemos-lhe para trazer Samuel e vir viver conosco, mas ela acabou voltando para a reserva, para morar com sua mãe. Não posso culpá-la. É o que ela conhecia, e não há conforto maior, especialmente quando se perde alguém que você ama.

"Nós mal vimos o menino todos estes anos. Don está ansioso para ter a ajuda de Samuel com as ovelhas. Os Navajos sabem sobre ovelhas, vocês sabem? Samuel ajudou a avó a cuidar das ovelhas desde que tinha seis anos de idade. De qualquer forma, ele vai frequentar a escola aqui, para o seu último

ano, e espero que se forme. Em seguida, ele vai ter idade suficiente para decidir o que quer fazer." Nettie tinha acabado de contar com um longo suspiro enquanto continuava a fatiar tomates maduros em sua tigela, nunca quebrando o ritmo.

Samuel olhou para mim enquanto eu tentava deslizar em meu assento passando Joby. Os olhos escuros de Samuel e boca larga estavam sisudas, as sobrancelhas desenhadas juntas em uma barra irritada contra sua pele marrom. Seu cabelo preto brilhante estava em seus ombros. Eu nunca tinha trocado duas palavras com Samuel Yates. Na verdade, eu nunca tinha ouvido ele falar realmente. Seu rosto estava cheio de hostilidade, e sua boca larga virou para baixo conforme ele desviou o olhar. Eu avancei passando Joby, tentando não tocá-lo enquanto eu me sentei. Joby mudou-se no último minuto, puxando-me em seu colo.

"Josie"! Ele disse com falsa surpresa. "Eu não quis dizer realmente venha com o papai!" Todo mundo riu de novo com ele fingindo me afastar, tornando impossível para mim ficar livre de seus braços longos e pés grandes.

Eu senti as lágrimas nos meus olhos quando ele continuou fazendo cócegas e me empurrando ao redor. Alguém deve ter notado minha expressão mortificada, porque uma voz gritou, "Uh-oh, Joby! Ela vai chorar!"

Joby gritou e olhou para mim. "Não chore, Josie! Eu estou mexendo com você. Aqui, eu vou lhe beijar pra melhorar." Joby estendeu seus lábios comicamente e esmagou um grande beijo na minha bochecha.

"Pare, Joby!" Eu gritei e dei uma cotovelada nele quando lutei para sair de seu abraço confuso. De repente, Joby empurrou-me para Samuel. Minha cabeça colidiu com a janela, e minha mochila deslizou para baixo e prendeu meus braços atrás de mim. Encontrei-me de cara no colo de Samuel, e gritei quando ele me empurrou na posição vertical. As crianças ao redor uivavam de tanto rir.

De repente, o braço direito de Samuel atacou e empurrou Joby, deixando o assento vazio. Joby caiu com um baque alto a direita do corredor. Surpresa

tomou seu fôlego em um grunhido assustado. Antes que eu pudesse registrar o que estava acontecendo, Samuel manobrou-me, e eu me encontrei sentada ao lado da janela. Ele se levantou lentamente e inclinou-se sobre um Joby atordoado. O riso tinha esmaecido para nervosos sussurros, e então tudo ficou em silêncio. As crianças ao nosso redor assistiram de boca e olhos bem abertos. Minha cara palpitava com humilhação. Senti-me fraca, e percebi que estava segurando minha respiração. Samuel olhou para baixo para Joby, com os braços apoiados nos assentos de cada lado do corredor. Joby olhou para ele; sua boca estava trabalhando por palavras que não estavam saindo, como se ele não soubesse o que dizer a seguir.



"Não chore Joby! Estou brincando com você." Era a voz de Samuel, profunda e suave, seu rosto completamente inexpressivo. As crianças que tinham rido antes começaram a rir novamente.

O ônibus tinha acabado de chegar ao último ponto quando o confronto no banco de trás do ônibus chamou a atenção do motorista. Samuel tinha praticamente ignorado a todos desde que começou na escola há dois meses. Ele quase não falou, mas era bastante alto e intimidante para que todos ficassem bem longe dele.Todos, incluindo Joby, olharam-no incrédulo.

"Sem brigas no meu ônibus rapazes!" Sr. Walker, o motorista do ônibus, gritou de volta quando estacionou o ônibus no parque, segurando o freio e liberando o cinto de segurança em um suspiro. Ele correu pelo corredor em direção a Samuel. Sem reconhecer a abordagem do Sr. Walker, Samuel lentamente se abaixou, estendeu a mão e puxou Joby para seus pés.

Então, como se ele tivesse todo o tempo do mundo, ele virou e olhou o pobre Sr. Walker. Ele estendeu a mão e puxou a etiqueta com o nome de Joby

do assento onde eu estava agora sentada. Eu vacilei e abaixei minha cabeça quando todos os olhos viraram para mim.

"Joby precisa de um novo lugar" Samuel disse calmamente. Ele pressionou a etiqueta branca na testa de Joby, olhando o tempo todo para o motorista de ônibus. Sr. Walker parecia confuso e Joby, pela primeira vez, estava sem palavras.

"Ele não pode sentar aqui?" Sr. Walker questionou, apontando para o assento que eu agora estava ocupando. Notei como a voz do Sr. Walker tinha imediatamente suavizado para coincidir com a declaração tranquila de Samuel.

"Em outro lugar" Samuel disse lentamente, sua voz ainda suave. Os olhos dele ficaram encarando o Sr. Walker por um momento, e então ele saiu pelo corredor e sentou ao meu lado, voltando sua atenção para fora da janela. Ele não disse mais nada.

Sr. Walker calmamente puxou minha etiqueta do assento no outro lado do corredor, colocando no banco onde eu estava sentada ao lado de Samuel agora, e Joby foi sentar no meu antigo lugar. Joby puxou o adesivo da testa dele - as mesas haviam sido completamente viradas. Ele prendeu o adesivo do seu nome no cabelo de um garoto e riu ruidosamente. Ele então deu um tapa atrás da cabeça do garoto, tentando minimizar o que tinha acontecido. Se eu não tivesse visto eu não acreditaria que Joby havia sido derrubado e não respondeu com os punhos e algumas palavras chulas. A única coisa que ele disse foi "Porra! Eu acredito que Sammy não gosta de mim!" As crianças ao redor riram nervosamente, e Joby atirou um olhar a Samuel novamente. Samuel apenas olhou sobre a minha cabeça para fora da janela e não respondeu, parecendo estar alheio a tudo.



O inverno chegou cedo, e até o final de outubro Levan tinha seus filhos envoltos em botas, chapéus e casacos fofos que tornavam os movimentos estranhos. Eu fiz treze anos em 1 de setembro, e antecipando a próxima temporada de inverno, minha tia Louise comprou-me um novo casaco de um azul brilhante. Foi a coisa mais bonita que eu já tinha ganho. Meu pai disse a ela que não precisávamos da caridade dela quando trouxe. Tia Louise era a irmã mais nova da minha mãe, e ela segurou o casaco de um lado ao outro. Fazia uns dois anos desde que eu tive um casaco novo. Eu tinha usado a velha jaqueta jeans e as camisas de flanela de Johnny todo inverno do ano passado, e este ano eu não tinha nada parecido com isso. Papai parecia atordoado quando lhe disse isso, e parecia como se estivesse me vendo pela primeira vez. Eu só bati em sua mão e disse: "Eu gostei da jaqueta de Johnny, papai. É por isso que eu usava." Ultimamente eu tinha pego o meu pai me olhando com uma estranha saudade em seu rosto. Eu perguntei a ele sobre isso uma vez, perguntei por que ele parecia tão triste. Ele sorriu um pouco e balançou a cabeça.

"Eu não estou triste, Josie Jo... Eu estava pensando sobre como você está crescendo rápido... Você foi uma menina por tanto tempo. Mas não por tempo suficiente." Ele acariciou minhas costas e fez uma rápida saída para fora do porta de trás, recuando para o curral de cavalo e mais seguros pastos.

Naquela manhã de segunda-feira em particular havia um tapete de “neve de domingo” no chão. “Neve de domingo” era a neve que havia caído no domingo à noite, mas ninguém havia brincado ou caminhado em cima; era um lindo cobertor branco quando eu vaguei com meus tênis velhos. Samuel Yates já estava no ponto de ônibus quando eu cheguei, e ele subiu antes de mim, andando para trás, para o nosso lugar, e deslizando contra a janela. Ele não vestia nenhum chapéu sobre seu cabelo lustroso, e sua jaqueta acolchoada era forrada com uma pele de ovelha felpuda. Ele usava mocassins em seus pés. Eu me perguntei se eram frios, mas os mocassins pareciam relativamente secos, muito mais secos do que meus tênis, então eu não estava muito preocupada com ele.

Samuel não prestou atenção em mim, me ignorando e a todos os outros desde o dia em que ele tinha batido em Joby no corredor. Não foi escolhida uma terceira pessoa para o nosso banco. Sr. Walker estava, provavelmente, um pouco apreensivo; talvez ele tenha decidido nos deixar sozinhos. Então, desde a semana passada, eu tinha subido no ônibus e ido para trás, sentando-me ao lado dele todo o caminho da escola, sem dizer uma palavra. Eu não era uma pessoa desconfortável com o silêncio, então eu geralmente apenas lia o tempo todo. Eu tinha começado a ler todos os livros de Jane Austen, e agora estava trabalhando meu caminho através de Persuasão.

Eu estava concentrada na auto-piedade de Anne quando Samuel falou.

"Você lê muito." Soou um pouco como uma acusação, suas palavras recortadas e macias.

"Sim". Não sabia o que dizer exatamente, mas concordei com ele.

"Porquê?"

"Eu gosto de livros; você não lê?"

"Sim, eu sei ler!" Sua voz macia estava zangada, e ele piscou os olhos. "Você acha que porque sou Navajo sou idiota?"

Gaguejei em minha defesa, um rubor subindo em minhas bochechas pela percepção das minhas palavras. "Não foi o que eu quis dizer! Não pensei isso... Eu só quis perguntar se você gosta de ler?"

Quando ele não respondeu e recomeçou a olhar pela janela, eu tentei ler novamente. Mas meus pensamentos ficaram descontrolados na minha cabeça, e eu olhei fixamente para a página. Me senti desanimada por ter ferido alguém que tinha recentemente vindo em meu socorro. Eu tentei de novo.

"Me desculpe Samuel," eu disse desajeitadamente. "Não quis magoar seus sentimentos."

Ele bufou e olhou para mim, levantando uma sobrancelha. "Eu não sou uma pequena menina. Não tenho meus sentimentos feridos." Sua voz estava

ligeiramente tirando sarro. Ele levou o livro das minhas mãos e começou a ler a página.

"'Já não posso mais ouvir em silêncio. Preciso falar com você através dos meios que estão ao meu alcance. Você furou minha alma. Sou metade agonia, metade esperança. Não me diga que estou muito atrasado, que sentimentos tão preciosos se foram para sempre.'"

A intenção de Samuel tinha sido provar suas habilidades de leitura, mas ele parou de repente, envergonhado pela missiva profundamente romântica do Capitão Wentworth para Anne.

Nós dois sentamos imóveis, olhando para o livro. Não pude evitar. Comecei a rir.

Samuel fez uma careta por um minuto. Em seguida, seus lábios se contorceram, e ele parecia exalar seu desconforto.

"Quantos anos você tem?" Ele questionou com as sobrancelhas ligeiramente levantadas.

"Treze", eu respondi na defensiva. Sempre me senti na defensiva em relação a minha idade. Não me sentia com treze, não parecia ter treze, então eu sempre odiei ter treze.

Os olhos de Samuel aumentaram em surpresa. “Treze?” Não parecia como uma pergunta, mas mais como uma exclamação duvidosa. "Então você está o que, na sétima série?" Na mesma voz plana, ainda incrédula, ele disse.



Eu empurrei meus óculos em meu nariz e suspirei. "Estou". Peguei meu livro das mãos dele e me preparei para ler.

"O livro não é um pouco... adulto para meninas da sétima série?" Ele argumentou. Ele puxou o livro das minhas mãos novamente e continuou a ler, agora em silêncio. "Eu não entendo o que a maioria dessas palavras quer dizer. É como um idioma diferente!"

"É por isso que eu leio com um dicionário... apesar de não trazê-lo para escola comigo. É muito pesado." Olhei para o livro novamente, com vergonha. "Em alguns aspectos, é uma língua diferente. Minha professora, a Sra. Grimaldi, diz que nossa língua está se desintegrando."

Samuel olhou para mim, seu rosto incrédulo.

"Estou certa que não é tão diferente como o Navajo é do inglês, então" Eu continuei, tentando levá-lo para mais conversa, surpresa que ele estava falando, especialmente agora que ele sabia que eu era só uma modesta aluna da sétima série.

"Sim, o Navajo é muito diferente." Seu rosto se fechou e ele se afastou de mim, olhando pela janela novamente, terminando nossa troca muito rápida.



Foram vários passeios de ônibus novamente até Samuel falar comigo mais uma vez. Eu tinha sido cortada em nossa última conversa, e não estava disposta a tentar de novo.

"Eu odeio ler." O tom dele era argumentativo, e ele olhou para mim. Como de costume, eu estava enfiada em meu livro, meus joelhos dobrados para suportar o seu peso. Olhei para ele, querendo saber o que ele queria me dizer.

"Ok...?"

Ele pegou um livro da mochila e jogou sobre a cópia de “Orgulho e Preconceito” que estava aberto no meu colo. O livro era “O Morro dos Ventos

Uivantes”. Eu quase gemi em simpatia. Eu não tinha tentado terminar depois que Sonja me libertou na primeira vez. Eu não tinha nenhum desejo de passar mais tempo com esse livro. Com o trabalho da escola, as aulas e práticas de piano, junto com todas as tarefas que vinham de viver com dois homens (Jared e Jacob estavam acordando cedo, e principalmente fora da casa quase todo tempo) minha leitura principalmente acontecia no ônibus e na hora de dormir, quando olhava fielmente todas as minhas palavras indefinidas. Eu ainda lia alguns livros por mês, mas eu não passava através deles como tinha feito no verão. “O Morro dos Ventos Uivantes” não estava na minha lista de livros de leitura e sim, eu tinha uma lista.

"Eu li partes desse livro," Eu disse cautelosamente, não entendendo por que ele tinha jogado o livro em meu colo.

"Eu tinha certeza que você ia dizer isso”, ele disse ironicamente. "Tem sido tão confuso como aquele livro que você estava lendo outro dia."

"Por que você está lendo então?" Eu perguntei, certa de que ele estava lendo, ou não teria o livro com ele.

Ele não respondeu por alguns segundos, e eu esperei, pensando se ele iria pegar o livro e se afastar novamente. "Estou mal em inglês. Estou na classe da Sra. Whitmer, e ela me disse que se eu ler o livro e escrever um relatório sobre isso, ela vai me passar. Então, eu estou tentando ler esse livro. Eu tenho que terminar de ler e colocar o relatório em sua mesa em duas semanas. Eu poderia ver, pelo número de páginas gastas, que ele estava com problemas.

Sra. Whitmer era durona, e estava ensinando o ensino médio na escola há 25 anos. Ela tinha um pouco de fama, às vezes dirigia uma Harley para a escola, e quase sempre usava botas de combate. Ela era muito intimidante, sabia das coisas e não aceitaria qualquer porcaria. Meus irmãos mais velhos gostavam dela, mas sempre reclamavam da quantidade de trabalho. Johnny estava apertado em sua classe também.

"Por que este livro? Ela disse por que?"

"Ela me disse que geralmente não dá crédito extra. Disse-lhe que faria qualquer coisa. Ela deu um tapa neste livro e disse "se você puder superar isso, eu vai saber o quanto você quer." Então aqui estou. Agora eu sei porque ela tinha aquele olhar em seu rosto" ele disse melancolicamente.

"Porquê?" Minha pergunta simplesmente escapou.

Samuel olhou furiosamente para mim. "Eu quero me formar," Ele enunciou com os dentes apertados. Eu prometi a minha avó que me formaria." Ele disse isto com relutância. "Vou para a Marinha em maio, e quero o meu diploma. Meu recrutador disse que eu vou ter muito mais oportunidades se me formar primeiro."

Nós nos sentamos em silêncio por um minuto. Samuel olhou para fora da janela, como ele estava propenso a fazer, e eu toquei no seu livro, ainda em meu colo. Eu pensei como ele parecia orgulhoso, e como deve ter sido difícil ter procurado a Sra. Whitmer para pedir o crédito extra.

Ele chegou para pegar o livro, mas eu o segurei firmemente, e ele afastou a mão estendida.

"Vou lê-lo com você", deixei escapar, surpreendendo-me junto com ele.

Ele olhou para mim com desconfiança. Dei de ombros. "Eu te disse que tinha lido algumas partes dele, quero ler o resto." Eu me encolhi na minha mentira. "Nós vamos lê-lo juntos. Gastamos uma hora, às vezes mais, neste ônibus todos os dias. Não me importo de ler em voz alta, se você não se importar". Eu não estava acreditando que tinha tanta iniciativa. Meu pescoço ficou muito quente na minha nuca, e esperava não estar ficando com urticária, o que às vezes aconteceu quando eu fiquei realmente chateada ou nervosa.

"Você lê, eu vou ouvir," ele disse rigidamente.

"Agora"? Eu questionei. Ele apenas levantou as sobrancelhas.

Eu abri o livro, engoli meu desconforto e comecei.

4. Progressão

Decidi que o nosso pequeno clube do livro estava incompleto sem o dicionário Webster de 1928, então todos os dias eu carregava o livro monstruoso para a escola e o usava no ônibus. Samuel tinha revirado os olhos quando o tinha visto na minha enorme mochila na manhã seguinte.

Toda vez que ele esquecia, ele dizia em frustração "o que isso quer dizer?" E eu acenava com a cabeça para o grande livro verde que ficava entre nós. Ele suspirava e procurava a palavra em questão enquanto eu lia para ele. Havia também as palavras que eu não tinha certeza, e o deixava procurar por elas também, embora eu estava bastante certa que se eu não sabia o que significavam, ele também não.

Passou uma semana, e eu lia de manhã e no fim da tarde enquanto ele sentava calmamente e escutava. Uma tarde, quando eu estava lendo, fiquei absorta na história e esqueci de ler em voz alta.

Os longos dedos marrons de Samuel de repente foram colocados sobre a página e capturaram minha atenção. Percebi que tinha lido silenciosamente por muitos segundos.

"Opa!" Eu deu uma risadinha. "Desculpa."

Ele estendeu a mão e pegou o livro das minhas mãos. "Minha vez". Ele disse sem rancor. Ele encontrou o lugar onde minha imaginação tinha reprimido a minha voz, e começou a ler em voz alta em seu barítono profundo. Era eu quem sempre lia, então fiquei surpresa na sua súbita vontade de ser o leitor.

Ele falava inglês perfeitamente, mas a voz dele tinha uma cadência diferente, as palavras entregues quase em um ritmo. O tom dele era constante, sem a ascensão e queda que um contador de histórias adota para transmitir emoção. Encontrei-me ouvindo sua voz, sendo puxada para ele como tinha feito momentos antes, sendo arrastada para a história.

"Josie? Você vai procurar essa palavra?"

Sai do meu devaneio, não querendo admitir que eu não tivesse a menor idéia de qual palavra eu deveria procurar.

"Soletre?” Eu disse de forma evasiva, para cobrir a minha ignorância.

"Onde você está hoje?" Ele disse. "Sua mente está em toda parte."

"Eu estava ouvindo sua voz" joguei a minha confissão, e interiormente amaldiçoei o rubor constante que me não deu nenhuma privacidade.

"Não, você não estava. Você não ouviu nada do que eu li." Ele rebateu levemente.

"Eu estava ouvindo a sua voz" Eu insisti novamente. Ele baixou as sobrancelhas em uma expressão, demonstrando que não estava me entendendo.

Eu tentei explicar para ele como a sua voz não se elevava com a minha fazia. Quando ele não respondeu, eu pensei que talvez o tivesse deixado irritado. Samuel era muito sensível sobre ser diferente, exibindo sua herança de Navajo num momento, e se tornando raivoso quando alguém comentava algo sobre isso logo depois.

Ele parecia pensativo enquanto falava. Ele escolheu suas palavras com cuidado, como se nunca tivesse considerado isso antes. "A língua Navajo é uma das mais complexas na terra. Desde a pré-história, era só uma língua falada, não escrita. Se você não aprendê-la quando criança, é quase impossível de dominar. Cada sílaba significa algo diferente. Usamos quatro tons quando falamos: alta, baixa, ascensão e queda. Quando a voz sobe ou desce em

Navajo, pode significar uma palavra completamente diferente. Por exemplo, as palavras 'boca' e 'medicina' são pronunciadas iguais, mas são ditas em tons diferentes. A mesma palavra, mas... não é a mesmo palavra. Você me entende? Talvez seja por isso que, quando um Navajo fala inglês, ele diz cada sílaba com a mesma entonação, porque não há nada para enfatizar." Ele pensou sobre o que disse por um momento. Então ele me pediu, quase como se soubesse que a minha resposta iria causar dor, "Pareço estranho quando falo?"

Meu coração ficou um pouco torcido na sua vulnerabilidade. Eu balancei minha cabeça enfaticamente. "É muito leve... Não acho que a maioria das pessoas iria notá-lo em tudo. Acho que eu tenho um ouvido para a música, e o ritmo da sua voz soa como música para mim, isso é tudo."

Eu sorri, e pela primeira vez, ele sorriu de volta.

Havia uma grande multidão reunida depois da escola nos grandes campos que separavam o ensino fundamental do ensino médio. Eu ignorei os gritos animados e as crianças correndo para entrar em ação. Eu não conseguia ver porque a multidão estava reunida, mas o ônibus não havia chegado, então encontrei um lugar junto ao ponto de ônibus e esperei, colocando minha mochila sobre a relva desigual e sentado nela, assim eu não iria ficar com a bunda fria e molhada. A neve que caiu mais cedo estava derretendo durante alguns dias mais quentes, e existiam tufos de grama presos aqui e ali entre as placas de gelo. Estava frio o suficiente para ser desagradável - o vento sempre era pior no canyon que ficava entre os dois prédios. O tempo em Utah era o mais diversificado e imprevisível do país. As pessoas queixavam-se que tinham de plantar suas colheitas no final da primavera, só para ter que replantar duas vezes mais, porque o frio se mantinha e matava tudo. Já tivemos neve em junho e nada em dezembro do mesmo ano. Era novembro agora, e a mãe natureza tinha nos provocado com neve em outubro, só para termos um novembro ensolarado e seco, com ventos gelados agitando as árvores nuas e gozando com o sol do inverno.

Eu não tinha nenhum desejo de ir observar a briga, e sentei tremendo e desejando que o ônibus chegasse. Tara, por outro lado, tinha balançado o seu pequeno corpo no meio da ação, testemunhando a briga em primeira mão.

"Sr. Bracken está chegando!" Um grito frenético subiu em todo o campo. Sr. Bracken era o diretor da escola, e era um tipo genial e muito agradável, mas ninguém duvidava que qualquer um que fosse encontrado lutando seria expulso após a descoberta. As crianças se espalharam imediatamente, não querendo ser questionadas ou repreendidas, e desceram para o ponto de ônibus em massa. As crianças formaram uma fila rapidamente enquanto se empurravam e se acotovelavam para ficar na posição. Eu não fui agressiva o suficiente para manter o meu lugar na fila e cai de volta, esperando até que a massa de pessoas se dissolvesse.

Tara veio correndo em minha direção com a mochila sacudindo, agarrando as alças grossas com as mãos para mantê-la no lugar.

"Oh meu Deus!" Tara gritou quando ainda estava há muitos metros de distância. "Aquele garoto índio estava lutando com três rapazes diferentes. Joby Jenkins e alguns de seus amigos chamaram ele de algo, e ele ficou louco. Os amigos de Joby tentaram segurar os braços dele, mas ele se sacudiu e foi para cima de todos. Um cara tem um dente quebrado, e Joby tem um nariz sangrando. O garoto indígena deve ter pego o dente do garoto com a mão, porque a mão dele estava cheia de sangue!"

Tara estava usando muitos pronomes, então eu não tinha certeza qual lesão pertencia a quem ou quem tinha feito a maioria das coisas, mas meu estômago balançou com a menção de "garoto indígena." Esse só poderia ser Samuel.

"Onde eles estão agora?" Meus olhos percorreram a área onde o círculo em torno dos lutadores havia se formado, não vendo Samuel, Joby, ou o Sr. Bracken nesse lugar.

"Quando alguém gritou que o diretor estava chegando, Joby e seus amigos foram embora para o prédio do ensino médio. O garoto indígena pegou sua mochila e estava vindo para cá junto de todos que estavam correndo para o ponto de ônibus. Não sei para onde ele foi..." Ela olhou ao redor, saltando para ganhar altura suficiente para ver entre o enxame de crianças. "Não sei se o Sr. Bracken estava vindo, ou alguém só gritou para parar a luta."

"Então você nunca viu o Sr. Bracken?" Eu esperava que Samuel não acabasse expulso. As palavras geralmente tomavam um caminho próprio, as notícias da luta encheriam os corredores amanhã, mas talvez se ele chegasse em casa sem ser pego o diretor não poderia ter provas, tornando menos provável a expulsão.

O ônibus tinha estacionado rapidamente, e seus passageiros estavam ansiosos. Tara e eu subimos os degraus íngremes, com Tara conversando em todo o caminho.

"Havia tanto sangue! O garoto indígena..."

"Samuel! Seu nome é Samuel" eu a interrompi.

"Que seja!" Tara gesticulou impacientemente, obviamente não se importando qual era o seu nome.

Quando eu subi no degrau mais alto da escada e fui capaz de ver o corredor, meus olhos vagaram até o meu lugar. Samuel estava lá, com os olhos grudados na janela, provavelmente pensando se ele iria chegar em casa livre. Tara continuou falando, mas eu já não estava ouvindo. Eu me perguntei como ele tinha passado pelo motorista do ônibus sem ser notado. Eu oscilei pelo corredor até sentar ao lado de Samuel, com minha mochila pesada deslizamento no chão.

"Você está bem?" Eu perguntei, sem fôlego. Samuel tinha puxado o braço para fora da sua camiseta e abotoado seu casaco. Vi sangue nas suas calças, e

quando dei uma boa olhada para o rosto dele, percebi que seu lábio estava inchado e cortado.

"Estou bem" disse laconicamente, evitando que eu olhasse para o seu rosto.

"Se você não parar de sangrar, você vai desmaiar" Eu insisti.

Samuel suspirou exasperado e, com uma mão, desabotoou sua jaqueta jeans. Ele envolveu sua mão com a barra da sua camiseta, descobrindo seu estômago bronzeado e tonificado. O algodão azul claro estava completamente ensopado de sangue.

"Oh meu Deus!" Eu soei como Tara, mas não pude evitar. Ele deve ter cortado os dedos. "Eu já volto!" Eu voltei pelo corredor. O ônibus estava agora em movimento, e o Sr. Walker mandou eu me sentar. Eu o ignorei, andando com um propósito, segurando os assentos para ficar em pé com o ônibus balançando.

"Sr. Walker, o rapaz sentado ao meu lado tem um nariz sangrando. Você tem um kit de primeiros socorros ou toalhas de papel?"

"Por que seu nariz está sangrando?" Sr. Walker olhou para mim com desconfiança.

"Eu não sei, ele só começou a sangrar," Eu disse calmamente, e me senti ridiculamente óbvia. Eu era uma mentirosa patética. Atuar definitivamente não era uma opção no meu futuro.

"Humpf!" Sr. Walker resmungou, apontando para onde uma pequena caixa de lata com uma cruz vermelha estampada na frente foi colocada acima das grande janelas da frente.

Eu desamarrei a caixa e fiz meu caminho de volta para Samuel. Ele colocou a jaqueta novamente sobre a mão, escondendo o estado sangrento de sua camiseta das outras crianças que estavam ao redor. Se alguma criança visse o sangue, gritaria para o Sr. Walker, e Samuel seria pego.

Eu sentei ao lado dele, puxando o pequeno kit de primeiros socorros aberto e vasculhando seu conteúdo. Haviam curativos de vários tamanhos, band aid, assim como algumas gazes e fitas cirúrgica. Eu puxei minha mochila no banco atrás de mim, sentando para frente até que eu estava mal sentada no banco. Virei para o lado evitando que as outras crianças vissem Samuel. Eu empilhei nossas mochilas formando uma pequena parede, que seria inútil se alguém na nossa frente ou atrás de nós levantasse e olhasse para o nosso assento. Mas era o melhor que eu poderia fazer.

"Deixe-me ver sua mão," Eu insisti suavemente.

Samuel esticou a mão direita da camiseta ensangüentada e estendeu para mim. Sangue fresco imediatamente jorrou, se derramando de seus dedos. Coloquei um grosso pedaço de gaze branca, empurrando-a no corte para parar o fluxo.

"Segure isso!" Eu pedi, agarrando algumas suturas que eu tinha visto Johnny usar quando ele quebrou o nariz durante a prática de futebol. Eu puxei as suturas, e ao meu comando Samuel levantou o pedaço de gaze enquanto eu puxava os lados do corte com o band-aid borboleta. Coloquei mais um, e o sangue diminuiu para uma gosma no curativo. Coloquei a gaze por cima e novamente pedi que Samuel segurasse no lugar.

"O que aconteceu?" Eu questionei com cautela enquanto embrulhava algumas gazes elásticas ao redor da almofada.

"Joby Jenkins precisava de um punho na cara dele", Samuel respondeu logo.

"Porquê?" Meus olhos piscaram.

"Cansei das piadas dele sobre mestiços." A boca de Samuel se apertou em uma linha. "O que acontece com essas pessoas?"

Eu arranquei um pedaço de fita cirúrgica com meus dentes e prossegui para fixar a gaze. Eu não era muito boa nisso, mas pelo menos ele não estava mais sangrando por todos os lados.

"O que você quer dizer?"

"Algumas pessoas simplesmente não podem ficar de boca fechada. Joby está constantemente falando coisas assim." Samuel observou enquanto eu limpava o sangue saindo dos dedos do meu monte improvisado de gaze e fita.

Eu concordava plenamente com ele sobre Joby, “Joby sempre escolhe aqueles que ele considera fracos" respondi, limpando distraidamente.

"Se ele acha que sou tão fraco, porque ele veio para mim com dois outros caras?" Samuel respondeu irritado, entendendo mal as minhas palavras. "Por que não lutou um contra um?"

"Não digo fisicamente fraco," Eu protestei. "Você é diferente, então você é um alvo fácil. Outras crianças não te conhecem, então é mais fácil para ele falar lixo e jogá-los contra você. Ele ficou envergonhado quando você o empurrou para fora do assento. Acho que ele só estava esperando uma oportunidade, não é?"

"Provavelmente. Quebrei o nariz dele. Eu vou ser expulso. Vai ser como na escola da reserva. Eu recebia comentários sobre ser mestiço lá também - na reserva eu era muito branco." Sua voz era amarga, sua boca retorcida nos cantos.

"Você não cresceu com todas essas crianças que iam para a escola com você na reserva"?

Ele mergulhou a cabeça em um ligeiro aceno.

"Então qual era o problema em ser meio branco... Quer dizer, sua cor de pele foi realmente um problema, depois de todo esse tempo?"

"Para a maioria das crianças não foi" Ele admitiu depois, um pouco relutantemente. "Eu tinha amigos, uma namorada." Seus olhos mudaram para mim brevemente.

"Acho que a maioria das pessoas não é realmente tão tendenciosa, se você deixá-las conhecê-lo, você sabe." Eu ofereci.

"Não é meu trabalho certificar-me que as pessoas me conheçam ou gostem de mim." Samuel disse com orgulho.

"Bem, isso é ingênuo," Eu suspirei.

Os olhos de Samuel piscaram, e ele apertou a mandíbula.

"Não sou exatamente o que você chamaria de extrovertida," eu continuei. "Eu sou o tipo de pessoa que prefere estar sozinha, mas não posso esperar que alguém queira me conhecer se propositadamente mantenho-me separada." Parei quando percebi que seu rosto permanecia inexpressivo. " A sra. Grimaldi diz que você não pode construir paredes e então ficar louco quando ninguém quer passar por cima delas."

"Isso é fácil para você dizer," Samuel zombou quando seus olhos voaram para o meu cabelo loiro, e então encontrou meus olhos azuis com olhos pretos ameaçadores.

"Por favor, Samuel!" Eu suspirei. "Eu posso não ter pele morena, mas eu sou muito diferente," Eu repliquei. "E não finja que você não tinha notado isso."

Samuel balançou a cabeça em desgosto e puxou a mão da minha... Eu tinha acabado de qualquer maneira, e juntei a gaze ensanguentada, envolvendo-a em várias toalhas de papel.

"Com quantas outras crianças você já falou desde que chegou aqui?" Eu pedi a Samuel calmamente, "além de mim?"

Samuel não respondeu, e eu realmente não esperava que ele fizesse.

"As pessoas podem ser idiotas - Joby é um verme, e provavelmente mereceu que você quebrasse seu nariz," eu comentei "mas não é suposto que não gostem de você porque você parece diferente. Eu, por exemplo, gosto da sua aparência."

Corei furiosamente e peguei a caixa de primeiros socorros, fugindo para a frente do ônibus para devolvê-lo as tiras de velcro, jogando os papéis sangrentos longe enquanto eu estava ali.

"Está tudo sob controle?" sr. Walker me questionou quando eu prendi o kit no lugar onde ele pertencia.

"Huh?"

"O nariz sangrando?” Sr. Walker cutucou.

"Oh, sim. Tudo feito, já parou," gaguejei.

Samuel tinha colocado o braço na manga da camiseta quando voltei, e o casaco abotoado voltou a cobrir a camisa manchada. Ele tinha o livro aberto no colo dele. Eu me sentei, e ele começou a leitura, sem preâmbulo. Eu retirei o grande dicionário verde e esse foi o fim da nossa discussão, por enquanto.



"Que tipo de nome é Heathcliff?" Samuel resmungou enquanto trabalhávamos em outro dia de leitura. Tínhamos menos de cinco páginas para ler, o que não tinha sido fácil.

"Acho que o nome dele é uma das coisas mais bonitas sobre ele," Eu disse sinceramente. "Pelo menos não é algo chato como Ed ou Harry. Tem tipo de um nome romântico."

"Mas é apenas um nome... sem sobrenome, sem nome do meio – apenas Heathcliff. Como Madonna ou Cher."

Fiquei um pouco surpresa que Samuel sabia quem eram Madonna e Cher. Não me pareceu o tipo de música que ele gostasse, embora eu não tinha idéia de qual era o tipo dele.

"Eu acho que o fato de que ele não tinha um sobrenome foi o caminho adotado pelo autor para significar que ele realmente não pertencia a ninguém... ele estava sozinho no mundo," eu meditava pensativamente. "Todos tinham esses nomes ingleses completos enquanto Heathcliff era um cigano sem raízes, sem família, sem sequer um nome próprio."

"Sim, talvez..." Samuel acenou com a cabeça de acordo. "Nomes são um grande negócio para os Navajo. Todas as crianças Navajo recebem um nome Navajo em segredo quando nascem. É conhecido apenas pela criança, a família e Deus. Você não pode compartilhá-lo com mais ninguém."

"Sério?" Perguntei em reverência. "Então qual é o seu?"

Ele olhou para mim com exasperação. "Você. não. pode. compartilhá-lo. com. ninguém.” ele disse lentamente.

Eu corei e olhei para o livro. "Porquê?"

"Minha avó diz que se você fizer as pernas vão virar rígidas... mas acho que é mais um laço que une as pessoas, mantém a tradição viva, esse tipo de coisa. Minha mãe me disse que é sagrado."

"Wow. Quem me dera ter um nome secreto. Eu nunca realmente gostei muito de Josie Jo” É meio bobo e infantil, eu disse melancolicamente.

"Que nome você gostaria de ter?" Samuel realmente parecia interessado em minha resposta.

"Bem... minha mãe queria nos todos tivéssemos nomes com 'J'. Eu acho que foi uma maneira de nos unir, como sua família. Então talvez eu pudesse fingir que é Josephine, e todos ainda poderiam me chamar de Josie como apelido. Josephine é muito mais dramático, e um nome de uma dama."

"Tudo bem. De agora em diante, referirei-me a você como Lady Josephine." Samuel disse com o mais fraco dos sorrisos.

"Não... vamos fazer isso como meu nome secreto Navajo, e você e eu somos as únicas pessoas que sabem" Eu disse, de forma conspiratória.

"Você é a coisa mais distante de um Navajo..." Samuel zombou.

"Bem, e se uma linda mulher Navajo me adotou quando eu era apenas um bebê? Ela poderia ter me dado um nome Navajo? Mesmo se eu tivesse cabelos loiros e olhos azuis?"

Samuel olhou para mim por um minuto, franzindo a testa. "Eu realmente não sei," ele confessou. "Nunca conheci um Navajo que adotou um bebê branco. Eu sou o mais próximo que a maioria dos Navajo chega de um bebê branco."

O semblante de Samuel escureceu. "Felizmente todas as crianças Navajo que nascem pertencem ao clã da mãe dele, então eu sou um Navajo, não importa quem meu pai seja."

"Você já conheceu seu pai?" Perguntei em silêncio. Não gostaria que isso o deixasse com raiva, mas não temia isso também.

"Eu tinha seis anos quando ele morreu. Eu me lembro de coisas sobre ele. Ele me chamou de Sam Sam, e ele era alto e meio quieto. Eu me lembro da minha vida antes dele morrer e depois que ele morreu, quando fomos para a reserva indígena. Eu não tinha vivido na reserva antes, era muito diferente do apartamento que eu tinha vivido. Eu falo Navajo porque minha mãe falava comigo exclusivamente. Eu falava inglês também, o que tornou a escola mais fácil quando eu comecei na escola na reserva. Minha mãe nunca falou muito sobre meu pai depois que ele morreu."

"Você acha que ela ficou triste?" Aventurei-me, pensando na morte da minha própria mãe e quanto tinha sido difícil para o meu pai dizer seu nome por muito tempo.

"Talvez. Mas era mais sobre a tradição do que qualquer coisa. Os Navajo acreditam que a única coisa que é deixada para trás quando uma pessoa morre é o mau ou as partes negativas do seu espírito. Eles chamam isso de cordeiro, e quando você fala sobre os mortos convida o cordeiro. Então... nós nunca falamos muito sobre ele. Eu sei que ela o amava e sentiu falta dele. Quando eu era bem jovem, ela leu para mim a Bíblia que meu pai tinha lhe dado. Acho que isso a fazia sentir-se perto dele, sem falar sobre ele. Ela se tornou uma cristã quando se casou com meu pai, mas dentro de um ano ou mais após a sua morte ela rejeitou a religião. Ela se tornou muito zangada e amarga. Ela não sabia como viver fora da reserva sem meu pai, e quando ele morreu, ela voltou, se casou, e teve certeza que nunca iria embora."

"Não sei o que eu faria se eu nunca pudesse falar sobre minha mãe..." Eu sussurrei. "Falar sobre ela ajuda a lembrar dela. Faz-me sentir perto dela."

"Sua mãe morreu?" A voz de Samuel levantou-se em surpresa.

"Sim". Eu estava um pouco atordoada que ele não sabia. Só pensei que ele sabia, por seus avós. "Ela morreu no verão antes da terceira série. Eu tinha quase nove anos." Eu encolhi os ombros um pouco, "Acho que tenho sorte que tive-a durante tanto tempo. Lembro-me muitas coisas sobre ela. Do seu cheiro, a forma como ela cobria a boca quando ria, o jeito que ela dizia "Josie Jo, para lá e para cá" quando ela me empurrava no balanço."

"Por que você está com sorte que teve ela por tanto tempo? Acho que isso faz de você azarada. Ela morreu, e agora você não tem uma mãe." A cara de Samuel ficou tempestuosa e seus lábios um pouco apertados quando ele esperou por mim para responder.

"Mas eu tive ela durante esses nove anos, e ela me amava e eu amava-a. Olhe gente como Heathcliff. Ele não tinha nenhuma mãe e nenhum pai."

"Sim, acho que ele tinha o direito de ser um idiota."

"Eu acho que ele tinha razão de ser, pelo menos no início, mas isso não faz dele melhor. Ele estava com raiva e ódio de todos por um tempo. A primeira vez que li o livro, fiquei esperando a sua mudança, para desenvolver um personagem... mas ele nunca fez. Só o desprezava por isso. Eu queria que ele fosse amável, apenas um pouco, então eu poderia gostar dele."

"As pessoas não gostam dele porque ele tinha a pele mais escura, e ele parecia diferente dos outros!" Samuel estava com raiva de novo.

"Talvez isso tenha acontecido no início. Mas o pai, sr. Earnshaw, amava-o mais do que tudo... mais do que aos seus próprios filhos. Heathcliff nunca fez nada com esse amor. Catherine o amava, também. O que ele fez?"

"Ele saiu e entrou para os militares ou algo assim, certo? Ele fez algo para si mesmo, melhorou o jeito que se vestia e como parecia!" Samuel defendeu Heathcliff, como se ele fosse Heathcliff.

"Mas ele nunca mudou quem era!" Eu chorei de volta apaixonadamente. "Eu queria que ele me inspirasse! Eu acabei sentindo pena dele, e pensando 'Mas que desperdício!'"

"Talvez ele não podia mudar quem ele era!" A cara de Samuel ficou apertada, e as mãos dele estavam fechadas.

"Samuel! Eu estou falando dele mudar por dentro! Ninguém que o amava se importava que ele era um cigano! Você não entendeu?"

"Catherine amava ele, apesar do que ele tinha por dentro!" Ele ainda lutou.

"Sua versão de amor condena os dois no final! Eles eram duas pessoas miseráveis porque nunca descobriram o que o verdadeiro amor é!"

"Porque não me diz o que é amor verdadeiro então, senhora Josephine, uma vez que você é tão sábia em seus treze anos de idade!" Samuel olhou para mim, e seus braços estavam dobrados sobre seu peito.

Minhas bochechas estavam em chamas, e meu dedo enfiou em seu peito com cada sílaba que recitei. "'O amor é paciente, o amor é bondoso. Não inveja,

não se vangloria, não se orgulha. Não maltrata, não procura seus interesses, não se ira facilmente, não guarda rancor. O amor não se alegra com a injustiça, mas se alegra com a verdade. Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta'" Eu parei para pegar um fôlego, e dei um enfático empurrão contra o peito de Samuel. "Coríntios 13:1. Confira isso."

E com isso eu peguei meu dicionário verde grande e minha mochila transbordando e cambaleei até o corredor. O ônibus não estava no meu ponto ainda, mas eu estava fora de lá.



Samuel não disse muita coisa na manhã seguinte à nossa aquecida discussão sobre Heathcliff. Perguntei-lhe se ele queria ler as cinco páginas finais. Ele disse que já tinha lido e deixou o livro. Ele olhou para fora da janela todo o caminho para a escola, e eu sentei-me desconfortavelmente sem nada para ler. Acabei pegando meu livro de matemática e fazendo a lição do dia seguinte. Na volta para casa foi a mesma coisa. Felizmente era sexta-feira.

Segunda de manhã eu cheguei primeiro no nosso banco. Eu não estava carregando o dicionário, não tendo nenhuma razão para arrastá-lo comigo. Samuel não estava muito atrás, e ele disse "afaste-se" quando eu me sentei. Mudei-me contra a janela, e ele se sentou ao meu lado. "Afaste-se" foi a única coisa que ele disse durante todo o caminho até Néfi.

Desta vez eu estava preparada, e enterrei meu nariz em Jane Eyre. Jane Eyre era como comida de conforto para mim, e eu estava me sentindo um pouco rejeitada.

Depois da escola, subi no ônibus, temendo a meia hora que iria me sentar ao lado de Samuel em silêncio. Eu perdi a leitura e a discussão. Até senti falta dele um pouco.

Samuel já estava sentado, e ele me viu vindo em direção a ele no corredor. Havia um estranho olhar no seu rosto quando nossos olhos se encontraram. Ele parecia quase triunfante. Eu me sentei, e ele segurou uma pasta de plástico fina.

"Acho que você sabe algo sobre o verdadeiro amor depois de tudo. Pelo menos Sra. Whitmer pensa assim," disse ele vagamente.

Meus olhos rapidamente digitalizaram a primeira página. Era o relatório de Samuel sobre “O Morro dos Ventos Uivantes”. Ele tinha intitulado 'Verdadeiro amor ou obsessão?' Sra. Whitmer tinha escrito as palavras "Brilhante!" através da página impressa com uma caneta vermelha. Eu puxei a folha de rosto, meus olhos voando para baixo na página. Samuel tinha usado Coríntios 13:1, substituindo a palavra 'caridade' por 'amor verdadeiro' como eu tinha feito e basicamente escrito um livro sobre a diferença entre amor e obsessão, usando exemplos do livro. Sua frase final foi maravilhosa, e era toda sua. Ele disse "onde o verdadeiro amor redimiria, sua obsessão condenou-os para sempre."

Eu gritei em voz alta, só para ter crianças virando e olhando para mim curiosamente.

"Samuel! Isso é tão legal! Ela disse alguma coisa para você?" Senti que meu sorriso ia dividir meu rosto ao meio, mas não pude evitar.

Minha emoção deve ter sido contagiosa, porque ele sorriu para mim brevemente, seu sorriso mostrando um flash rápido de dentes brancos.

"Ela disse que era tão impressionante que ela não vai me passar, ela vai me dar um B."

Eu gritei novamente e joguei meus punhos em direção ao céu, em sinal de vitória.

Desta vez metade do ônibus virou e olhou. Tara até parou no meio da frase, oito lugares atrás, e me deu um olhar de "Mas que diabos?". Eu abaixei

minha cabeça e sufoquei uma risadinha. Samuel balançou a cabeça e revirou os olhos, mas ele estava rindo também.

"Lady Josephine, você é outra coisa," disse ele baixinho. Ele estendeu a mão e pegou a minha mão na sua. A mão dele era grande e quente, sua pele marrom dourada bonita contra a minha própria. Minha mão era muito pequena em comparação com a sua, e meu coração sentiu-se como um beija-flor minúsculo, vibrando no meu peito. Samuel segurou minha mão por um segundo a mais, e então suavemente a soltou.



Anoiteceu rapidamente agora que o inverno tinha agarrado o vale. Subir a colina para os Grimaldi tornou-se mais difícil com a neve, mas eu nunca reclamei, e sempre que Sonja levantou a questão de se preocupar sobre o tempo ou a diminuição da luz do dia, eu só me esquivei. Meu pânico por perder aulas deve ter sido evidente, porque ela nunca me pressionou para adiar aulas até a primavera derreter o gelo no meu caminho, tornando-o um pouco mais hospitaleiro. Eu tinha parado de andar de bicicleta até o morro. A colina era tão gelada que os pneus não conseguiam qualquer tração. Chegava a base do morro e caminhava ao longo do lado da estrada, onde a neve estava empilhada e eu não iria escorregar.

Sonja tinha começado a ensinar-me como conduzir a música, como se estivesse conduzindo uma orquestra ao vivo. Ela colocava um disco, colocava a partitura na minha frente e eu tocava, mantendo o balanço dos meus braços todo tempo, trazendo os instrumentos imaginários e dando dicas da dinâmica como se estivesse no controle.

Eu deixei minha lição naquele dia com minha cabeça cheia de música. Sonja tinha estado em um humor extravagante, e a música seguiu comigo

quando eu fiz meu caminho ladeira abaixo. Ela tinha ligado o Bolero de Ravel, e eu tinha conduzido isso com alegria. Tinha uma melodia maravilhosamente insistente, repetitiva, e era perfeito para um iniciante a maestro como eu - a prática de "trazer" os instrumentos, conforme eles foram adicionados continuamente, em cada seção.

Em tempos como esse a música me fazia sentir vibrante, com esta energia pulsante dentro de mim. Eu praticamente estava levitando quando espalhei meus braços e girei em círculos tontos para baixo do morro nevado. A velocidade de minha descida me fez rir quando eu irresponsavelmente regi a orquestra com meu coração inchado, quase explodindo. Infelizmente, eu realmente não estava levitando, e comecei a tropeçar, com minhas botas pesadas e braços tremendo. A euforia do nevoeiro musical me abandonou no meio do vôo. Eu escorreguei no comprimento da colina, pousando em um profundo banco de neve dois terços do caminho para baixo. Eu agia como criança tão raramente que era estranhamente irônico que, quando eu realmente me perdi em maravilha pueril, acabei ferida e sozinha. Meu tornozelo gritou em choque, meu estomago revirou em agonia, e eu me encontrei choramingando e rastejando nas minhas mãos e joelhos, tentando escapar da dor.

Meus livros de piano estavam espalhados na colina, marcando meu caminho. Não havia nenhuma maneira que eu estava deixando-os para trás. Comecei a subir a colina para coletá-los, percebendo, quando minhas mãos afundaram na neve, que eu também tinha conseguido perder minhas luvas e óculos.

Sem a ajuda das minhas botas, eu continuei deslizando para baixo quando tentava subir polegadas para cima. Tentei bravamente não chorar quando me repreendi pelo meu comportamento idiota, no meu calvário de reunir os livros mais próximos de mim, e rezando pelos livros que eu não conseguiria. Subir a colina até a casa de Sonja estava fora de questão. Eu deslizei o resto do

caminho sentada, agarrando alguns dos meus livros contra o meu peito e retardando minha descida com minha perna boa.

Assim que cheguei embaixo, eu enfrentei o enigma de como poderia chegar em casa. Andar de bicicleta estava completamente fora de questão; meu tornozelo não suportaria qualquer pressão em tudo. Não confiando em me equilibrar a maior parte do tempo com uma lesão, esqueci essa ideia e decidi empurrando a bicicleta até a minha casa. Coloquei minha mochila com os livros de piano em torno dos meu ombros e puxei as mangas do casaco para baixo nas minhas mãos, e comecei a voltar pra casa. A escuridão foi estabelecendo-se em torno de mim, e eu sabia que estava com problemas. Eu não ia ser capaz de andar duas milhas em minhas mãos e joelhos. Pensamentos da minha família me encontrando congelada no lado da estrada me fez chorar em auto-piedade. Perguntava-me se Samuel sentiria minha falta. Eu desejei que pudesse vê-lo novamente antes de morrer. Talvez ele cortaria o braço, como os índios Comanche faziam sempre que perdiam alguém, e então seu braço mostraria uma cicatriz para cada ente amado perdido.

Perguntei a ele como sabia sobre a tradição do Comanche se ele era um Navajo. Ele me contou que muitas das tribos tinham muitas histórias e lendas em comum, e sua avó contara-lhe sobre a maneira dos Comanche lembrar de um ente querido sem falar o nome deles.

Fui acordada dos meus pensamentos mórbidos com o som de uma ovelha em algum lugar à minha esquerda. Ela soava perdida e infeliz, como eu estava. A ovelha rugiu melancolicamente novamente, e eu vi seu nariz preto e pés contra a neve onde ela estava amontoada, ao lado de uma moita de árvores de zimbro.

Eu me arrastei em direção a ela, pensando que talvez eu poderia juntar-me a ela - lá estava quente, não estava? A ovelha tinha outras ideias. Minha abordagem fez ela queixar-se ainda mais alto, jogando a cabeça para trás e

exigindo que eu ficasse longe. "BAAAAAAACK," pareceu me dizer, e eu ri e chorei na futilidade de tudo.

"BAAAAAAAA!" Ela gritou novamente.

Em algum lugar ao longe um cachorro latiu. A ovelha clamou em resposta. O cachorro latiu novamente. Talvez alguém estivesse procurando as ovelhas. Eu não tinha muita esperança de que alguém estaria procurando para mim. Meu pai e meus irmãos gostavam da minha comida, mas eu não tinha nenhuma esperança real que eles sentiriam minha ausência até que tivessem passado muitas horas. O cão parecia estar se aproximando; um grito ocasional mostrava seu progresso em nossa direção. As ovelhas gritou quando ouviu o cão novamente, e eu esperei por um salvamento canino. Eu estava com muito frio e um pouco molhada do meu tombo na neve, e minhas mãos doíam tanto quanto meu tornozelo. Eu me amontoei dentro de meu belo casaco azul e orei por libertação.

A escuridão era completa quando o collie preto e branco de Don Yates, Gus, trotou até a ovelha perdida. Não longe dele, Samuel marchou, protegido contra a neve em uma capa de esqui preta e seu casaco de pele de carneiro, tendo trocado seus mocassins para um par de botas de trabalho. Clamei a ele em gratidão, e ele parou em surpresa.

"Josie"?

"Samuel! Torci meu tornozelo, e eu não posso subir em minha bicicleta para ir pra casa. Eu tentei rastejar," eu gaguejei, com meus dentes batendo, "mas minhas luvas sumiram e estavam apenas muito longe."

Samuel se curvou aos meus pés e puxou o chapéu de seu cabeça, colocando-o na minha. O calor súbito e meu alívio em sua presença fez as lágrimas que eu tinha tentado controlar fluírem pelo meu rosto. Samuel agarrou as minhas mãos nas suas e começou a esfregá-las vigorosamente.

"Por que você está aqui?" Ele parecia irritado, e suas mãos esfregaram com mais força, junto com suas palavras duras. Minhas lágrimas fluíram mais rápido.

"Eu tenho aulas de piano todas as tardes com a Sra. Grimaldi. Ela vive no topo da colina Tuckaway." Eu não lhe disse como eu tinha sido envolvida na música e deslizado para baixo da colina.

"Como você terminou em suas mãos e joelhos meio congelados para morte?" Incrédulo, ele latiu para fora.

"Escorreguei", disse desafiadoramente, puxando minha mão da dele e limpando as lágrimas do meu rosto gelado. Samuel arrancou suas luvas e pegou minhas mãos de volta insistentemente. Forçando as minhas mãos para a luvas, ele levantou-se a seus pés e me pegou, levantando-me dos meus pés.

"Você consegue andar se eu ajudá-la?" Sua voz era um pouco menos conflituosa agora, e eu tentei dar um passo em frente. Foi como se alguém tivesse pego um picador de gelo e batido na minha perna. Eu caí com um grito aos pés de Samuel. A dor fez me enjoada, e o conteúdo do meu estômago se levantou em rebelião - e eu vomitei no lado direito das botas de trabalho de Samuel. Por sorte eu tinha comido apenas uma maçã e metade de um sanduíche para o almoço muitas horas atrás e não tinha muito mais a vomitar, mas vomitar com uma audiência era pior que a dor em meu tornozelo, de longe. Eu gemia de mortificação quando Samuel chutou neve sobre o que restava do meu almoço e agachou-se para baixo ao meu lado novamente. Ele entregou-me um punhado de neve para limpar minha boca, e eu felizmente limpei e "lavei" minha boca com minhas mãos trêmulas.

"Você disse que andou em sua bicicleta até aqui?" Ouvi a voz de Samuel gentilmente.

"Esta na base da colina, lá atrás." Minha voz balançava perigosamente e eu parei de falar abruptamente, não querendo me desgraçar mais.

Samuel se levantou e se afastou de mim, caminhando na direção em que eu vim. Alguns minutos depois ele estava de volta, empurrando a bicicleta ao lado.

"Eu vou ajudá-la."

"Não podemos empurrar os pedais, Samuel," interrompi, minha voz quebrando novamente com as ondas de lágrimas que entupiram minha garganta.

"Eu sei", Samuel respondeu calmamente. "Mas o banco é longo. Posso sentar atrás de você e pedalar."

A bicicleta era boa para mim, mas Samuel pesava muito mais. Isto ia ser interessante. Samuel pegou a bicicleta com uma mão e puxou-me para os meus pés com a outra. Movendo a bicicleta perto de onde eu estava oscilando, ele subiu e me ajudou a subir à frente dele.

"Você pode levantar os pés na sua frente?" As barras formavam um grande U, fornecendo um bom lugar para meus pés quando eu me movi sem esforço.

Samuel me ajudou a levantar minha perna ferida e eu cautelosamente fui o mais pra frente possível no assento enquanto ele preparava a bicicleta.

Com um pequeno empurrão grunhido e um balanço, nós estávamos fora. A bicicleta se moveu precariamente, neve e cascalho tornando isso extremamente traiçoeiro. Eu apertei meus olhos fechados e mordi um grito que escapou.

Samuel usou as pernas para impulsionar-nos para frente até que estabelecemos bastante movimento para poder fazer uma tentativa de pedalar.

"E a ovelha?" De repente eu disse, lembrando de ter esquecido meu parceiro em perigo.

"Gus vai trazê-la para casa. A este ritmo, eles podem chegar lá antes de nós." Olhei para trás com cuidado, espreitando por cima do ombro de Samuel

para não perturbar o equilíbrio da bicicleta. Com certeza a ovelha estava bamboleando na estrada, com Gus mordendo seus calcanhares.

Eu relaxei assim que pude, minha cabeça descansando na curva do ombro de Samuel enquanto eu me agarrava com os braços e as pernas, me apoiando para não cair fora do assento estreito. Eu não conseguia segurar confortavelmente o guidão com as pernas na minha frente, então eu vagamente segurei meus braços acima dos cotovelos. Uma canção boba sobre uma bicicleta para dois saltou em minha cabeça. “Não teremos um casamento elegante; não posso pagar uma carruagem...”

Quando a estrada de cascalho finalmente entrou em nossa linha de visão, senti Samuel relaxar um pouco. O passeio de repente tornou-se muito mais suave. Ainda assim, ele não podia estar confortável. Imaginei como nós deveríamos parecer, descendo a estrada ao luar, sem uma alma à vista, como uma criatura de oito patas e duas cabeças. Eu ri um pouco, apesar do meu tornozelo latejante e meu orgulho ferido.

Senti um estrondo responder no peito de Samuel, e girei minha cabeça para olhar para ele com espanto. Eu nunca tinha ouvido Samuel rir.

"Não se mexa!!!" A voz de Samuel levantou em alarme quando a bicicleta deu uma guinada perigosa. Eu tinha esquecido de mover-me lentamente.

"Desculpa"! Guinchei, agarrando-me aos seus braços quando ele habilmente restaurava o equilíbrio.

"Fique quieta", Samuel repetiu novamente, com firmeza.

Nós andamos em silêncio por vários minutos até que eu decidi que a gravidade estava em ordem.

"Você me salvou", disse simplesmente. "Não sei o que teria feito se não tivesse aparecido. Você pode até mesmo ter salvo minha vida. Meu pai e Johnny podem não ter percebido que eu estive fora durante horas. Eles não sabem muito de mim."

"Não tenho certeza que quero ser responsável por salvar sua vida."

"Por que? Você não gosta de mim afinal?" Minha voz soou tão machucada quanto eu me senti.

Samuel suspirou. "Não foi o que quis dizer. E sim, eu gosto de você."

Ele pareceu um pouco desconfortável com a admissão. "É que em muitas culturas indígenas, quando você salva a vida de alguém, é responsável por eles a partir de então. É como se eu fosse seu guardião ou algo assim."

Isso não me parece mal. Eu gostei da idéia de ter Samuel como meu guardião ao longo da vida.

"Não me lembro de ninguém melhor para cuidar de mim."

De alguma forma a honestidade era muito mais fácil quando estava escuro e eu estava de costas a pessoa a quem confessei. Ainda fiquei um pouco tensa, à espera da resposta dele.

Nenhuma resposta veio. Nós andamos em silêncio para o restante do passeio, deslizando e passando as casas dos nossos vizinhos até Samuel desacelerar em um ponto em frente a minha casa. O “velho marrom”, caminhão de Johnny, estava descuidadamente estacionado no cascalho na frente da casa, e o caminhão de trabalho do meu pai estava estacionado na garagem. Samuel me ajudou a descer e largou a bicicleta quando me puxou para cima em suas costas. Desejei que ele me pegasse em seus braços, como uma noiva. Senti-me estranha e pesada apoiada em suas costas largas, e me agarrei em seus ombros, segurando minha respiração quando ele subiu as escadas e me deslizou para baixo para bater na porta.

"A casa é minha! Basta entrar" eu disse, passando por ele e abrindo a porta da frente. Os sons de basquete soaram a partir da TV, e o calor do fogão a lenha derramou sobre nós. Samuel virou-me e levantou-me sem a menor cerimônia, colocando-me no sofá e me apoiando tão rapidamente quanto pôde, logo depois recuando como se pensasse que ficaria em apuros por me tocar.

Meu pai sentou-se na sua poltrona e olhou para nós por um minuto antes de recuperar seu juízo. Contei duas latas de cerveja vazias no seu carrinho da tevê e outra na mão. Eu suspirei interiormente. Papai era um bêbado doce. Não ficava mau e feio, apenas sonolento e alegre quando se afogava em sua solidão, em um ritual noturno de Budweiser e jogo de futebol, basquete, beisebol, qualquer que seja. Ele não tinha bebido nada quando mãe estava viva. Os mórmons não eram grandes bebedores. De fato, os mórmons não beberiam nada se nós vivêssemos fiéis aos princípios da nossa fé. Talvez por isso papai nunca foi para a igreja ou se importava se nós íamos. Mamãe não estaria muito contente com isso, eu tinha certeza.

"O que aconteceu?" As palavras do meu pai ainda não estavam arrastadas; a noite era uma criança.

Eu contei-lhe minha história abreviada, envolvendo o ovelhas, Gus e incluindo Samuel em alguns lugares por aí também.

"Sem mais lições de piano para você!" Papai resmungou. "Não é seguro. Eu sabia que algo estava errado. Estava prestes a ir à sua procura".

"Oh não, pai!" Eu chorei às pressas, sentando-me e balançando minha boa perna no chão. "Eu vou ter mais cuidado. Estou me preparando para o Programa de Natal. Não posso perder minhas lições. Além disso, Sonja, aliás, Sra. Grimaldi, vai me levar para praticar na igreja nas próximas semanas, para que ela possa começar a me ensinar a tocar o órgão."

Não acreditei que meu pai tinha notado que eu tinha sumido, nem que ele estava quase começando uma missão de busca e salvamento, Mas eu poderia dizer que ele se sentiu mal que eu estava em apuros e ele não tivesse nenhuma pista.

Samuel apertou a mão do meu pai e saiu apressadamente, alegando que precisava ter certeza que Gus conseguiu voltar para o curral com o ovelha desgarrada.

5. Virtuoso

A única igreja em Levan foi construída em 1904. Era uma belo prédio de tijolos com um alto campanário gracioso e colunas que antecediam a porta dupla de carvalho. Nem todo mundo ia para as missas em Levan, mas todos iam à igreja. A igreja tinha sido o ponto de encontro da cidade por quase 100 anos. Ela tinha fornecido paredes para adoração, visto os habitantes da cidade se casarem em seus salões, e absorveu o sofrimento de muitos funerais. A bela capela tinha janelas altas e arqueadas, que tinham dois andares de altura. Os bancos de carvalho pesados possuíam a pátina do tempo e cuidado tenro.

Sonja me ensinou a tocar o órgão em um linda capelinha. No dia da minha primeira lição eu tinha aparecido em jeans azul, apenas para Sonja me enviar para casa para trocar para um vestido. "Este é um lugar de reverência e adoração," ela disse severamente. "Não usamos roupas casuais quando entramos na capela!".

O Natal estava chegando, e eu ia tocar 'Noite Feliz' no piano na missa de véspera de Natal.

Todos vinham para a missa de véspera de Natal, se eles viessem regularmente à igreja ou não. Era o destaque espiritual da época de Natal para os habitantes da cidade. O coro era responsável pelas canções de Natal, Sonja iria acompanhá-los no órgão, e os sinos iriam soar. A história do menino Jesus seria lida no púlpito por Lawrence Mangelson, que possuía uma rica e profunda voz de orador. Era minha tradição favorita, e meu coração estava transbordando com pensamentos de estrear em tal evento. Eu tinha tido aulas de piano de

segunda a sexta-feira durante três anos, e nunca tinha tocado para mais ninguém além do doutor, Sonja e minha família.

Originalmente, a diretora do coro da igreja, casada com o já citado Lawrence Mangelson, havia negado o pedido de Sonja para me deixar tocar na missa especial de adoração. Ela foi muito gentil, mas se preocupou que a minha capacidade aos treze anos não seria digna da ocasião. Sonja tinha me levado para a casa da Sra. Mangelson e insistido que ela me escutasse.

Eu toquei um trecho poderosamente comovente e difícil de ”Noite feliz” no piano em sua pequena sala de estar, e quando eu terminei, a doce velhinha humildemente pediu perdão, implorando-me para participar do programa. Sr. Mangelson disse que essa seria a melhor apresentação de véspera de Natal, e sugeriu que eu mantivesse meu solo de piano em segredo.

A véspera de Natal caiu num domingo naquele ano, e eu assisti a missa das 09:00 sem minha família. Como a congregação estaria voltando à noite para a missa de véspera de Natal, os serviços da manhã foram encurtados. Eu deixei que minha tia Louise e Tara soubessem do meu pequeno segredo, então mais tarde naquele dia tia Louise veio e arrumou meu cabelo, arrumando minhas ondas naturais em ondas de brilho e aplicando maquiagem leve em meus olhos, bochechas e lábios.

Sonja disse que músicos frequentemente tocavam vestidos de preto clássico, mas ela tinha pensado que branco poderia ser mais apropriado para minha idade. Ela tinha dirigido até Provo, uma cidade cerca de uma hora ao norte de Levan, e encontrado um simples e elegante vestido de manga comprida branco, de veludo. Quando eu sai do meu quarto no sótão, penteada e com o meu vestido novo, um pé em um salto e o outro em uma tala, graças a minha queda em Tuckaway Hill, o rosto curtido do meu pai suavizou, e seu lábio inferior tremeu.

"Você parece um anjo, querida. Eu te abraçaria, mas não quero te desarrumar."

A noite estava fria e ainda tinha neve em montes profundas ao longo da borda das estradas mal aradas. Nós fizemos nosso caminho para a Igreja, que estava iluminada e acolhedora ao luar. Sonja sentou-se no órgão e tocou o prelúdio magnífico, amolecendo corações e deixando olhos úmidos antes mesmo do programa começar. Nós sentamos em nosso banco regular, com Rachel se juntando a nós para ficar com o Jacob. Eles estavam prestes a se casar na primavera, e com Jared em casa nas férias da faculdade, estávamos todos juntos. Todo estavam limpos e solenes em suas melhores roupas, com cabelos penteados e laços amarrados.

A missa começou, e meu estômago estava embrulhado enquanto o momento se aproximava, o momento do meu solo. Eu estava sentada no final do nosso banco para acessar facilmente o corredor, onde o carrinho do piano estava me esperando, com a tampa aberta, e os membros do coro sentando-se nos bancos em torno dele. A voz do Lawrence Mangelson subiu com o espírito quando ele falou dos anjos que anunciavam o nascimento do rei. De repente era a minha vez de tocar, e eu levantei-me, agitando minhas pernas, e caminhei para o piano. Havia um murmúrio através da congregação. O serviço sempre mantinha a tradição, com poucas variações na narração ou na música. Isso foi uma surpresa, e ninguém realmente sabia que eu tocava.

Sentei e fechei os olhos em oração silenciosa, pedindo aos meus nervos que permanecessem em minhas pernas e não nas minhas mãos. Meus joelhos poderiam bater sem causar danos e ferir o meu desempenho. Suavemente eu comecei a tocar, sintonizando-me com a beleza do som, com a reverência crescente da melodia, a magnificência do fraseado musical. O público desvaneceu-se em torno de mim enquanto eu enviava alegremente a música, e quando isso foi feito eu lentamente desci à terra. Levantei-me do piano com as pernas firmes, tendo esquecido meus nervos, e olhei para a congregação em silêncio.

O rosto do meu pai estava manchado com lágrimas e os rostos dos meus irmãos brilhavam com orgulho. Tia Louise e Tara sorriam largamente, e Tara acenou animadamente antes que sua mãe percebesse e puxasse sua mão para baixo. Sonja estava enxugando os olhos com um lenço de renda, segurando seus óculos em uma mão.

Em seguida, na parte de trás da sala, alguém começou a bater palmas. Os mórmons não batiam palmas nas missas. A capela é um lugar reverente, e os alto-falantes encerram os sermões com um 'Amém', seguido por um 'Amém' da Congregação. Quando alguém canta ou toca, mesmo 'améns' não são dados. O coro ou o artista sabe o quanto eles foram recebidos somente pelo nível de silêncio e atenção que é oferecida a eles.

Os aplausos ocasionaram um pequeno suspiro dos paroquianos, e meu olhos voaram para ver quem estava cometendo a gafe. Na parte de trás da igreja, ao lado do banco onde seus avós sempre sentavam, vestido com uma camisa branca e calças pretas, seu cabelo puxado para trás e seguro em um rabo de cavalo baixo, estava Samuel. Ele estava batendo palmas, seu rosto sério e sem vergonha, e ele continuou batendo e batendo palmas. Seus avós estavam sentados ao lado dele, seus rostos pensativos se deveriam silenciá-lo ou bater palmas com ele. Lentamente as pessoas começaram a se juntar a ele, levantando-se em torno dele com grandes sorrisos, e explodiram a bater palmas.

Fiquei imóvel, sem saber bem o que fazer, até que Sonja parou ao meu lado e me pediu para tocar 'Ave Maria' de Schubert. Eu sabia 'Ave Maria' de cor só porque adorava. Nunca pretendia tocá-la, mas os aplausos continuaram me encorajando, e eu sentei no banco e começou a música não planejada, convidando minha audiência a se sentar e ouvir. Quando eu terminei o número intensamente belo e sagrado, não houveram palmas. O silêncio foi total e completo, a sala silenciosa enquanto a Congregação chorava abertamente.

Sonja me contou mais tarde que não havia um olho seco no lugar. Eu encontrei meus olhos voltando para onde Samuel estava. Os olhos dele encontraram os meus, e ele acenou com a cabeça uma vez, solenemente. Eu ligeiramente me curvei e voltei para meu banco, onde meu pai esperava por mim com os braços abertos.



"Você nunca me disse que tocava piano assim."

Samuel e eu estávamos de volta no ônibus, o calor derrando-se dos aquecedores sob os assentos, o cheiro de borracha das botas com pés molhados flutuando acima de tudo à nossa volta. As férias de Natal tinham acabado, duas semanas de liberdade terminaram, e as crianças estavam tristes. Eu não tinha visto Samuel desde a missa de véspera de Natal.

"Quando eu ia te dizer?" Eu perguntei, perplexa. "Nunca discutimos música. Você toca algum instrumento?"

"Não. Temos canções tradicionais – mas eu realmente não conheço ninguém que toca um instrumento." Samuel olhou para mim maravilhado. "Mas você toca como... como ninguém que já ouvi."

"Obrigada". As palavras de Samuel me lavaram de prazer. "E obrigada por bater palmas," Eu disse suavemente. "Foi o momento mais bonito da minha vida." Eu percebi que parecia um pouco exagerada, e senti minhas bochechas rosadas. Mas era verdade. Eu nunca tinha experimentado algo assim. A música, os aplausos, a beleza da igreja e as pessoas que eu amava me olhando e me ouvindo. Eu nunca na minha vida fui o centro das atenções, e agora sabia por que as pessoas tocavam. Aprendi a tocar simplesmente por amor à música e pela alegria que me dava. Mas definitivamente tocar tinha suas vantagens.

Só pensando em Samuel, na expressão em seu rosto quando ele me aplaudiu (a mim!)... Eu nunca esqueceria isso enquanto eu vivesse.

"Foi para mim, também." A voz de Samuel era rude, e eu podia ver que ele estava envergonhado por sua admissão. "Nunca ouvi música como essa."

"Sabia que não deveria bater palmas?" Eu perguntei timidamente, sorrindo para ele.

"Sim. Mas não pude me conter."

"Um dia eu vou viajar pelo mundo, tocando música bonita, fazendo as pessoas felizes e ouvindo-as pessoas aplaudir" disse sonhadora em um momento em que sentamos juntos em silêncio sociável, contemplando meu futuro.

"Você gostaria de ouvir uma coisa?" Perguntei-lhe de repente, pegando meu toca-fitas e meus fones de ouvido. Sonja e o Doutor me deram de Natal, e eu tinha passado o restante das férias fazendo fitas das minha músicas favoritas da coleção de Sonja.

Eu retirei o meu Walkman da Sony e o abri, olhando a música lá dentro. 'Beethoven' ele leu, na impressão de cuidado. Eu empurrei a fita e a Nona Sinfonia de Beethoven encheu meus ouvidos. Rebobinei para recomeçar e coloquei os fones de ouvido nas orelhas de Samuel. Eu escutava música bem alto - você não pode realmente apreciar música clássica, as subidas, as notas individuais e trinados, se você não colocá-la alta e dar-lhe sua completa atenção. Eu apertei o play e segurei minha respiração um pouco.

Não sei por que eu me importava tanto. Mas eu fiz. Eu senti como se estivesse revelando algo muito particular sobre mim, e sua aprovação e apreciação desta música era fundamental para mim. Eu estava profundamente preocupada com a sua opinião, e eu não sabia como reagiria se ele rejeitasse minha música. Poderia sentir como uma rejeição à mim. Se ele dissesse, "Está tudo bem" ou "Hmmm, interessante" isso também poderia afetar a maneira que

eu me sentia por ele. Percebendo isso, eu me arrependi pelo meu gesto espontâneo, e tentei remover os fones de ouvido - de repente não queria saber o que ele pensava.

Suas mãos voaram para cima e cobriram as minhas, e seus olhos encontraram os meus ferozmente quando ele puxou a cabeça para longe. Minhas mãos caíram para meu colo e eu olhei pela janela cabisbaixa, esperando até que ele tivesse acabado. De vez em quando eu roubei um olhar para ele. Seus olhos estavam voltados para baixo, e suas mãos estavam fechadas sobre os fones de ouvido, onde ele as deixou após a minha tentativa de tirá-las. Havia uma rigidez na postura dele que eu não consegui decifrar. A música estava alta o suficiente para eu ouvir fracamente quando terminou o "Hino à alegria". Eu apertei o botão para parar, e Samuel puxou lentamente os fones de ouvido de sua cabeça.

"Como se chama?" Ele perguntou, e não havia reverência em seu voz.

"É a Nona Sinfonia de Beethoven. É também conhecido como 'Hino à Alegria'." Samuel olhou para mim como se querendo ouvir mais.

"Beethoven ouviu pela primeira vez o poema chamado "Ode à Alegria", mais de 30 anos antes de transformá-lo em música com sua nona sinfonia. A nona sinfonia foi seu último trabalho. Quando ficou pronta, Beethoven era surdo e doente. Ele tinha levado dez anos para completá-lo - ele mudou o tema de "Alegria" mais de 200 vezes, até que estava satisfeito com isso." Parei, não sabendo se ele iria querer ouvir mais.

"Ele era surdo?" A voz de Samuel levantou-se de espanto.

"Sim. Sonja disse-me que ele não podia ouvir o público aplaudindo atrás dele quando tocou pela primeira vez, em Viena. Uma cantora virava-o para que ele pudesse ver as pessoas torcendo e batendo palmas em toda a sala de concerto. Ele deitava no chão durante os ensaios, para que pudesse sentir as vibrações da música."

"Como ele sabia como soava? Quer dizer, a fim de escrever a música, você não precisa ser capaz de ouvi-la? " Samuel perguntou, maravilhado.

"Estava dentro dele, eu acho." Eu franzi meus lábios em contemplação. "Estava em sua cabeça e em seu coração. Acho que ele sentia a música, então não precisava ouvir com seus ouvidos físicos." Hesitei. "Sonja disse uma vez que muitos dos grandes compositores, incluindo Beethoven, dizem que a música que eles compõem está no ar, está apenas lá, e você tem de ser capaz de ouvi-la. A maioria de nós não pode... nós só podemos apreciar o que pessoas como Beethoven parecem ser capazes de fazer, e em seguida anotar o que ouvem. "

"Você ouve isso?" Samuel perguntou, seus olhos penetrantes.

"Não ouço, mas sei que está lá." Eu me esforcei para expressar algo que nunca iria colocar em palavras. "Às vezes eu penso que se eu pudesse ver sem os olhos o que sinto sem as minhas mãos, eu seria capaz de ouvir a música. Eu não uso as minhas mãos para sentir amor ou alegria ou dor de cabeça, mas eu ainda sinto mesmo assim. Meus olhos deixam-me ver coisas incrivelmente belas, mas às vezes acho que o que vejo atrapalha o que realmente é... o que é um pouco além da beleza. Quase como se a beleza que posso ver fosse apenas uma cortina muito bonita, me distraindo do que está do outro lado... e se eu só soubesse como empurrar essa cortina de lado, haveria a música". Eu joguei minhas mãos em frustração. "Eu não posso realmente explicar."

Samuel acenou com a cabeça lentamente. "Encontrei-me fechando os olhos enquanto você tocava naquela noite na igreja. Outros fizeram o mesmo. Talvez seja por isso. Nossos ouvidos estavam tentando ouvir o que nossos olhos mantinham escondido."

Ele entendeu. Eu senti uma luminosidade encher minha alma, e uma vontade súbita de abraçá-lo.

"Está no ar", Samuel ponderou suavemente. Seus olhos estavam sem foco, e seu rosto vincado em reflexão. "Como o ni ch'i."

"O quê"? Eu não entendi.

"É como ni Ch'i. Ni Ch'i é o nome Navajo para o ar ou o vento... mas é mais do que isso. Ele é sagrado e tem poder. Minha avó diz que ni Ch'i significa o Espírito Santo do vento. Tudo no mundo dos vivos comunica-se através de ni Ch'i. Devido a isso, o Espírito Santo de vento - ni Ch'i - senta-se nas orelhas do Dineh – pessoas – e sussurra instruções, lhes dizendo o certo e o errado. Pessoas que constantemente ignoram o ni Ch'i são abandonadas - o ni'ch' não permanecerá com eles.". Os olhos de Samuel tornaram-se focados novamente, encontrando os meus mais para baixo... "Minha avó acredita que o ni Ch'i é a primeira respiração de um bebê recém-nascido. Em seguida, a criança tem a companhia do ni Ch'i em todos os momentos. Ni Ch'i orienta-o conforme cresce.

"Parece com o Espírito Santo. Eu aprendi sobre o Espírito Santo na igreja. Ele ajuda você a fazer o que é certo, guarda você, avisa-o, leva-o, mas só se você é digno de sua companhia. Ele só fala a verdade. Meu professor da escola dominical diz que é como Deus fala conosco."

"Talvez o que Bethoven ouça seja o ni Ch'i cantando a música de Deus".

"Eu acho que você pode estar certo."

Eu rebobinei a fita cassete e estendi os fones de ouvido para caber em uma cabeça do tamanho de Golias. Então, eu me agachei perto de Samuel e coloquei toda a coisa em nossas cabeças, um fone no meu ouvido esquerdo, outro fone no seu ouvido direito. E então ouvimos a música de Deus, com nossas cabeças pressionadas juntas pelo resto da viagem de ônibus.



Samuel nunca reclamou sobre meu gosto musical - na verdade ele pareceu gostar imensamente. Ele manipulou meus fones de ouvido, assim nós poderíamos transformar as almofadas difusas para fora, para que não fosse

preciso manter nossas cabeças pressionadas juntas enquanto ouvíamos. Não me importava nem um pouco... mas eu não ia admitir isso. Ele pareceu preocupado que alguém poderia mal interpretar a proximidade íntima de nossas cabeças. Cada um de nós pressionou um lado do fone ao nosso ouvido. Após cerca de uma semana de ininterrupta de Beethoven, eu trouxe a minha fita de Rachmaninoff. Nós estávamos ouvindo atentamente a “Prelúdio em Dó Sustenido Menor”, e os olhos pretos de Samuel estavam grandes e brilhantes. Ele se virou para mim quando o movimento veio para um final impressionante.

Sua voz estava admirada. "Essa música me faz sentir tão poderoso, como se eu pudesse fazer qualquer coisa... como se nada pudesse me deter, desde que eu mantivesse a música martelando na minha cabeça. E há apenas uma pequena parte, onde a música torna-se triunfante, como se a intensidade fosse subindo e subindo e empurrando e atingindo, e então aqueles jogo de três acordes que dizem 'Eu fiz isso!!!' – quase como Rocky levantando as mãos no topo de todas aquelas escadas. Você sabe o que quero dizer?" Sua voz era suave e sincera, e ele me olhou, sorrindo um pouco timidamente em sua revisão motivada. "É tão poderoso... Eu quase acredito que se continuasse ouvindo eu me tornaria 'Super Sam!' "

Eu ri, encantada com o seu humor raro. Samuel não brincava muito, e ele definitivamente não era muito verbal.

"Eu sei exatamente o que você quer dizer. Lembra quando eu fraturei meu tornozelo?" Eu confessei timidamente. "Eu me empolguei um pouco com a música na minha cabeça, e por um minuto eu estava convencida de que poderia voar."

Samuel olhou para mim com um meio sorriso no rosto, balançando a sua cabeça.

"Talvez eu tenha que fazer capas correspondentes para nós, e essa pode ser a nossa música tema." Eu fiz uma pose. "Super Sam e Josie biônica aqui para salvar o dia!" Eu cantei para fora.

Samuel realmente riu alto. O som era ainda melhor que a música, e eu sorri para ele, mais feliz do que jamais poderia me lembrar de estar.

Samuel sentou-se em silêncio por um momento, não colocando o fone de ouvido de volta nas suas orelhas. Pressionei o botão stop no meu aparelho.

"Você acha que poderia fazer-me uma cópia da fita?" Samuel disse rigidamente. Eu me perguntei por que era tão difícil para ele pedir um coisa simples, se eu era obviamente amiga dele.

"Tenho certeza. Definitivamente," Eu disse brilhantemente.

Samuel olhou para mim, seus olhos perturbados, a alegria da música tornando-se uma nova preocupação. "Eu disse que queria ir para a Marinha, certo?"

Eu balancei a cabeça, esperando que ele continuasse.

"Estou morrendo de medo." Ele segurou meu olhar ferozmente, me desafiando a falar. Eu fiquei em silêncio.

"Um fuzileiro tem que aprender a nadar... e eu estive em uma piscina exatamente duas vezes na minha vida. Eu cresci em uma reserva indígena, Josie - pastorear ovelhas durante todo o verão há muito tempo, não nadar. Eu posso nadar cachorrinho..." Sua voz sumiu.

"Por que quer ser um fuzileiro, Samuel?" Fiquei curiosa quanto ao porque, se ele não sabia nadar, ele queria tentar em primeiro lugar.

Samuel estava quieto por um minuto. Quando ele respondeu, eu não tinha certeza que ele tinha entendido minha pergunta.

"Minha Shima, minha avó Navajo, disse que quando eu nasci ela pendurou meu cordão umbilical em seu armário de armas, porque ela sabia que eu ia ser um guerreiro. É uma tradição Navajo," ele sorriu brevemente quando meu olhos se arregalaram.

"É uma tradição pendurar o cordão umbilical no armário de armas?" Eu deixei escapar, incrédula.

"É uma tradição guardar o cordão umbilical e colocá-lo em um lugar especial, e que será importante para o recém-nascido quando ele crescer. Pode ser enterrado no curral se acredita-se que a criança vai tem uma afinidade com os cavalos. Pode ser enterrado no milharal, se a criança fará a vida na terra, ou sob o tear, se achar que a criança tem o dom da tecelagem. Minha avó dizia que sabia que eu teria que lutar para encontrar o meu caminho em dois mundos, e que eu precisaria do espírito de um guerreiro para isso. Originalmente ela enterrou em sua cabana, para que eu sempre soubesse onde era minha casa. Mas ela diz que me senti mal, e que ela rezou muitos dias para decidir onde colocar o meu cordão umbilical. Ela disse que nem sempre a cabana seria minha casa, e então ela desenterrou o cordão e o colocou sobre o armário de armas."

Encontrei o seu olhar, intrigada. Ele continuou: "ela acreditava que eu iria seguir os passos do meu avô".

"O que fazia o seu avô?"

"Meu avô Navajo era um fuzileiro".

"Entendo... então você pensou em ser um fuzileiro naval porque sua avó acreditava que era seu destino?"

"Eu acredito que seja por isso, também. Eu sonhei ver outros lugares... sobre pertencer, ser parte de algo que não tinha nada a ver com ser um Navajo ou um branco ou qualquer outra cultura. Se você passar por 12 semanas de formação, você é um fuzileiro naval - um dos "únicos e orgulhosos." A boca de Samuel torceu sem graça conforme ele citou o slogan. "Não tenho irmãos - minha mãe se casou de novo com um homem que já tinha cinco filhos, então tenho três meio-irmãs e dois meio-irmãos, todos mais velhos que eu. Não os conheço muito bem, e não gosto especialmente deles. Eles me chamam de 'o garoto branco' quando minha mãe não está por perto. Eu quero sair, Josie. Não

quero volta para a reserva. Estou orgulhoso da minha herança, mas não quero voltar... Eu não quero pastorear ovelhas por toda minha vida."

"Então... essa coisa de natação. É o único problema?" Eu disse timidamente.

Ele me olhou rispidamente. "Eu diria que é um problema muito grave."

"A escola tem uma piscina, Samuel. Você não pode aprender? Lá não tem alguém que te ensinaria?"

"Quem?" Samuel olhou-me com raiva, "Quem Josie? Quando? Você é mesmo uma criança! Este ônibus leva 40 minutos todas as manhãs, e mais 40 minutos todas as tardes. Eu não tenho como entrar na escola mais cedo ou ficar até mais tarde. Eu não tenho carteira de motorista, então, mesmo se Don emprestar o caminhão, eu sou inútil."

"Eu não sou uma criança, Samuel!" Ele tinha me ligado tão de repente que a sua raiva me deixou com raiva também. "Talvez você deva pedir uma pequena ajuda. Não seja tão teimoso! Tenho certeza que alguém na escola estaria disposto a ensiná-lo, especialmente se soubessem porque você precisa aprender."

"Ninguém quer me ajudar, e eu prefiro me afogar do que perguntar a qualquer um." A cara de Samuel estava desagradável, e seus punhos estavam fechados. "Me desculpe por te chamar de criança. Só... esqueça ok?"

Nós nos sentamos em silêncio o resto do caminho para a escola. Eu me perguntei por que a música tinha lhe feito pensar sobre ser um fuzileiro naval – talvez porque Rachmaninoff o fez sentir-se poderoso quando na verdade ele se sentia impotente.

6. Improvisado

Educação Física era obrigatória no ensino médio. Eu vivi com medo de me despir no vestiário o verão inteiro antes da sétima série. Eu tive visões horríveis de ter de ir para o chuveiro naquela sala aberta, todas as minhas colegas magras e pré-púberes olhando minhas partes íntimas. Tive pesadelos sobre caminhar através do vestiário quase nua e procurando uma toalha enquanto todos estavam totalmente vestidos, olhando-me. A música de Wagner gritava através do sonho.

Felizmente tomar banho não era obrigatório, e eu trouxe uma enorme toalha de casa, guardei no meu armário e me escondi atrás dela enquanto troquei minha roupa de ginástica todos os dias. Eu tinha pernas longas e gostava de correr, mas isso era o quão longe iam minhas proezas atléticas. Esportes em grupo estavam além de mim. Eu estava mais do que levemente amedrontada.

Durante nossa aula de basquete eu tentei fazer uma cesta, jogando a bola tão duro quanto poderia em direção ao aro, só para tê-la batendo no aro e batendo-me na cara em retorno, o que ocasionou um nariz sangrando e olhos negros. Eu odiava queimada ainda mais, e pular corda era uma piada. Geralmente acabei oferecendo-me para bater a corda para todos os outros, ou para lançar bolas na queimada, para evitar ter que participar. Fui designada constantemente - 'atribuida' - a trabalhar com as duas meninas com problemas mentais que participavam da aula de ginástica, não porque eu poderia ajudá-las nos esportes, mas porque eu era boa. Eu tenho que dizer, porém, que as duas

poderiam me vencer com as mãos para baixo em queimada e basquete. Elas eram melhores em pular corda, também.

Naquele dia em educação física estávamos fazendo exercícios de relaxamento - uma palavra chique para alongamento, e bastante seguro para aqueles menos coordenados como eu.

Sra. Swenson, minha professora de educação física, tinha um estudante que a auxiliava nos alongamentos. Sua ajudante era uma líder de torcida do colegial chamada Marla Pintor, que era muito bonita e muito... elástica. Seus chutes eram tão alto que ela poderia bater-se no lado da cabeça com seu joelho. Ela estava nos mostrando todas as três divisões quando eu me desdobrei e esgueirei para onde a Sra. Swenson estava sentada classificando os documentos. Suponho que eles eram da classe de saúde que ela ensinava. Eu nunca tinha visto um única folha de papel na educação física.

"Sra. Swenson?" Eu perguntei timidamente. Sra. Swenson não ligava para mim. Ela não tinha muita paciência para o clube de desajeitados, do qual eu era presidente.

Sra. Swenson terminou de verificar o papel que estava na sua mão antes de levantar os olhos exasperados da página.

"Sim?" Ela respondeu com impaciência.

"Eu tenho um amigo que precisa aprender a nadar... hmm, como exatamente ele poderia fazer isso aqui na escola, de preferência durante o horário escolar?" Eu terminei com pressa, esperando que ela não fosse me bater rapidamente.

"Ele está em que série?" Ela perguntou, seus olhos na sua página, espreitando.

"Ele é finalista. Ele é meu vizinho em Levan, e o transporte é parte do problema. Ele quer se juntar aos fuzileiros quando se formar, mas precisa

aprender a nadar antes disso." Novamente eu corri através de minha explicação, com esperança, mas não tanta esperança.

"Por que você está pedindo por ele?" Ela disse suspeitosamente.

"Ele é novo na escola, e um pouco tímido, então eu disse a avó dele que eu iria descobrir," Eu menti, sentindo meu rosto queimar.

"Hmmmm. Vá com a Marla de volta até o ensino médio quando ela acabar. Eu vou te dar um bilhete... você almoça ali perto?"

Todos os alunos da sétima série almoçavam primeiro, e eu balancei a cabeça ansiosamente.

"Pergunte ao treinador Judd ou treinador Jasperson. Talvez eles possam ter uma solução para ele. Eu tenho um irmão que é marinheiro, e tem que saber nadar." Ela terminou em um tom quase agradável.

“Obrigada, muito obrigada, Sra. Swenson." Eu esperei enquanto ela rabiscou um bilhete e o assinou como se fosse médica.

Marla levou-me para o ginásio da escola secundária e perguntou a um menino que dirigia-se para o vestiário para ver se o treinador Judd ou o treinador Jasperson estavam em seu escritório. Ela saiu logo depois disso, me deixando esperando fora do vestiário que o menino de recados voltasse. Esperei por muito tempo. Ambos os treinadores não estavam lá dentro, ou o rapaz tinha se distraído. Eu estava prestes a desistir em desespero quando a última pessoa que eu queria ver veio andando através do ginásio, para o vestiário de rapazes.

"Josie... o que está fazendo?" Samuel disse confuso ao ver-me à espreita fora de um lugar onde eu não deveria ter ficado.

"Sra. Swenson mandou-me para falar com o treinador Judd ou treinador Jasperson. Marla Painter veio comigo, mas ela foi embora, e eu não posso ir lá dentro!" Minha voz soou um pouco como um lamento, e eu me envergonhei com a súbita vontade de chorar. Eu não ia dizer a Samuel que estava aqui por ele.

"Só um minuto", ele ofereceu amavelmente. "Eu vou ver se há alguém lá dentro."

Naquele momento o treinador Jasperson, acompanhado do mensageiro de Marla, saiu do seu santuário. O treinador Jasperson estava comendo um enorme sanduíche de atum, com batata frita esmagada entre o pão.

Aparentemente ele não queria desistir de qualquer almoço para bater papo comigo. Eu suspirei de alívio, e então estremeci em pavor. Isso iria me envergonhar, e envergonhar a Samuel. Eu sabia que havia uma possibilidade de ele nunca me perdoar, mas fiz isso de qualquer maneira. Quando o mensageiro foi embora eu comecei a falar.

“Treinador Jasperson, este é Samuel, meu vizinho." Eu fiz um gesto para Samuel, não ousando olhar para ele. "Ele quer se juntar aos fuzileiros quando se formar. O problema é que ele não sabe nadar. Ele precisa estar em uma aula de natação ou algo assim aqui na escola, trabalhar com alguém que possa ensiná-lo." Eu estava falando tão rápido que o treinador Jasperson parou de mastigar a fim de me ouvir. "Ele não pode vir mais cedo para a escola, e ele não pode ficar até tarde, por razões de transporte, então seria muito bom se você pudesse ter certeza que ele receba a ajuda que precisa durante o horário escolar." Eu parecia um desses bonecos de corda, conversando alegremente.

Roubei uma olhada de Samuel. Seu rosto parecia uma máscara fria e dura. Eu sabia que ele nunca mais falaria comigo novamente. Meu coração quebrou um pouco.

"Tenho certeza que Samuel ficaria feliz em falar com um conselheiro para reorganizar sua agenda para fazer o trabalho." Eu fiz o que poderia fazer, e minha voz arrastou nervosamente.

"Os fuzileiros navais, hein?" Treinador Jasperson estava mastigando novamente. "Eu tenho certeza que podemos pensar em algo... você é Samuel, certo? Você fala inglês?"

Eu me encolhi. Eu podia ver por que o treinador Jasperson pensou que ele não poderia. Afinal, eu tinha falado por ele.

"Sim, eu falo inglês." A resposta de Samuel foi afiada, e eu ouvi a indignação em sua voz. Ele estava furioso comigo. Ainda assim, eu esperava que o treinador Jasperson não ouvisse isso, ou compreendesse.

"Bom, bom!" O treinador Jasperson estava ocupado demais apreciando seu sanduíche, e ele perdeu os tiros nos olhos de ônix de Samuel.

"Bem, você e eu iremos ver o Sr. Whiting, o orientador, e ele irá colocá-lo com um dos caras da equipe de natação. Eu acho que Justin McPherson poderia ajudá-lo durante 2 horas. Ele é o meu auxiliar, e nunca tenho muito para ele fazer. Se pudermos liberar a sua programação por duas horas, você deve estar pronto."

Abençoei o treinador Jasperson por ser muito útil e um pouco alheio ao mesmo tempo. Ele colocou um braço em volta dos ombros de Samuel e o puxou, falando com ele enquanto lambia a salada de atum dos seus dedos. Samuel virou-se e olhou para mim sobre o ombro musculoso do treinador Jasperson. Mordi o lábio para não rasgar quando ele olhou para mim. Ele virou a cabeça com desdém, e eu deixei o ginásio o mais rápido que pude.



Eu perdi o ônibus de propósito naquela noite, e esperei até quase cinco horas aquela tarde para pegar uma carona com Johnny após sua prática de luta. Eu estava cansada e com fome, e mais do que um pouco perturbada.

Eu tinha acabado toda minha lição de casa, incluindo um relatório de livro que só deveria ser entregue em duas semanas. Tentei ler, mas encontrei-me muito nervosa para manter o foco. Eu ansiava por meus livros de música – pelo menos eu poderia ter entrado na sala da banda e praticado piano. Eu tinha

ligado para Sonja do escritório para dizer que não estaria na minha aula naquela tarde. Quando finalmente era hora de ir embora eu tive que ficar amontoada entre Johnny e outro lutador suado, de Néfi até nossa casa. Eu deveria ter ido de ônibus, mas ainda não podia enfrentar Samuel.

No dia seguinte, fingi estar doente. Meu pai não me questionou muito. Na verdade, ele não me questionou em tudo. Nunca fingi estar doente, então quando eu disse que não me sentia bem e não ia, ele apenas encolheu os ombro, sentiu minha cabeça e me perguntou se eu precisava dele para ficar em casa comigo.

"Ugh! Por favor, não!" Eu pensei desesperadamente. Então eu teria que fingir estar doente todo dia. Disse-lhe que iria dormir, e que ficaria bem sozinha. Ele não precisou de muita justificativa. Passei o dia tocando piano, até minhas costas e pescoço doerem e meus dedos continuarem tocando mesmo depois que eu parei.

Às 15:30, a campainha tocou. Eu tinha voltado para o piano e estava tocando “Fur Elise”, com meus pés descalços e vestindo meu jeans velho favorito e a camiseta da Universidade de Idaho que Jared me deu de Natal. Corri meus dedos pelo meu cabelo e caminhei até a porta, à espera de Tara.

Samuel estava na varanda, com as mãos em seus bolsos e cabeça descoberta, seu cabelo preto sedoso soprando no vento frio de Janeiro. Ele não tinha a mochila dele, então presumi que ele tinha ido primeiro para casa. Eu quis saber que desculpa ele tinha usado para vir me ver. Meu coração estava batendo tão forte que eu tinha certeza que ele poderia ouvi-lo.

"Posso falar com você um minuto?" Sua voz estava sem raiva, mas havia um aperto na sua boca que eu odiava.

Mudei de lado e abri mais a porta, indicando que ele deveria entrar. Ele parecia hesitante em entrar, mas deve ter percebido que não poderia ficar na varanda no frio por muito tempo sem seu avô ou alguém passar, e então ele teria que se explicar, o que seria estranho. Pessoas em cidades pequenas, viam

as coisas e falavam... se alguém visse Samuel parado na minha varanda comigo, começariam a falar, e isso não seria bom.

Samuel pisou dentro, e eu fechei a porta atrás dele. Ele não sentou - ficou rigidamente a poucos passos da porta. Tornei a me sentar no banco do piano. Enrolei uma perna embaixo de mim e olhei para baixo, para as teclas pretas e brancas, à espera.

"Você está doente?" Samuel perguntou sem rodeios.

"Não". Minha voz era um sussurro.

"Por que não foi à escola hoje? E onde você estava ontem depois da escola?" Sua voz era plana.

Eu tentei falar em torno do caroço gigante na minha garganta, e tive que engolir algumas vezes para obter as palavras saindo. "Eu tinha medo de vê-lo." Ele parecia surpreso que eu poderia admitir isso.

"O que você achou que eu faria?" Ele perguntou bruscamente.

"Não é o que você faria," respondi miseravelmente, o nódulo em minha garganta crescendo, me sufocando. "É como você agiria. Não posso suportar você estar tão zangado comigo. Você me olhou ontem como se desejasse que eu estivesse morta, e eu não poderia enfrentar saber que você me odeia!" Eu dobrei meus braços em volta de mim, forçando a dor no meu coração a diminuir.

"Eu estava bravo...mas nunca poderia odiar você." Sua voz era suave, e eu senti o aperto no meu peito aliviar o suficiente para tornar a respiração mais fácil.

"Quem me dera você não tivesse feito isso, mas uma parte de mim estava contente que você fez, e acho que isso me deixa ainda mais chateado; eu odeio essa parte de mim que é grata pelo que você fez. É preciso ser fraco para precisar ou querer alguém que fale por mim." Ele fez uma pausa por um minuto, e eu mudei de posição no banco do piano para que pudesse enfrentá-lo. Ele olhou para baixo para mim, sua mandíbula travada, seus olhos úmidos. "Você

não pode fazer isso de novo, Josie. Eu não te quero para tomar conta de mim. Eu sei que você fez isso porque se importa... mas não tire meu orgulho de mim."

"Orgulho é mais importante do que a amizade?" Eu disse, infeliz.

"Sim!" A voz de Samuel era severa e enfática.

"Isso é tão ridículo!" Eu joguei meus braços abertos em frustração.

"Josie! Você é só uma garotinha! Você não sabe quão indefeso, fraco e estúpido me fez sentir estar lá quando você arrumou minha vida como se fosse algum tipo de caridade!" Samuel passou suas mãos pelo cabelo e rosnou, voltando-se para a porta.

"Eu não sou uma garotinha! Não fui uma garotinha em anos... desde sempre! Eu não penso como uma garotinha, não ajo como uma garotinha. Eu não PAREÇO uma garotinha, não é? Não ouse dizer que sou uma garotinha!" Bati para baixo as teclas do piano - tocando um riff violento, uma reminiscência de Wagner. Agora eu sabia o que Sonja queria dizer com deixar a besta sair! Eu queria jogar algo, ou esmagar alguma coisa e gritar com Samuel. Ele era impossível! Um burro teimoso, cabeça de mula! Eu toquei duro durante vários minutos, e Samuel ficou na porta, estupefato.

De repente Samuel sentou-se ao meu lado no banco do piano e colocou as mãos por cima das minhas, trazendo o ruído a um impasse.

"Me desculpe, Josie," Samuel disse suavemente. Eu estava chorando, lágrimas escorrendo sobre as teclas, tornando-as escorregadias. Eu era uma terrível besta, não feroz de todo, só uma besta que chorava como um bebê. Samuel parecia perdido. Ele sentou-se muito perto, suas mãos cobrindo as minhas. Lentamente as mãos dele subiram para o meu rosto, e ele gentilmente limpou as lágrimas das minhas bochechas.

"Você vai tocar outra coisa?" Ele pediu suavemente, sua voz cheia de remorsos. "Você vai tocar alguma coisa para mim.... por favor?"

Eu limpei minhas lágrimas das teclas de piano com o fundo do meu moletom. Ele esperou pacientemente ao meu lado, me deixando recuperar minha compostura. Eu ainda estava magoada e frustrada, e eu não o entendia em tudo. Mas eu nunca tinha sido capaz de segurar a raiva por muito tempo... e o perdoei imediatamente, lhe dando um suspiro empapado.

"Você sabe, eu amo 'Hino à alegria', mas não quero tocar isso agora..." Minha voz estava um pouco grave de chorar, e eu olhei para ele. "Já ouviu falar de Concerto para Piano número 23 de Mozart em lá maior?"

"Eu realmente não sei se já ouvi." Ele sorriu com tristeza quando olhou para mim, balançando a cabeça e limpando uma lágrima perdida do meu rosto.

"É minha música favorita... hoje." Eu sorri um pouco. "Eu tenho favoritos diferentes em dias diferentes. Mas hoje é um dia de Mozart."

As mãos dele caíram para o colo quando eu comecei a tocar. Eu toquei a melodia cadenciada, trilhando através das notas, meus dedos voando com o rolamento de acordes, persuadindo até a última gota de doçura dolorida do Concerto para melancolia. Como eu amei essa música! Como ela me curou, me encheu e me acalmou.

As últimas frases musicais eram tão macias, tão fracas, que Samuel inclinou-se para ouvir as últimas notas altas quando meus dedos cresceram sobre as teclas. Então olhei para ele. Ele estava olhando para baixo, para as minhas mãos descansando sobre as teclas agora em silêncio.

"Toque mais", Samuel pediu suavemente. "Toque o que tocou no Natal... um segundo."

Eu concordei imediatamente, meu coração inchado com sua resposta, sua apreciação sincera.

"Tem um nome?" Ele disse com reverência quando eu terminei.

"Ave Maria". Eu sorri. "É bonita, não é? Foi escrito por Franz Schubert. Ele estava com apenas 31 anos de idade quando morreu. Ele morreu

completamente quebrado, sem saber que sua música poderia ser estimada por pessoas para sempre."

"E você sabe disso porque...?" Samuel levantou seus olhos para os meus em questão.

"A minha professora de piano, Sra. Grimaldi, diz tudo sobre os compositores quando eu toco sua música. Ela diz que pra ser um grande compositor, eu tenho que amar os grandes compositores, e se eu não os conheço, como poderei amá-los?"

"Quem você ama mais?"

Eu ri um pouco. "É como se fosse minha música favorita. Muda todo o tempo, dependendo do tipo de humor. Sra. Grimaldi diz que sou uma musicista muito explosiva."

"Acho que vou ter que ir procurar essa palavra".

"O dicionário diz que significa ativo, enérgico e cheio de vigor." Eu ri. "Tive de procurá-la assim que ela disse isso, mas acho que a Sra. Grimaldi quis dizer que eu estava sempre mudando, imprevisível."

"Quem é seu compositor favorito hoje?"

"Ultimamente estou encantada com Frederick Chopin."

"Encantado significa apaixonado?"

Eu ri novamente. "Gosto mais de cativado."

"Por que você está cativada por ele?"

"Ele era bonito", respondi prontamente, e me senti como uma idiota quando Samuel levantou suas sobrancelhas e sorriu. "Mas na maior parte é porque ele escreveu principalmente para piano... mais do que qualquer outro compositor na história. Então, eu sou uma pianista... Eu gosto disso. Ele também era muito jovem quando morreu, apenas 39 anos de idade. Ele morreu de tuberculose. Ele também teve um tórrido caso de amor com uma escritora

famosa. Ele estava cheio de culpa porque nunca se casou com ela, e tinha a certeza de que ia para o inferno por causa disso. Ele terminou seu relacionamento antes de morrer, tentando se arrepender do seu comportamento pecaminoso, mas isso é tão romântico. Ele era uma figura trágica".

"Então toque algo de Chopin", Samuel exigiu.

Toquei a primeira parte do “Noturno de Chopin em C Menor” memorizado, e adorei o ritmo dramático do baixo - alto, baixo - alto padrão no começo. Era uma peço com humor, e que atraía a minha natureza romântica quando de repente tornava-se doce e melódica, cheia de nostalgia e ternura. Eu não tinha memorizado a incrível dificuldade do movimento final, que amarrava tudo junto em um acabamento impressionante e triunfante, então improvisei um pouco para acabar antes de chegar lá.

"Posso ver por que você está apaixonada," Samuel provocou. Ele estava relaxado, e sua boca estava curvada em prazer. "Agora toque algo que você escreveu."

Congelei em desconforto. "Eu não sou uma compositora, Samuel," Eu disse rigidamente.

"Quer dizer que você não fez quaisquer músicas? Mozart foi... quantos anos você disse que ele tinha? Quatro ou cinco... quando ele começou a compor... como ele chamou?"

"Minuetos," forneci.

"Você nem sequer tentou compor um pouco?" Ele estimulou.

"Um pouco", eu admiti, envergonhada.

"Então...me deixe ouvir alguma coisa."

Permaneci imóvel, minhas mãos em meu colo.

"Josie... tudo o que sei sobre música eu aprendi com você. Você poderia tocar alguma coisa de Beethoven e dizer que era seu que eu não saberia a

diferença. Eu vou pensar que tudo que você toca é maravilhoso. Você sabe disso, certo?" Ele incitou-me suavemente.

Eu estava trabalhando em algo. Alguns meses atrás uma melodia tinha estremecido meu subconsciente, e eu não tinha sido capaz de escrevê-la. Eu tinha me escondido, me aborrecido, até que finalmente tinha cantarolado para Sonja, dedilhando no piano, criando acordes de notas simples e embelezando a linha melódica. Ela tinha ouvido silenciosamente, e depois pediu-me para tocá-lo novamente. A cada vez que eu toquei, eu adicionei mais camadas e construi mais detalhes, até que ela me impediu, tocando meus ombros suavemente. Quando eu olhei para ela do piano, havia pavor em seu rosto, quase um fulgor espiritual.

"Isto é seu Josie?" ela disse.

"O que você quer dizer?" Eu perguntei, confusa.

"Nunca ouvi essa música. Isso não é algo que já ouvi... isso é algo que você criou." Ela tinha se transportado com alegria.

Eu pensei na música agora, com Samuel sentado agora ao meu lado e esperando pacientemente, esperando que eu admitisse. A música tinha vindo para mim depois de nós termos discutido sobre Heathcliff e o significado do verdadeiro amor. Quando eu pensei sobre a música, pensei em Samuel.

Levei minhas mãos para as teclas e expirei lentamente, deixando a música escoar em meus dedos. Eu toquei atentamente... e havia um anseio na melodia, que eu reconheci como minha própria solidão. A música nunca se tornou poderosa, mas comoveu-me em sua simplicidade e em sua clareza. Toquei as teclas suavemente, persuadindo a canção da minha tímida alma. Era uma humilde oferenda, ainda não digna de Mozart - mesmo em uma idade jovem, mas que ecoava com a paixão de um coração sincero.

Quando a última nota tocou e Samuel ainda não tinha falado, eu olhei apreensivamente para ele.

"Como se chama?" Ele sussurrou, trazendo seus olhos de ébano para segurar os meus.

"Canção de Samuel," eu sussurrei, olhando para ele, de repente corajosa e sem remorso.

Ele virou o rosto para mim abruptamente, mas parecia incapaz de falar. Ele levantou e caminhou até a porta. Ele fez uma pausa com a mão na maçaneta, e inclinou a cabeça antes de falar .

"Eu preciso ir agora." Samuel olhou para mim então, e havia uma batalha sendo travada em seus olhos, tumulto no seu rosto. "Sua música... é a coisa mais legal de alguém já fez por mim." Sua voz estava cheia de emoção. E com isso ele abriu a porta e começou a andar na quietude gelada, fechando a porta suavemente atrás dele quando saiu.

7. Divergência

Na última semana de fevereiro Samuel não veio à escola. Na segunda-feira, pensei que talvez ele estivesse doente ou algo assim, mas depois de alguns dias eu estava preocupada com ele. Na quinta-feira eu não agüentava mais, então bolei um plano para vê-lo. Nettie Yates tinha me dado uma receita de pão de abobrinha com gotas de chocolate quando nós foram enlatar no verão anterior. Ela tinha picado a abobrinha e congelado em sacos, e gravou a receita nos sacos para que eu pudesse "descongelar alguns sempre que eu quisesse!" Eu ainda tinha que fazê-lo. Abobrinha e lascas de chocolate pareciam ser uma estranha combinação.

Fiquei grata agora por uma desculpa para ir vê-la, e esperava descobrir o que estava acontecendo com Samuel. Eu retirei algumas abobrinhas desfiadas do congelador, formando um par de pães de abobrinhas com gostas de chocolate, e me dirigi para a noite gelada de fevereiro com um naco de pão quente envolto em um pano de prato colocado contra mim e mantendo meus dedos quentes.

Nettie Yates abriu a porta depois de algumas batidas, e parecia feliz em me ver.

"Josie", ela exclamou alegremente. "Como é bom te ver! Pode entrar, pode entrar! Oh, lá fora está muito frio! Você caminhou?"

"Não é longe, Sra. Yates," Eu disse, tentando falar entre meus dentes batendo. "Eu fiz sua receita de pão de abobrinha, e pensei que talvez você gostaria de experimentá-lo, talvez me dar umas dicas." Eu menti sem problemas.

"Que dia perfeito para pão quente de abobrinha! Eu adoraria! Venha até a cozinha. Você pode colocar seu casaco e botas cheias de lama na porta dos fundos".

Entreguei-lhe o pão, preso como um bebê em um cobertor, e tirei meu casaco e botas. Não vi nenhum sinal de Samuel. Eu caminhei através da cozinha com meus pés em minhas meias, tentando não me tornar óbvia. O casaco de Samuel não estava pendurado em qualquer um dos os ganchos na sala. Virei-me para correr de volta para a cozinha aquecida, quando ouvi alguém chegando com o som dos passos. A porta bateu aberta e Don Yates entrou tropeçando, nariz e bochechas vermelhas e chapéu de cowboy arrancado. Eu corri fora da sala para a cozinha, não querendo ficar de pé olhando no caso de Samuel estar logo atrás dele.

"Woo pequenino! Está mais frio do que o beijo de uma bruxa por aí!" Don Yates bateu a porta fechada atrás dele. Ouvi-o retirar as botas e o casaco. Samuel não estava com ele.

"Josie Jensen está aqui Don!" Nettie gritou da cozinha. "Ela nos trouxe pão com abobrinha. Venha, que eu vou pegar para você um café quente para servir com ele."

Don veio cambaleando, ainda em suas roupas térmicas e camisas de flanela, esfregando as mãos juntas.

"Olá, Srta. Josie". Don foi para a pia e lavou as mãos, me olhando enquanto Nettie cortava o pão de abobrinha e espalhava uma grossa camada de manteiga por cima. Sentei-me, não tendo certeza de como conseguiria a informação que eu precisava. Samuel obviamente não estava aqui... a menos que ele estivesse doente no quarto dele.

"Josie, o pão está maravilhoso!" Nettie exclamou. Eu dei uma mordida na fatia que Nettie cortou para mim, mastigando lentamente, tentando comprar algum tempo. Estava muito bom. Quem diria que abobrinha funcionaria com gotas de chocolate? Você não poderia realmente sentir o gosto da abobrinha –

ela somente tornava o pão úmido. O pão tinha gosto de bolo picante, e as gotas de chocolate ficaram incrustadas em torno das bordas. Senti uma onda de orgulho por ter feito o pão tão bem.

"Vai fazer dez graus abaixo de zero hoje à noite," Don murmurou para si mesmo. Tenho os cavalos dentro, mas vai ser ruim para todos mesmo assim. Eu odeio fevereiro... o mês mais miserável do ano," Don resmungou sob sua respiração.

"Então... Sra. Yates... notei que Samuel não estava no ônibus... ele está doente?" Eu me esquivei.

"Oh, céus não!" Sra. Yates declarou, cobrindo a boca quando tentou responder entre as garfadas. "Samuel voltou para a Reserva."

O tempo parou, e eu encarei Nettie Yates com horror.

"Para sempre?" Minha voz subiu com um rangido, e olhei para baixo, para a minha meio devorada fatia de pão, minha mente girando. "Ele não vai voltar?" Eu disse em um tom mais controlado, embora meu coração estivesse apertando dolorosamente em meu peito.

"Bem, não sabemos exatamente," Nettie disse cuidadosamente, compartilhando um olhar significativo com Don.

"O que isso significa?" Meu medo estava me tornando impertinente.

"Bem," Nettie começava cada frase com 'bem', especialmente quando ela estava tentando ser discreta.

"A mãe de Samuel o quer de volta em casa." Don aumentou com sua voz grave enquanto passava a palma da mão sobre os lábios, procurando migalhas em seu bigode.

"Mas..." Eu tentei seguir cautelosamente, não querendo entregar meus sentimentos. "Não será difícil para Samuel terminar a escola, se ele sair agora?”

"A mãe dele disse que ele não precisa terminar, se vai cuidar do rebanho de ovelhas. Ela diz que eles precisam dele lá.” Eu poderia dizer que Don não estava feliz com a situação. "Samuel tem dezoito anos de idade. Legalmente ele é um adulto, e ninguém pode fazê-lo terminar."

"Mas eu pensei que ela queria que ele viesse aqui!" Eu estava com raiva e confusa, e meu rosto provavelmente mostrou tudo isso.

"Ela quis!" Devo ter batido em um nervo, porque a voz do Don aumentou enfaticamente. "Ela falou com ele no telefone na semana passada. Mas ela disse que ele parecia bom, e decidiu que ele ‘estava curado'." Don levantou os dedos no ar, fazendo aspas quando repetiu as palavras da mãe de Samuel.

"Mas... e os fuzileiros navais?" Eu estava tentando manter a compostura. Não podia demonstrar o quanto esta conversa estava me aborrecendo. "Ele trabalhou tão duro! Ele ainda está aprendendo a nadar!"

Nettie pousa a xícara de chocolate e me olhou com surpresa. "Como você sabe sobre os fuzileiros navais?"

"Eu e Samuel sentamos no mesmo banco no ônibus, Sra. Yates," confessei. "Falei com ele um pouco. Ele tem tentado tão duro conseguir boas notas também! Não acredito que ele vai desistir da escola."

"Samuel está sendo puxado em duas direções, Josie." Don sacudiu sua cabeça e esfregou a mão sobre a nuca. "Eu não sei como ele se sente sobre isso, nem se quer conversar sobre o assunto."

Eu precisava sair de lá. Eu ia começar a chorar, e não havia nenhuma maneira que eu fosse fazer isso na frente de Don e Nettie. Eu mordi minha bochecha tão duro que a dor aguda adiou minha nascente emoção.

"Bem, é melhor eu ir para casa. O pai vai querer alguma coisa quente para comer em uma noite como esta." Dirigi-me para o quarto de vestir e peguei minhas coisas, não me deixando respirar profundamente, não liberando minha bochecha dos meus dentes de trás.

Eu puxei minhas botas e fechei meu casaco freneticamente, puxando a capota para baixo sobre meus cachos desarrumados. Don fez um movimento para se levantar, talvez para me levar em casa.

"Não se preocupe em me levar para casa, Sr. Yates. Eu posso ver nossa luz da varanda da frente a partir daqui. É apenas uma quadra. Eu vou ficar bem."

"Obrigada por ter vindo, Josie." Nettie parecia um pouco perplexa pelo meu comportamento errático. Tenho certeza que ela pensou que o meu interesse em Samuel era um pouco estranho também.

Eu peguei meu pano de prato da sua mão estendida e virei-me para ir embora. Mas parei, dividida entre a minha preocupação com Samuel e meu desejo de sair da cozinha antes de virar uma poça de lágrimas.

"Se você falar com Samuel em breve... dirá que eu vim e perguntei por ele? Por favor, lembre-o sobre seu cordão umbilical."

Nettie e Don olharam para mim como se eu tivesse perdido minhas bolinhas de gude. "Apenas diga a ele, tudo bem? Ele vai entender."

Eu fugi para casa e para a fria noite de fevereiro.



Mais uma semana passou. Março veio, e Samuel não voltou para a escola. Não voltei para atualizações de Don e Nettie. Isso só levantaria questões, e eu tinha levantado bastante já. Eu tinha começado a lhe fazer fitas de todas as músicas que tinha escutado.

Eu tinha-lhe feito uma 'coleção' de grandes clássicos de todos os compositores que eu amava. Eu tinha 10 fitas dos meus favoritos, tudo desde Beethoven a Gershwin. Eu tinha colocado meus favoritos absolutos em uma fita

e intitulado-a Top 10 de Josie. Eu tinha incluído “Prelúdio em Dó Sustenido Menor” de Rachmaninoff, que Samuel tinha amado. Não estava entre meu top 10 antes, mas sempre seria agora. Cada fita cassete tinha o títulos ordenadamente rotulado ao lado do compositor. Eu não sabia como iria lhe dar o presente agora.

Então um dia, duas semanas depois que ele saiu, eu subi no ônibus e ele estava ali, esperando por mim, como se nunca tivesse ido embora. Eu corri e sentei-me, agarrando a sua mão na minha com toda força que eu tinha.

"Você está aqui!" Estava sussurrando, tentando ser discreta, mas senti-me rindo em voz alta e dançando. Ele virou o rosto em minha direção, e eu vi que o lado esquerdo do rosto dele, do olho ao queixo, estava coberto com uma contusão verde e amarela manchada, provavelmente de alguns dias.

"O que aconteceu? Oh, Samuel, seu rosto!"

Samuel deixou-me segurar sua mão por um momento, apertando firmemente na sua também. Então ele livrou os dedos delicadamente e dobrou as mãos juntas, como se tivesse medo de pegar na minha mão outra vez.

"Estou aqui até eu me formar, que vai ser mais difícil do que teria sido há duas semanas. Eu tenho que ir aos meus professores e implorar para me ajudar. Perdi os exames e grandes atribuições em todas as aulas. Eu tenho que ler Otelo". Ele fez uma careta e olhou para mim. "Posso precisar de sua ajuda com isso." Eu balancei minha cabeça voluntariamente quando ele continuou. "Quando me formar, meus avós vão me levar para San Diego, para o campo de treinamento. Não acho que vou estar voltando para a reserva em qualquer momento em breve". Tristeza nublou sua boca, e seus lábios ligeiramente viraram para baixo.

Cheguei com minha mão direita e toquei suavemente sua maça do rosto machucada. "O que aconteceu?" Eu repeti baixinho, esperando que ele não me afastasse.

"Foram os cumprimentos do marido da minha mãe."

"Ele bateu em você?" Eu sussurrei, chocada.

"Sim. Eu bati nele, também. Não me olhe tão alarmada. Eu dei tanto quanto recebi. Na verdade, eu tive que segurar um pouco, porque ele estava tão bêbado realmente não foi uma luta justa." O rosto e a voz de Samuel eram suaves e sem problemas. Eu realmente não estava comprando essa historia.

"A sua mãe deixou ele bater em você?"

"Minha mãe não tem muito controle sobre nada neste momento. Ela bebe demais também, e está com medo dele. Mas ela tem mais medo que ele saia, e fica ainda mais assustada que eu vá ser a razão para ele fazer isso. É melhor para todos se eu for e não voltar."

"Mas... Pensei que sua mãe queria que você voltasse para casa. Isso é o que seus avós disseram."

"Minha mãe não quer que eu seja um fuzileiro e morra na "guerra do homem branco". Ela não entende por que eu quero ir. Ela diz que nunca devia ter casado com meu pai. Ela diz que vou deixá-la porque tenho vergonha de ser metade Navajo... e o engraçado é, ela quer que eu vá, mas ela não quer que eu vá."

Senti seu desamparo, e não sabia como confortá-lo. Eu não entendia a relação que ele tinha com sua mãe, ou a dificuldade em ser de raça mista, de culturas mistas, cheio de emoções mistas.

"O que te fez decidir voltar?" Não pensei que eu mesma teria coragem de deixar minha família.

"Eu passei algum tempo com a minha avó. Durante o inverno as ovelhas são encurraladas perto de casa, e minha avó trabalha quase sem parar no seu tear. Ela faz esses incríveis tapetes e cobertores. Ela diz que sua habilidade para tecer é um presente da mulher aranha." Ele olhou para mim, um sorriso fraco rondando os lábios firmes. "Mulher-aranha não tem nenhuma relação com

o Super Sam ou Josie Bionic". Ele levantou suas sobrancelhas para mim e então continuou, com voz grave novamente. "A mulher-aranha é considerada uma do povo santo – como os deuses do povo Navajo. Minha avó nunca foi à escola. Os pais dela estavam desconfiados das escolas dos brancos. Eles esconderam-na no milharal quando as pessoas do serviço social vieram para aplicar as leis de educação na reserva. Haviam internatos para as crianças que viviam lá. As crianças foram mandadas embora, e elas não estavam autorizadas a falar Navajo. Seus pais ficaram preocupados que a escola iria mudá-la. Disseram-lhe que as ovelhas iriam sustentá-la, dar-lhe tudo que ela precisava. O engraçado é que eles estavam certos. Minha avó é muito independente. Ela se importa com as ovelhas, e elas fornecem para ela. Ela sabe como fazer o cisalhamento, lavar, separar e girar a lã em fios. Do fio, ela faz as mantas e cobertores para vender. O nome Navajo para ovelhas significa "aquilo para que vivemos." Ela diz que é grata pelo dom da tecelagem da mulher-aranha, pelas suas ovelhas, pela sua casa, pela sua vida... mas eu desejava que ela tivesse sido capaz de ir para escola. Quando eu estava lá, ela me disse para estudar duro, para orgulhar-me da minha herança e não ter medo de mim mesmo. Ela disse que eu era Navajo, mas eu era filho do meu pai também. Um patrimônio não era mais importante que o outro."

Samuel ficou quieto, e eu me sentei ao seu lado em silêncio contemplativo.

"Eu vou te ajudar, Samuel."

"Sei que vai... e Josie?

"Hmm"?

"Lembra quando te disse que você era a coisa mais distante de um Navajo?"

Eu ri um pouco, lembrando o escárnio com o qual ele tinha feito a declaração. "Sim, eu me lembro."

"Percebi uma coisa quando eu estava com minha avó." Ele fez uma pausa, sorrindo levemente. "Você me lembra dela... engraçado não é?"

Refleti sobre isso por um minuto. Samuel continuou, aparentemente não esperando que eu respondesse.

"Ela cantou-me uma cura antes de ir embora. Geralmente os cânticos e as canções são cantadas por velhos, mas ela disse que as palavras são como uma oração, e oração é para todos." As palavras da canção são:

Há beleza atrás de mim quando eu ando

Há beleza diante de mim quando eu ando

Há beleza abaixo de mim, quando eu ando.

Há beleza acima de mim quando eu ando.

Na beleza eu devo sempre caminhar.

"Você anda sempre na beleza, Josie. Você está constantemente procurando por isso... Acho que você é secretamente uma Navajo, afinal." Samuel pegou minha mão neste momento.

"Posso ter um nome secreto?" Eu provoquei, mas estava sinceramente tocada pelo seu sentimento.

"Eu pensarei sobre isso." Os lábios de Samuel se contorceram, e alegria cruzou suas feições duras. "A propósito, Nettie e Don disseram que você veio me procurar. Disseram que você estava agindo de modo estranho e falando sobre o cordão umbilical." Os olhos de Samuel dançaram com o riso.

Eu ri e cobri minha boca com a mão livre.

"Samuel"? Ele olhou para mim em resposta. "Acho que tenho um novo apelido para a música."

Sua testa enrugou "O quê"?

"Ovelhas."

"Porquê?"

"Porque a música é 'pelo que eu vivo."

"Bee'iin' a at'e?"

"Wow. É assim que se fala? Isso é ainda melhor."

E ouvimos o Requiem de Mozart em um pacífico companheirismo.

8. Cadência Enganosa

Eu disse a Samuel que iria ajudá-lo a ler Otelo, mas isso revelou-se difícil para mim. Eu não achava estranha a linguagem de Shakespeare, mas os temas de inveja, racismo e traição eram alguns que eu não gostava. Encontrei-me cada vez mais ansiosa por Otelo, e frustrada com a facilidade em que ele se apaixonou pelas maquinações de Iago. Eu desesperadamente queria um final feliz, e eu não ia conseguir um.

Samuel parecia ter a história nos trilhos, apreciando o enredo e a complexa prosa shakespeariana. A peça não era excessivamente longa, e no final da semana já estávamos no ato V, cena 2. Samuel lia atentamente a cena, e eu estava ouvindo sua voz fluida no conto intrincado sem um único tropeço ou viagem. Eu teria gostado só de ouvir sua cadência melódica, se não fosse a desgraça iminente da pobre Desdêmona. Eu tentei segurar minha língua e ouvir pacientemente, mas encontrei-me interrompendo-o continuamente.

“Ela é inocente! Por que é tão fácil acreditar que ela trairia ele?" Fiquei verdadeiramente chocada.

Samuel me olhou calmamente e respondeu: "porque é sempre mais fácil acreditar no pior."

Olhei para ele em descrença. "Não é!" Eu balbuciei. "Não posso acreditar que você iria dizer isso! Você não daria o benefício da dúvida para alguém que diz amar?" A facilidade com que Otelo aceitou a traição dela era completamente estranha para mim. "E por que Otelo teria acreditado em Iago mais do que em Desdêmona? Não importa quão honesto ele acha que Iago é! Emilia ainda disse a Otelo ter pensado que Iago estava sendo manipulado e enganado!"

Samuel suspirou e tentou ler até o final da cena. Eu falei novamente. Não pude evitar. Meu senso de indignação foi na contramão.

"Mas ele disse: 'Eu não amei sabiamente, mas muito bem!" Eu estava desanimada. "Ele tinha-o totalmente para trás! Ele amava sabiamente, ela era digna de seu amor... ela foi uma escolha sábia! Mas ele não a amava o suficiente! Se ele tivesse amado mais Desdêmona, confiaria mais nela, e Iago não teria sido capaz de separá-los." Eu desejava mais uma vez ler Jane Eyre, onde a justiça e o princípio venciam no final. Jane teve seu homem, e ela fez isso com estilo. Desdêmona teve seu homem, e ele a suprimiu.

Samuel fechou o livro, o deslizou em sua mochila e olhou para mim carinhosamente. "Está acabado e feito Josie, você nunca tem que ler isso de novo."

"Mas... Eu quero entender o porquê... por que ele iria matá-la? A ele é suposto honrá-la, protegê-la e defendê-la." Eu estava honestamente devastada por toda a peça. Eu senti um caroço em minha garganta. Para piorar, Samuel parecia escandalosamente imperturbável. Eu cavei em minha mochila, procurando meu Walkman. Eu empurrei o meu fone de ouvido e empurrei o botão furiosamente. Sentei-me, apertando os olhos fechados e tentando me concentrar na música. Chopin 'Berceuse em ré bemol' flutuou dos fones de ouvido. Depois de alguns momentos eu gemi em desespero com a linda melodia, que parecia sublinhe comparada ao horror do destino da inocente Desdêmona.

Samuel arrancou os fones de ouvido fora de minha cabeça, fazendo com que minhas pálpebras abrissem, e eu olhei para ele atônita.

"O quê"? Eu resmunguei.

"Você está levando isto muito a sério" ele disse simplesmente.

Eu voltei rapidamente a realidade. "Otelo estava tão orgulhoso, e ele era tão talentoso! Mas ainda tão fácil de manipular!" Eu argumentei apaixonadamente.

Samuel deliberou por um minuto. "Otelo era um homem que tinha lutado e tido dificuldade para chegar onde estava. Ele provavelmente sentia-se como se a qualquer momento seu navio pudesse ter um vazamento, e se isso realmente acontecesse? Ele seria o primeiro lançado ao mar, mesmo que fosse o navio dele."

"Então Otelo foi um alvo fácil"? Eu murmurei. "Calma, ele foi um alvo fácil porque seu orgulho era, realmente, uma fachada para a sua insegurança?"

"Insegurança... experiência... vida... quem sabe? Seu orgulho exigiu que ele procurasse a justiça. Ele tinha trabalhado muito duro para ser ridicularizado por aqueles mais próximos a ele."

"Mas então... ele foi traído por seu orgulho - não por Desdêmona."

"Ahhh, ironia." Samuel tirou sarro de mim, em seguida me socou levemente no queixo.

Ele me devolveu meus fones de ouvido, torcendo o seu lado para podermos compartilhar Chopin. Estudei as linhas fortes de seu rosto, seu olhos negros crescendo fora de foco enquanto ele entrava na música. Ele era tão impressionante, e seu rosto ficava sereno enquanto ele escutava. Senti-me cada vez mais desligada de como a música tocava, e continuei a ver seu rosto, um rosto que tinha se tornado tão precioso para mim.

O ônibus parou violentamente. Sendo os últimos da manhã, significava que éramos os primeiros a sair todas as tardes, quando Sr. Walker fazia sua rota de retorno. Samuel tirou seu fone de ouvido, me entregou-o, e pegou minha mochila para que eu pudesse colocá-los dentro. Nós balançamos com as pernas bambas pelo corredor, e descemos os degraus íngremes na tarde ensolarada de março. Ele saltou na neve derretida e, como Samuel liderou o caminho, comecei

a caminhar atrás dele, apertando os olhos contra o brilho do sol. Ele se virou com as sobrancelhas levantadas, balançando sua mochila sobre um ombro.

"Amor é realmente tão complicado?" Pedi desesperadamente. "É realmente tão difícil confiar? Eu não entendo." Minha mente voltou a Coríntios 1:13. "Otelo ainda amava Desdêmona, para começar?"

Samuel olhou para mim então, e havia uma sabedoria e compreensão em seu olhar que me fez sentir incrivelmente ingênua.

Ele fechou os passos entre nós. "Otelo amava Desdêmona; ele era louco por ela. Esse nunca foi o problema. O problema de Otelo era que ele nunca se sentiu digno de Desdêmona, em primeiro lugar. Ele era o ‘mouro preto' - ela era a ‘Desdêmona justa'."

O tom de Samuel era de conversação, mas havia uma certa melancolia em seu rosto. "Era bom demais para ser verdade, doce demais para ser realidade por muito tempo, então quando alguém destruiu sua crença nela, fez mais sentido duvidar do que acreditar que ela realmente tinha amado-o em primeiro lugar."

"Mas ela amou!"

Samuel encolheu os ombros um pouco, se despedindo. Ele virou-se novamente.

"Samuel!”

"O que Josie?!" As outras crianças que saíram em nosso ponto de ônibus foram caminhando para casa, longe do alcance da voz agora, mas ele parecia relutante em continuar a conversa.

"Mas ela amou!" Insisti novamente, enunciando cada palavra.

Os olhos de Samuel pousaram no meu rosto, e eu percebi que estava apertando minha mandíbula firmemente, meu queixo sobressaindo, desafiando-o a negá-lo.

"Eu acredito em você, Josie," ele disse finalmente. Ele então virou-se e caminhou para casa, sua marcha suave e sem pressa, seus mocassins silenciosos na grossa camada de neve.

Senti-me aliviada pois estávamos nos entendendo. Não foi até que li a peça novamente, muitos anos mais tarde, que percebi que não estávamos falando sobre Otelo e Desdêmona em tudo.



O ano letivo estava chegando ao fim. Samuel ficou distante e retirado novamente, assim como ele tinha sido no início. Ele estava em contato constante com seu recrutador, e mentalmente parecia que já tinha ido embora. Ele estava nadando bem agora; tinha usado o esporte para se vingar, e tinha certeza de que ele estaria bem em toda a formação, mesmo que não fosse o nadador mais forte. Ele estava correndo todas as noites também, tentando estar pronto para o campo de treinamento. Ele me disse que queria conseguir uma pontuação perfeita no teste de aptidão. Ele ficou com todos os registros médicos de quando saiu da reserva. Ainda precisava de uma série de fotos que não tinha, bem como alguns testes que seriam necessários. Mas ele estava triste e irritado no último mês na escola - pronto para se formar, pronto para seguir em frente.

Não entendi porque ele estava tão ansioso para sair. Campo de treinamento soava terrível para mim... e ele não iria sentir a minha falta? Eu não podia imaginar não vê-lo todos os dias, ouvir música, ler juntos. Conforme ele ficou mais agitado e irritado, tornei-me cada vez mais desamparada. Eu queria dar-lhe um presente de formatura. Ele tinha feito o quadro de honra, e parecia orgulhoso; ele era o novo aluno favorito do Sra. Whitmer. Ela estava tão impressionada com ele que tinha lhe dado o prêmio de estudante de inglês sênior excepcional. Mas tudo isto não parecia amenizar sua inquietação.

Uma manhã no ônibus eu ofereci meus fones de ouvido para Samuel, apenas para tê-lo empurrando-os de volta na minha mão, irritado. Eu sufoquei meu instinto de menina antes de derramar meus sentimentos. Sonja disse que as mulheres têm muitas emoções, mas apenas uma resposta física. Quando estamos com raiva nós choramos, quando estamos felizes nós choramos, quando estamos tristes nós choramos, quando estamos com medo - você adivinhou - nós choramos.

"O que foi, Samuel?" Eu disse, depois de vários momentos de tensão silenciosa.

"Não quero ouvir - isso é tudo," ele disse laconicamente.

"Está bem. Mas por que você empurrou minha mão? Eu estou incomodando você?"

"Sim". Samuel levantou o queixo quando disse isso, projetando-o para mim conforme disse a palavra, propositadamente para me machucar e me irritar.

"O que estou fazendo que está te incomodando?" Mais uma vez lutei contra as lágrimas que ameaçavam minar minha dignidade. Eu falei cada palavra distintamente, focando na forma e no som em vez do meu sentimento.

"Você é tão...." Sua voz suave foi mergulhada em turbulência e frustração. Samuel raramente levantou a voz, e não o fez agora, mas a ameaça estava lá. "Você é tão... calma e passiva, e INGÊNUA que, as vezes... eu só quero sacudir você!"

Gostaria de saber o que no mundo tinha trazido este ataque veemente, e sentei-me em silêncio por vários batimentos cardíacos.

"Eu incomodo porque eu sou calma... e aceito?" Eu disse, minha voz um rangido incrédulo. "Você quer que eu seja enérgica e, bem, intolerante?"

"Seria bom se você questionasse algo, algum dia."

Samuel estava acelerando seu argumento; eu podia ver a animação em seu rosto. "Você vive em seu mundinho feliz. Você não sabe a sensação de não pertencer a lugar nenhum! Eu não pertenço a lugar nenhum!"

"Por que você acha que eu criei meu mundinho feliz?" Eu atirei de volta. "Eu me encaixo perfeitamente lá!" Eu odiei quando ele tentou iniciar uma briga comigo.

"Vamos lá, Samuel. Todo mundo se sente como se não pertencesse a lugar nenhum às vezes, não é? Sra. Grimaldi até me disse que Franz Schubert, o compositor, disse que às vezes sentiu que não pertencia a esse mundo. Ele criou uma música incrível, linda. Ele tinha esse presente enorme, e no entanto muitas vezes se sentiu fora do lugar também.

"Franz Schubert? Ele era o cara que escreveu a música que você tocou no Natal, certo?"

"Sim!" Eu sorri para ele como um professor orgulhoso.

"Não é bem a mesma coisa, Josie. Não acho que eu e o Franz temos muito em comum."

"Bem, eu espero que não!" Eu disse de forma impertinente. "Pobre Franz Schubert, nunca fez qualquer dinheiro com sua música, e estava completamente falido e carente quando morreu de febre tifoide, com apenas 31 anos de idade."

Samuel suspirou e balançou a cabeça. "Você sempre parece ter uma resposta para tudo, né? Então me diga o que fazer, Josie. Minha mãe continua me ligando. Ela me liga tarde da noite, quando bebe muito e só o que pode fazer é chorar, eu juro. Meus avós estão tentando ficar fora disso, mas sei que ela ligando assim, em todas as horas, os perturba. Ela diz que nunca vou encontrar *hozho* no mundo do homem branco. Você pode acreditar que ela está usando a religião Navajo para me fazer sentir culpado, enquanto ela é uma completa bagunça?"

Percebi que a angústia de Samuel não tinha nada a ver comigo.

"O que é *hozho*?" Eu falei suavemente.

"*Hozho* é o cerne da religião Navajo. Essencialmente significa harmonia. Harmonia dentro de seu espírito, sua vida com Deus. Algumas pessoas comparam ao karma também - a idéia é que o que você faz volta para você. É um equilíbrio entre seu corpo, mente, e espírito."

"Você encontrou *hozho* na reserva?" Eu segurei minha respiração, esperando que não tivesse ultrapassado meus limites.

"Ha!" Samuel zombou, jogando a cabeça para trás. “Sinto-me mais próximo quando estou com minha avó, ouvindo ela, aprendendo com ela; mas não... nunca achei isso lá."

"Não parece que sua mãe encontrou também. Como ela pode te dar um sermão sobre uma coisa que ela mesma não possui?" Fiquei indignada em nome dele.

"Minha mãe não teve qualquer *hozho* desde que meu pai morreu. Ela diz que virou as costas para seu povo quando casou com ele, mas eu acho que ela vira as costas pra mim quando diz coisas assim. Eu estava com seis anos de idade quando ele morreu. Lembro-me de sermos uma família! Nós estávamos felizes! Meu pai era um bom homem!" A compostura de Samuel rachou, e ele apertou-se visivelmente.

"Vovó Yates deu-me os diários do meu pai. Ela manteve todos até o ensino médio, e durante sua missão na reserva. Quando ele saiu de casa, ele encaixotadas as coisas, mas de alguma forma os diários foram deixados para trás na casa dos meus avós. Eu ainda não li todos, mas o que eu li me faz querer ser como ele, não menos! Eu sinto como se estivesse sendo rasgado ao meio. Não quero mais ver minha mãe; estou enojado por ela. Você sabia que meu pai nunca bebeu álcool... nunca! Em seu diário ele disse que um de seus amigos no colégio estuprou uma menina depois de beber demais. Ele disse que seu amigo nunca teria feito algo assim sem o álcool. Isso arruinou a vida da menina tanto quanto a do seu amigo. Ele decidiu então, naquele momento, que

nunca iria beber. Na reserva, o álcool é um problema enorme. Já vi Gordon bater na minha mãe tantas vezes que isso me deixa doente. Já lutei com ele para sair de perto dela, só para ele se voltar contra mim. Ela nem sempre foi assim. Eu tenho lembranças de seu ser gentil e feliz. Ela não tem desculpa! Ela tinha minha avó para criá-la. Minha avó Yazzie é a melhor mulher que eu conheço. Meu avô Yazzie era muito mais velho do que minha avó, e ele lutou com sua saúde, colocando muito mais responsabilidade em seus ombros, mas ambos amaram minha mãe e lutaram por ela; minha mãe era filha única deles. Minha avó teve um monte de abortos; eles consideravam minha mãe um milagre, um presente. Ensinaram-lhe as tradições e a língua do nosso povo. Acho que ela vira as costas para a comida quando se esconde na garrafa."

"O que sua avó Yazzie diz?"

"Realmente não falei com ela sobre isso. Ela não fala inglês muito bem, e embora ela tenha acesso a um telefone, ela não fica confortável usando um. Ela pede para minha mãe fazer chamadas quando é necessário, mas, infelizmente, com a minha mãe no estado que está na maior parte do tempo, minha avó permanece afastada. Meu avó vive sobre a terra que ela nasceu em seu hogan. Minha mãe mora em habitação tribal com o marido e qualquer um dos filhos que estiver vivendo na casa."

"Mas você disse que sua avó te disse que você precisa sobreviver em ambos os mundos, lembra? É por isso que precisava de um espírito guerreiro. Talvez para você, *hozho* não venha de qualquer lugar, mas de uma fusão de ambos" Eu ofereci, tentando confortá-lo.

Samuel olhou para mim com olhos tristes, mostrando sua expressão em conflito. "Talvez o Deus do meu pai possa me ajudar a encontrar as respostas que preciso. Eu tenho sua Bíblia. Minha mãe me deu há muito tempo, antes dela casar novamente. Eu disse que iria lê-la algumas vezes. Ela acreditava que isso era verdade quando se casou com meu pai. Não acho que ela tenha encontrado qualquer equilíbrio na tentativa de viver em ambos os mundos."

"Mas Samuel, você disse que ela foi feliz uma vez, antes de seu pai morrer. Talvez a perda do equilíbrio veio quando ela rejeitou o Deus do seu pai. Ela rejeitou tanto suas tradições e crenças. Ela não está abraçando a maneira Navajo e omitindo a outra. Ela esta omitindo os dois. Então ela voltou para a reserva após seu pai morrer. E daí? Viver em uma reserva não faz de você um Navajo."

"O quê"? Samuel olhou para mim com algo semelhante ao choque ampliando seus olhos e desapertando o maxilar. Ele agarrou meu braço.

"O que você disse? Diga novamente!"

"Você não precisa viver numa reserva para ser um Navajo?" Eu gaguejei, confusa.

"Você não disse assim," Samuel estava balançando a cabeça. "Você disse 'viver em uma reserva não faz de você um Navajo.' "

"Bem... então...?"

"Então o que faz um Navajo - é isso que você está dizendo?" Isso soou mais como uma declaração do que uma pergunta.

"Sim, eu acho que sim. O que faz de alguém um Navajo, Samuel? O que define um Navajo? É realmente onde você mora, a cor de sua pele, seus mocassins, a turquesa que você usa em torno de seu pescoço? O quê?"

Samuel ficou momentaneamente perplexo. Eu estava ansiosa para ouvir qual seria sua resposta. Eu era uma descendente de dinamarqueses - e se alguém me perguntasse, eu poderia contar um pouco da minha ascendência. Mas eu era dinamarquesa? Eu nunca tinha ido para a Dinamarca. Eu não falava o idioma. Não sabia qualquer costume dinamarquês ou suas tradições. Era só a minha linhagem. Eu tive um sentimento que ser Navajo era muito mais do que só um patrimônio ou ascendência.

Samuel se esforçou para responder. "Ser Navajo é sobre sangue..."

“Checado” eu disse de forma inteligente, fazendo uma marca de verificação no ar. Samuel sorriu e balançou a cabeça fingindo exasperação.

"Ser Navajo é sobre a língua..."

"Checado"

"Ser Navajo é sobre cultura."

"O que sobre a cultura? Você pode ainda ser um Navajo e não viver em um *hogan*?"

"Alguns dos tradicionalistas podem dizer não. Os velhos médicos não gostam da geração mais nova de *hataali* (homens médicos) tentando modernizar ou mudar os velhos costumes. Mas avó Yazzie diz que cultura é ensinar às crianças os costumes, as tradições e as histórias que são passadas através das gerações. Isso remonta à língua. Se as gerações mais jovens não aprendem o idioma, perdemos a cultura. Não há tradução no inglês para muitas das palavras Navajo - elas carregam seus próprios significados. Você perde o significado, você pode perder a aula da língua, e você perde a cultura."

"Hmmm”, eu disse “um definitivo 'checado'”. Eu pensei. "Você foi ensinado pelo melhor. Então o que mais?"

"Ser Navajo é sobre como preservar as terras tribais."

"Hmmm. Você terá que explicar isso." Minha sobrancelha levantou em concentração.

"Você pode não ter que viver na reserva para ser um Navajo, mas você pode imaginar não ter uma terra para onde ir?"

"Bem, não, mas a América não pertence a todos os americanos, Levanites e Navajos, igualmente?"

"Não é o mesmo."

"Porquê?"

"É por isso que eles chamam a América de fusão. A idéia é que diferentes pessoas de diferentes lugares venham para a América, e eles se tornem um só povo. Isso é uma coisa boa. A diferença para o Navajo é a terra de onde são originários no continente americano em si. Não há nenhuma nação Navajo em outro continente que, simplesmente por sua existência, ajude a preservar a cultura do povo original, como uma Itália ou uma África ou uma Irlanda. Quando o povo da Irlanda migrar para a América, a Irlanda ainda irá existir, cheia de povo irlandês. Onde estão seus ancestrais?"

Eu sabia que a Dinamarca tinha um papel em algum lugar, e eu respondi a ele, absorta em sua compreensão do problema.

"Ok, então imagine que alguns vizinhos de um país maior vem ao longo e pegam a Dinamarca, a transformam em um parque nacional e dizem para os dinamarqueses, "Peguem seus sapatos de madeira e vão embora. Vocês são bem-vindos para se locomover em nosso país. Afinal, somos todos os escandinavos, e você pode viver em nosso país tão facilmente como você pode viver "aqui."

"Não acho que os dinamarqueses usam sapatos de madeira," Eu zombei.

"Você me entendeu, certo? Se o povo dinamarquês não tem a Dinamarca, eles deixam de ser dinamarqueses, eventualmente. Eles só se tornam Escandinavos ou qualquer outra coisa. Se você tirar a terra das pessoas, as pessoas deixam de ser um povo. Se você tirar as terras tribais, o povo Navajo eventualmente deixará de existir."

Foi a minha vez de olhar Samuel em reverência. "Você é um Navajo esperto, Samuel. Tenho a honra de dar-lhe uma enorme marca de ‘checado’."

Samuel revirou os olhos. Mas havia uma paz que não estava lá antes. Ele suspirou e chegou para meus fones de ouvido.

"O que estamos ouvindo afinal?" Ele disse de forma habilmente companheira, e 'hozho' foi restaurado em nosso assento verde duro no inseguro ônibus escolar amarelo.

9. Coda

Eu tinha dado a Samuel todas as fitas que eu fiz para ele quando ele retornou à reserva em março. Eu tinha alinhado-as ordenadamente em uma caixa de sapatos, e anotei cada título das canções junto com o seu compositor, fazendo um cartão de referência para caber em cada cassete. Ele disse que escutaria uma diferente todas as noites antes de ir dormir. Eu fiz o mesmo, e muitas vezes olhei pela minha janela para o fim da rua, onde eu podia ver a casa de seus avós, perguntando-me qual compositor era a companhia de Samuel naquela noite. Ele estaria partindo em breve, e eu queria dar-lhe um presente de formatura, algo para se lembrar de mim.

Sonja foi a única que realmente havia me dado a idéia. Ela estava gravando minhas lições e tocando-as de volta para mim, para que eu pudesse criticar a mim mesma, a velocidade do meu dedo, meu fraseado musical, meu timing. Eu de repente soube que Samuel gostaria disso mais do que qualquer outra coisa que eu pudesse dar a ele.

Na próxima semana eu aperfeiçoei a peça que havia escrito para ele, certificando-me que estava correta. A noite antes da escola terminar eu perguntei a Sonja se poderia ter uma nova fita. Ela concordou, e eu disse a ela que queria gravar minha composição. Ela estava ansiosa para gravar, e levantou a tampa do piano de cauda em sua maior altura, colocando seu pequeno microfone na tampa escancarada para gravar o meu esforço. Eu toquei com todo o sentimento que poderia reunir, nossa despedida iminente acentuando as minhas emoções.

Quando acabei, Sonja me olhava estranho. Ela virou-se para empurrar o botão ‘stop’ da gravação antes de falar.

"Minha querida, se eu não soubesse melhor, que pensaria que você está apaixonada." Havia diversão no tom dela, mas também uma pitada de apreensão. Ela estava de costas para mim, e eu estava grata por isso quando senti o calor subir no meu pescoço. Ela rebobinou a cassete e deslizou-a na caixa.

"Fiz uma cópia também, se você não se importa." Sonja mudou o assunto sem problemas, e acabamos não discutindo a paixão por vários anos. Infelizmente eu nunca falei a Sonja sobre Samuel. Ele permaneceu um segredo muito bem guardado, até que fosse tarde demais para dizer-lhe, até que ela já não tinha a capacidade para cuidar de mim.



Samuel não queria ir a cerimônia de formatura - ele disse que tinha ganhado o diploma quer eles entregassem ou não - mas Nettie e Don insistiram para que ele fosse. Johnny estava se formando também, então minha família foi para a cerimônia. Foi muito chato, cheio de todas as banalidades sobre sucesso e fazer a diferença. Lá se foram alguns números musicais coxos, e a turma cantou a canção de escola, que francamente poderia ter usado um pouco de ritmo. As cores da escola em Néfi são vermelho e dourado. Os caras tem que usar a beca vermelha e as meninas usam a dourada. O dourado era um pouco mostarda, e as meninas pareciam principalmente desbotadas.

Samuel estava na fileira de trás, devido a sua altura e a colocação em ordem alfabética do sobrenome dele. O carmesim era vibrante ao lado de sua pele quente, e eu o vi por toda parte. Ele mostrou pouca emoção quando seu nome foi chamado, pegando o diploma e apertando as mãos do diretor Bracken.

O grande momento de Samuel tinha sido na cerimônia de premiação da escola mais cedo essa semana, Quando Sra. Whitmer tinha-o nomeado seu 12º 'Estudante de Inglês do ano'. Ela disse que ele tinha mostrado tal melhora acentuada e desejo de aprender ao longo do ano que realmente tinha ganho o prêmio. O corpo estudantil provavelmente não se importava, mas Samuel estava silenciosamente orgulhoso quando me contou sobre isso depois da escola.

Após a cerimônia os pais foram tirar fotos, e as crianças estavam posando com seus colegas de classe. Nettie e Don estavam embrulhados em conversa, e meu pai estava ocupado empunhando a câmera. Eu encontrei Samuel em pé ao lado, o capelo e a beca removidos quando ele voltou-se para o conselheiro da classe sênior. Ele usava a calça preta e camisa branca que usou para a missa de véspera de Natal. Seu cabelo preto foi escovado longe do seu rosto. Não levaria muito tempo antes que seu longo cabelo se tornasse um corte curto militar. O recrutador disse para ele cortá-lo antes que fosse para o campo de treinamento, mas, até agora, Samuel recusou-se.

Seus avós iriam levá-lo a San Diego na próxima manhã. Don e Nettie queriam fazer uma viagem de lazer, já que nenhum deles tinha passado muito tempo fora de Levan. Eles planejaram tomar a 'rota cênica'. Samuel se apresentaria a Marinha na segunda-feira de manhã.

"Eu tenho algo que quero dar a você," disse desajeitadamente, tentando não ser ouvida ou chamar a atenção, mas querendo organizar uma reunião. "Você está indo para casa depois?" Havia sempre uma grande celebração na escola depois da formatura, mas eu duvidei que Samuel ficaria para as festividades.

"Nettie e Don querem me levar ao restaurante Mickelson para um jantar cedo, mas depois disso, nós estaremos em casa." Ele olhou para baixo para mim por um momento. "Tenho algo para você, também." Os olhos dele mudaram a distância, destacando-se de mim com sua linguagem corporal. "Você conhece a grande árvore que é dividida em dois?"

Eu balancei a cabeça. Eu e os outros chamávamos de ‘Cavaleiro sem cabeça’. ‘Cavaleiro sem cabeça’ era onde as três árvores enormes cresceram em um triângulo de cerca de meia milha na estrada da casa dos avós de Samuel, pouco antes da saída para o cemitério e além disso, Tuckaway Hill. Um raio atingiu a árvore mais alta das três, dividindo-a em dois para baixo em seu tronco. É interessante o suficiente o fato da árvore não ter morrido - simplesmente bifurcou em duas árvores, apoiadas por um tronco maciço - como a versão da natureza de gêmeos siameses. Os ramos superiores, agora em ângulo de 45 graus, criaram outros ramos, curvando-se para as outras duas árvores do outro lado da clareira. A parte inferior dos ramos estava torcida e deformada pela força, levando-os a crescer para os lados em vez de virados para cima, como se os braços folhosos estivessem esticados em súplica. No final do outono, quando a árvore perde suas folhas, a espessura dos ramos nodosos parecem como braços esqueléticos, com garras nos dedos e enrolados ameaçadoramente, inspirando o nome ‘Cavaleiro sem Cabeça’. Mas na Primavera, quando as árvores vestiam seus adornos frondosos, esta ramificada estranheza, combinada com as outras duas árvores no barranco, criava um refúgio verde grosso - um invólucro natural e completamente escondido da pista empoeirada que corria por perto.

"Pode me encontrar lá mais tarde, as 20:00h?" Samuel parecia desconfortável, mas determinado, e eu concordei imediatamente. O sol não desceria até quase 21:00, já que os dias de verão esticavam o dia mais tarde e mais tarde, e eu estaria livre do escuro.



Cheguei antes de Samuel, e fiquei no abrigo das árvores segurando meus presentes. Eu tinha decidido no último minuto dar a Samuel mais um tesouro,

algo que detestei dividir, algo que tinha sido dado como um presente para mim, mas uma coisa que eu sabia que seria especialmente significativa para ele.

Samuel chegou a cavalo, segurando algo em seus braços. Ele deslizou do cavalo e deu uma torcida nas rédeas sobre um ramo conveniente. O cavalo imediatamente começou a pastar, e Samuel veio ao meu redor, revelando seu peludo embrulho. Um rosto branco puro e um molhado nariz preto estava escondido sob os seus braços dobrados. Eu fiquei boquiaberta.

"Samuel! Oh meu Deus!" Jorrei, apressando-me a ele. O filhote de cachorro nos braços dele estava cheio de pele muito branca, como um pequeno urso polar. "Onde você o conseguiu?"

"Hans Larsen disse que eu poderia ter um filhote quando descobriu que seu cão, Bashee, estava à espera. Meu avô e Hans ajudam um ao outro com seus rebanhos. Eu movi o rebanho de Hans uma vez ou duas."

"É um labrador?" Adivinhei, olhando para o rosto do bonito cachorrinho.

"Meio", respondeu Samuel. "No caso dele, um mestiço que se parece muito com o original, hein?" Sua voz era a luz, e eu deixei o comentário sobre o 'mestiço' sem censura.

"Qual é a outra metade?" Eu acariciava a cabeça de seda e agradava o queixo pequeno.

"Hans Larsen diz que a mãe do cão é uma Akbash - que é de onde o nome Bashee veio."

"Akbash? Eu nunca ouvi falar disso."

"Isso é porque eles são cães pastores nativos da Turquia. Hans tem usado o Akbash para proteger suas ovelhas por anos. Ele diz que eles não são tão agitados como os cães que pastoreiam as ovelhas. Na verdade, eles realmente não pastoreiam ovelhas em tudo. Eles são considerados guardiões. Eles são muito calmos, e é sua natureza simplesmente acompanhar o rebanho. Hans tem um cão pastor para ajuda-lo a mover o rebanho, e o Akbash para vigiar e viver

com o rebanho. Ele diz que a mãe deste filhote pensa que o rebanho pertence a ela."

"Então como é que a metade labradora entrou na mistura?"

Samuel colocou o corpo quente em meus braços, e eu esfreguei minha bochecha ao longo de suas costas.

"Hans tinham encurralado a manada perto de casa durante a semana de grandes tempestades em janeiro. O grande labrador branco de Stephenson veio para uma visita amigável, para grande decepção de Hans. Hans tinha arranjado para acasalar seu cão com outro de raça pura. O labrador só chegou lá primeiro."

Eu ri um pouco enquanto afundava na macia grama suja, dobrando minhas pernas e deixando o filhote passear por mim. "Ela se parece com um labrador, mas ela é tão branca!"

Samuel se agachou em seus quadris, estendendo a mão para o cão pequeno e deixando seus dedos alisarem o pêlo nevado. "O Akbash é muito branco, e se parece com o labrador através do seu focinho e cabeça, mas suas pernas são mais longas, e ele tem uma cauda curvada. Esse cara tem a cauda do pai dele." Samuel deu um tapinha nas costas minúsculas. "Ele vai ser um grande cão. De fato, vai crescer muito e provavelmente vai pesar mais do que você, mas ele vai cuidar de você enquanto eu estiver fora." A voz de Samuel era tranquila e falava sério. "Afinal de contas, quando salvei sua vida, tornei-me responsável por você, se lembra?" Ele sorriu um pouco para aliviar a gravidade de sua palavras.

"Ele é para mim?"

Samuel riu um pouco, "Eu não posso levá-lo comigo, Josie."

"Oh meu Deus, Samuel!" Eu respirei, olhando com novo apreço para a adorável criatura diante de mim. Eu nunca tinha sequer pensado em ter meu próprio cachorro. Entre galinhas e cavalos e os vários gatos magricelas que

acabaram na minha casa, sempre tivemos muitos animais para cuidar. De repente, o pensamento era incrivelmente atraente. Eu suspendi meu novo amigo nos meus braços, abraçando-o como uma criança, arrulhando quando seu nariz molhado escovava em minha bochecha.

"Você acha que seu pai vai deixar você ficar com ele?"

Sua pergunta me deu um momento de pausa. E então eu considerei quão pouco eu realmente pedi. Meu pai não hesitaria um minuto. Se eu o trouxesse para casa e dissesse ao meu pai que o queria, ele me diria para mantê-lo. "Meu pai não se importa nem um pouco."

Nós assistimos o cão farejando ao redor, farejando em todos os lugares.

"Como você vai chamá-lo?" Samuel questionou, afundando para baixo de seus quadris para o gramado, espalhando suas pernas longas na frente dele.

"Hmmm", eu franzi meus lábios pensativamente. "O nome de todas as minhas galinhas são de personagens literários, então talvez Heathcliff? Isso definitivamente me faria lembrar de você!" Eu ri, balançando a cabeça quando recordei todos os dias com ‘O Morro dos Ventos Uivantes’ no ônibus. Eu imediatamente senti uma pontada de melancolia, lembrando-me da iminente partida de Samuel.

"Heathcliff é aquele gato gordo que gosta de lasanha nos quadrinhos de domingo do meu avô Don," Samuel argumentou. "Ele precisa de algo mais canino... Além disso, ambos concordamos que não gostamos especialmente de Heathcliff." Ele estudou meu rosto, e vi uma centelha de minha própria melancolia espelhada de volta para mim.

"Você está certo. Talvez eu deva chamar-lhe Rochester, como o verdadeiro amor de Jane. Eu poderia chamá-lo Chester como apelido." Pensei por um momento, e depois o rejeitei em voz alta. "Não". Eu balancei minha cabeça. "Eu quero nomeá-lo para você. Mas não quero dar-lhe o nome de

Samuel, o que seria estranho." Pensei por um momento, olhando para fora. "Eu sei". Meus olhos balançaram de volta para ele. "Yazzie".

Os lábios de Samuel retorceram e ele olhou para baixo com carinho no meu rosto arrebitado. "Yazzie é perfeito. Minha avó Yazzie ia gostar também. Um tutor nomeado após o outro."

O recém-nomeado Yazzie subiu no meu colo e sentou meio cansado. Ele deitou a cabeça sobre as patas e imediatamente começou a cochilar.

"Tenho algo para você também." Peguei um dos pacotes ao meu lado. Primeiro lhe entreguei a cassete. Eu tinha embrulhado em papel de açougueiro marrom liso. Samuel não era do tipo arcos e fitas...

Ele arrancou o papel facilmente, atrasando a cassete na efeito da luz, feito tudo pelo enclave de sombra mais escura. "Música de Samuel", ele leu em voz alta. "Você gravou"? A voz dele subiu com emoção. "Esta é a música que tocou para mim naquele dia? Sua canção?”

"Sua canção", eu respondi timidamente, satisfeita pela sua resposta.

"Minha música", ele repetiu, a voz dele acima de um sussurro.

"Aqui". Dei-lhe o outro presente. Não tinha que abrir para saber o que era. Ele balançou a cabeça quando puxou o papel do grande dicionário verde que selou a nossa amizade.

Ele alisou sua mão sobre a capa, e os olhos dele permaneceram abaixados quando ele pensou sobre o meu presente.

"Isto é seu, Josie. Você não quer me dar isto de presente. Você ama este livro."

"Eu quero que fique com ele," Eu insisti, apoiando-me nele para abrir a capa onde eu tinha escrito:

Ao meu amigo Samuel,

Um bardo Navajo e uma pessoa de caráter.

Amor,

Josie

"Um Navajo o que?" As sobrancelhas dele subiram em diversão.

"Bardo. Procure-o!" Eu mandei, rindo.

Samuel suspirou poderosamente, jogando seu papel de estudante explorado mais uma vez. Ele folheou as páginas rapidamente. "Bardo: as armadilhas do um cavalo, ele entoou."

"O quê"? Eu chorei, atingindo o livro.

Samuel riu livremente, momentaneamente vertendo sua persistente gravidade. Mudou o livro para fora do meu alcance." Ah, talvez você queira dizer a outra definição. "Um bardo é um poeta", relatou ele, sobrancelhas novamente elevadas em questão quando olhou para mim por cima do dicionário.

"E isso é o que você é - um poeta Navajo. Dotado de belos pensamentos e com capacidade de compartilhá-los," Eu pontilhei séria.

"Você é boa nisso, você sabe," Samuel disse calmamente.

"Boa em quê?"

"Fazer-me sentir especial em vez de um pária, fazer-me sentir importante."

"Você é importante, Samuel," Eu disse sinceramente.

"Veja, você está fazendo isso agora," Ele replicou. "Aqui," ele disse de repente, alcançando e desatando a tira de couro fina que ele usava em volta do pescoço. "Você me deu algo que era seu. Eu quero te dar algo que é meu." A pedra turquesa balançou no cordão preto de couro, e ele estendeu seu colar para mim. Nunca o tinha visto sem ele. Eu balancei minha cabeça em sinal de protesto, como ele tinha feito momentos antes.

"Levante seu cabelo", ordenou Samuel. Eu obedeci, levantando meus cachos loiros fora de meus ombros e inclinando em direção a ele. Suas mãos era carinhosas e gentis quando ele amarrou as pontas de couro ao redor do meu pescoço. Então, sempre adequado e respeitoso, afastou-se de mim. A pedra estava quente do contato com a sua pele, e eu estava superando meu desejo de mantê-lo perto, de implorar-lhe para não me deixar amanhã de manhã.

Minha voz estava sufocada quando eu confessei o meu medo. "Quem me dera que você não tivesse que ir." Senti as lágrimas cheias e não pude segurá-las de volta.

Eu as limpei furiosamente, desejando que parassem, só para sentir um novo ataque. "Você é o melhor amigo que eu já tive."

"Se eu ficasse, você e eu não poderíamos continuar amigos." A voz de Samuel foi medida e manteve sua distância habitual, mas a sua volta foi rígida, atestando seu próprio tumulto interior.

"Porquê?" Eu chorei, esfregando meu rosto, minhas lágrimas interrompidas pela sua resposta contundente.

"Porque a nossa diferença de idade é um problema. Eu não deveria estar aqui com você agora. Eu só queria dizer adeus... porque a verdade é que você é a melhor amiga que já tive também, e melhores amigos não vão embora sem dizer adeus."

Samuel levantou-se em seus pés e inclinou-se para baixo, me oferecendo sua mão. Eu segurei Yazzie contra o meu peito com um braço e coloquei a outra mão na dele, deixando ele puxar-me para os meus pés ao lado dele.

"Você vai voltar?" Eu pedi calmamente, sentindo a dormência da negação à procura de me proteger da finalidade do momento.

"Espero que sim," Samuel disse melancolicamente. "E quando eu fizer, talvez as coisas sejam diferentes."

Eu estudei meus pés, minha mente frenética procurando um motivo para atrasá-lo, para prolongar o adeus final. Senti sua proximidade súbita, e eu olhei para seu rosto, que estava agora a meras polegadas do meu próprio. Seus olhos eram muito negros, como o crepúsculo, e sua respiração estava quente no meu rosto molhado. Ele inclinou-se cautelosamente, os olhos dele nunca deixando os meus, até nossos rostos tornaram-se tão próximos que a forma e a cor ficaram turvas. Ele inclinou o rosto ligeiramente para a direita, e eu levantei minha boca para a dele, na dica mais breve de um beijo que nunca existiu. Seus lábios levemente vibraram e chegaram a um impasse firme na minha testa. Seu beijo demorou-se lá, enquanto meus olhos permaneceram fechados e um suspiro saiu pela porta. E lá ficamos por alguns segundos de tempo. E então ele afastou-se de mim. Ele segurava meus presentes em seus braços e meu coração na mão.

"Nunca esquecerei você, Josie." Sua voz era baixa, o rosto desprovido de emoções, e ele se virou e saiu da pequena clareira. O cavalo saudou e Samuel subiu na sela, reunindo as rédeas. Ele estimulou o cavalo com os calcanhares e se afastou, um contorno preto contra o crepúsculo violeta moribundo. Eu segui lentamente atrás dele, segurando Yazzie contra mim com a cabeça no meu ombro.



Quando cheguei em casa, disse a meu pai a verdade sobre Yazzie; disse a ele que Yazzie tinha pertencido ao neto de Don e Nettie, que havia se alistado na Marinha, e ele o tinha dado para mim porque não poderia mantê-lo. A verdade, sem enfeites, embora eu pudesse argumentar que isso foi um pouco abreviado. Meu pai não pareceu querer saber onde o consegui.

"Eu tenho pensado em ter um cão por aqui." Meu pai murmurou gravemente, como um vaqueiro faria. "Ele é um bom menino, oh sim ele é! Ele é uma beleza!"

O que acontece com bebês e filhotes de cachorro, que fazem com que todos falem com seus lábios apertados e empurrado para fora na forma de bico? Deixei Yazzie aos cuidados entusiasmados do meu pai e subi até o meu quarto. Desatei o colar de Samuel do meu pescoço e segurei-o na minha frente, observando a pedra turquesa balançando suavemente no fino cordão de couro. Meu pai não se importava com o cachorro, mas ele eventualmente notaria se eu estivesse usando a pedra turquesa grande. O filhote e a pedra, juntos, poderiam disparar alarmes, e eu era sábia o suficiente, mesmo aos treze anos, para compreender como os outros poderiam perceber a nossa relação.

Esfreguei a pedra contra meu rosto, fechando os olhos e pensando no nosso ‘quase’ beijo. Encontrei-me desejando que Samuel não fosse tão cuidadoso e tão honrado. Eu teria gostado de Samuel ser o meu primeiro beijo de verdade. Senti-me quase imediatamente com vergonha da minha crítica melancólica. Se Jane Eyre poderia se afastar dos beijos de Mr. Rochester, apesar dos seus próprios sentimentos, mesmo que ninguém seria prejudicado, e ninguém iria realmente se importar a fazê-lo no princípio, então eu não deveria esperar menos de mim mesma. Isso é o que Samuel tinha feito esta noite no ‘Cavaleiro sem cabeça’.

Enfiei seu colar na caixinha de jóias que guardava na minha penteadeira. Uma pulseira com corações de prata, que tinha sido da minha mãe, um brinco de girassol que Tara tinha me dado em um aniversário, e um verde CTR (escolha o certo) anel da escola dominical acabaram juntos do meu mais novo tesouro. Fechei a tampa suavemente e marchei para baixo das escadas, voltando ao meu guardião rechonchudo.

10. Obrigado

Eu não consegui escrever para Samuel no início. Ele ainda não tinha um endereço. Mas ele havia prometido escrever-me e me avisar assim que tivesse um. Foi cerca de duas semanas depois que ele saiu que a primeira carta chegou.

7 de junho de 1997

Querida Josie,

Os primeiros dias aqui têm sido um borrão. Nos colocaram em um ônibus, e era muito tarde, por volta das 01:00 da manhã. Estava tão escuro que não podíamos ver nada pela janela do ônibus quando fomos levados ao que eles chamaram de acolhimento. Quando paramos, esse cara em uniforme completo veio ao ônibus e começou a gritar para nós juntarmos nosso 'lixo' e nos alinharmos para fora do ônibus, onde as pegadas estavam na calçada.

Estava meio enevoado e foi difícil enxergar até mesmo onde estavam as pegadas.

Esse cara estava gritando "Qualquer dia!" o tempo todo. Um cara começou a chorar, apenas assim. Ele conseguiu o controle sobre si mesmo, mas acho que todos se sentiam um pouco simpáticos - exceto o instrutor, que ficou bem na cara dele e disse-lhe para 'secar o rosto'.

Temos a chance de fazer uma ligação de 15 segundos, e eu liguei para minha mãe. Ninguém respondeu, e não acho que vou tentar mais uma vez. Escrevi-lhe para deixá-la saber que eu estou aqui e que este é meu endereço, mas agora

cabe a ela. Não sei se ela vai escrever ou não. Minha avó teria escrito se pudesse, mas ela não espera cartas já que não pode lê-las e não poderia escrever de volta. Ela sabe que eu irei vê-la quando chegar a licença de inicialização no final das 12 semanas.

Nó não dormimos na primeira noite. Depois de fazermos nossas chamadas fomos para um sala com mesas dentro, e começaram a jogar informações em nós - como o andar não é chão, é o 'deck', e a porta é um 'portal'. Um chapéu é chamado de capa e sapatos são chamadas gofasters. Quando eu terminar aqui vou falar três línguas: inglês, Navajo e fuzileiro naval. Depois, deram o número do nosso pelotão, e tivemos que escrevê-lo em nossa mão esquerda com marcador permanente preto.

Meu pelotão é 4044, 1º batalhão. Após, eles recolheram toda nossa roupa 'civil': todas as jóias, todas as facas, itens pessoais, cigarros, comida, pastilha elástica, tudo isso. Um garoto tentou enfiar uma barra de chocolate na boca, então não teria que entregá-la. O sargento o fez cuspir isso fora em cima das coisas dele.

Não podemos usar eu ou meu. Nós temos que dizer 'este recruta' quando estamos nos referindo a nós mesmos. Todo mundo continua escorregando. Agora sou ‘Recruta Yates’, sem nome.

O sargento disse que os fuzileiros navais não são indivíduos, mas uma equipe. Nós devemos ser tudo sobre a nossa unidade. Nós somos agora quatro-zero-quatro-quatro. O número quatro é sagrado entre os Navajo - lá são quatro montanhas sagradas que enquadram as terras Navajo. Então eu acho que a repetição de quatro só pode ser boa sorte.

Levaram-nos para obter o que imediatamente chamaram de 'amputações cranianas'. O instrutor fez um grande negócio quando foi a minha vez de cortar meu cabelo. Eu facilmente tinha o cabelo mais longo que todos lá, e eu sabia que iria tê-lo raspado, porque meu recrutador disse-me o que esperar. Eles rasparam quase completamente careca. Há apenas um restolho. Eu quero continuar esfregando minha cabeça, mas também não quero chamar a atenção

para mim mesmo. Tenho a sensação que quando menos atenção eu chamar para mim mesmo, melhor eu vou me sair. De qualquer forma, ainda foi difícil ver todo cabelo caindo no chão. Fez-me pensar em Sansão, da Bíblia do meu pai.

Ele perdeu todo o seu poder quando cortaram seu cabelo.

Então, nós temos o nosso equipamento para as 13 semanas que vamos estar aqui. Nós ainda temos uma pequena toalha, que tem um diagrama com todas as peças da M-16 elaborada nele, assim nós saberemos onde colocá-las quando limpamos as nossas armas. A esta altura tinha que ser depois de 04:00 da manhã, embora eu não pudesse ter certeza, pois a nenhum de nós é permitido ter relógios. Eu não tinha dormido desde que tinha relatado ao amanhecer um dia antes, e eu estava sentindo. Eles nos levaram para nosso quartel. As cremalheiras (esse é o termo para os beliches aqui) tinham colchões nus. O mesmo cara que havia cuspido o chocolate foi deitar direto. O Sargento estava em seu rosto dizendo para ele 'andar na linha', o que significa que deveríamos seguir a linha branca com os dedos dos pés sobre ela. Ele nos ensinou como andar em formação e, em seguida, nós marchamos para o refeitório. Não podemos falar enquanto estamos no refeitório, o que esta tudo bem para mim, exceto pelo instrutor gritando o tempo todo. Temos que segurar nossas bandejas em um determinado ângulo, permanecer com os calcanhares juntos e os polegares do lado de fora. É muito para lembrar o tempo todo, mas você deve acreditar que alguém vai deixar você saber imediatamente se está fazendo algo de errado. Tivemos cerca de dez minutos para comer antes deles nos levarem marchando de volta.

Na verdade, não conseguimos dormir até as 08:00 naquela noite. Aprendemos a marchar, como levantar nossos pés, como ficar em linha, essas coisas. Depois disso fomos trazidos de volta para o quartel, e então tivemos que aprender a fazer nossas camas no estilo marinheiro. Nós estávamos acordados no meio da noite, com um instrutor gritando, "andar na linha, andar na linha."

Um cara acabou dormindo, e o instrutor puxou seu cobertor fora e gritou na cara dele até o garoto literalmente rolar para fora da cama. Felizmente ele estava embaixo no beliche. Outro menino riu quando ele caiu, e o instrutor olhou para ele dizendo "Dê-me uma hora e eu prometo que você não vai estar sorrindo, recruta!”

Temos que vestir uma peça de roupa por vez, forçando-nos seguir ordens exatamente. Quando somos informados para hidratar temos que beber o nosso cantil inteiro de água e virá-lo acima de nossas cabeças para provar que está seco.

Um ponto alto: eu tive um perfeito 300 no treino de resistência inicial. Isso significa que eu fiz 100 abdominais, 20 barras e uma corrida de três milhas em 17:58 segundos. Estive trabalhando duro, e eu queria ser o melhor. É difícil saber se eles ficaram impressionados ou se eu só obtive atenção não desejada. Acho que só o tempo vai dizer. Um instrutor meio olhou para mim e disse-me que eu teria que trabalhar mais duro que os outros.

No quarto dia aqui mudaram-nos para nosso novo quartel. Nós estávamos sendo apresentados para os instrutores que são atribuídos ao pelotão agora. O sargento Meadows é o instrutor sênior, e o Sargento Sangue (o nome dele é perfeito, acredite) e Sargento Edgel são os dois designados ao nosso pelotão. Sargento Sangue fica constantemente mugindo (aprendi essa palavra com você). Eu nunca ouvi ele falar baixinho. Ele está em toda parte ao mesmo tempo, movendo-se, gritando, movendo-se. Não podemos fazer contato visual, e isso é provavelmente uma coisa boa, porque eu ficaria tonto tentando mantê-lo. Temos que olhar sempre em frente. Estamos constantemente gritando: "Sim, senhor!' – o que eu odeio. Eu não me importo com a parte do ‘Sim senhor!’ faz parte - é a gritaria que incomoda. Mas eu tinha o Sargento Sangue bem na minha cara, cuspindo nos meus olhos o tempo todo, dizendo-me que não podia me ouvir. Eu queria empurrá-lo fora.

Alguns caras já choraram. Eu não me importo com o que acontecer comigo aqui, eu não vou chorar. Não consigo imaginar qualquer respeito próprio se eu fizer. Eu não vou desistir, eu vou ser o melhor, e eu não vou chorar ou lamentar-me como alguns desses caras. É embaraçoso. Um menino começou a chorar quando gritou "Matar. Mate. Corpo de fuzileiros navais!" O que nós fazemos muito. Esse garoto só assustou-se. O Sargento Meadowns o puxou para fora e conversou com ele por um tempo. Eu não sei se o cara vai fazer isso. Este é o mesmo garoto que tentou comer sua barra de chocolate e deitou sobre o colchão nu ontem sem permissão.

O nome dele é Recruta Wheaton, mas alguns outros recrutas já o estão chamando ‘Recruta Chorão’.'

Meu companheiro é um grande garoto branco chamado Tyler Young. Ele é do Texas, mas fala como se fosse negro - o que irrita os caras que realmente são negros. Gosto dele, embora.

Ele está sempre sorridente e bem-humorado.

Ele fala demais, mas acho que todo mundo fala demais. Ele me perguntou se eu era mexicano. Eu só disse que não. Outro cara em nosso pelotão, que é hispânico, perguntou o que eu era. Disse-lhe que era um recruta. Ouvi o Sargento Sangue e ele pareceu gostar dessa resposta, mas os caras parecem suspeitar de mim agora, como se eu estivesse escondendo algo. Não é que eu tenho vergonha de ser Navajo... mas estou muito cansado de saber que isso é o que sempre importa. Você não vai me ver falando sobre minha etnia aqui - Navajo ou branco.

O Sargento Sangue disse que estou sussurrando quando deveria estar gritando. Ele acertou na minha cara e gritou "por que você sussurra recruta?!!" Ele disse que não devo ter nenhum coração. Não tenho que gritar para ter coração. Deixo minhas ações falarem por si. Ninguém vai me vencer, ninguém vai fugir de mim e ninguém vai atirar em mim. Eu garanto que não serei o fuzileiro mais barulhento do pelotão, com certeza. Então porque eu não gritava o suficiente, o

Sargento Sangue fez eu realizar vinte flexões extras, cem abdominais extras e escalar montanha até minhas pernas tremerem - eles chamam isso de quarto deck, quando um recruta é levada para o lado e obrigado a fazer exercícios de castigo. Os únicos outros caras obrigados ao quarto deck são os chorões e os caras que continuamente se estragam ou ficam para trás. Não quero esse tipo de atenção.

Eu sei que esta carta é longa, mas eu precisava contar a alguém sobre este lugar maluco que eu estou. Espero que esteja tudo bem com você, e que continue tocando piano e escrevendo mais músicas. Com férias da escola você provavelmente tem mais tempo para praticar e ler. Deixaram-me ficar com meu dicionário e a Bíblia do meu pai. Decidi que vou tentar lê-lo enquanto estou aqui, usando o dicionário para todos as palavras que eu não sei... que deve ser pelo menos a metade dela. Eu tenho uma hora de tempo 'livre' todos os dias. Nenhuma música é permitida, então eu terei que manter Rachmaninoff na minha cabeça.

Espero que você escreva,

Samuel

Caro Samuel,

Eu estava tão animada quando recebi sua carta. Tinha olhado no correio todos os dias - e quando finalmente chegou em quase chorei. Então eu fiz. Você me conhece, sou um pouco emocional. Tenho que dizer que eu provavelmente não duraria um dia no campo de treinamento. Não me dou bem com pessoas gritando para mim. Então, eu também sou uma grande trapalhona. Eu iria tropeçar em mim mesma e em todos os outros, o tempo todo. Eca! É uma coisa boa que Deus abençoou as pessoas com talentos diferentes. O mundo estaria em apuros se eu fosse um fuzileiro.

Eu adicionei uma pequena seção de 'ponte' para sua música. Talvez um dia possa gravá-la e enviá-la para você. Acho que você não disse quando ou se eles vão deixar você ouvir música eventualmente, então eu vou guardar para quando se formar. Eu estive praticando constantemente desde que entramos em férias. Sonja tem estado trabalhando comigo para compor música, na verdade, escrevê-la em papel de composição. Até este ponto, tenho apenas lido e tocado música, mas nunca escrito. Sinto-me como na escola, mas eu não me importo. Sonja diz que eu tenho a habilidade para ganhar a vida como música, talvez tocar com uma orquestra ou uma sinfonia, talvez fazer uma turnê na Europa. Não seria incrível? Mas não sei como me sentiria em deixar meu pai, embora.

Eu estava pensando em seus comentários sobre Sansão quando teve seu cabelo raspado. Voltei e ler a história, e não acho que o poder do Sansão estava realmente no cabelo. Eu sempre pensei que era idiota ele confiar a Dalila seu segredo. Ela se mostrou completamente indigna de confiança, e usou tudo o que ele lhe contara contra ele. Mas, após ler a história de novo, ocorreu-me que Sansão não confiou nela. Ele só não acreditava que iria realmente perder sua força se cortasse o cabelo. Ele acreditava que a força era dele, e não que realmente tivesse sido dado a ele por Deus, mediante certas responsabilidades e condições, como o pai dele havia lhe ensinado. No fim, ele apenas não cumpriu sua promessa com Deus. Deus disse que seu cabelo longo seria um símbolo da sua promessa, e não a fonte do seu poder. Então, quando Sansão revelou o símbolo de sua promessa a Dalila, ele rejeitou Deus, e essencialmente cortou a fonte de seu poder. Então, para fazer uma longa explicação curta e doce, acredito que sua individualidade não vem da forma como você usa seu cabelo, Samuel. Seu valor individual vem de cumprir suas promessas e ser um homem de caráter. Fácil para mim dizer, eu sei, aqui no meu quarto confortável, ouvindo Mozart. Mas eu acho que é verdade, mesmo assim.

Lembra aquela pequena parte que li de Jane Eyre? Jane Eyre veio da sua personalidade esterlina. Acho que nenhum de nós sabe realmente que tipo de personalidade temos até que somos realmente testados. Acho que você

descobrirá que tem muita personalidade nas próximas semanas. Eu acredito em você. E você ficaria constrangido se eu dissesse que realmente sinto sua falta? Porque eu faço.

Eu vou escutar música suficiente para nós dois, e tentar enviá-la para você telepaticamente - não seria legal, ser capaz de transmitir nossos pensamentos como ondas de rádio? Eu acho que tem que haver um jeito.

Esteja seguro e seja feliz,

Josie

1 de julho de 1997

Querida Josie,

Recebi sua última carta ontem durante a chamada de correio do pelotão. Já a li lentamente, em seções, fazendo-a durar. Minha avó Nettie continua enviando pacotes cheios de coisas que não posso ter - ela comunica o seu amor através dos alimentos. Mas eu prefiro cartas - embora ela tenha enviado uma curta, - portanto, suas cartas são especialmente apreciadas, obrigado. Alguns outros garotos também ficam ansiosos esperando cartas, especialmente se elas são de namoradas. Mas algumas dessas garotas não tem classe. A diferença entre elas e você é a sua mente incompreensível. Elas são feitas para lamber seus sapatos, Josie. Este grande garoto negro de Los Angeles, chamado Antwon Carlton, estava lendo alguma coisa imunda, e todo mundo estava rindo. Eu não queria lê-la, e me recusei a pegá-la quando Tyler passou para mim. Isso fez Carlton louco e ele começou a dizer "você é muito bom para isso garoto branco? Ou só não gosta de meninas?" Eu disse a ele que não tinha interesse em tocar seu lixo. Não acho que ele gosta muito de mim, e o sentimento é mútuo.

Tyler pulou em minha defesa, dizendo que eu não era branco, e a criança hispânica – Mercado – disse: "Bem, sabemos que ele não é latino-americano." Todos ficaram me olhando. Eu só continuei limpando minha arma. Tyler pulou

de novo e disse 'ele é verde!' 'Verde' é como os marinheiros chamam a si mesmos. Eu costumava achar que seria bom se as pessoas fossem todas da mesma cor. Não mais - porque então você não poderia ser você. Seu cabelo não seria todo branco e o ouro, e seus olhos não seriam assim azuis. Mas aqui o objetivo é tornar-se mesmo... verde. É estranhamente terapêutico, após todos estes anos de me sentir rasgado pelo desejo de saber mais sobre meu pai e sua cultura - e ainda ser leal a da minha mãe. Há uma nova cultura aqui.

Sabia que encontraria uma maneira de consolar-me sobre meu cabelo.

E também deveria assumir que você tocaria na história de Sansão... isso surgiu com você mesmo? Conhecendo você, sim. Eu encontrei o história da Bíblia e a li ontem durante o meu tempo livre. Sansão era um guerreiro sério. Acho que você tem razão sobre sua força não estar de verdade em seu cabelo. Provavelmente é uma boa lição para a maioria de nós. Sansão era um cara incrivelmente poderoso, mas ele perdeu tudo quando pensou que podia fazê-lo sozinho.

História é um grande negócio aqui no campo de recrutamento. Já estivemos em aulas por horas. É interessante, e constrói um sentimento de orgulho em mim, fazendo-me sentir como se eu fosse parte de uma coisa importante. Eles foram jogando datas e batalhas em nós - Inchon, Belleau Wood, Espanha (meu avô Peleliu lutou na Espanha), Okinawa, Chosin e muito mais. Hiroshima, na Segunda Guerra Mundial, é o auge para os fuzileiros.

Também estamos aprendendo sore os guerreiros, como os instrutores os chamam – Marinheiros que fizeram grandes coisas. Eu descobri hoje que um nativo americano chamado Jim Crowe foi um fuzileiro naval. Reconheci seu nome - ele tem uma história interessante. Nós também temos que memorizar as catorze características da liderança, que são coisas como integridade, conhecimento, altruísmo, coragem (eu pensei que você gostaria dessa, já que é meio grande nessa personalidade) e sobre os oito princípios de camuflagem, e sobre as seis disciplinas do campo de batalha.

Eles chamam este material de 'conhecimento', e nós somos testados sobre ele constantemente.

Não há tempo para debate ou discussão, e eu pensei em você um dia, quando eles estavam escavando nos fatos e traços. Isso quase me fez rir, (o que não seria bom), sabendo o quanto você odiaria isso. Você ama analisar tudo, e discussão é importante para você - você odiaria apenas memorizar o que eles dizem ser importante. Mas além disso, eu acho que você seria um grande fuzileiro. Você disse que o mundo estaria em problemas se você fosse um fuzileiro naval. Não pense nisso novamente. As coisas físicas você poderia aprender, embora possa ser um pouco mais difícil para você. Você não consegue ser egoísta - é leal e corajosa, e não consigo pensar em uma dessas características que você não tenha.

O mundo seria um lugar muito melhor se houvessem mais pessoas como você...

Fomos apresentados para as varas de combate esta semana. Vara de combate é, basicamente, uma vara com quatro almofadas grossas em cada extremidade. Os recrutas usam capacetes e proteções. Nós lutamos com meninos dos pelotões 4043 e 4045. Eles nos alinharam na calçada, e lutamos um contra um. O objetivo é dar um golpe na cabeça ou peito, ambos considerados tiros para matar. O primeiro cara que tiver dois tiros de matar será o campeão.

Quando foi a minha vez, eu fui voando para a rampa, gritando como a minha avó me ensinou a fazer quando um coiote está tentando atacar as ovelhas. Eu bati o outro cara fora da plataforma com um grande golpe no peito. O instrutor Meadows na verdade aplaudiu. Sargento Sangue disse "o que foi isso, algum tipo de grito de guerra indígena?" Ele parecia ter gostado - pelo menos ele não reclamou que eu não tinha gritado alto suficiente. Acho que meu oponente estava mais assustado pelo meu grito de gelar o sangue do que pelo real golpe no peito. Eu estou começando a perceber que tudo se resume a gritaria constante.

Nossa tropa foi vencida pela tropa 4043, então eles teriam que carregar a bandeira. Eu estava um pouco aborrecido com a saída. Mas tenho que dar crédito a Carlton. Ele pode ser um bandido de rua, mas sabe lutar. Ele me disse o mesmo quando tínhamos acabado, menos a parte de bandido de rua. Eu quase gostei dele hoje. Alguns destes nunca estiveram em uma única luta. Tenho lutado a vida toda, e sabia que isso me daria um vantagem no acampamento. De qualquer forma, desde que perdemos, acabamos fazendo treinos extras.

Eu sabia o que estava chegando, e estava temendo a piscina. Depois de um monte de aulas e instrução, colocamos nossa jaquetas, capacetes, mochilas e botas, e tivemos que pular na piscina cheia. Disseram-nos como nos manter à tona, mas eu podia sentir o pânico começando a aparecer. Minha cara ficou debaixo d'água, mas se você se inclinar o mais rápido que puder contra a mochila e inclinar a cabeça para cima, seu rosto ficará apenas acima da água.

Tivemos que nadar para trás e para frente na piscina algumas vezes. Então nós tivemos que pular de uma torre de mergulho e nadar 15 metros. Não foi tão ruim. Eu posso imaginar quão terrível toda a experiência teria sido se eu não soubesse nadar. Eu não fui o mais rápido, mas não obtive qualquer atenção negativa para mim também. Na verdade, havia uns caras que não sabiam nadar, como teria acontecido comigo, se não fosse por você.

Eu tenho um novo apelido. Alguns notaram que eu estou lendo a Bíblia no meu tempo livre. Eu agora sou o 'pastor'. Não muito apropriado, se você me perguntar. Pregadores não precisam se levantar e ensinar as pessoas? Mas acho que poderia ser pior. Alguns dos rapazes estavam conversando sobre seu tipo favorito de música. Ninguém disse clássica. Não me surpreendi, e não ofereci minha preferência. Mais tarde porem, eu estava falando com Tyler Young, e ele me perguntou o que eu gostava de ouvir. Então contei-lhe sobre Beethoven. Ele me perguntou quais músicas eu gostava. Eu disse que gostava especialmente de ‘Ar na Corda G’ - grande erro!!!! Ele pensou que eu estava

falando sobre roupas íntimas femininas. Ele me chama de 'G' agora. Acho que eu prefiro ‘pastor’. Tyler tem uma boca grande, especialmente quando acha que vai ser engraçado, e antes que eu percebesse ele tinha dito a todos sobre ‘Ar na corda G’. Agora eu sou 'Pregador G.' Na verdade, estou gostando de estar aqui. O ponto do acampamento é fazer você ser alguém melhor. Eu gosto dessa idéia. Estou com quatro semanas agora, e estou confiante que vou terminar. Mas agora, como está Yazzie? Também tenho saudades de você.

Não mude,

Samuel

Eu escrevi a Samuel várias cartas, tentando pensar em todas as coisas que ele poderia estar interessado. Eu disse a ele como Yazzie havia mastigado tudo em que ele poderia por os dentes, e como ele fez as galinhas infelizes. Se ele não fosse uma bola peluda bonita, meu pai poderia ter feito eu me livrar dele. Eu mantive a maior parte de sua escapadas em segredo para protegê-lo. Ele estava quase quebrando a casa. Ele definitivamente me deu mais trabalho; eu tinha que escovar seu pêlo todos os dias para que ele não deixasse pêlos em todos os lugares, mas ele valia a pena. Eu sufoquei-o com carinho, ele me encheu de amor canino em troca. Ele fez meu coração um pouco mais leve.

Além de Yazzie, a vida foi muito tranquila, e eu me esforcei para encontrar material para incluir na minha correspondência. Não pude falar que eu tinha chorado ontem enquanto alimentei minhas galinhas, pensando em como eu iria recolher seus ovos marrons estúpidos pelo menos pelos próximos cinco anos, enquanto elas gritavam e ingratamente bicavam em torno das minhas pernas.

Enquanto isso, Samuel estaria fora, lutando batalhas ao redor do mundo, sendo um homem, se apaixonando por mulheres. Eu odiava que eu estava quase com quatorze anos, e que mesmo assim era jovem demais para ele. Eu estava sozinha em meu quarto com demasiada frequência, sonhando com ele voltando no outono e andando de ônibus, sentado ao meu lado em seu uniforme

de marinheiro, segurando minha mão e ouvindo música clássica da época romântica.

Eu me sentia ainda pior quando me via nessas ridículas fantasias, percebendo como eu era verdadeiramente infantil. Senti falta dele horrivelmente, e tinha um medo terrível de nunca vê-lo novamente.

Eventualmente eu encontrei-me dizendo essas coisas nas minhas cartas, só para rasga-las em pedaços pequenos e enviar uma missiva apropriada, tagarelando sobre música e contando-lhe os fatos interessantes e as histórias que Sonja sempre me fornecia durante nossas sessões juntas.

Passei meu tempo livre com Sonja e Doutor - tanto quanto eu poderia ficar sem desgastar o fato de ser bem vinda. Minhas aulas eram ecléticas e cobertas de mais sujeitos do que música. Doutor até mesmo participava de vez em quando, colocando em seu filme, compartilhando seu vasto conhecimento e opiniões. Ele não era musicalmente talentoso, mas gostava de ouvir-me tocar, e muito frequentemente estaria dormindo em sua cadeira quando eu saia. Não sei o que aconteceu com o seu desejo de escrever um livro.

Que eu saiba, ele nunca terminou um, mas por qualquer motivo ele e Sonja amavam Levan, e acabaram ficando. O filho do Doutor era crescido e vivia em Connecticut ou em outro lugar do outro lado da terra, então eles não o viam muito. Suas pequenas excentricidades não eram tão grandes para sufocar a nossa pequena cidade. As pessoas pareciam gostar deles, e as habilidades musicais de Sonja foram utilizadas a cada semana no órgão da igreja. Doutor adormeceu toda semana na igreja também, mas ele sempre ia, mesmo que mantivesse seu cachimbo preso na boca durante o serviço. Ele nunca o acendeu, entretanto, então eu acho que a congregação decidi deixá-lo assim.

Muitas vezes pensei que, se não fosse por Sonja e Doutor, meu cérebro estaria atrofiado sem nada para ocupá-lo além da alimentação das galinhas e receitas, e do trabalho desafiador da escola. Eles eram um bálsamo e lastro para meu coração com saudade, e um estimulante para o meu intelecto.

Naquele verão eu verifiquei o correio todos os dias, mas só recebi cartas de Samuel esporadicamente. Dois meses depois que ele tinha deixado a cidade, eu recebi outra. Corri para casa, joguei o resto do correio na cesta para leitura posterior e contas, e corri para o meu quarto, me jogando na minha cama e rasgando a carta aberta. Cheirei as páginas primeiro, fechando os olhos e tentando imaginá-lo escrevendo. Senti-me como uma daquelas garotas que chorava sempre que viam Elvis. Eu me sacudiu fora da minha tolice e desdobrei as páginas. A carta era longa, e a letra dele parecia inclinada para a frente agressivamente. Li avidamente.

31 de julho de 1997

Querida Josie,

Eu escuto os instrutores gritando no meu sono, "rode em volta do eixo, alinhe à direita, cubra, não feche e não tenha pressa!" Nós treinamos por horas a fio, parece. Sinto que estou marchando em meu sono. Antwon Carlton realmente marcha em seu sono. Tyler estava em serviço assistindo as chamas ontem à noite, e Carlton veio marchando durante o sono. Tyler gritou "Rode no eixo, volte para a cama recruta!" Isso funcionou, e Carlton marchou de volta para sua cama. Tyler tinha todos rindo sobre isso - você sabe que ele não poderia manter para tal coisa para si mesmo. Carlton ficou um pouco bravo, mas alguns dos outros negros disseram-lhe para relaxar - todos eles pensaram que isso era muito engraçado também.

Todos parecem perceber que se não estivermos unidos, nós sofremos. Um dia nosso líder de esquadrão, um forte ruivo de Utah chamado Travis Fitz, tinha que fazer exercícios de castigo cada vez que um de nós batia em uma mosca ou perdia uma ordem. Ele pagou por nossos erros, e foi uma grande lição. No meio do caminho eu acabei solicitando permissão para falar, e me ofereci para o lugar dele. Incomodou-me que ele estava tomando o abuso por todos nós. Sargento

Sangue disse que é o que um verdadeiro líder faz, ele trabalha para a equipe. Ele me permitiu intervir para Fitz, mas fez seu ponto.

Temos passado as últimas semanas na faixa de rifle. Eu aprendi como atirar com minha avó. Quando nós saíamos com as ovelhas, ela me enviava para longe e eu gostava de praticar. Ela chamou esse tempo de 'perder tempo' enquanto as ovelhas terminavam de pastar - elas ficavam cheias e sonolentas, e ficávamos no mesmo lugar por um tempo para vê-las. Quando minha avó era pequena ela realmente usava arco e flecha para afugentar os coiotes. Eu sei que soa primitivo, e que as pessoas provavelmente não acreditam, mas minha avó tinha seu próprio rebanho com oito anos de idade. Se ela perdesse uma ovelha ela iria ser chicoteada, porque significava perda de alimento e sustento. Ela não era tão dura comigo, mas o cuidado e bem-estar de suas ovelhas é a coisa mais importante para ela. Eu vi minha avó correr por todo o caminho, atacar um coiote, atirando da parte de trás do seu cavalo. Minha avó provavelmente teria sido um bom fuzileiro, também. Eu vou ter de dizer isso a ela quando vê-la. Ela vai se divertir com isso.

Não tive qualquer dificuldade com a parte da espingarda, e isso é devido a ela. Novamente, esses recrutas nunca dispararam uma arma antes. Isso assombrou minha mente - até os rapazes em Levan tem seu porte de arma aos 22 não é? Onde a América está indo? Nossa geração é incrivelmente suave. Cara, estou começando a soar como meus instrutores. Enfim, no dia de qualificação eu marquei 280 pontos, o que me coloca na parte alta da categoria especialista. Sargento Meadonws disse que eu deveria definir minha mira na escola de atiradores após o Treinamento de Combate da Marinha e treinamento de infantaria. Eu não estou certo ainda do que vem a seguir. Eu costumava pensar que talvez devesse ir para a reserva, mas agora estou pensando em ir para a Ativa.

Estamos no meio do caminho, e nós apenas tiramos nossas fotos vestidos com o uniforme azul de marinheiro. Eu me senti a ponto de chorar. É engraçado, eu

não tive vontade de chorar em um tempo, nem quando estava ferido, cansando ou gritando... mas colocar esse uniforme me fez obter um grande caroço na garganta. Inacreditável. Pela primeira vez eu sinto que realmente pertenço a algum lugar.

Você sabe que eu vou ter que ler Jane Eyre um desses dias. Mas eu não posso lê-lo durante o campo de treinamento, então por favor, não o envie para mim. Eu nunca poderia viver com isso - você pode imaginar meu instrutor abrindo minha correspondência e puxando para fora Jane Eyre? Eu estaria no convés por um ano.

Acho que estou tendo as retiradas de Beethoven. O que você fez para mim?

Continue treinando a coisa telepática.

Não mude,

Samuel

Eu imediatamente corri para minha escrivaninha e escrevi para ele.

Caro Samuel,

Escutei algumas músicas de John Phillip Sousa hoje, e te imaginei marchando em seu uniforme azul. Você vai me mandar uma foto quando se formar? Eu não posso esperar para ver você todo sério em frente à bandeira. Você faz cara séria muito bem, então eu não acho que vai parecer muito diferente para mim.

Não me surpreende que você está indo tão bem. E eu amo as histórias sobre sua avó. Um dia eu realmente gostaria de conhecê-la.

Sinto que ainda estou de pé porque você está seguindo em frente. Eu me sinto um pouco ansiosa e impaciente, talvez até com ciúmes que você está vivendo seu sonho. Mas acho que um dia vou ter minha chance.

Eu fui ajudar sua avó Nettie em seu jardim hoje. Ela falou de você um pouco. Ela disse que mandou uma carta. Ela também me contou um monte de coisas que eu já sabia, mas claro que não disse isso a ela. Ela está muito orgulhosa de você, e está ansiosa para ver sua foto de uniforme também. Ela me mostrou onde vai para pendurá-la - ela já escolheu um lugar ao lado de uma foto de Don em seu uniforme do exército. Ela disse que ele estava na guarda nacional, e tenho certeza que você sabe de qual foto eu estou falando. Eu vi outra foto no corredor que não tinha notado antes. Estive na casa muitas vezes, mas geralmente só na cozinha ou sala de estar. Era uma foto de você com sua mãe e seu pai, quando você tinha quatro anos de idade. Eu sei que fotos podem ser enganosas, mas todos pareciam felizes. Você se parece com os dois, não acha? Seu pai era um homem tão bonito, e sua mãe é tão adorável.

A vida pode ser meio cruel. As vezes penso em minha mãe, seu pai, nas pessoas que amamos e que nos deixaram. Eu gostaria de entender o plano de Deus um pouco melhor. A morte da minha mãe definitivamente fez-me mais capaz e independente, e provavelmente me fez mais forte também, uma pessoa melhor. Mas eu apenas sinto falta dela às vezes.

Também tenho saudades de você.

Amor,

Josie

Não recebi outra carta até Samuel se formar no Acampamento de Inicialização, quando eu estava prestes a começar a oitava série. Ele soou tão diferentes já, tão crescido e focado. Ele parecia tão longe.

Chorei a perda de um rapaz que tinha sido meu amigo, mesmo que o homem que ele estava se tornando fosse impressionante para mim.

A melhor parte da carta foi a pequena foto que caberia na carteira que ele tinha incluído. Minha respiração parou no meu peito, e meu coração doeu e

cantou, tudo ao mesmo tempo. Ele estava tão bonito. Seu cabelo se foi, e sua forte mandíbula e maçãs do rosto eram proeminentes em seu rosto marrom magro. Suas orelhas estavam junto da cabeça dele - sem orelhas de duende para Samuel. Seus olhos escuros estavam solenes e encaravam logo abaixo da aba preta do seu boné branco. Sua boca larga estava firme e carrancuda. Seu uniforme azul profundo estava resplandecente, com botões de ouro marcando seu peito. A bandeira estava atrás dele, e havia um olhar em seu rosto que dizia 'Não se meta comigo'. Isso me fez rir um pouco. Mas a risadinha virou um soluço, e eu me joguei para baixo na minha cama e chorei até que minha cabeça doía e eu estava doente do estômago.

Nos meses seguintes, as cartas vieram menores e com mais tempo entre elas. Eu escrevi tão fielmente quanto a localização dele permitiria.

E então as cartas pararam por completo.

Não vi Samuel novamente por dois anos e meio.

11. Intermezzo

Dezembro de 1999

Nettie Yates trouxe um prato de biscoitos de Natal e doces dois dias antes do Natal. Nós tivemos pouca neve até agora, mas as temperaturas estavam geladas. Eu saudei Nettie em casa com uma lufada de ar frio sendo forçada para dentro quando a porta fechou-se atrás dela.

"Entre na cozinha comigo, Nettie. Tenho uma coisa para você, também." Ela seguiu atrás de mim para a cozinha, onde eu tinha fatias de pão de abobrinha com gotas de chocolate envoltas em papel alumínio e amarradas com fitas vermelhas alegres. Eu tinha pelo menos vinte pães distribuídos na bancada. O Natal podia ser especialmente estressante em cidades pequenas. Não sabíamos onde iniciar e parar na troca de presentes de 'vizinhos'. Todo mundo é um vizinho, e as pessoas ficam facilmente ofendidas. O mesmo vale para casamentos. Você tem que praticamente convidar toda a cidade, e ter uma casa aberta. Dessa forma você não arrisca perder alguém, iniciando uma situação Hatfield e McCoy que poderia durar por gerações. As pessoas geralmente me perdoavam mais facilmente porque eu não era uma adulta, mas eu não estava arriscando.

"Pão de abobrinha? É minha receita?" Nettie sorriu para mim quando eu entreguei-lhe um pão.

"Sim, mas não lhe dei qualquer crédito sobre os cartões de Natal." Eu sorri de volta. Pão de abobrinha com gotas de chocolate tornou-se um dos meus favoritos desde que eu o tinha usado como desculpa para conseguir informações de Don e Nettie alguns anos antes.

Nettie riu da gozação e puxou uma cadeira ao lado da mesa da cozinha, onde eu tinha estado amarrando as fitas sobre os pães embrulhados em alumínio. Ela obviamente queria visitar um pouco, e eu não podia culpá-la por não querer voltar para a noite fria.

"Bem, Samuel vai estar na missa de Véspera de Natal comigo e Don amanhã," disse sem preâmbulo. "Ele certamente gostou de ouvir você tocar quando foi com a gente antes. Lembra como ele nos envergonhou batendo palmas?" Nettie começou a rir como uma menina. "Eu pensei que poderia ser expulsa da igreja." A risada de Nettie se transformou em gargalhada quando ela relembrou.

Meu coração parou alguns segundos atrás, e fiquei congelada olhando o velho piso de linóleo na minha cozinha, com as mãos levantadas para cortar outro pedaço de fita vermelha. Samuel? Aqui?! Eu devo ter olhado para Nettie fixamente, porque seu sorriso gaguejou e parou quando ela se levantou para tocar meu rosto.

"Você está bem, Josie?" Ela perguntou, assustada.

Sacudi-me um pouco, puxando-me para cima enquanto fiz e sorrindo brilhantemente para o rosto enrugado e preocupado de Nettie.

"Fiquei um pouco surpreendida, isso é tudo," Eu disse vivamente, orgulhosa de mim mesma quando minha voz soou quase normal. "Por que ele está de volta? Ele está apenas visitando para as festas?" Memórias de Samuel voltaram espontaneamente, e uma dor estabeleceu-se em meu peito quando pensei em quão desesperadamente eu tinha sentido falta ele.

"Bem," Nettie suspirou e, satisfeita que eu estava bem, afundou de volta na cadeira, retomando os arcos de subordinação quando falou.

"Ele consegue sair de vez em quando, uma espécie de período de férias, você sabe? Mas ele anda tão ocupado e tudo. Ensinaram-lhe a ser um atirador de elite, você sabe." A voz de Nettie caiu conspiratória, como se estivesse

contando uma fofoca boa, e os olhos dela cresceram largos no pensamento das habilidades do seu neto. "Ele não fala muito sobre isso, mas Don parece pensar que ele teve algumas missões perigosas."

Eu sorri para a emoção que ficou evidente no rosto de Nettie. Nettie era uma otária para os romances de Tom Clancy. Só podia imaginar o que ela estava pensando.

"Enfim", Nettie continuou seu assunto com naturalidade. "Já estamos implorando-lhe para voltar por anos, mas ele nunca parecia querer vir. Eu acho que Samuel nos ama, mas não sei quantas boas lembranças ele tem de Levan dos meses que passou aqui. Foi um período difícil para ele."

A pequena fissura no meu coração com o nome de Samuel rachou bem aberta. Nettie continuou, completamente inconsciente de minha angústia.

"De qualquer forma, ele vai passar uns dias com a gente, e depois ir para a reserva no Arizona por uma semana ou mais. Sua avó Yazzie está ficando mais velha. Ela estava em seus quase quarenta anos quando teve a mãe de Samuel. Meu Deus, ela tem que ter quase 80 agora. Samuel diz que ela ainda cuida de suas ovelhas... ela pastoreia os rebanhos à cavalo! Deus, nem consigo imaginar isso!"

"Samuel está aqui agora?" Eu virei as costas e comecei a descarregar os pratos a partir do rack de secagem, tentando parecer indiferente.

"Oh ele vai estar chegando amanhã a qualquer hora. Terei certeza que ele diga ‘olá’ após o serviço na igreja amanhã à noite. Não posso esperar para ouvi-la tocar, querida. Minha palavra, é como se tivéssemos nosso próprio Liberace."

Eu sorri para a comparação. Eu não tinha muito em comum com o flamboyant Liberace, mas ela foi sincera em seu louvor, e eu amava-a por isso.

"Bem, eu vou voltar para casa agora, amor. Don deve estar se perguntando onde estou."

Eu acompanhei-a até a porta, conversando alegremente e sorrindo brilhantemente, todo o tempo tendo um ataque de pânico com o pensamento de ver Samuel novamente. Fechei a porta atrás de Nettie e deslizei para baixo apoiada fracamente contra isso, minhas pernas espalhadas para fora na minha frente. Eu tinha dezesseis anos agora. Samuel tinha 21 anos. Ele seria o mesmo? Ele falaria comigo? Ele riria de si mesmo quando se lembrasse da nossa amizade? Ele teria vergonha de ter sido amigo de alguém tão jovem? De repente eu queria desesperadamente minha mãe. Eu não sabia nem como seria capaz de tocar a música de Natal, sabendo que ele estava lá. Meu estômago rolou nervosamente, e eu levantei-me e deslizei para o banco do piano, determinada a tocar melhor do que já tinha tocado antes.

Passei a manhã seguinte vasculhando meu armário em constante aumento de pânico. Finalmente, depois que eu tinha tentado de tudo que eu tinha em cada combinação, eu cedi e liguei para tia Louise. Louise era boa com cabelo e maquiagem - afinal de contas ela fez uma vida com a tesoura. Mas tia Louise e sua ninhada inteira tendiam a ser um pouco irritantes e agressivos, demasiado bruscos. Eu tinha me esquivado de pedir ajuda com a minha aparência simplesmente porque sabia que se desse a Tia Louise ou Tara uma polegada, isso levaria a uma milha. Eu estremeci um pouco quando disquei o numero dela, sabendo que Louise teria prazer em ajudar, mas que eu realmente poderia me arrepender. Ela atendeu no primeiro toque. Eu podia ouvir o caos no fundo, e tive que levantar minha voz para me identificar. Eu rapidamente dei a Louise as minhas necessidades: O serviço de Natal era hoje e eu não tinha nada para vestir, e ela poderia me ajudar com meu cabelo e maquiagem? Apertei os olhos fechados e cruzei os dedos, me perguntando se ela seria capaz de vir a minha casa em vez de eu ir lá. O pensamento de estar em exposição para os meus primos e tio Bob era mais do que eu poderia suportar.

"Eu preciso de uma desculpa para sair de casa," Louise disse oficialmente, "quando as crianças saem dessa febre de véspera de Natal enfim? Meus filhos estão pendurados no teto. Acho que vou me matar." Ouvi ela gritar algumas

ordens para Bob, dois ultimatos aos dois mais novos e uma demanda para Tara para "puxar tudo dos nossos armários que podem funcionar para Josie."

"Eu vou estar ai às 15:30. Isso vai nos dar tempo suficiente para brincar." Eu podia ouvir o sorriso na voz de Louise, e fiquei muito grata para estar com medo.

"Eu te amo, tia Louise. O que eu faria sem você?" Eu respirei, felizmente.

"Oh, menina do diabo. Você seria para o mundo 'um problema' isso é o que é." Louise fez um gesto sarcástico em sua própria piada. "É hora de você começar a se preocupar com como você parece. Como você vai conseguir alguém para observá-la se usar as camisas de Johnny pelo resto da sua vida? Você tem uma boa figura pequena e um rosto bonito, mas ninguém saberá disso enquanto você se esconder atrás de seus óculos e seus livros. E sobre as lentes de contato que temos uma receita? É melhor você estar usando-as quando eu chegar aí"

"Obrigada, tia Louise!" Eu interrompi brilhantemente, sentindo que Louise estava enrolando para ganhar tempo, "Vou ver você as três!"



Meu pai não parecia gostar de como eu parecia quando Louise desceu pelas escadas estreitas do meu pequeno quarto no sótão e anunciou que estávamos prontos para ir à igreja. Eu estava muito feliz com os resultados, no entanto, e deslizei conscientemente para a cozinha atrás de Louise, não querendo encontrar os olhos do meu pai.

"Ah, Louise! Onde você foi e o que fez com ela?" Meu pai resmungou. "Ela é apenas uma criança, e você a deixou parecendo como se tivesse 25 anos."

Vinte e cinco?!

Eu ri na minha mão e decidi que definitivamente tinha sido o movimento certo chamar minha tia. Ela tinha trazido um vestido preto com gola V de mangas compridas, que abraçava minhas curvas e rodava ao redor das minhas pernas quando eu andava. Tinha pequenos botões pretos do peito ao quadril, e servia perfeitamente em mim. Eu também usava brincos pretos e sapatos de salto alto preto. Tia Louise tinha fixado meus cachos loiros acima da minha cabeça, meus cílios negros estavam levemente alinhados, e meus lábios e maçãs do rosto tinham um tom rosado profundo. Senti-me muito sofisticada, e esperava que fosse conseguir levar tudo sem tropeçar no caminho até a tribuna quando fosse hora de tocar piano. Eu sabia com certeza que teria que tirar os saltos antes de começar a tocar. Seria só minha sorte ter meus sapatos ficando presos nos pedais do piano e arruinando tudo.

"Ela não é mais criança, Jim!" Tia Louise dobrou os braços zangada, e projetou para fora seu queixo na direção do meu pai. "Você não pode ignorar o fato de que sua garota é praticamente crescida! É melhor estar pronto para gastar algum dinheiro depois que o Natal passar! Essa garota não tem nada em seu armário! Nada! Vou levá-la às compras, e vamos jogar fora todas aquelas velhas camisetas do Johnny, e aqueles velhos Wranglers e sapatos de ginástica que ela tem usado nos últimos oito anos, desde que minha irmã morreu, e ela vai começar a parecer a moça que ela é! Não é certo Jim!"

"Eu gosto da aparência de Josie!" Meu pai quase chorou. Qualquer menção a minha mãe geralmente era uma má jogada. Comecei a carregar os dois para fora da porta quando a briga continuou.

"Isso é porque ela está mais confortável e segura, só como o papai gosta. Não senhor, não no meu turno! Não mais!" Louise agora realmente estava aquecendo. "Está na hora dela ter um pouco de ajuda de mulher. Eu devia ter feito isso há muito tempo!"

Meu pai subiu na cabine do caminhão com um huff. Mudei-me sobre o banco ao lado e Louise pulou para trás Eu olhei para meu pai e balbuciei um

silencioso "Desculpa, pai." Ele gemeu e empurrou-nos para baixo pelo caminho para a Igreja.

Meu estômago ficou tenso enquanto procurávamos o lugar mais próximo para estacionar. A falta de neve facilitou o estacionamento. Geralmente as trações jogavam a neve para cima das calçadas, se derramando para o mal arado das estradas. Esta noite era só frio ainda, com muito espaço ao longo dos lados da estrada para estacionar os caminhões dos fazendeiros e as vans das famílias que normalmente se alinhavam na igreja durante os serviços.

"Vai nevar hoje à noite. Guarde minhas palavras," meu pai interrompeu Louise, que ainda estava remoendo muito bem minha falta de roupa feminina. "Se isso acontecer, eu vou estar recebendo 'uma chamada para ir para a fazenda. É só a lei de Murphy. Eu receberei uma ligação e Daisy vai ter seu potro." Papai estava preocupado com seu cavalo, que deviria ter seu bebê nos próximos dias. Seu pessimismo pareceu silenciar momentaneamente tia Louise, que viu Bob e seus filhos estacionar do outro lado da Igreja.

"Oh, lá está minha gangue. Tenho que ir, Josie. Não lamba os lábios! Você vai estragar seu batom! E tente não se curvar. Esse vestido cai para frente quando você faz! Você não quer fazer os botões enrugando e todo mundo dando uma espiada no que está por baixo!" Com isso ela saiu fora, ainda falando, e meu pai e eu suspiramos em uníssono.

"Eu realmente não gosto muito dessa mulher," meu pai murmurou. "Ela não é nada como a sua mãe. Não vejo como elas vieram da mesma árvore genealógica, quem dirá do mesmo útero." Ele suspirou novamente e então disse rispidamente, suas palavras para que fiquem para fora, "você está realmente bonita, Josie. Louise está certa sobre uma coisa. Vocês todos cresceram. Um dia desses você vai ir embora e deixar o seu velho. Eu não estou ansioso para isso."

"Não se preocupe pai, eu sempre vou cuidar de você." Eu sorri abertamente e enganchei através de seu braço enquanto caminhávamos para a igreja.

Os bancos foram enchendo rápido, e eu tentei não procurar ao redor por Don e Nettie. E Samuel. Eu queria vê-lo quase tanto quanto *não* queria vê-lo. Eu mantive minha cabeça para frente enquanto tentei localizá-lo perifericamente. Toda a gente se sentava sempre no mesmo lugar. Isso só acontecia. Nós somos criaturas de hábitos. Havia famílias que sentavam-se no mesmo banco geração após geração. Se eu não soubesse melhor, acharia que o povo de Levan deixava os bancos em seus testamentos. Pelo que pude ver, os Yates não estavam lá ainda. Eu expirei levemente, e ao mesmo tempo meu coração afundou-se em decepção.

Dizia para mim mesma para não olhar para ele. Eu mantive meus olhos treinados no altar onde Lawrence Mangelson estava apenas começando sua narração de abertura. Quando chegou a hora de tocar, fiquei mais nervosa do que já tinha estado alguma vez. Não acho que minhas pernas estavam realmente me segurando quando caminhei com cuidado o trio de escadas para o piano. Sentei-me em toda a superfície lisa do banco, endireitei as costas e escorreguei meus saltos para o lado. E então eu tive que olhar. Não consegui evitar. Deixei meus olhos deslizarem para onde Don e Nettie geralmente sentavam-se para o serviço.

Samuel estava com eles, sentado à direita de Nettie, perto do fim do banco. Olhei para longe antes que meus olhos tivessem tempo para registrar detalhes. Ele estava aqui.

Com uma profunda exalação eu permiti que minhas mãos treinadas assumissem. Era como se eu estivesse me vendo a alguns pés de distância. Não cometi nenhum erro e, como de costume, antes que eu tivesse chegado muito longe na peça, a música estendeu a mão e me puxou para dentro. E

então, quando toquei as notas de acabamentos, pude observar que a música e eu mesma tínhamos nos tornado um só.

Quando a noite acabou e as últimas notas de coro foram cantadas, a Congregação se reuniu em torno elogiando uns aos outros sobre o bonito serviço, falando sobre filhos, vacas e sobre o que estavam fazendo. Eu fiquei do lado da minha família, esperando, com minhas costas voltadas para a direção que Samuel estava sentado. Eu sabia que eventualmente Nettie iria fazer o seu caminho para nós. Depois de dez minutos de fazer pequenas conversas educadas e graciosamente agradecer aqueles que surgiram para elogiar meu desempenho, percebi, é claro, que ela não fazia idéia de como eu estava esperando até ela aparecer com Samuel. Talvez ela não lembrasse que havia me prometido dar um alô.

Talvez eles já tivessem ido. Amaldiçoando-me por ficar ali como uma vaca esperando para ser ordenhada, virei-me para ver se eles talvez tinham deixado a igreja.

Eu demorei apenas um minuto para localizar o ponto permanente de Nettie e Don atrás da capela, conversando com Lawrence Mangelson. Não havia nenhum sinal de Samuel. Nettie chamou minha atenção e acenei para ela.

Mudei-me em direção a ela, meus olhos movendo-se rapidamente ao redor da sala para ver se alguém tinha encurralado Samuel em uma conversa. Talvez ele estivesse lá fora.

"Ah Josie! Vocês foram maravilhosos! Eu só choro toda vez que você toca."

Nettie me apertou contra ela própria e acariciou minha bochecha quando disse. "Ela não era maravilhosa, Don?"

Don adicionou elogios menos efusivos enquanto Lawrence Mangelson reiterava o que Nettie tinha dito também. Não houve menção de Samuel. Eu limpei minha garganta, hesitante.

"Eu pensei ter visto Samuel sentado com você. Eu gostaria de dizer Olá," Eu deixei escapar, e depois tentei parecer entediada, num esforço para camuflar meus sentimentos.

Nettie acenou fora de questão. "Ele estava aqui, mas fugiu logo após a oração de encerramento. Acho que ele está esgotado. Ele levou um longo caminho hoje, e chegou apenas a tempo de tomar banho e vir conosco esta noite. O guisado e os biscoitos que deixei no fogão estão provavelmente chamando por ele!"

"Ensopado de carne e biscoitos?!" Eu pensei comigo mesma, indignada. Ele nem mesmo conseguiu dizer Olá? Olhei para o meu vestido de seda preto e sapatos de salto alto, e de repente me senti muito tola. Eu tinha sido trocada por guisado de carne e biscoitos.

Desculpando-me com desejos de um feliz Natal para Don, Nettie e Lawrence Mangelson, eu andei para baixo das portas duplas de madeira e entrei na noite prateada. Minha respiração fez pequenos ‘pufs’ brancos na minha frente, e eu imaginei-os como desesperados sinais de fumaça subindo para o céu. Infelizmente o único índio guerreiro que sabia alguma coisa sobre sinais de fumaça parecia bastante desinteressado em qualquer comunicação comigo.



Meus irmãos e seus parceiros – Jacob e Jared estavam casados e Johnny tinham uma namorada com a qual estava ficando muito sério – sempre vinham para o jantar de véspera de Natal, e nós então trocávamos presentes. O dia de Natal tinha se tornado muito sem brilho desde que nós tínhamos crescido, e brinquedos e Papai Noel tinham se tornado uma coisa do passado. Papai e eu iriamos para tia Louise para o jantar de Natal amanhã à tarde.

Depois de comer uma meia dúzia de aperitivos diferentes, um pernil enorme, purê de batatas e pãezinhos caseiros, sentamos perto da árvore e abrimos os presentes. Com as barrigas cheias e um fogo morno, ninguém parecia estar com muita pressa para estar a caminho, então nós todos penduramos em torno e conversamos sobre nada em particular. Eu ainda tinha que tirar meu vestido preto e desarrumar meu cabelo. Mas, no fundo da minha mente eu só ficava pensando que talvez conseguisse uma oportunidade para que Samuel me visse parecendo ter vinte e cinco anos, sofisticada e bonita. Rigidamente sentei na borda do sofá - minha única concessão ao conforto foi deixar meus saltos na porta. Meus irmãos pareciam confusos pela minha aparência e começaram a me provocar, só para ter Rachel calando-os com uma piscadela e uma repreensão rápida.

"Às vezes é muito divertido vestir o que é difícil de despir no final da noite." Sorri para ela com gratidão, e meus irmãos deram de ombros e começaram a me ignorar.

Fiel à previsão do meu pai, gordos flocos de neve brancos começaram a cair conforme a noite avançava, e com suspiros e gemidos meus irmãos agasalharam suas senhoras e foram embora. Johnny estava passando a noite na casa dos pais de Sheila, para que eles pudessem passar o Natal com a família dela no dia seguinte. Jacob e Rachel tinham comprado um casinha em Néfi no ano anterior, e Jared e Tonya foram para o alojamento da Brigham Young University. Toda a gente estava indo para o norte através da montanha, e ninguém queria esperar em torno se mais neve caísse.

O 'ridge' é velho um trecho de estrada de duas pistas entre as dez milhas que separam Levan e Néfi. Levanites percorrem esse caminho inúmeras vezes por semana, por inúmeras razões - voltando da escola e de trabalho, para o Thriftway para compras, ou para a biblioteca de livros, para mantê-los até a livraria móvel percorrer Levan novamente. Cada aniversariante de 16 anos de Levan dirigiu a montanha muitas vezes antes de realmente ter 16 anos. Era uma

comunidade agrícola, e era assim que as coisas eram. Nós dirigimos cedo, e dirigimos de tudo, desde tratores até caminhões velhos de fazenda. Eu poderia dirigir uma alavanca média quando tinha dez anos de idade, e fazê-lo sem problemas o suficiente para que meus irmãos mais velhos mantivessem seus pés plantados na caçamba do caminhão, jogando fardos de feno para as vacas. Mas a montanha era reta e estreita e muito escura à noite. Gente voou através dela, envoltas em uma sensação de segurança simplesmente pelo número de vezes que nós fizemos o caminho. Isso era agravado pelos veados que vinham para baixo das montanhas à procura de pasto, e andavam para o outro lado da estrada. Os veados estavam constantemente batendo, ou causando acidentes quando as pessoas desviavam para evitá-los. Claro, uma boa nevasca o fazia ainda mais traiçoeiro. Todos os anos alguém morria naquela faixa de estrada entre as duas pequenas cidades.

Eu fiquei na varanda da frente em todos os meus ornamentos adultos e acenei, me despedindo. As luzes ainda estavam acesas na casa dos Yates. Eu podia ver um caminhão lá na frente, que deveria pertencer a Samuel. Que desculpa poderia usar para aparecer às 23:00 da noite, apenas para que pudesse vê-lo? Eu fiquei ali, tremendo, desejando que ele saísse. Em vez disso, conforme eu assisti e desejei, as luzes se apagaram e a casa ficou escura. Tentando não chorar, eu entrei e desliguei a luz do nosso alpendre em desanimada resposta.



Meu pai me acordou às 05:00, me dizendo que ele tinha sido chamado para trabalhar na fábrica. O supervisor de serviço tinha tido um acidente de carro na noite anterior, e eles precisavam de alguém para cobrir o início do turno. Eu disse-lhe para ser cuidadoso e virei para o lado, imediatamente voltando a dormir. Eu o ouvi sussurrar que estaria em casa para o jantar de

Natal na casa da tia Louise, e para eu ter a certeza de alimentar os cavalos quando me levantasse.

Acordei novamente às oito e considerei ficar deitada na cama, sentindo pena de mim mesma e sozinha na manhã de Natal. Mas a verdade era que eu não me importava de ter a casa só para mim, e achei que deveria apenas comer um prato grande de sobras da festa da noite passada e ouvir o Messias de Handel tão alto quanto possível. Eu puxei meu mais macio par de calças de ginástica, minhas meias de natal listradas de verde e vermelho, e um suéter verdadeiramente feio com uma cabeça gigante de renas, que eu tinha recebido no ano passado como presente. Eu tinha tirado os grampos do meu cabelo antes de ir para a cama, mas realmente não quis tirar minha nova maquiagem, então tinha dormido com ela. Eu ri dos meus olhos de guaxinim quando vi meu reflexo, e decidi que minha maquilagem tinham definitivamente tido o seu curso. Esfreguei meu rosto limpo, escovei os dentes, passei meus dedos pelos meus cachos desenfreados e achei que estava bom. Eu tinha apenas me sentado com meu prato de comida e apertado o play no CD que ganhei na noite anterior, pronta para ouvir os sons de abertura do movimento de Handel, quando lembrei-me dos cavalos.

"Ah inferno!" Xinguei, soando exatamente como meu pai. Era difícil não usar palavrões quando você morava em uma fazenda. Nunca usamos o nome do senhor em vão, ou dizíamos a palavra com F, mas ‘inferno’ e essas merdas eram parte do vernáculo da maioria das pessoas que nasceu e cresceu em Levan. Para dizer a verdade, essas palavras realmente não eram consideradas palavrões. Na semana passada, na igreja, Gordon Aagard estava dando um sermão em ensaios. Ele se referiu a bosta de cavalo bem no meio de sua palestra, e ninguém realmente rebateu um olho.

Puxando as botas velhas de Johnny, eu marchei para fora e para o curral. Yazzie dançava sua dança do cão feliz por minhas pernas enquanto eu caminhava. Yazzie gostava de visitar os cavalos. Papai construiu uma pequena

cabana adjacente ao curral, e Joe e Ben me cumprimentaram com "Nickers". Eu observei seus narizes quando sai para fora da cabana e recarreguei seus baldes de comida. A água na gamela estava congelada, e eu a parti com minha pá, partindo o gelo e espirrando água.

Daisy, a égua do meu pai, estava no celeiro, separada dos outro cavalos, onde era um pouco mais quente e mais seco, até que ganhasse seu potro. Passei no celeiro, ansiosa para terminar minhas tarefas, e vi que Daisy estava deitada, a respiração pesada, seu traseiro liso.

Havia um pouco de sangue no chão da grande baia, e eu deixei cair o balde de alimentação que estava carregando enquanto corria para ela. Eu tinha visto potros suficientes nascerem para saber que Daisy estava bem no seu caminho para ser uma nova mamãe. E eu estava sozinha em casa.

"Papai disse que isto ia acontecer", disse em voz alta, esfregando minha mão macia no nariz de Daisy, "Então o que faço agora?"

Eu corri para dentro e disquei o número da fábrica. Geralmente sempre havia alguém no escritório da frente que retransmitia mensagens para os caras lá dentro. Mas hoje era Natal, e o pessoal estava no mínimo. Ninguém atendeu o telefone. Uma mensagem gravada tocou com instruções para ligar durante as horas de funcionamento normal. Eu rosnei em resposta e desliguei o telefone. Liguei para Jacob e Rachel, e a voz alegre de Rachel na secretária eletrônica disse que ela e Jacob não estavam em casa enquanto pedia para deixar uma mensagem. Eles estavam em casa; só estavam deitados na cama aproveitando a manhã de Natal. Deixei uma mensagem um pouco em pânico, exigindo que Jacob movesse sua bunda para a fazenda. Johnny estava na casa dos pais de Sheila, e liguei para esse número, obtendo os mesmos resultados. Só que desta vez eu pedi com um pouco mais de calma. Jared estava muito longe para me ajudar. Deixei-o sozinho.

Eu corri de volta para o celeiro e passeei nervosamente. Eu não podia ver qualquer coisa. Não tenho certeza se sabia o que procurar exatamente, mas lá

estavam alguns cascos ou uma cabeça, saindo para fora das partes baixas da Daisy. Daisy gemeu e um jorro aguado saiu de entre suas patas traseiras.

"Oh, homem! Eu não posso fazer isso sozinha," gritei. Sai do celeiro e corri o mais rápido que minhas botas enlameadas permitiam em direção a casa dos Yates. Don saberia o que fazer. Sem fôlego e ofegante, alcancei o pé da frente e escorreguei, deslizando meu caminho até o porta da frente e batendo na tela enquanto gritava para Don. Eu tinha estado tão focada em Daisy e no nascimento iminente que tinha passado pelo caminhão que eu tinha visto na noite anterior sem mesmo perceber. Eu ouviu uma porta abrindo atrás de mim e girei ao redor para ver Samuel dar um passo fora do caminhão, com preocupação vincando seu rosto bonito.

E era um rosto bonito. Esqueci momentaneamente de tudo sobre a pobre Daisy. Ele usava um par do Wrangler e uma jaqueta Carhart. Um pé estava plantado no chão em uma bota Justin, e um chapéu de cowboy preto estava baixo na sua cabeça. A outra perna ainda estava dentro da cabine do seu caminhão.

"Josie? Meu avô não está aqui. Ele e minha avó foram para a casa da minha tia Tabrina hoje de manhã. Eles queriam ver as crianças abrirem seus presentes. Eu estou indo lá agora... você quer que eu lhes dê um recado?" Samuel foi tão educado e formal que por um minuto eu só olhei para ele, perguntando-me se tinha apenas imaginado nossa amizade no passado. Ele olhou para mim, uma sobrancelha engatilhada, esperando por uma resposta.

"Daisy está tendo o bebê. Papai foi chamado para trabalhar às cinco, eu não consigo falar com meus irmãos e não sei o que fazer." Eu percebi que estava derramando palavras para fora de todas as maneiras, e Samuel parecia um pouco alarmado.

"Daisy"? Ele perguntou lentamente.

"Nossa égua!" Gritei com ele.

Samuel desligou a ignição, puxando a outra perna do caminhão e batendo a porta antes de começar a caminhar pela estrada em direção a minha casa. Observei-o fixamente, até que percebi que ele ia me ajudar. Eu pisei forte ao longo do caminho até chegar a seu lado.

"Belo casaco." Samuel nem olhou para mim enquanto caminhávamos, e meus olhos voaram até meu peito. Chifres e um nariz vermelho brilhante estavam a mostra na minha jaqueta desabotoada. Eu gemi interiormente. Onde estava Samuel Yates ontem à noite, quando eu estava pronta para ser vista de perto e pessoalmente? Pensei melancolicamente que Deus realmente devia ter senso de humor, e havia respondido minha oração de Natal apenas na sua própria hora. Ha, ha, ha, muito engraçado. E por que tinha de exibir meu Espírito de Natal esta manhã? Por que eu não tinha jogado esse estúpido moletom na pilha de compostagem, onde ele pertencia? Minhas mãos voaram para meu cabelo. Eu podia sentir os caracóis soltos, saltando em desalinho ensolarado.

"Obrigada", eu respondi rigidamente. Eu poderia ter imaginado, mas acho que os lábios de Samuel contorceram-se.

"Você já ajudou uma égua a dar à luz?" Eu perguntei ansiosamente quando nós contornamos a casa e caminhamos de volta ao celeiro.

"Muitas ovelhas, apenas uma égua," Samuel respondeu logo. "Não acho que há muita variação. Mas acho que vamos descobrir. Não há um veterinário que podemos chamar?"

"Há um veterinário que atende o Condado, e eu liguei para o número do seu pager, mas não sei se ele vai ligar de volta, e não vou esperar pelo telefonema. Papai diz que ele não sabe de nada, de qualquer maneira." Percebendo que o vocabulário que eu tinha trabalhado tão duro para construir e do qual me orgulhava completamente me abandonou no meu estado nervoso, eu fechei minha boca e jurei que não diria mais nada até que estivesse com melhor controle da minha língua.

Samuel não respondeu a opinião do meu pai sobre o veterinário, e eu liderei o caminho para o celeiro. Daisy ainda estava deitada imóvel - seu único movimento era a ascensão e queda de sua respiração. Rapidamente Samuel despiu seu casaco e arregaçou as mangas. Ele ajoelhou-se acima dela, acariciando a cabeça com a mão direita e sentando-se à espera conforme seu corpo de repente apertava numa contração, fazendo com que ela tremesse. Quando o aperto começou a diminuir visivelmente, Samuel começou a falar calmamente, acalmando-a com a mão direita e colocando a mão esquerda entre seus flancos traseiros. As pernas de Daisy enrijeceram e ela jogou a cabeça para trás, mas não lutou com ele quando ele inseriu todo o braço, até o ombro, dentro dela. Eca. Fiquei tão contente que Samuel estava comigo que senti-me tonta com alívio. Após alguns momentos de tatear concentrado ele falou.

"Eu acho que posso sentir a cabeça e as pernas dianteiras, e isso é bom. O bebê está virado na direção certa. Neste ponto, sua égua fará todo o trabalho. Se tudo é como deveria ser, não há muito que se possa fazer. Vamos para dentro para eu me lavar, e veja se você consegue falar com seu pai novamente. Isso não vai demorar muito."

Eu não tinha desligado Handel quando fui alimentar os cavalos. Toda a produção do seu 'Messias' estava tocando para uma cozinha vazia, e o coro de Aleluia estava reverberando com alegria em toda a casa quando nós entramos pela porta dos fundos. Minhas botas estavam enlameadas e eu não queria tomar o tempo de Daisy para puxá-las fora, então simplesmente andar pela casa até a sala para desligar a música não ia acontecer; só teria que tocar até o fim. Eu corri para o telefone e tentei a fábrica de novo, sem sorte. Desliguei com um suspiro impaciente.

"Meu pai vai ficar furioso quando chegar em casa."

"Isto não é o que você tocou ontem à noite?" Samuel questionou da pia, de costas para mim. Minha mente saltou do telefone falhando para a música de Handel saindo da sala.

"Oh. Ah, sim. É o coro de Aleluia de Handel. É maravilhoso com uma orquestra completa, não é?

"Foi maravilhoso ontem à noite com apenas o piano, também."

Samuel respondeu sério, e virou a cabeça para olhar para mim quando secou as mãos e desenrolou as mangas da camisa. Prazer me cercou em suas palavras, e eu tentei impedir-me de sorrir como uma idiota quando deixamos a cozinha e voltamos para o celeiro.

Parecia não haver nenhuma mudança quando Samuel e eu nos agachamos para baixo ao lado da égua. Ela suspirava e gemia um pouco com a próxima contração, mas não parecia excessivamente estressada. Orei silenciosamente que Daisy ficasse bem, para que o nascimento corresse bem.

O silêncio no celeiro tornou-se mais espesso enquanto seguramos nossa vigília, e eu procurei em minha mente algo para dizer. Samuel certamente não parecia sentir a necessidade de falar.

"Handel compôs as três partes do seu "Messias", incluindo a orquestração, em pouco mais de três semanas. Duzentos e sessenta páginas de música em apenas 24 dias. Nenhum outro compositor realizou algo assim na história da música. Ele descreveu-o como uma experiência fora do corpo." Eu parecia um guia de turismo, e minha voz desvaneceu incerta quando Samuel não conseguiu sequer levantar a cabeça.

Quando ele não respondeu, depois de vários longos segundos, mordi a língua para não tentar continuar a encher a calmaria embaraçosa. E quando ele falou alguns minutos mais tarde, sua voz me fez saltar.

"Por que todos ficaram em pé ontem à noite, quando começou a tocar?"

"Eles ficaram?" Eu estava perplexa. Realmente não tinha notado.

Samuel só levantou as sobrancelhas e olhou para mim.

Eu corei e dei de ombros. "Eu realmente não sei..."

"Sua professora foi a primeira a levantar. Sra. Grimaldi, certo? Todo mundo meio que seguiu ela."

Dei uma risadinha, agora sabendo o que Sonja tinha feito. "Na verdade, é uma tradição levantar sobre o coro de Aleluia. Você vê, quando o rei da Inglaterra assistiu pela primeira vez a performance de 'Messias', ele ficou comovido quando o coro de Aleluia tocou, e então se levantou. Aparentemente, quando o rei de Inglaterra está de pé, todo mundo também levanta. Eu penso que Sonja fez Levan continuar uma tradição que tem estado em vigor há 250 anos."

"Você realmente não percebeu que todo mundo estava em pé quando você tocou?" O barítono suave de Samuel foi ligeiramente descrente.

Seu tom me fez sentir na defensiva, e eu acenei minha mão como se limpasse suas dúvidas. "Você me conhece, Samuel, eu me perco na música. Quando voltei à terra, todos já tinham sentado."

Minha insistência que ele 'sabia' me tocou nos ouvidos quando ele virou para trás na direção de Daisy, outra vez sem comentários, e acariciou seu longo pescoço. Ele estava agindo como se nunca tivéssemos nos conhecido. Eu pensei em quantas vezes meus pensamentos haviam sido preenchidos com ele nos últimos dois anos, e senti um caroço do tamanho do Texas em minha garganta.

Eu ainda estava distraída pela minha miséria vários momentos mais tarde, quando Daisy convulsionou fortemente e um nariz molhado apareceu entre ela e seu quartos traseiros. Eu engasguei, e o pequeno nariz desapareceu novamente quando a contração diminuiu.

"Um mais e você vai fazê-lo." A voz de Samuel era calma e tranquilizadora, mas meu coração estava batendo quando esperei a próxima contração vir. Samuel correu os mãos nos flancos úmidos de Daisy, falando suavemente com ela, pressionando-a.

"Um mais, menina, mais uma vez. Está quase no fim." Ele acalmou. "Vem, vamos lá."

Momentos depois, a égua estremeceu e seus flancos sacudiram quando um nariz e dois cascos entraram claramente a vista, seguidos por um molhado emaranhado de orelhas grandes e pernas bambas. Samuel ajudou a puxar o novo potro livre, limpando o sangue e lodo do pequeno sujeito com um punhado de palha. Daisy virou a cabeça e sua prole estranha se intrometeu suavemente, cutucando quando ela firmou a seus pés, lambendo e cutucando-o ao mesmo tempo.

"É isso aí, Daisy - muito bem menina!" Eu chorei, batendo palmas suavemente. Eu percebi que estava em pé, e que havia lágrimas no meu rosto. Eu limpei-as às pressas quando me ajoelhei novamente, colocando um beijo entre os ouvidos de Daisy.

"Você conseguiu, Samuel!" Eu sorri para ele, minha infelicidade esquecida à luz do nascimento triunfante.

"Eu não fiz nada, Daisy fez tudo" ele respondeu, mas seu tom era leve, e eu percebi que ele estava satisfeito que tudo tinha ocorrido sem incidentes.

Eu já estava contemplando nomes de Natal para o bebê de Daisy felizmente quando o som de uma porta batendo soou, antes de botas correrem pelo cascalho em direção ao celeiro.

"Espero que seja meu pai!" Clamei, levantando e correndo para a entrada do celeiro. Jacob e papai tinham estacionado o caminhão ao redor da casa, e estavam seguindo para o celeiro quando interceptei-os com a feliz notícia. Meu pai estava fora de si com preocupação, e correu na minha frente para o celeiro. Eu o segui para compartilhar detalhes do milagre da manhã relativos ao papel de Samuel quando nos aproximamos dele onde ele ainda estava no celeiro, equilibrado em suas ancas ao lado do novo potro. Ele levantou-se sem problemas aos seus pés, limpando o sangue que manchava suas mãos na calça jeans antes de estender uma mão, se desculpando, para meu pai.

"Parabéns, senhor. Desculpa a mão."

Meu pai pegou a mão dele tremendo, completamente despreocupado com a mão oferecida. Bateu nas costas de Samuel e lhe agradeceu por vir ao meu socorro. Todos conversaram por alguns minutos, admirando o novo potro, comentando sobre isso e aquilo, esfregando suas orelhas caídas e apreciando a surpresa de natal.

"Bem Josie", meu pai se virou para mim de repente. "Eu acho que você e Samuel ganharam o direito de nomear o potro. O que acha?"

Olhei para Samuel com expectativa, mas ele apenas encolheu os ombros, mergulhando a cabeça em minha direção e passando a vez para mim. "Vá em frente, Josie."

"George Frederic Handel," Eu disse impulsivamente.

Jacob e meu pai gemeram alto em uníssono e riram em protesto.

"Que diabos de nome é esse, Josie?"

Meu irmão uivava.

"Ele é um compositor!" Eu chorei envergonhada, desejando que tivesse tomado um minuto para pensar antes de deixar escapar a primeira coisa que veio à minha cabeça.

Um sorriso apareceu nos lábios de Samuel quando entrou na briga. "Ele escreveu a música que Josie tocou ontem à noite no serviço da igreja."

"Só achei que o potro deve ter um nome de Natal, e o coro de Aleluia de Handel é sinônimo de Natal!" Eu defendi, e então me encolhi quando Jacob e meu pai riram novamente.

Meu pai limpou as lágrimas de alegria de seus olhos quando tentou obter o controle de si mesmo.

"Chamaremos ele de Handel," engasgou-se para fora. "É um nome muito bonito, Josie." Acariciou meu ombro, ainda rindo. Eu senti como se tivesse dez anos de idade.

"Bem, meus avós vão querer saber onde estou."

Samuel estendeu a mão para meu pai novamente. "É melhor eu me limpar e estar no meu caminho."

"Obrigado mais uma vez, Samuel," meu pai andou atrás dele. Samuel inclinou a cabeça educadamente para mim e Jacob, então virou-se e caminhou para fora do celeiro.

Segui-o para fora, meu pai e meu irmão completamente inconscientes que eu estava saindo. Samuel tinha aumentado o passo, e estava a uma boa distância na minha frente quando eu sai do celeiro. Obviamente ele tinha acabado aqui. Não tinha? Ele foi embora sem mais do que um aceno para mim?

Ele provavelmente iria embora no dia seguinte sem dar-me outro pensamento. E de repente eu fiquei muito zangada, e mais do que um pouco machucada. Impulsivamente, eu abaixei-me e peguei um grande punhado de neve, formando uma bola desleixada. Lancei-a com toda força que eu tinha nas costas de Samuel.

Não sou atlética, para dizer o mínimo, e não poderia jogar uma bola para salvar minha vida, mas pela primeira vez o meu objetivo foi alcançado, e a bola de neve bateu bem na parte de trás da cabeça de Samuel.

Ele virou, atordoado, a mão subindo à cabeça e escovando a neve de seu cabelo curto e preto. Eu peguei outra bola de neve e joguei nele também. Ele se escondeu, mas eu acertei outro ponto, bem nos seus calcanhares. Uma atingiu-o no peito, atingindo seu casaco aberto e escorrendo para baixo. Samuel olhou para mim como se eu estivesse louca. Eu definitivamente não estava rindo.

"Josie! O que está errado com você?" Ele gaguejou em descrença.

"O que está errado comigo?!" Eu chorei de volta. "Por que *você* não diz o que está errado em mim, já que está tão ansioso a se afastar!" Eu sacudi a neve das minhas mãos e enfiei-as sob minhas axilas, tentando aquecê-las. A dor do frio nos meus dedos ameaçava encher meus olhos de lágrimas. Samuel caminhou para mim, fechando a distância entre nós até ficarmos cara a cara.

"Eu pensei que você era meu amigo!" Eu engasguei com raiva. "Ontem à noite você nem veio dizer olá, hoje você atuou como se fossemos quase desconhecidos, e agora você só está indo embora sem nem dizer um "Ei Josie, como está?" Faz dois anos e sete meses desde que você saiu, e eu tenho pensado em você todos os dias. Eu te escrevi dezenas de cartas." Eu balancei minha cabeça em perplexidade. "Nós éramos amigos, Samuel! Nós éramos bons amigos!"

Samuel suspirou pesadamente e enfiou as mãos ferozmente em seus bolsos do casaco. Ele levantou sua cabeça e me encarou por um momento, sua expressão indecifrável. Depois do que parecia ser uma vida ele falou, mas sua voz era gentil.

"Me desculpe Josie. Você está certa. Nós éramos amigos. Bons amigos." Ele suspirou e se afastou um pouco, chutando a neve a seus pés. "Você sabe quantos anos eu tenho, Josie?" Ele me perguntou, olhando sério para mim.

"Você tem vinte e um," atirei de volta.

"Sim, e você tem?"

Esperei sem responder, sabendo o que estava por vir.

"Você tem dezesseis anos de idade. É inapropriado para mim ficar perto de você."

Eu gemi alto e joguei minhas mãos para o ar. Meu físico e maturidade intelectual, juntamente com a minha natureza sensível e meu amor pela literatura inglesa deviam ter me tornado uma candidata perfeita para devaneios românticos e drama feminino. Mas embora eu tivesse me apaixonado

descaradamente pelo Sr Rochester de Jane Eyre, e pelo Sr. Darcy de Jane Austin, os meninos que eu conhecia da escola tinham pouco apelo. Sentia-me décadas mais velha que meus colegas de classe, e possuía uma certa seriedade e reservas que devem ter me feito parecer inacessível e esnobe. Sonja sempre disse que eu tinha uma "alma antiga". Eu guardei para mim a maior parte, tomei conta do meu pai, lia meu livros, tocava meu piano e passava um tempo com os Grimaldi. Quando fui forçada à companhia dos meus colegas, sempre me mantive perto da minha prima Tara, que gostava de mim apesar das minhas peculiaridades. Mas eu nunca senti que pertencia ali. Ouvir Samuel diz-me que eu era jovem demais para ser sua amiga só me fez querer gritar.

"O que minha idade tem a ver com a nossa amizade?" Eu repeti em voz alta. "Você só volta, depois de todos este tempo, e age como se nunca tivesse me conhecido. A noite passada... não podia esperar para vê-lo, falar com você... e você só... saiu! Isso foi cruel, Samuel. Você pode ter me superado, mas machucaria você dizer ‘olá’, falar comigo por um minuto?"

Samuel esfregou as mãos sobre o rosto em frustração. "Na última noite você não parecia ter dezesseis anos," ele disse laconicamente.

"O que isso tem a ver com alguma coisa?" Eu respondi, horrorizada.

"Eu estava ansioso para ver você, Josie. Mas... depois de te ver tocar na igreja, achei sensato ficar longe, porque eu me importo muito mais do que deveria" Samuel disse com relutância.

Meu coração gaguejou no meu peito, e eu olhei para ele, incerta de como responder. Ele olhou para mim, mãos nos bolsos, pés afastados, sobrancelhas levantadas. A expressão em seu rosto era tão preciosa e familiar que eu ri, e alcancei o profundo sulco entre suas sobrancelhas carrancudas. Ele empurrou de volta quando minha mão tocou seu rosto, e sua mão serpenteou para fora, envolvendo meu pulso.

"Eu não menti quando disse que nunca esquecerei você, Josie. Mas não pode ser como antes. Acho que você tem razão. Eu superei a nossa velha

amizade." Sua boca torceu ironicamente, e ele deixou cair o meu pulso de repente. "Se cuide, Josie. Foi muito bom ver você." Ele virou-se sem mais comentários e saiu triturando a neve, sem olhar para trás.

Eu o assisti ir embora, e por incrível que pareça, desta vez foi muito pior do que quando ele foi pela primeira vez. Desta vez eu não tive ilusões sobre o futuro. Não haveria nenhuma carta, nenhum conforto nos meus delírios. Samuel se foi para mim como a minha mãe tinha ido.

Na manhã seguinte seu caminhão já não estava estacionado na frente da casa dos seus avós. Eu tirei suas cartas da gaveta da minha mesa, sua imagens e o colar que ele tinha me dado da minha caixa de tesouro. Eu coloquei tudo em uma caixa de sapatos velha, e coloquei-a na prateleira mais alta do meu armário. Ela deslizou para a parte de trás quando eu fechei a porta com firmeza.

Fingi que tinha superado ele, também. Um dia eu iria embora. Eu seria uma pianista famosa. Eu viajaria o mundo, e não pensaria sobre Samuel nunca mais. Um dia, *eu* seria aquela a ir embora.

12. Interlúdio

Agosto de 2000

Uma semana antes do meu primeiro ano do ensino médio, tudo mudou. Kasey Judd tinha vivido em Levan toda a sua vida, assim como eu. Sua família tinha vivido lá por gerações, assim como a minha. Tínhamos nascido com poucos dias de diferença, no mesmo hospital, no mesmo ano. Frequentamos a mesma Igreja, usamos o mesmo ônibus e estávamos na mesma classe. Até a nona série, eu era mais alta que ele, e ele usava suspensórios e óculos. Seu cabelo encaracolado sempre foi rebelde, os sapatos estavam sempre desamarrados, e ele me desafiava constantemente para a primeira cadeira na banda da escola, o que eu achava um pouco chato porque regularmente o derrotava. Ele tinha sido uma presença constante na periferia da minha vida, como o confortável sofá na sala de estar, ou o papel de parede. Ele era só mais um garoto, até que eu me apaixonei por ele.

O pai de Kasey era o treinador da escola em Néfi, onde todas as crianças do condado, incluindo Levan, foram para a escola. Eu toquei trompete na banda da escola, então freqüentei minha parte de jogos de futebol e torci pela minha parte dos jogadores de futebol. Tara tinha uma coisa por jogadores de futebol, mas eu realmente não estava interessada em ouvir sobre cada jogador, suas estatísticas, a posição que eles jogavam e como eles ficavam em seu uniforme. Tara sabia tudo sobre todos, e eu escutava na maior parte com uma orelha desinteressada. Sua habilidade de falar sem parar sem qualquer incentivo meu fez nosso relacionamento funcionar. Eu nunca tive muito o que dizer, e ela não poderia se calar, então era uma vitória para nós duas. Ela era a única pessoa

que sabia quem tinha cartões de visita, divulgando suas habilidades de fofoqueira. Os cartões diziam "Se você quer saber como ou quem pergunte a Tara Ballow (Ba LOO)". Eu supunha que sua conversa enchia uma necessidade feminina dentro de mim. Nessa altura todos os meus irmãos haviam se formado, casado, ou mudado de casa – só eu ainda vivia na casa com meu pai. Ele era quase tão tranquilo quanto eu era, o que significava que papo de garota - ou qualquer outro tipo de conversa - era muito escassa, e Tara alegremente preenchia o vazio.

Minhas habilidades de tocar piano não precisavam de muito esforço, e eu ocupava a primeira cadeira de trompete na banda da escola. Não tínhamos orquestra na escola, por isso, quando entrei para a banda na sétima série, eu queria aprender a tocar um instrumento mais clássico, como o clarinete, até que Tara me disse que trompetistas são os melhores beijadores. Eu imaginei que alguém tão estranho quanto eu precisava de toda a ajuda que poderia obter, e comecei a tocar trompete desde então. Tara tocava flauta, muito mal. Mas a competição era feroz em uma escola pequena, e ela conseguiu manter sua cadeira. Entretanto, ela poderia ter tocado melhor, se simplesmente parasse de falar! O enorme chiclete rosa que ela estava sempre mascando não ajudava muito também. Sr. Hackett, nosso professor da banda, tinha proibido chiclete nos ensaios, mas Tara estava constantemente limpando cereja Hubba Bubba do seu rosto.

Tara tinha me falado sobre "aquele bonito Kasey Judd" durante todo o verão. Ela tinha dito que seu pai tinha tido todos os rapazes na sala de musculação, preparando-os para a temporada de futebol. Tara tinha estado no campo de futebol durante várias práticas, com binóculos para verificar seus músculos de novo.

Começamos o ensaio da banda duas semanas antes do ano letivo começar, para nos prepararmos para a próxima temporada de futebol. A prática era ridiculamente cedo, porque era a "semana infernal" para o time de futebol, o

que significava dois treinos por dia. A banda ensaiou cedo para permitir que os membros da equipe de futebol que também eram membros da banda, pudessem ir para o treino de futebol de manhã. Em uma escola pequena, não é incomum para um atleta entrar na banda ou cantar no coro ou em uma peça da escola. Na minha opinião, essa é a melhor coisa sobre frequentar uma escola pequena; menos concorrência às vezes significa mais oportunidade.

Então eu me arrastei para a primeira prática com meu cabelo loiro encaracolado em um rabo de cavalo desleixado, vestindo um velho par de jeans, uma camiseta sobrevivente e chinelos, apenas para descobrir que minha cadeira estava ocupada. Eu suspirei. Quando Kasey Judd iria aprender? Olhei para ele, e então olhei de novo. Kasey Judd tinha crescido. Os ombros estavam amplos; suas pernas eram longas e estavam esticadas para fora na frente dele. Sem óculos e sem suspensórios. Seu cabelo estava encaracolado como o meu, mas onde o meu era um loiro trigo igual o do meu pai (e do seu pai e do pai dele), o de Kasey era castanho escuro, e agora tinha sido cortado curto para domar o cabelo indisciplinado.

Eu sentei ao lado dele e disse timidamente "Esse lugar é meu." Eu esperava que as sardas que sempre apareciam no meu nariz no verão não fossem perceptíveis, e me amaldiçoei por não ter aplicado pelo menos rímel nos meus cílios infelizmente muito loiros. Eu tinha começado a usar minhas lentes de contato em uma base mais regular, e agradecia ter tomado o tempo para colocá-las naquela manhã, guardando-me da feiúra total. Ele olhou para mim com um pequeno sorriso e uma sobrancelha levantada e disse "Vamos ver."

Seus olhos eram de um verde avelã, e seu sorriso enrolou nas extremidades.

Covinhas vincaram seu rosto bronzeado. Quase caí da minha cadeira. Eu nunca tinha tido uma reação física a um sorriso antes, mas senti o sorriso de Kasey no fundo das minhas entranhas como um murro - e então eu era um caso perdido total. Ele desafiou-me para a primeira cadeira no setor de trompete

naquele dia, e pela primeira vez em muitos anos ele ganhou, apesar de eu tê-lo desafiado na semana seguinte e nunca deixei-o tê-la de volta.

Duas semanas mais tarde nós compartilhamos o nosso primeiro beijo, sob as estrelas no lago Burraston, e apesar da nossa inexperiência não foi um encontro muito estranho de lábios e dentes. Aquele beijo foi tão natural como uma oração na hora de dormir - simples, doce e sustentado. Apaixonei-me tanto que vi estrelas, e o engraçado é que eu ingenuamente pensei que isso fosse só como a paixão era para todos. Tornamo-nos inseparáveis desde então, ao ponto de nossos nomes tornarem-se uma extensão. Kaseyjosie. Você não poderia dizer um sem o outro. Foi tudo tão fácil com ele: fácil amá-lo, fácil ser amada.

Eu tinha muitas pessoas na minha vida que me amavam... e eu não sentia necessariamente falta de amor. O que eu desejava era a consciência que ele tinha de mim. Antes eu poderia sentar-me calmamente na minha cadeira e ler a noite, nunca exigindo atenção, nunca procurando. Eu poderia sentar-me no piano e tocar e ter pessoas apreciando a bela música, mas nunca reparando em quem tocou. Eu era um presença constante e tranqüila na vida das pessoas ao meu redor. Mas às vezes, na minha leitura, eu iria descobrir novos insights, ou ter pensamentos aparentemente profundos que mudariam a minha maneira de pensar. Eu estaria com fome para compartilhar minha inspiração com alguém, então eu tentava compartilhar minhas epifanias com meu pai ou meus irmãos. Eles permaneciam educadamente quietos por alguns segundos, e em seguida se distraiam com algo mais interessante ou mais urgente do que o meu recém-adquirido conhecimento, deixando-me falando sozinha. Eu normalmente só parava de falar quando podia ver que eles não estavam realmente interessados ou escutando, e eles nunca protestavam ou me incitavam a continuar.

Se eu tentava filosofar com Tara, ela me olhava fixamente por alguns minutos e então lentamente cruzava os olhos dizendo "Você está me perdendo Jos!" Eu iria rir, porque sabia que era verdade, e iria manter meus pensamentos para outra audiência. Minha tia Louise era muito literal, muito real, muito pé no

chão para apreciar a profundidade do universo, e avisava-me sempre que "comecei ficando profunda". Sonja tinha preenchido esse vazio de muitas maneiras, mas suas própria idéias eram tão preciosas para mim que quando eu estava com ela eu encontrava-me mais interessada em ouvir e absorver a sabedoria dela do que falar de mim mesma.

Quando Kasey tornou-se parte da minha vida... ele parecia desfrutar de deixar-me elucidar sobre qualquer assunto que tinha despertado meu interesse. Ele discretamente escutava e olhava para mim de vez em quando. Muitas vezes ele concordava com tudo o que eu falava, e me abraçava dizendo, "você é tão inteligente, Josie." Ele nunca teve muito a oferecer em termos de discussões mais profundas, mas apreciei muito seu interesse pelo que eu tinha a dizer, sem precisar de cuidado. Eu precisasse de alguém para me escutar e procurar minhas opiniões. Eu precisasse de alguém para me valorizar, para dar credibilidade à meus pensamentos, para ficar impressionado com as minhas capacidades - e não havia ninguém mais consciente de uma adolescente do que um jovem adolescente apaixonado.

Tinha um sentido novo e maravilhoso, e sua atenção me mantinha constantemente inebriante da altura que era completamente estranha para mim.

Eu tinha sentido o poder de Deus e sua presença na música, e eu tinha sido ensinada com princípios de bondade da literatura clássica, e eu sempre tinha sentido ambos como bênçãos de um pai amoroso no Paraíso. Eu estava apenas certa que Deus tinham me dado Kasey para aplacar minha solidão profundamente enraizada, a solidão que nem mesmo a música, palavras e o amor da minha família tinham sido capazes de extinguir. Eu achei que Kasey era a expiação de Deus por ter levado a minha mãe.

Entre os meus pares, eu era considerada singular e antiquada, mas Kasey parecia nunca mentir. Ele também era um crente nos princípios ministrados por Deus, e tinha pais trabalhadores. Nós dois fomos educados na fé e na crença em Deus e na responsabilidade familiar. Entendemos o que era esperado de

nós e queríamos deixar nossos pais orgulhosos. Tenho certeza que durante esses dois anos nossos pais ficaram preocupados que estávamos muito perto. E nós estávamos muito perto... mas eles nunca tentaram nos separar. Havia uma intensidade de amor jovem que era difícil de negar, mas conseguimos nos agarrar a nossa virtude e manter nossas mãos para nós mesmos, pela maior parte. Estávamos planejando nos casar, terminando a tortura, assim que nos formássemos. Kasey tinha me pedido para casar com ele na véspera de Natal, colocando um pequeno diamante minúsculo no meu dedo. Nossos pais encolheram os ombros, impotentes, e nos deram sua benção. Meu pai olhou para mim com lágrimas nos olhos e disse "Josie, tem certeza, querida?" Lembro-me de olhar para ele com espanto, pensando que pergunta boba era aquela. Eu tinha respondido com um sorriso e um abraço feroz. Eu não tinha dúvidas, nem por um momento.

Nem um frisson de dúvida. Meu pai tinha me apertado de volta e beijado o topo da minha cabeça.

"Ok, querida, tudo bem..."

Antes de cair no amor por Kasey, pensei que ia à faculdade obter uma licenciatura em música com especialização em literatura inglesa, e tocar piano profissionalmente, ganhar a vida fazendo a coisa que eu mais amava. Depois de Kasey, eu não estava mais tão desesperada por esse sonho.

Não era que eu tivesse perdido minha ambição, mas eu não podia imaginar qualquer uma dessas coisas me dando mais alegria do que estar perto de Kasey, fazendo uma vida com ele. Eu tinha recebido uma bolsa de estudos de música para qualquer escola da minha escolha, e Kasey tinha uma bolsa de futebol para a Universidade de Brigham Young. Pensei que eu poderia ensinar lições de piano e ganhar muito dinheiro fazendo isso; toda criança mórmon tomava aulas de piano em algum momento na sua infância. Pegaria um carro, assim poderia buscá-las em casa, o que as mamães ocupadas adorariam, e poderia ajudar a sustentar Kasey e eu enquanto íamos para a escola. Quando

nós nos formássemos, ele seria professor na escola e treinador de futebol, igual ao pai dele, e eu ia tocar piano profissionalmente e compor, e nós ficaríamos juntos para sempre. Tínhamos tudo planeado.

Kasey era como o ar para mim. Não importa quanto tempo passavámos juntos, nunca era o suficiente. Ele não compartilhava meu amor pela literatura ou minha obsessão pela música clássica, mas também não se sentia ameaçado por isso. Kasey foi, provavelmente, o tipo de homem que muitas mulheres poderiam amar e ser felizes por serem amadas. Ele ria facilmente e gostava de provocar, mas nunca às custas dos sentimentos de alguém. Ele poderia ser mal-humorado e competitivo, mas era rápido em perdoar e pedir perdão. Ao contrário de mim, ele nunca achou estranho dar e receber afeto; ele abraçava o pai, beijava sua mãe e dizia ‘eu te amo’ para mim primeiro. Ele sempre me fez sentir como se eu fosse a melhor coisa que já aconteceu com ele. Ele era um filho muito bom. Ele teria sido um bom homem, um bom marido e bom pai também. Ele era o sol em meu universo desde o nosso primeiro beijo.



Kasey perguntou do nada uma vez, se eu já tinha caído no amor antes. Nós estávamos enrolados no grande sofá da sala de estar da casa dos seus pais em uma noite de sábado, pipoca de caramelo caseira entre nós, e duas coca-colas frias no pequeno porta copos na mesa do café na nossa frente. As coisas estavam sendo ditas na grande tela de televisão, e tudo estava bem com o mundo.

Eu ri levemente, surpreendida por sua pergunta, e imediatamente respondi: "Não!", enquanto pegava a mão dele. Ele respondeu na mesma moeda e deixou o assunto de lado, quase como se esperasse o mesmo, e mudou-se mentalmente antes de eu sequer ter falado. Sentei-me em silêncio por

um minuto, segurando sua mão entre as minhas, estudando a palma da mão, traçando a sua linha da vida e sabendo o que havia inspirado a sua pergunta.

"Porquê?" Eu perguntei de repente, incapaz de conter minha curiosidade.

Kasey olhou de relance para mim distraidamente, "por que?"

"Por que perguntou se eu já tinha me apaixonado?" Eu respondi. Kasey encolheu os ombros, voltando sua atenção para a tela. "Eu não sei, eu só pensei... você pode não ter reparado em mim até o ano passado, mas eu notei você há muito tempo."

"Huh?"

Kasey suspirou e pegou o controle remoto, pausando o filme, fazendo o cara que estava sendo arremessado parar no ar. Ele olhou para mim, seus olhos correndo sobre o meu rosto.

"Josie, você é linda, e você ter sido linda por todo a sua vida." Eu aqueci com louvor e encontrei-me sorrindo timidamente - envergonhada, mas satisfeita. "A coisa agradável sobre você", ele continuou: "é que você não parece saber disso. Quando estávamos na escola, meus amigos e eu falávamos sobre você. Alguns dos caras pensaram que você estava presa, porque estava sempre tão quieta, e você não estava interessada em qualquer um de nós." Minhas sobrancelhas explodiram e foi a vez de Kasey ficar um pouco embaraçado.

"Bem, você era muito mais madura que os outros, parecia que era realmente de um planeta diferente. Você era boa o suficiente, mas estava realmente distante, como se estivesse apenas passando o seu tempo, sabe? Alguns dos caras pensavam que talvez você tivesse um namorado mais velho ou algo assim." Kasey procurou meus olhos, como se estivesse avaliando o efeito que suas palavras teriam, talvez pensando que eu diria que, na verdade, tive um namorado secreto que ninguém sabia.

"Você era mais alta do que todos nós e parecia muito mais velha, e você era definitivamente mais esperta. Mas eu sabia melhor. Eu sabia que você

estava apenas muito tímida, não presa. Provavelmente não se lembra, mas na aula de ciência da sétima série você sentou perto de mim. Você nunca foi muito arrogante ou cheia de si mesma. Ansiei por essa aula todos os dias. Foi quando eu decidi que um dia você seria minha namorada. Eu gostei de outras garotas, mas sempre estava de olho em você."

Inclinei-me mais e gentilmente pressionei meus lábios nos dele, e a conversa foi suspensa quando ele me beijou de volta. A voz da mãe dele na cozinha nos trouxe de volta à realidade, e ficamos separados, retomando uma proximidade mais segura. Kasey bateu o 'play' no controle remoto e a infeliz vítima terminou sua trajetória para o lado de um prédio de apartamentos. Kasey lançou o braço ao redor dos meus ombros e eu inclinei-me contra ele, puxando meus pés em peludas meias cor-de-rosa para baixo de mim.

Passei o resto daquela noite em contemplação, sentindo-me quase culpada. Eu tinha estado feliz que Kasey tinha escolhido o vídeo de Schwarzenegger para assistir; isso permitiu que minha mente vagasse enquanto ele curtia a destruição na tela. Tinha sido um tempo desde que eu tinha ativamente pensado em Samuel. Ele ainda passava pelos meus pensamentos de vez em quando. Quando as torres gêmeas e o Pentágono tinham sido atingidos, eu gostaria de saber onde ele estava e se ele seria um dos fuzileiros na linha de frente na guerra do Afeganistão. Eu nem tinha visto a cobertura de notícias, com seu rosto em minha mente. Mas eu tinha perdido-o fisicamente, por um longo tempo. Afinal, eu não o tinha visto em mais de dois anos.

Mas enquanto eu me sentava lá, segurando a mão de Kasey, tive que reconhecer minha mentira. Talvez eu amasse Kasey agora, mas estive apaixonada antes. Eu tinha amado Samuel. Não foi uma paixão ou coisa de menina. Tinha sido amor. Inocente, fora do comum, antes do seu tempo, mas... amor. O tempo tinha fornecido o ponto de vista, e embora eu nunca tivesse admitido, sabia que era verdade. O pensamento me deixou trêmula.

Nunca tinha contado a Kasey sobre Samuel. Nem uma única palavra. Eu pensei no meu silêncio. Não tinha vergonha do que tinha sido, mas também não haviam palavras para descrever. Algumas coisas não podem ser explicadas ou compartilhadas; elas tendem a perder seu brilho quando passadas ao redor. Lembrei-me da escritura 'pérolas para porcos'. Um porco nunca terá qualquer apreciação para uma pérola, não importa quão preciosa ela seja. Ele não tem a experiência ou a capacidade de compreender o seu valor. Minha relação com Samuel tinha sido uma brilhante pérola na minha vida, e até mesmo os mais próximos a mim, embora certamente fossem a coisa mais distante de suínos, seriam incapazes de compreender o seu valor intrínseco. O ditado "você tinha que estar lá" praticamente resumia rudo. Nada poderia ser adquirido comigo explicando o assunto, então eu nunca fiz. Samuel não era mais uma parte da minha vida e, naquela noite, enquanto segurava as mãos do meu futuro, eu decidi mantê-lo escondido no meu passado.



No dia da formatura, 28 de maio, ficamos alinhados com nossos colegas, marchando até o palco e recebendo nossos diplomas. Colocaram Jensen e Judd lado a lado, por ordem alfabética, e Kasey e eu jogamos nossos chapéus no ar juntos. Eu estava no top 10 da minha turma; poderia ter sido oradora se tivesse tentado, mas tive a certeza de não ser. Me formar em terceiro lugar significava que eu não teria que dizer uma palavra no microfone, e eu não tinha interesse em fazer um discurso de formatura. Não derramei lágrimas como as pessoas ao meu redor, incluindo Kasey, que me abraçou e chorou com saudade. O colégio nunca foi o auge para mim, e eu estava preparada para o que viria a seguir... e o que viria a seguir seria Kasey e eu na igreja, na frente de toda a cidade, dizendo 'eu aceito'. Quando eu era pequena, eu tinha visto o musical 'Sete noivas para sete irmãos' oito milhões de vezes, e eu seria uma noiva em junho. Tivemos que

definir a data, entregar os convites e escolher meu vestido de casamento - o vestido que minha mãe tinha usado quando se casou com meu pai estava pendurado no meu armário, onde eu poderia vê-lo quando ia dormir todas as noites.

A tradicional comemoração de formatura foi uma festa à noite toda e para todos os formando, num parque aquático em Provo, a cerca de 45 minutos ao norte de Néfi. Kasey era sociável e amava jogar, então eu alegremente o acompanhei, embora parques aquáticos e noites que não envolviam livros não fossem realmente a minha coisa. Depois disso, os graduados subiram no ônibus escolar e voltaram para a escola para um grande café da manhã com panquecas, servido por algumas das mães. Kasey tinha um trabalho enchendo as prateleiras da mercearia em Néfi nas primeiras horas da manhã. Ele tinha que trabalhar naquela manhã, então meu irmão Johnny ia passar por aqui e me pegar na escola após seu turno da noite na Usina terminar. Kasey tinha planejado tomar um banho rápido e dormir um pouco na sala de descanso dos empregados antes do seu turno.

Como de costume, nós tentamos adiar nossa despedida para o último possível minuto. Era antes das 05:00 da manhã, e Kasey não teria que trabalhar até as 06:30, então ele decidiu que tinha tempo de sobra para me levar para casa e ainda tomar um banho e tirar uma soneca. Ligamos para o telefone da usina e Johnny tinha sido chamado para atender em um telefone nas proximidades.

"Não me importo, Johnny," Kasey disse sinceramente. Johnny tinha rido com ele.

"Tenho certeza que você não se importa Kasey, e sei que Josie também não," ele disse ironicamente, "mas vocês dois tem que dormir, é 05:00h da manhã. Eu vou estar pronto em 45 minutos, e não há razão para você fazer uma viagem extra."

Kasey assegurou-lhe e persuadiu, e em pouco tempo estávamos no nosso caminho para Levan no Ford verde de Kasey. Nós gostávamos do carro velho porque tinha um único assento na frente, e eu poderia ficar bem próxima a ele. Sentei-me tão perto dele quanto poderia enquanto ele dirigia. Ele manteve a mão esquerda no volante e a outra mão na minha. Nós dois cheirávamos a cloro da piscina, e nosso cabelo secou em cachos mortos. Eu tinha torcido o meu para cima em um coque, mas o dele caiu sobre seus olhos, e eu alisei os cachos da testa dele conforme nós conversamos sem parar até a minha casa.

O sol estava apenas aparecendo sobre as montanhas orientais que sombreavam a cidade adormecida quando nós rolamos no cascalho na frente da minha casa. Eu tinha passado muitos dias nos cânions Pidgeon e Chicken Creek daquelas montanhas. Nesse ano tivemos um inverno frio e seco e pouca neve, e como os agricultores no oeste geralmente faziam, passamos muito tempo jejuando e orando por umidade. O desfiladeiro não teria muito escoamento naquele ano, o que seria difícil para as fazendas. Mas eu estava muito contente para me preocupar com o sol atrás daquelas montanhas que apenas pareciam como um lar para mim, tudo emoldurado em esperança cor-de-rosa, e com a promessa de listras douradas por cima. Kasey saiu do carro e eu deslizei para fora atrás dele, fechando a porta dele e depois a minha. Ele se inclinou para trás contra a porta e me puxou contra ele, descansando sua bochecha contra a minha cabeça. Vimos o nascer do sol em silêncio. Os adolescentes normalmente não gostavam de se levantar mais cedo do que precisavam, e nós éramos bastante normais a esse respeito. Nunca vimos o nascer do sol juntos, então, naquela manhã, foi uma primeira vez para nós, e eu me lembro completamente de me encher até a borda com contentamento. Há uma silenciosa música de alegria no nascer do sol, e a música daquela manhã ainda faz meu coração doer quando eu me permito lembrar. Seus braços musculosos e jovens eram fortes ao redor dos meus ombros, e quando ele se inclinou para baixo e esfregou seu rosto contra o meu, o hálito dele cheirava a xarope de bordo.

"Eu te amo tanto, Josie Jensen," ele sussurrou contra minha bochecha, me colocando em seus braços e inclinando as mãos em concha em meu rosto. Eu senti um caroço aumentar na minha garganta enquanto olhava para ele, e senti-me estranhamente rindo com a doçura de tudo.

"Eu também te amo, Kasey Judd, e se você não me beijar agora mesmo, eu vou quebrar em um milhão de pedaços" eu sussurrei de volta. Ele se inclinou em minha direção, mas eu fechei a distância na ponta dos pés, puxando-o para baixo. Eu provei a doçura persistente em seus lábios e o respirei. Meu coração gaguejou uns dois passos agora familiares, e nós nos afundamos um no outro como se fosse a primeira vez. Sem fôlego, eu tive que puxar-me para longe dele, pois havia uma pequena vantagem no seu beijo e uma certa urgência no jeito que ele me segurou. Eu me emocionei com a sua paixão, mas sabia que Johnny não deveria estar muito longe, e eu não queria envergonhá-lo ou iniciar uma palestra fraternal sobre "ser cuidadosa."

O queixo de Kasey caiu para o peito, e seus olhos fecharam em agonia simulada. "Uhhh" Ele gemeu. "Três semanas é muito tempo! Eu vou me quebrar em um milhão de pedaços." Ele ecoou minha palavras de um momento antes.

"Nós vamos fazer isso. Não é para sempre." Eu ri dele, puxando-me em seus braços e beijando-o novamente, com tanta fome quanto antes. Terminei com ele mais uma vez, relutantemente me afastando, com minhas mãos ligadas as suas.

Seus lábios giraram para baixo nos cantos, e as sobrancelhas curvaram em sua melhor expressão de cão arrependido. Ele parecia melancólico quando suspirou dizendo adeus. Eu ri novamente, encantada com a sua necessidade por mim.

"Talvez devêssemos ficar separados até o grande dia" provoquei ele com um grande sorriso.

"Parece uma eternidade" ele disse silenciosamente quando subiu no carro.

Eu recuei e o vi sair da entrada de cascalho. Eu acenou e soprou beijos bobos. "Me ligue mais tarde!!!!" Eu gritei, e ele acenou com a mão para fora de sua janela, sinalizando que tinha me ouvido. Eu nem o vi se afastar. Virei e entrei em casa, de repente ansiosa por um banho e meu travesseiro de penas. Não tive nenhuma premonição, nenhuma idéia de que seria para sempre. Foi a última vez que o vi vivo.

13. Requiem

Kasey deve ter ficado sonolento no caminho de volta para Néfi. Os oficiais que chegaram no local do acidente disseram que achavam que ele tinha visto um veado, ou desviou para a pista errada e começou a ir para a vala de irrigação ao longo do lado da estrada. Ele tinha corrigido, bateu nos freios e capotou o carro. Kasey foi lançado através do pára-brisa e morreu na hora. O carro estava de frente para a outra direção e de cabeça para baixo quando parou, e meu irmão foi a primeira pessoa a passar e ver o carro de Kasey destruído. Johnny disse que pensou que nós dois estávamos no carro, por causa da maneira que o carro estava parado - ele achou que o acidente tinha acontecido no caminho para nossa casa.

Ele disse que encontrou Kasey não muito longe do carro e correu em torno para tentar encontrar-me. Ele não podia ver dentro do carro de cabeça para baixo, porque o topo foi completamente esmagado. As portas foram danificadas e ele não conseguiu abri-las. Ele pensou que eu estava lá dentro. Johnny não tem celular, e não havia ninguém na estrada as 5:45h numa manhã de sábado. Johnny disse que não se lembra de pular em seu caminhão e correr para casa. Eu tinha renunciado ao chuveiro pela minha cama, e acordei com ele gritando no telefone. Eu encontrei-me descendo as escadas do sótão em direção a cozinha. Johnny me viu e deixou cair o telefone, fazendo com que balançasse descontroladamente no seu cabo antes de tropeçar em minha direção.

"Josie! Pensei que você estava com ele... Você está bem! Você esta bem? Kasey... o carro dele! Você está aqui? Como?” Ele estava olhando para mim e esfregando as mãos pelos meus braços com lágrimas nos olhos, em seguida,

segurando-me e empurrando-me novamente quando ele tentou explicar sobre o acidente e como pensou que eu estava com Kasey.

Você sabe quando se sente em um pesadelo? Como às vezes você acorda e está quase paralisado por um minuto? Você não pode sentir as pernas ou os braços, e é quente e frio, tudo de uma vez? Eu lembro de ficar em pé olhando pra meu irmão, vendo o rosto dele se contorcendo de alegria pela minha segurança e desespero em minha perda. O sangue em minhas veias diminuiu, e meus dedos ficaram dormentes. Enquanto isso, Kasey estava ao longo do lado da estrada, com os pássaros cantando no céu azul em uma perfeita manhã de maio. A compreensão de repente apareceu.

"Deixaram-no lá? Deixaram-no lá?" Minha voz subiu em um grito que mudou minha cabeça. Me virei e corri de casa, ainda em meu maiô e shorts, sem sapatos nos meus pés. Eu era uma corredora forte e corri para fora na estrada, meu irmão gritando "Josie! Josie! Espere!" atrás de mim. E então gritando, "Pai!... Pai!... Me ajuda!... Pai!" quando ele gritou pelo meu pai, que devia ter ido lá fora ver os cavalos.

Eu corri e não senti nada, apenas uma fúria me consumindo porque Johnny tinha ficado parado na nossa cozinha conversando enquanto Kasey estava ferido em algum lugar. Eu corri por cerca de meia milha antes de meu pai e Johnny me alcançarem. Eles tinham saltado no caminhão marrom, nosso antigo caminhão de fazenda, porque foi no curral que Johnny tinha encontrado meu pai, e as chaves estavam na ignição. Johnny estava atrás do volante, o que foi provavelmente uma coisa boa, porque se tivesse tentado me impedir, eu teria arrancado seus olhos. Meu pai era forte e eu tinha herdado minhas pernas de corredora dele. Quando Johnny parou, meu pai saiu pela porta do passageiro e combinou seus passos aos meus. Ele envolveu seus grandes braços em volta de mim e me puxou para baixo como um bezerro de rodeio nas altas ervas daninhas ao longo do lado da estrada.

"Josie!" Ele disse com a voz rouca. "Pare Josie! Querida! Eu vou te levar para ele! Pare com isso agora! Você vai chegar lá mais rápido se você for no caminhão!" Eu fiquei chutando e resistindo, tentando me soltar dele.

Com suas palavras registradas, eu parei de lutar e olhei para ele, ambos respirando fundo. Meu pai era um desses homens com um rosto esculpido, bronzeado, duro. Mamãe dizia que ele era seu próprio John Wayne. Sua voz era alta e dura, e ele foi duro com os meus irmãos enquanto crescemos - mas ele era um grande marshmallow uma vez que você tinha quebrado a casca. Vi seus olhos lacrimejarem mil vezes, e nós todos mexemos com ele sobre isso. Mas quando eu olhei para o seu rosto e vi a devastação em seus olhos e as lágrimas em seu rosto, minha raiva tornou-se uma onda de medo terrível.

"Querida, não acho que ele sobreviveu a isso," a voz dele pegou quando segurou de volta um soluço. "Johnny disse que ele tinha ido embora. Ele chegou em casa e ligou para a ambulância. Ele pensou que você estava presa naquele carro, querida."

"Não!" Eu comecei a lutar a sério, e meu pai gritou e me puxou em seus braços, segurando-me, chorando e lutando para colocar nós dois no caminhão. "Eu vou te levar para ele... Eu vou te levar, querida, aguente firme..."

Eles tinham me levado até ele... mas não me deixaram sair do caminhão. Os oficiais da patrulha rodoviária tinham chegado no acidente, e tinham coberto Kasey com algum tipo de lona. Meu pai envolveu as pernas e braços em volta de mim para segurar-me de volta quando Johnny trouxe o velho caminhão a uma parada e pulou para fora, correndo para o oficial. Era um dos meninos de Carter, todo crescido e vestido em seu uniforme da polícia e em seus óculos escuros. Ele era cinco ou seis anos mais velho que eu, mas tinha crescido em Levan também. Conheci-o por toda a minha vida, mas naquele momento não conseguia pensar em seu nome. Ele colocou o braço nos ombros trêmulos de Johnny enquanto caminhavam para onde Kasey estava coberto. Ele ajoelhou-se e suavemente puxou um pouco para trás a lona, e Johnny assentiu com a

cabeça em resposta a algo que ele disse. Eu peguei o menor vislumbre da cabeça encaracolada de Kasey. Johnny disse o nome de Kasey, e eu deitei minha cabeça no colo do meu pai e chorei.



Depois de seu funeral, Kasey foi enterrado no cemitério de Levan ao lado de seu avô Judd, que tinha falecido quando Kasey tinha dez anos. Kasey amava seu avô e teria gostado, mas secretamente desejei que ele pudesse ser enterrado ao lado da minha mãe, para que em sua morte eu pudesse reclamá-lo e ele pudesse ser nomeado como minha família, já que agora eu nunca seria considerada entre os seus. A raiva que eu sentia de Deus me manteve distraída do meu sofrimento por um tempo. Eu tinha sofrido minha cota já, e não era justo que eu devesse perder duas pessoas. Era a vez de outra pessoa. Eu irritei-me com ele. Mesmo quando eu tentei rezar por força e compreensão, encontrei-me muito nervosa para terminar, e só acabei deixando meus joelhos em fúria.

Debaixo da raiva havia também uma pergunta. Na tristeza, eu encontrei-me perguntando-lhe, "Porque Kasey foi-me dado Deus, se você só o levou embora?" Isso parecia tão cruel, e eu sabia que esse não era o Deus que eu conhecia. Foi a primeira vez na minha vida que eu questionei seu amor por mim.

A data que era suposto eu me casar com Kasey veio e Tara me buscou, me mantendo ocupada durante o dia. Mas quando a noite desceu, encontrei-me no meu quarto dedilhando o vestido de casamento da minha mãe, o vestido que se tornaria meu nesse mesmo dia se Kasey estivesse vivo. Era simples no estilo, cintura alta e manga comprida. Me pareceu muito Jane Austen, e eu o adorei por toda minha vida. Minha mãe tinha guardado-o cuidadosamente, e estava quase tão branco quanto no dia que ela usara.

Eu tinha uma foto dela com esse vestido, olhando para meu pai com o mais sereno sorriso no rosto. Ela segurava rosas amarelas no seu buquê, e usava uma coroa de flores no cabelo. O cabelo dela era um rico marrom pesado e caia quase até sua cintura. Eu não tinha sua coloração, mas meus olhos abertos e meu rosto em forma de coração eram dela, assim como meu lábio superior ligeiramente mais cheio, que dava a minha boca um efeito Betty Boop. Papai carinhosamente nos chamava de Boop um e Boop dois quando mamãe era viva. Ela e meu pai pareciam tão jovens e felizes.

A imagem tinha pego meu pai com os olhos fechados, mas de alguma forma isso só me fez amar mais a foto - era como se ele estivesse contando suas bênçãos naquele momento, os olhos fechados em profunda gratidão.

Perguntava-me... se eles soubessem naquela época que minha mãe morreria tão rapidamente, seus olhos estariam abertos? Suas mãos teriam se agarrado mais apertado? Eu estava de repente com inveja dos meus pais, do tempo que eles tiveram. Eles tinham ficado casados por vinte anos. Eles sempre pertenceriam um ao outro. Minha mãe sempre seria Janelle Wilson *Jensen*. Eu nunca seria Josie Judd.

Quando a casa ficou tranquila e Johnny e meu pai estavam dormindo, eu coloquei o vestido de noiva, arrumei meu cabelo e cuidadosamente apliquei minha maquiagem. Eu coloquei a ‘Sonata da Meia Noite’ de Beethoven muito suavemente no meu CD player. Quando terminei os reconfortante rituais femininos de muitas noivas, fiquei na frente do meu espelho de corpo inteiro e olhei para mim mesma por um tempo muito longo. As palavras de Jane Eyre vieram a minha mente, e eu entendi minha amiga literária como nunca antes.

"Onde estava a Jane Eyre de ontem? Onde estava a vida dela? Onde estavam suas perspectivas? Jane Eyre, que tinha sido uma mulher expectante e ardente, quase uma noiva, era agora uma garota fria e solitária novamente: a vida dela estava pálida; suas perspectivas desoladas."

Meu pai me encontrou dormindo no balanço do alpendre na próxima manhã, ainda vestida com meu vestido branco, envolvida no meu longo véu. Eu tinha vindo para o lado de fora para sentar-me na luz pálida da lua, disposta a remover o vestido e renunciar ao que restou do dia do meu casamento. Tinha adormecido com o rangido da madeira do balanço. Meu pai tinha falado o meu nome, acordando-me para a alvorada do dia seguinte. Ele tinha se sentado ao meu lado e me puxado para seu colo, esfregando minhas costas em círculos lentos, balançando-me suavemente e deixando o sol subir e os cavalos esperaram enquanto ele sentava-se comigo, me segurando em seus braços. Minha raiva eventualmente desvaneceu, provavelmente quando foi sugada para o buraco negro da minha profunda decepção. A vida que eu tinha imaginado nunca seria a mesma, e eu chorei por isso quase tão desesperadamente quanto lamentei por Kasey.



Os meses após a morte de Kasey foram como um jogo estranho, onde eu tinha me tornado a protagonista com um elenco de apoio indefeso, e onde os suportes do cotidiano me mantiveram funcionando em uma paródia empolada de existência. Ninguém sabia o que fazer ou dizer. Minha indignação por minha perda retornava aleatoriamente, fazendo-me manter a minha própria companhia a fim de não atacar entes queridos que só queriam ajudar. Eu toquei minha música constantemente, mesmo enquanto eu dormia. Usei isso em torno de mim e através de mim, e isso me ajudou a retirar-me da minha realidade.

Eu corria pelas colinas ao redor da minha casa, e para baixo ao longo das estradas rurais que serpenteavam em torno das fazendas familiares e casas dos meus vizinhos. As distâncias tornaram-se maiores, as noites intermináveis, os concertos e sonatas salvavam-me dos pensamentos, o ritmo da minha respiração sibilante em conjunto com a percussão dos meus pés batendo. Eu tinha decidido esperar até janeiro para começar a escola, mas eu estava

realmente ansiosa para partir para a Universidade depois do Natal. Meu sonho de renome musical agora me fazia sentir muito vazia - a perda de alguém com quem compartilhar esse sonho tinha-me feito parecer tão vazia como uma concha abandonada. Mas eu ainda queria. Eu precisava disso. Eu precisava recuperá-lo, remodelá-lo. E eu ansiava o anonimato de uma cidade onde ninguém sabia sobre minha dor. Escondê-la seria muito mais fácil.

Meu pai ficou aliviado que eu parecia estar seguindo em frente, e tenho certeza de que uma nuvem levantava sempre que eu saia de casa, embora ele nunca poderia ter admitido. Como deve ter sido doloroso para ele! Como foi íntimo seu conhecimento da minha dor! Dez anos antes sua angústia tinha espelhado minha própria. Mas sua empatia forneceu a ele uma paciência aparentemente interminável, e ele cuidou de mim agora, como eu tinha tentado cuidar dele há anos atrás.

E o pobre Johnny. Eu tinha estado tão irracionalmente zangada com ele. Ele tinha andado pé ante pé em torno de mim no primeiro mês, tentando comunicar seu amor por mim em pequenas coisas... arrumando minha cama, estocando a geladeira com Coca-Cola diet gelada, quando ele e meu pai não bebiam nada além de Pepsi. Um dia ele tinha até mesmo lavado um monte das minhas roupas brancas, dobrando cada meia e colocando-as ordenadamente na minha cama. Eventualmente eu comecei a fazer algumas das mesmas coisas por ele... pedindo seu perdão e retornando seu amor recolhendo as roupas do chão do seu quarto, colocando Twinkies no congelador - então ele poderia comê-los congelados da maneira que ele gostava, limpando a lama das suas botas de trabalho e encerando-as, deixando-as ordenadamente na varanda... Pequenos atos de bondade que eram mais fáceis de realizar do que falar as palavras. E nós nunca falamos daquele dia horrível.



Cerca de uma semana antes de eu sair para a escola, meu pai deixou o trabalho mais cedo por causa de uma terrível dor de cabeça. Eu estava no andar de cima encaixotando algumas das minhas coisas quando ouvi o estrondo da porta de cozinha abrindo e chamei, questionando. Eu ouvi os armários batendo e então um vidro se quebrou. Eu suspirei, pensando no que ele estava fazendo.

"Pai?" Eu perguntei, descendo as escadas em direção a cozinha apenas para encontrá-lo balançando na pia com um frasco de aspirina na mão e cacos de vidro em torno de seus pés.

Ele se virou para olhar para mim e balançou, agarrando as bordas da bancada. Ele perdeu a preensão do frasco aberto de aspirina, enviando pequenas pílulas brancas espalhadas em todo o chão.

Ele começou a falar, mas suas palavras eram arrastadas, e parecia que ele tinha bebido demais.

"Pai! São 14:00h! Você está bêbado?" Acusei furiosamente com as mãos balançando.

"Sem bebida," meu pai murmurou para fora, e então caiu no chão, como se as pernas já não pudessem apoiá-lo.

Medo bateu através de mim como um trem de carga, e apressei-me para ele, vendo que a sombra da morte e sua longa foice estavam puxando-o de mim quando ele tentou se endireitar, seus olhos espremidos fechados em uma terrível careta.

"Não!" Eu gritei, momentaneamente enlouquecida com o semblante terrível e familiar da morte. Eu coloquei meus braços ao redor dele e joguei seu braço esquerdo em volta dos meus ombros "Pai, temos de te levar para o hospital!" Ajudei-o a ficar em pé e fomos cambaleando como um par em uma corrida de três pernas pela porta da cozinha, descendo os degraus de volta. De alguma forma conseguimos subir no caminhão dele, derrubando-o no banco do passageiro, e eu passei o cinto de segurança em torno dele, tentando segurá-lo na posição vertical. Ligar para o 911 significaria que uma ambulância teria que

vir de Néfi, e nós não tinhamos tempo para isso. Eu não sabia o que estava acontecendo, mas algo estava muito errado.



Meu pai tinha tido o que seus médicos chamaram de acidente vascular cerebral isquêmico, causado por um coágulo de sangue no cérebro. Quando chegamos ao hospital, seu discurso era ininteligível e não havia como ele andar. Eu tive que correr para a sala de emergência pedindo ajuda, e em poucos minutos ele tinha sido colocado em uma cadeira de rodas enquanto eu contava exatamente o que tinha acontecido na cozinha. Após uma verificação para ter certeza que o infarto não foi causado por uma hemorragia cerebral, ele foi posto em diluidores de sangue, para afrouxar e separar o coágulo. Mas tinha uma grande quantidade de dano já feita.

Depois de uma semana no hospital, meu pai chegou em casa sem poder andar e incapaz de falar claramente. A parte do cérebro que controla os movimento e a fala tinham sido danificadas. O lado esquerdo estava particularmente fraco, e ele era incapaz de se alimentar sozinho.

Eu dirigia levando-o e voltando da clínica de reabilitação em Provo todos os dias, onde ele passava de três a cinco horas para reaprender tudo, desde amarrar seus sapatos até escrever o próprio nome.

Aprendi a cuidar dele, observando a equipe de médicos e terapeutas que trabalhou com ele todos os dias. Meus irmãos e suas esposas ajudaram como podiam. Jacob começou a trabalhar na fazenda, e com gratidão a deixei em suas mãos capazes. Muitas vezes uma da minhas cunhadas conduzia meu pai à reabilitação ou trazia-o para casa, aliviando-me um trecho ou outro. Mas pela maior parte do tempo eu fui a cuidadora, e levei em seus cuidados uma

determinação feroz de que ele seria completo novamente. Eu tinha perdido muitos, e meu pai não iria ser numerado entre eles.

Dentro de alguns meses ele estava andando com um andador e fazendo progressos consideráveis em outras áreas. Suas palavras não eram tão arrastadas, embora ele tenha perdido um pouco da sua capacidade cognitiva e às vezes esquecia o que falamos apenas momentos antes. Perguntei-lhe uma vez 'dois mais dois é igual a?' Após pensar por um momento ele tinha respondido "O que é um dois?"

Até mesmo seu sentido de tato foi afetado. Ele não podia diferenciar quente de frio, e era como se o sinal que provocava as sensações em algum lugar no seu cérebro tivesse sido desligado. Um dia ele lavou as mãos sob a água fervente, não sentindo que estava se queimando.

Durante a semana que ele passou no hospital logo após o AVC, eu chamei o comitê de admissões da Universidade Brigham Young, bem como o diretor do departamento de música, que haviam me encontrado e aceito minha bolsa de estudos. Depois de informá-los sobre minha situação, ambos tinha sido verdadeiramente gentis, e me disseram que a bolsa iria ser adiada até ao ano escolar seguinte. Mas quando eu desliguei o telefone sabia que eu não iria mais usá-la.



Deixei de tocar piano após o AVC do meu pai. Nas primeiras semanas depois dele ser capaz de ir para casa eu estava cansada demais para fazer qualquer coisa além das suas necessidades. Eu o alimentei, dei banho nele e levei-o através dos exercícios que tinham sido ensinados para ajudar a recuperar suas forças e mobilidade perdidas. E claro, as longas horas na reabilitação assumiram os meses que se seguiram. De vez em quando eu dedilhava as teclas, esperando puxar algo

familiar em minhas veias, mas a música que uma vez tinha dançado em meu pensamento estava estranhamente silenciosa. Então deixei de me debruçar sobre ele. Não sabia se era exaustão ou apenas uma falta de vontade para enfrentar o que estava acontecendo comigo.

Depois eu parei de ouvir música clássica quando corria. Em vez disso, eu peguei emprestado o iPod de Tara e escutei Tim McGraw e Kenny Chesney – de acordo com Tara eram 'verdadeiros homens com chapéus de cowboy'.

Meu pai sempre tinha amado George Strait e Johnny Cash. Eu encontrei a música que ocupava meus pensamentos enquanto eu corria, e deixei meu coração intocado - que era só o que eu queria.

Quando meu pai estava bem o suficiente para eu deixá-lo sozinho por qualquer período de tempo, eu comecei a dar aulas de piano. Financeiramente nós estávamos em apuros, e eu precisava trabalhar. Mas as lições eram barulhentas, e nossa casa era pequena e não contribuía para um paciente em recuperação de acidente vascular cerebral que precisava de uma grande quantidade de repouso, então o Bispo de nossa igreja deu-me permissão para usar uma das salas da igreja para ensinar meus alunos. Nessa altura já era verão, e eu estava fora da escola. Eu poderia agendar meus alunos em torno do programa de reabilitação do meu pai. Mas quando a escola começou, meus alunos não seriam capazes de acomodar-se tão facilmente, e eu precisava de uma fonte de renda adicional que ainda tivesse alguma flexibilidade. Tive que fazer outra coisa.

Tara tinha ido para a escola de beleza e se formado no ano anterior, com grandes sonhos e um cabelo azul. Uma noite ela fez uma sugestão fora de mão: que eu poderia ter aulas na faculdade de beleza nas horas que meu pai estivesse na reabilitação. Eu decidi que cortar cabelo seria uma boa maneira de ficar perto de casa e pagar as contas. Jared vivia em Provo, cerca de 10 minutos do hospital, e quando eu não estava fora da classe na hora de buscar meu pai, ele iria buscá-lo e levá-lo até a sua casa, até que eu tivesse acabado com as aulas. De alguma forma nós tropeçamos através daquele ano e, ao contrário de

Tara, formei-me com minha cor de cabelo na maior parte intacta, e sem sonhos para falar.

Tara queria sair de Levan, e tinha começado a trabalhar pesado em um salão caro em Salt Lake City, na esperança de aprender com os melhores a sua maneira de trabalhar. Tenho certeza que Louise queria que ela trabalhasse no Ballow's Do, mas ela não estava surpresa com a necessidade de Tara de fazer suas próprias coisas. O desinteresse de Tara nos negócios da família me ajudou, porque Louise deixou-me trabalhar em sua loja. Eu era capaz de cortar cabelos de dia e dar aulas de piano à noite, e meu pai e eu mancamos, financeiramente e de outras formas.

Tara era o tipo de estilista que testava em todos que a conheciam com resultados mistos. Meu cabelo passou por vários tons e diferentes cortes, até a mãe dela me puxar de lado e gentilmente, mas firmemente, dizer-lhe que ela deveria testar em outra pessoa. Eu era uma cobaia perfeita porque não tinha absolutamente nenhum interesse em minha aparência. Na escola de beleza eu tinha praticado nela, mas os resultados eram muito mais conservadores, e embora eu nunca fosse ser tão criativa quanto Tara, eu era consciente e precisa. Minha solidão me fez uma bom ouvinte, e eu era capaz de dar aos clientes o que eles queriam, e não o que eu pensava que traria para fora seu gatinho do sexo interior, como Tara estava propensa a fazer.

De vez em quando eu encontrava-me pensando em como minha vida era diferente da vida que eu sonhei. Houve um tempo quando eu sonhei em freqüentar uma escola de Artes. Eu nunca disse ao meu pai sobre isso, embora eu tenho certeza que ele teria tentado tornar isso realidade. O laço que me ligava à minha casa era muito apertado, muito mais forte. Em seguida houve Kasey, e todos os pensamentos de sair haviam me deixado. Lembrei-me dos dias em que Sonja tinha sonhado que eu iria tocar com a Orquestra Sinfônica de Utah. Mas Sonja nunca me fez sentir culpada pelas minhas escolhas. Ela entendeu o que me segurou. No entanto, eu sabia que ela sentia por mim, e se

preocupava que eu estava enterrando meus talentos no dever, apenas para descobrir um dia que tudo tinha oxidado com o tempo e a desatenção.

Sonja tinha envelhecido. A agilidade de seus 70 anos nos nossos primeiros dias juntas de repente se tornaram 80. Ela começou a ficar mais esquecida, vagando para fora e não se lembrando onde estava, ou como havia chegado lá. Um ano após o AVC do meu pai Sonja foi diagnosticada com a doença de Alzheimer. O Doutor me ligou e me pediu para vir vê-la. Sonja estava devastada, e eu estava perturbada, mas de alguma forma imperturbável. A vida parecia ter se tornado uma tragédia atrás da outra, e eu tinha chegado bem no enfrentamento.

Infelizmente a saúde do Doutor tinha se deteriorado também. Sua mente era afiada, mas ele estava fisicamente doente. Eles contrataram uma enfermeira residente, que poderia permanecer em sua casa o maior tempo possível.

Foi por Sonja que eu comecei a tocar piano outra vez. Eu andava de bicicleta até a colina em torno do pôr do sol todos os dias, assim como eu tinha feito diariamente nas minhas aulas anos antes, e tocava para ela. Eu tocava músicas que exigiam muita habilidade, mas que não se envolviam com minha alma. Sonja parecia implorar as escalas em cascata e os acordes batendo, e nunca se queixou que eu gastei muito tempo cortejando a 'besta'.

A doença que foi lentamente roubando-a da sua personalidade e seu próprio espírito parecia se acovardar diante da minha investida musical. Era como se as sinapses neurológicas e caminhos na mente dela, que tinham uma vez sido forjados pelo seu intenso estudo musical, estivessem regenerando e re-acendendo quando a música lembrava seu cérebro confuso de seu conhecimento intricado. Meus dedos iriam voar, e eu iria derramar toda a minha energia em um frenesi de música furiosa.

Depois que eu tocava, ela ficava quase normal, revigorada, sem um capricho ou deslizamento. Este foi o único tipo de melodia que eu toquei. Sem o belo Beethoven ou sonhador Debussy, sem concertos de partir o coração de amor e perda. Toquei apenas de forma técnica, apenas o difícil, apenas o

exigente. Ela era meu único público. Para a maior parte dos próximos dois anos, ela foi coerente e saudável o suficiente para permanecer em sua casa.

Então um dia eu me encontrei subindo de bicicleta a colina para sua casa, apenas para ter a enfermeira dizendo-me que ela estava doente e dormindo. Eu voltei todos os dias durante uma semana. Sonja se recusou a me ver. Quando eu finalmente insisti em vê-la, ela parecia estar com medo - lábios trêmulos e olhos enchendo de lágrimas. Ela gemia para mim ir para casa. Fui até o piano e toquei desesperadamente, tentando persuadi-la de volta. Pela primeira vez não pareceu ajudar. Ela trancou a porta do quarto, e eu podia ouvir ela chorando atrás da porta quando eu bati. A enfermeira disse que arranjos precisavam ser feitos para colocá-la em uma casa. Doutor e Sonja tinham feito algumas investigações e elaborado um plano detalhado. Quando se tornou necessário para Sonja ir à casa de repouso, Doutor foi com dela. Doutor faleceu durante o sono dois meses mais tarde. Sonja estava ainda fisicamente muito saudável, mas o seu espírito, ela própria, tinha ido embora, escondida em algum lugar, deixando-me a chorar quando o corpo dela ainda estava lá, sem querer, apenas para zombar e lembrar.

Fui visitá-la muitas vezes na sua casa de repouso, e ela parecia aproveitar os CDs que eu trouxe. Mas ela nunca 'acordou' para a música, embora parecesse favorecer a suave melodia agora, evitando as peças poderosas dos últimos dois anos e apreciando os mais doces noturnos e serenatas. Eu li para ela, como eu tinha feito muitas vezes antes quando era uma menina jovem. Ela também gostava disso, mas gostava de Nancy Drew em vez de ‘Orgulho e Preconceito’. Eu tentei ler seu amado ‘Morro dos Ventos Uivantes’, só para tê-lo arremessado pela sala, como eu mesma tinha feito em sua sala de estar tantos anos antes. A medicação que ela estava usando a tornava menos temerosa, mas percebi que ela estava sempre aliviada quando a deixava. Afinal, eu era uma estranha.

14. Reprise

Agosto de 2007

Vinha ameaçando chover durante toda a semana. As nuvens escuras rolavam no céu, resmungando, apenas para rolar para fora novamente, sem abrir mão de uma única gota. Os cavalos iriam pular, relinchar, o ar iria estalar com estática e então... nada. Era final de agosto e o verão tinha sido especialmente brutal. Houve pouca umidade naquele verão, e tivemos um inverno relativamente ameno também. Desesperadamente precisávamos da chuva. Ainda assim, tinha passado uma semana, e as nuvens permaneciam teimosamente cheias.

Naquela manhã eu tinha levantado ao amanhecer, vestindo meus tênis de corrida e saindo para encontrar o céu espesso com nuvens cinza de tempestade. Mais uma vez. Pensei em voltar para a cama, deitar debaixo dos cobertores e ouvir a chuva. Mas eu sabia que não iria chover, e se voltasse para a cama perderia minha corrida. O início da manhã era relativamente frio, a escuridão da noite passada tinha assustado o calor de ontem. Estava um clima perfeito para correr, e eu não ia desperdiçá-lo.

Eu estava a três milhas da corrida, apenas começando a balançar de volta para casa quando a mãe natureza decidiu rir um pouco as minhas custas. O ar tornou-se assustadoramente pesado, e então houve um poderoso trovão. Claridade furou o céu, e um trovão cresceu. Chuva jorrou para fora das nuvens pesadas, batendo a estrada de terra como um baterista em excesso de zelo. Eu guinchei e apertei o passo, voando para casa.

Não havia nada como uma chuva torrencial de verão, e nem sequer me importei de ser pega a uma milha da casa. Eu voei na estrada, braços bombeando, cabelo batendo atrás de mim, sapatos esmagando o chão. Eu poderia ter bolhas nos pés da fricção, mas por agora a dor não era suficiente para me atrasar ou colocar um amortecedor na minha gratidão.

Eu estava perto do lugar onde a estrada de terra se encontrava com o asfalto, e sabia por experiência própria que o asfalto poderia estar liso. Eu estava olhando meus pés enquanto dobrei a esquina, acelerando para baixo na reta final. Um súbito relincho e um ‘Whoa!’ tinham-me olhando alarmada, braços com espasmos e pés voando, tentando evitar correr direto para a traseira da égua castanha de Don Yates, Charlotte.

Charlotte fez um passo arisco, e eu deslizei para a direita dos seus pés inclinando, barriga para baixo, as mãos deslizando pelas poças de recolhimento. Eu processei algumas coisas quando deslizei: Charlotte não tinha um peão, e eu queria saber se ela tinha saltado do curral novamente. O cavalo era notório em escapar. Encontrei ela no meu jardim algumas vezes, curvando os lábios em torno das minhas cenouras. Mas eu ouvi claramente uma voz masculina dizer ‘Whoa!’, e sabia que Charlotte tinha sido segurada antes de quase cair com seu amplo traseiro sobre o meu rosto. Depois de parar completamente e verificar que não estava seriamente danificada, eu empurrei-me em minhas mãos e joelhos, palmas das mãos ardendo, mas mesmo assim incólume. Minha teimosia ao longo de toda vida tinha me ensinado uma coisa ou duas sobre a queda.

"Josie"? Havia espanto na voz profunda acima de mim. "Você está bem?" Braços fortes baixaram e me agarraram, puxando-me para os meus pés.

Uma grande mão alisou meu cabelo molhado do meu rosto e fora dos meus olhos enquanto eu limpava minhas mãos enlameadas no meu shorts de corrida. A chuva estava começando a diminuir, e eu levantei meu rosto contra a

torrente de chuva para me desculpar com Don por minha falta de jeito. Encontrei-me cara-a-cara com Samuel Yates.

Eu não o via há quase sete anos. Atordoada, eu bebi em seu rosto familiar, tão amável e tão diferente. Meu velho amigo na beira da masculinidade tinha ido embora. Em seu lugar estava um homem crescido, e havia confiança no conjunto da sua boca, e consciência nos olhos negros observadores. Havia uma semelhança maior com a família do seu pai, ou talvez ele só não estava tão desesperado para disfarçá-lo mais. Ele era ainda magro, mas definitivamente musculoso. O pescoço estava mais grosso, os ombros mais amplos. O longo cabelo preto que tinha sido um símbolo de sua individualidade estava curto agora, quase escondido sob o chapéu de cowboy. Seu chapéu manteve a umidade longe de seu rosto, mas eu estava sem cobertura, e a água continuava correndo para os meus olhos. Eu enxuguei a chuva, impaciente, não muito crente que ele estava lá, em pé, na minha frente.

"Josie"? Ele tinha começado a sorrir, apesar de suas sobrancelhas pretas estarem reunidas em questão. "Você está bem?"

Eu percebi que eu tinha ficado olhando para ele, sorrindo, mas não disse nada. "Samuel", eu disse suavemente, mas com grande prazer, e eu senti uma saudade doce inundar minha alma com calor. Seus lábios sorriram com ternura, fazendo os olhos vincarem nos cantos, e então eu vi que ele compartilhava das minhas emoções.

Tornei-me ciente de uma só vez da minha frente muito molhada e do cabelo que tinha caído do meu rabo de cavalo e estava escorregando pelas laterais do meu rosto. Eu estava completamente encharcada, e minha camiseta de malha e shorts de corrida estavam colados à minha pele. Eu tremia, e puxei muito auto-consciente o algodão aderido ao meu corpo. Seus olhos se arregalaram ligeiramente quando ele pegou minha falta de modéstia não intencional.

"Você está toda molhada." Ele tirou o moletom e entregou para mim - úmido, mas consideravelmente melhor do que o que eu estava usando. Afastei-me um pouco dele e puxei o moletom sobre minha cabeça. Estava na maior parte seco por dentro e ficou pendurado para baixo, além do fundo dos meus shorts. Estava deliciosamente quente da sua pele. Cheirava a loção pós-barba e chuva, um perfume muito masculino e, para mim, maravilhoso. Cheirava a segurança e sabão e meus sonhos desfeitos. Cheirava como ir para casa. Eu estava atolada instantaneamente em uma saudade tão poderosa, um anseio tão intenso, que engasguei em voz alta e senti meus olhos nadando com lágrimas.

"Josie? Você está ferida?" Samuel ficou preocupado agora, e se aproximou de mim novamente, segurando meus braços através das mangas largas do seu moletom. Algo quebrou em meu coração. O crack reverberou em meu peito. Me senti do jeito que imaginava que gelo soaria quebrando debaixo dos meus pés em um lago congelado. Minha respiração queimava no meu no peito como se eu tivesse corrido 10 milhas em temperaturas congelantes. O controle de gelo que eu tinha exigido de mim desde a morte de Kasey escorregou, vacilou, e então me soltou, tudo junto.

Sem pensamento consciente eu dei um passo em direção a Samuel e coloquei minha cabeça contra seu peito largo, minhas mãos espalhando através dos seus ombros musculosos, meus dedos pegando punhados da sua camiseta. Eu respirava-o, inalando um soluço imperfeito. Eu soltei a camisa dele e envolvi meus braços firmemente em torno da sua cintura. Me apeguei a ele como se minha vida dependesse disso. E talvez dependesse mesmo. Eu não o via há tantos anos, e tanta coisa tinha acontecido na minha vida desde que eu tinha visto pela última vez seu rosto.. mas naquele momento eu tinha treze anos novamente. Alguém que tinha amado tinha retornado, alguém que eu tinha perdido tinha voltado para mim, e eu segurei-o ferozmente, com nenhuma intenção de deixá-lo ir.

Não vi seu rosto, mas imagino que ele ficou chocado com o meu comportamento. Eu mesma não falava com ele, além de respirar seu nome, mas de repente estava enrolada em torno dele em uma tempestade, no meio da estrada. Lentamente eu senti seus braços fortes subindo em torno de mim, me segurando, me envolvendo. Eu estava envolvida no seu calor. O prazer do abraço foi tão intenso que eu estremeci com isso. Senti a mão dele no meu cabelo, e ele fez aqueles ruídos macios. Eu percebi que estava chorando. Ficamos na chuva, e ele me segurou, deixando-me segurá-lo em troca. Sem comentários, sem perguntas, apenas conforto.

Eventualmente ele me desembaraçou, deslizando uma corda solta sobre a cabeça de Charlotte, e com um braço enrolado firmemente ao redor dos meus ombros ele levou-nos para casa. Eu caminhava com gratidão ao lado dele, ridiculamente aliviada que neste momento eu não estava sozinha.

Ele parou fora da minha casa, o cavalo relinchando e cutucando às costas para sair da tempestade. O braço dele caiu dos meus ombros e ele olhou para mim, o chapéu cheio de chuva.

"Ficará tudo bem?" Ele perguntou baixinho.

Eu balancei a cabeça.

“Obrigada Samuel. É tão bom te ver de novo” eu disse sinceramente, então me virei e caminhei rapidamente até a calçada e deslizei meus sapatos encharcados sob o alpendre coberto. Ele ainda ficou na chuva, o cavalo segurando firme, me observando. Eu pisei no interior e delicadamente fechei a porta.

Eu estava no banheiro quando tirei o moletom sobre minha cabeça e então cobri meu rosto com ele; eu respirei o cheiro. Eu não queria tirá-lo, porém eu estava com frio e tremendo, e calor subia deliciosamente para fora da banheira que eu estava enchendo. Não consegui encontrar em mim o sentimento para me sentir envergonhada por minhas ações em relação a Samuel. Samuel! Eu estava maravilhada que ele estava aqui, em Levan. Tantos anos se passaram!

Mais uma vez, porem, eu considerei meu comportamento incomum, e embora eu sabia que ficaria mortificada quando o visse novamente, por enquanto a doçura do contato permanecia muito aguda para arrependimentos.

Eu tinha gostado do afeto efusivo de Kasey há dois anos, apenas para sofrer de fome quando ele foi embora. Depois disso, qualquer simpatia ou afeição tinha sabotado os meus esforços para controlar o meu desespero, então eu tinha efetivamente evitado qualquer um que lhes ofereceu. Por muito tempo que eu tinha endurecido ao mais leve toque. E se você empurra as pessoas por tempo suficiente, o isolamento acaba se tornando um hábito terrível. As pessoas começam a acreditar que você prefere ficar assim.

Eu me senti subitamente voraz por um toque suave. Assim como a fome física, a fome de contato foi tudo que me consumiu. Os seres humanos não são projetados para serem sozinhos. Nosso criador deu-nos uma pele suave e sensível que almeja o calor do contato. Nossos braços procuram segurar-se. Nossas mãos anseiam tocar. Somos atraídos por companheirismo e afeto, como se fosse uma necessidade inata.

Eu tirei o moletom com um empurrão, balançando a cabeça para afastar minhas reflexões indulgentes. Eu terminei de despir-me e deslizei para dentro da banheira até que a água muito quente me cobriu completamente, submergindo minha cabeça, meu rosto e meus pensamentos. Então desejei que minha longa carência dormente se retirasse, antes que eu me fizesse de boba novamente.



Eu completei vinte e três anos em um domingo naquele ano. A família normalmente se reunia para as festas de aniversário, o que era bom, mas nós sempre nos reuníamos em casa, na casa onde papai está - que também era minha casa, o que significava que eu fiz toda a comida, como de costume. Eu

estava esperando que pudesse dar uma caminhada até o cemitério e visitar Kasey e a sepultura da minha mãe. Talvez eu pudesse passar um tempo lendo contra a lápide da minha mãe, como eu fazia quando era jovem. Talvez eu faria um bolo de chocolate para mais tarde. Não havia nada melhor que bolo de chocolate, leite frio e calma. Mas com a reunião de família não haveria qualquer silêncio, não até muito mais tarde.

Eu me senti um pouco culpada por não querer minha família por perto no meu aniversário. Eu sabia que eu era estranha. Eu sempre estava feliz em vê-los, sempre feliz em beijar seus filhos e cozinhar para eles. Sentia-me um pouco melancólica hoje, porem. Ver Samuel me fez pensar sobre Beethoven. Eu não tinha expulsado a música da minha vida - eu dava aulas de piano, eu tocava o órgão na igreja, - mas meus dias de escutar em puro êxtase tinham se tornado raros; eu guardava as minhas emoções com muito cuidado, e a música só escorria em seu caminho em torno das minhas paredes.

Mas talvez eu pudesse desfrutar de algo que iria levantar o meu espírito sem ampliar as rachaduras no meu coração, e tinha pensado que poderia ouvir um pequena Rapsódia húngara com meu bolo de chocolate.

Fui à igreja naquela manhã, e meu pai veio junto comigo, o que ele tinha começado a fazer mais frequentemente nos últimos tempos. Não perguntei a ele o porque. Eu apenas gostei do fato que ele viria e ficaria comigo. Exceto por uma pequena fraqueza persistente do lado direito, ele estava completamente recuperado do seu AVC. Ele estava bonito em sua camisa de botão azul e calça azul marinho. Seu cabelo tinha se tornado branco, como é claro que meu cabelo ficaria um dia. Sua pele era muito marrom da sua vida como um cavaleiro. Seus olhos azuis vívidos estavam prendendo, e eu queria saber por que uma viúva solitária não tinha-o engolido. Mas não acho que haviam muitas a escolher. Havia sempre Betty ‘suada’ no restaurante abaixo. Ela pensava que meu pai andava sobre a água, e tinha café quente na mão antes que ele pudesse dizer "Por favor" sempre que ele encontrava tempo para sentar um pouco e 'matar o

touro' com os antigos alunos que reuniram-se ali todas as manhãs. O pensamento do meu pai com Betty tinha-me rindo na minha mão, e meu pai atirou-me um olhar sob suas peludas sobrancelhas brancas.

Eu tinha escolhido tocar o hino 'O senhor é meu pastor' do Salmo 23 para o número de fechamento. Eu amava o Salmo 23. As palavras falavam de tal fé simples e beleza; era uma oração que eu tinha muitas vezes proferido quando encontrei-me à beira da depressão. A congregação cantou junto com muito pouco sentimento - bancos duros, barrigas com fome e crianças impacientes e ansiosas para serem livres de suas roupas de domingo dificultavam a expressão sincera. Após a música de encerramento a oração foi feita, e eu fiquei junto ao órgão só para ver Nettie e Don Yates algumas fileiras atrás. Meu coração gaguejou e minha respiração acelerou. Samuel estava com eles, parecendo engomado e pressionado em uma camisa branca, calça escura e gravata vermelha. Eu me perguntei o que ele parecia em seu 'vestido blues'. Eu não o via desde que eu tinha literalmente corrido para ele na tempestade. Eu ainda tinha seu moletom lavado e dobrado, em cima da secadora. Tinha tentado ganhar coragem para ir até a casa de Don e a Nettie para devolver-lhe, mas não tinha obtido qualquer sucesso ainda.

Meu pai estava fazendo o seu caminho em direção a eles, estendendo a mão para Don, que não tinha ido à igreja exceto na missa de véspera de Natal em anos. Perguntava-me se o fato de Samuel estar na cidade tinha algo a ver com sua presença. Parecia improvável, mas não havia outra possibilidade para explicar sua presença na igreja hoje. Samuel me viu caminhando em direção a eles e algo cintilou em seu rosto bonito. Eu estava grata que tinha usado meu sapato vermelho aquela manhã.

Outra fraqueza minha... sapatos vermelhos. Tara tinha me dado eles quando me formei na escola de beleza. Ela tinha comprado para o aniversário da sua mãe, meio por um capricho, pensando que tia Louise iria dar uma boa risada com os sapatos de quatro polegadas vermelhos. Tia Louise tinha rido, ok,

e então disse a Tara para levá-los de volta. Não posso explicar por que eu não poderia deixar Tara devolvê-los, mas eu quis ficar com eles. Eu tinha os pés do mesmo tamanho de Louise, e os sapatos me faziam sentir feliz quando eu olhava para eles. Para mim, felicidade tinha sido meio difícil de encontrar. Eu tinha me oferecido para comprá-los dela, mas ela tinha visto a minha cara e estava entusiasmada declarando-os como um presente de formatura.

Não tinha nada apropriado no meu armário para usar com eles, e acabei ficando também com um vestido vermelho brilhante com pequenas mangas e saia completa, só para ter algo para combinar com o sapato – mas isso valeu a pena. Preocupei-me que fosse um pouco demais para a Igreja – batom vermelho bombeiro, vestido e sapatos foram um pouco conspícuo. Eu usava a roupa raramente, porque me sentia um pouco boba, mas de vez em quando eu usava meus sapatos vermelhos enquanto fazia o trabalho de casa, só porque eles me faziam sentir bem. Há apenas algo sobre sapatos vermelhos. E naquela manhã, quando me vestia para a igreja, eu tinha decidido que deveria comemorar meu aniversário com meu vestido vermelho e meu salto alto. Eu me perguntei o que Samuel pensava sobre minha roupa agora, e senti um pequeno flash de culpa por que me importava.

"Apareçam lá esta tarde" Eu ouvi meu pai dizer. "Estamos dando um pequeno churrasco de aniversário para Josie, e nós adoraríamos ter vocês."

"Eu vou levar tortas de limão!" Nettie respondeu com firmeza. "Então você não precisa se preocupar com a sobremesa, Josie". Eu gemi interiormente. Eu odiava torta de limão. E eu *queria* me preocupar com sobremesa. Eu queria bolo de chocolate.

"Isso vai ficar bem", meu pai disse, saindo das grandes portas duplas para a luz do sol de domingo. Eu caminhei ao lado de Samuel, tentando pensar em alguma forma para trazer o assunto do bolo de chocolate sem ferir os sentimentos de Nettie.

"Eu gosto de vermelho" Samuel disse suavemente. Todos os pensamentos de bolo de chocolate fugiram da minha cabeça tola.

Olhei para ele rapidamente. Ele estava olhando para mim. "Feliz aniversário, Josie."

"Obrigada", eu disse, também rapidamente.

"Você realmente nos quer na sua comemoração?" Ele perguntou em silêncio. "Seu pai não te perguntou antes de nos convidar."

"Nós adoraremos ter vocês." Era apenas uma pequena mentira, tendo tudo a ver com a sobremesa. "Então eu posso devolver seu moletom. Me desculpe por não trazê-lo antes." Eu desejei que tivesse ficado calada sobre o moletom. Lembrei de tê-lo agarrado na chuva. Olhei para meus sapatos vermelhos timidamente.

"Não me preocupei com o moletom," ele disse silenciosamente. "Eu vou ver você mais tarde." Então ele virou-se quando seus avós acenaram e caminhou com eles para o sedan cinza de Nettie.



Jacob e Rachel tinham quatro garotinhos loiros, variando entre as idades de 2 a 7 anos e que estavam constantemente sob os pés. As instruções de Jacob apenas foram “não se matem”, e Rachel estava sempre ocupada com este ou aquele, arrumando a comida ou ajudando-me na cozinha, e ela não parecia afetada com as palhaçadas de sua ninhada selvagem. Uma vez os garotos mais velhos tinham amarrado Matty, de 4 anos, no galinheiro. Ele tinha ficado gritando formas de assassinato sangrento por pelo menos meia hora antes de alguém perceber que ele tinha sumido. As galinhas não o machucaram, mas ele tinha sido bicado por uma hora ou duas, e provavelmente nunca será voluntário para me ajudar a recolher os ovos novamente.

Jared tinha casado com uma "forasteira" quando foi para a faculdade. O nome dela era Tonya, e ela me parecia um pouco arrogante. Ela não se misturava muito bem, e os meninos de Jacob a deixavam muito nervosa. Ela manteve suas duas meninas ao seu lado, e passava muitas das reuniões familiares cuidando dos meninos em horror. Ela era muito bonita, com seu cabelo marrom brilhante e maquiagem perfeita, mas tinha um olhar que perpetuamente beliscava sua boca, e estava constantemente dizendo coisas como "Jared, você não acha que deveria..." e "Jared, você precisa..." Jared tinha o olhar de marido mandado nos dias de hoje.

A mulher de Johnny, Sheila, estava grávida de gêmeos, e estava tão grande que mal podia se mexer. Seus pés estavam inchados e os braços magros chamavam a atenção nos seus lados como varas de picolé. Ela se sentou em uma cadeira de jardim e não se mexeu o tempo todo que eles estavam lá. Mantive-a abastecida de cerveja fria sem álcool, e Tonya a mantinha entediada com contos de suas própria entregas, que todos ouvimos um trilhão de vezes.

Eu tinha feito pãezinhos naquela manhã antes da igreja, deixando-os crescer enquanto fomos para a missa. Eu tinha os peitos de frango marinando para grelhar, e meu pai tinha acrescentado uns cachorros quentes para as crianças. Lancei uma grande salada verde colhida da minha horta, e fiz a salada de batata picante favorita do meu pai. Batatas fritas, melancia e cerveja completaram a refeição simples, e eu estava colocando toalhas para fazer um piquenique nas mesas do quintal quando Don, Nettie e Samuel chegaram.

Todas as mulheres - incluindo a grávida e a arrogante - cobiçaram Samuel quando ele entrou no quintal. Ele ainda usava a calça e a camisa que tinha vestido na igreja, mas tinha tirado a gravata, desfeito os dois primeiros botões da camisa e arregaçado as mangas. Ele era bronzeado e musculoso, e sua coloração fez um forte contraste com meu cabelo claro e sardas. Ele carregava tortas de limão. Eu suspirei em derrota. Eu tinha todos os ingredientes para um

bolo de chocolate duplo com cobertura de creme de manteiga na minha cozinha. Só tinha que fazê-lo quando todos fossem para casa. O pensamento me animou, e eu fui para a frente para graciosamente pegar as tortas de limão das mãos de Samuel.

A comida foi estabelecida, a bênção dada sobre o jantar, e as pessoas estavam escavando seus pratos antes que eu tivesse a chance de sentar por um minuto. As mesas foram preenchidas com meus irmãos e suas famílias, assim eu me sentei nos degraus da porta traseira e peguei meu prato. Eu não estava com muita fome quando cozinhei... deve ser por ter ficado mordiscando e provando ao longo do caminho. A sombra de Samuel em breve pairou sobre mim.

"Posso me sentar?"

Eu deslizei mais e abri um amplo espaço.

"Isso é comida boa." A voz de Samuel foi educada e formal, e eu procurei por alguma coisa para dizer após o óbvio 'Obrigada.'

"Lembro-me de Johnny da escola. Ele estava alguns anos à minha frente. As crianças são seus sobrinhos e sobrinhas, obviamente, mas não reconheço nenhuma das mulheres, e não sei de qual dos seus irmãos elas são esposas."

Apontei as pessoas, nomeando-as e organizando-as em grupos familiares, comentando algo sobre cada um deles.

"Tonya parece tensa". Samuel indicou com a cabeça para onde Ricky, o filho mais velho de Jacob, estava perseguindo Matty, rodeando a cadeira de Tonya. Bailey, a filha de 4 anos de Tonya, estava sentada no seu colo, gritando com excitação.

"Ela não é boa com crianças." Eu ri um pouco quando Tonya soltou um grito em pânico: "Jaaaarrreeed!", e logo fomos interrompidos por Ryan, o filho de 6 anos de Jacob, gritando no lado da casa.

"Tia Josie! Você tem companhia!" Ele veio ao redor da casa, segurando um buquê de balões de gás hélio brilhantemente coloridos e tão grandes que estavam em perigo de voar. À direita e atrás dele estavam os pais de Kasey, Brett e Lorraine Judd. Lorraine, Deus abençoe seu coração de ouro, estava carregando um bolo enorme, com camada tripla de chocolate.

"Feliz aniversário, Josie!" Lorraine cantou. Eu corri para cumprimentá-los, colocando meus braços em volta de Brett e recebendo um abraço de urso em troca.

"Sei que bolo de chocolate é o seu favorito... Espero que não tenha comido sobremesa ainda!" Lorraine disse brilhantemente.

"Oh, Lorraine, eu te amo," Eu respirei, eufórica. "Eu estou escondendo esse bolo na cozinha para que ninguém consiga devorá-lo. Não vou dividir!" Ela riu comigo, e eu rodei seu braço na minha cintura quando levei a bolo das suas mãos e o passei para Rachel com instruções explícitas de "mantê-lo longe de Johnny!"

"Como você está, Josie? Tenho tentado passar no salão de beleza, mas não tive um minuto."

"Estou bem..."

"Treinador Judd!" Johnny veio galopante acima, apertando a mão de Brett e recebendo um aperto de mão em troca. Um abraço rápido com pancadinhas nas costas concluiu a saudação.

Todo mundo gritou seus cumprimentos, e em breve Lorraine e Brett foram apresentados a Samuel.

"Lembro de você", disse o treinador Judd, chegando até Samuel. "Eu tive você na minha aula de educação física em seu último ano. Você era um bom atleta, um ótimo corredor. Eu esperava que teríamos você se inscrevendo para corrida. Você acabou se tornando um fuzileiro como planejou?"

"Sim, senhor," Samuel respondeu, e Brett aplaudiu-o. "Bem feito então, bom para você."

Lorraine estava olhando entre Samuel e eu com algo semelhante a dor em seus olhos. Eu percebi a direção de seus pensamentos, e senti uma pontada de culpa. E a culpa foi seguida por um flash de irritação. Eu não tinha saído num encontro nem uma vez desde que Kasey morreu; eu não quis. Mas Kasey tinha falecido por mais de quatro anos agora. Queria saber se Lorraine pensava que eu tinha um novo namorado. O pensamento me fez sentir um pouco de dor no coração.

Quando Kasey morreu, as ondas de choque tinham ecoado em toda a comunidade com intensidade sem precedentes. Ele era muito popular na escola e querido por todos que o conheciam. O time de futebol aposentou a camisa dele, colocando seu nome em seus capacetes no próximo ano letivo, e desde a primeira vitória no futebol naquele ano foi recebida em nome do treinador Judd.

A Igreja de Levan era muito pequena para acomodar o número de pessoas esperado no seu funeral. Sua família teve que reservar uma igreja muito maior, em Néfi, onde a capela poderia ser aberta em um ginásio para acomodar um número enorme de pessoas. Não haviam lugares vazios, e muitas pessoas ainda tiveram que ficar em pé durante todo o serviço de duas horas. A fila para vê-lo se estendia até e ao redor da igreja, e durou por horas. Eu tinha estado nos bancos com a família, abraçando os amigos e vizinhos e soluçando, suportando as intermináveis perguntas ridículas e comentários de "como você está, Josie?" e "Ele está em um lugar melhor agora". Passei todo o enterro desejando que o fluxo ininterrupto de pranteadores e simpatizantes, curiosos e sinceros, apenas, por favor, fosse embora.

O choque e a tristeza eram enormes, e o sensacionalismo do drama de cidade pequena quase me enjoou. Tinha sido verdadeiramente terrível. E depois, todos os dias que eu não lamentei Kasey pareciam como uma traição.

Todos queriam mantê-lo vivo; o túmulo de Kasey sempre estava adornado com flores, bilhetinhos de amigos, fotos e animais de pelúcia. Mesmo quatro anos mais tarde, amigos e entes queridos ainda visitaram seu túmulo regularmente. Kasey ainda era uma prioridade no coração de sua mãe, o luto muito fresco. Eu me perguntei se seria sempre assim, e pensei em tudo isto quando estudei o rosto de Lorraine. Ela era uma loira atraente em seus quarenta anos de idade, mas a tensão de perder um filho tinha envelhecido prematuramente o seu rosto, e ela tinha um cansaço em torno de seus olhos que não estava lá antes da morte de Kasey.

"Nós acabamos de voltar do túmulo de Kasey, Josie" disse Lorraine um pouco alto demais. A conversa de Brett com Samuel parou desajeitadamente. "Sabíamos que ele iria querer aparecer para desejar a sua garota um feliz aniversário." Ela acariciou meu braço, mas os olhos dela estavam no rosto de Samuel. Samuel olhou para mim, seu rosto liso e sem expressão. Ele se desculpou educadamente e foi até onde seus avós estavam conversando com Jacob e Rachel.

Lorraine tagarelou por mais meia hora, ficando sempre perto de mim. Brett eventualmente tinha ido falar de futebol com meus irmãos, e eu fiquei totalmente sozinha com Lorraine, desejando saber o que dizer para confortá-la. Ela não me perguntou sobre Samuel. Não havia nada para dizer a ela, de qualquer forma, mas eu estava grata mesmo assim. Eventualmente ela fugiu e me deu um abraço rápido, me dizendo que teria certeza de passar no salão esta semana. Eu realmente esperava ela não me fizesse sentir culpada novamente.

Depois de Brett e Lorraine saírem minha cabeça estava doendo, e não parecia que meus irmãos e suas famílias estavam indo a qualquer lugar em breve. Sheila tinha adormecido na cadeira do gramado à sombra de enormes bordos. As crianças estavam jogando um jogo relativamente tranquilo de pato, pato, ganso. Tonya tinha amarrado Rachel em uma conversa sobre o último livro sobre psicologia infantil e técnicas de disciplina que tinha lido, e Rachel estava

segurando seu filho de dois anos dormindo enquanto ainda tentava chegar em um ponto. Nettie estava espalhada satisfeita, e Samuel e Don foram incluídos no debate sobre a nova temporada de futebol.

Eu precisava sair.

Eu rastejei em torno da casa e sai pela frente, capturando um livro e minha bicicleta na saída. Não poderia subir na bicicleta azul bebê da minha infância, mas eu tinha uma grande bicicleta pateta com rodas grandes e redondas agora, guidão como um Texas Longhorn e uma cesta na frente. Isso me fez rir, porque ela parecia uma coisa que uma dama inglesa montava através do campo – ou seja, servia para mim. Eu pude respirar novamente quando fiz minha fuga, e pedalei rapidamente na estrada, seguindo meu caminho para mais abaixo do cemitério. O sol estava mergulhando baixo no oeste, e a brisa estava apenas leve o suficiente para ser agradável.

Fui ao túmulo da minha mãe primeiro, puxando as ervas ao redor da pedra e escovando para fora folhas e detritos. Eu gostei de sentir seu nome sob meus dedos. Falei com ela por um minuto, disse a ela como eu estava, que eu sentia saudades dela, e então fiz meu caminho para a lápide de Kasey. Seus pais tinham comprado o maior marcador pelo qual podiam pagar - era brilhante e ornamentado com 'Nosso amado filho' centrado na parte superior. Eles tinham tido uma foto de Kasey gravada na pedra, para que todos que visitassem seu túmulo pudessem ver a bonita jovialidade de seu rosto feliz e sorridente. Você teria que ser feito de pedra para não sentir algo quando visse, não sentir a enorme tragédia da nossa perda. Ele tinha sido tão vivo, brilhante e bonito... e a foto dele só capturava um minúsculo pedaço de sua magia. Doía olhar para ele, e eu escovei minha mão em lamento sobre sua imagem antes de caminhar até o outro lado, onde não teria que ver seu rosto enquanto lia.

Eu estava perdida em ‘Pimpinela Escarlate’ da Baronesa Orczy por poucos minutos quando o vi aproximar-se. Samuel fez seu caminho respeitosamente através das lápides, não passando por cima, andando ao redor quando fez seu

caminho para mim. Lembrei-me que sua avó havia lhe ensinado sobre qualquer coisa associada com os mortos, que eram um pouco temidos entre os Navajo. Eu não sei se isso ainda era verdade, mas me perguntei sobre o porque de Samuel vir aqui, de qualquer maneira.

Ele parou quando estava a alguns pés de distância. Sentei-me no lado leste da lápide de Kasey, protegida do sol. Samuel estava de frente para o sol poente, e teve que virar um pouco o rosto para olhar para mim. Ele se agachou e encontrou alívio à sombra do monumento. Pensei se ele me perguntaria se eu estava bem, ou qualquer uma daquelas coisas que as pessoas geralmente dizem quando nada mais parece apropriado. Em vez disso, ele ficou sentado comigo, não falando, apenas olhando ao redor para as pedras, abraçando o silêncio. Fui eu quem finalmente falou.

"Foi um pouco estranho em casa". Eu lutava para encontrar palavras para explicar, sem assumir um interesse que ele poderia não sentir. "Eu fui noiva do filho de Lorraine e Brent, Kasey. Ele morreu em um acidente de carro, três semanas antes do nosso casamento. Já faz mais de quatro anos, mas para eles e, às vezes para mim, parece que foi ontem."

"Minha avó me contou". Ele não expôs mais nada, e eu queria saber o que exatamente Nettie lhe dissera, e quando. Decidi que não importava.

"Meu pai está enterrado aqui. Logo ali." Ele apontou na direção que ele tinha vindo. "Meus avós me trouxeram para ver o seu túmulo quando eu vim aqui, há onze anos. Eu nunca tinha visto antes. E nunca voltei, até hoje." O silêncio era pesado em torno de nós.

"Faz você se sentir melhor vir aqui?" Ele perguntou-me solenemente, os olhos negros sem fundo treinados enquanto ele me olhava por conta própria.

Comecei a responder de forma afirmativa, e então não consegui. Eu não sei se me sentia melhor em vir para cá. Muitas vezes senti dor fresca e um sentido de atemporalidade que me manteve enraizada no passado. O túmulo da minha mãe uma vez tinha sido um lugar calmo para conforto e reflexão. Mas eu

não sabia se o local de descanso de Kasey trazia o mesmo consolo. Culpa tinha meu estômago revolto, e desejei que Samuel não tivesse vindo aqui.

"O que você que dizer?" Minha voz foi um pouco afiada, e mordi meu lábio inferior na censura.

Samuel levantou e andou em torno do túmulo de Kasey. Ele olhou o rosto sorridente de Kasey sem reação. "Sente-se melhor quando você vem aqui?" Ele questionou-me novamente.

Não. "Sim", eu menti. "Eu gosto de silêncio." Isso era verdade, pelo menos.

"Não o silêncio, e aqui é muito silencioso" disse Samuel enigmaticamente.

Esperei que ele continuasse, mas ele só ficou parado, olhando novamente para a imagem de Kasey.

Subi para meus pés, escovando a grama e os galhos da saia colorida que Tara tinha me trazido de volta de suas férias ao México mais cedo no verão.

"Você o amava muito?"

Ok, agora eu estava irritada. Samuel considerava-me abertamente, mantendo-se imóvel. A maneira como ele se portava era tão quieta, tão constante. Ele nunca parecia respirar - seu único movimento era piscar seus olhos de ébano. Ele sempre teve aquela quietude. Perguntava-me se sua formação tinha feito-a ainda mais pronunciada. Ele definitivamente não tinha qualquer escrúpulo sobre fazer perguntas muito aguçadas, entretanto. E eu não acho que isso teve a ver com a sua formação. Isso só era Samuel.

Eu peguei meu livro e comecei a fazer meu caminho na direção onde tinha deixado minha bicicleta. Ele seguiu-me; eu podia vê-lo perifericamente. Ele moveu-se em silêncio, e se eu não soubesse que ele estava lá, nunca iria tê-lo ouvido. Eu me perguntei como ele tinha ido ao cemitério. Eu exatamente não podia dar-lhe carona para casa na minha bicicleta. Memórias dele pedalando para nos levar para casa doze anos atrás, quando eu tive um entorse de

tornozelo, apareceram sem ser convidadas na minha mente. Eu rapidamente substitui a imagem para um Samuel enfiado na minha bicicleta com um cesto florido.

Me fez sentir um pouco melhor.

"Veio caminhando?" Interroguei-o agora.

"Eu montei." Ele indicou com a cabeça a gramínea na estrada de terra, onde uma égua castanha mordiscava satisfeita.

Eu percebi tardiamente que ele tinha mudado para jeans e botas. Como eu era observadora. Eu não queria ir embora, mas bicicletas e cavalos eram estranhos parceiros. Ele não parecia com pressa para recuperar o seu cavalo.

"Você me seguiu?" Eu não gostei do tom mal-humorado na minha voz, Mas eu estava irritada.

"Não preciso de habilidades de rastreamento Navajo ou treinamento da Marinha para descobrir seu paradeiro Josie." Seu rosto estava sério, apesar do seu sarcasmo. "Perguntei a seu pai onde ele achava que você estaria." Ele esperou algumas batidas. "E você não me respondeu." O tom dele era acusatório, mas foi persistente.

"Eu realmente não acredito que seja da sua conta..." Corei nas minhas palavras controversas. Eu não era boa em confrontos, e nos raros momentos em que fui forçada para um eu geralmente mantive minha posição - mas depois chorei no meu quarto. Não era algo que eu participava por vontade própria, mas Samuel levantou minha ira. A maioria das pessoas se afastava quando alguém ia a um cemitério, em paz. Não Samuel - ele entrou e me perguntou se eu amava meu noivo morto.

"Estou tentando te entender." Ele disse sem rodeios.

Eu só balancei minha cabeça em admiração. "Sim. Eu o amava. Sinto falta dele." Minha respiração soprou para fora na exasperação. "É por isso que eu estou aqui, para visita-lo, sabe?"

"Mas ele não está aqui." Samuel foi enfático. "Ele nunca esteve aqui. Não desde sua morte, de qualquer maneira."

Eu precisava desesperadamente de bolo de chocolate. Agora. Ou eu ia gritar e puxar meu cabelo. Ou gritar e puxar o cabelo de Samuel.

A tentação de fazer isso só tinha me deixado rangendo os dentes.

"Por que você está aqui, Samuel?" Eu cruzei meus braços e impulsionei meu queixo para ele defensivamente. "Quero dizer... por que voltou para Levan depois de todo este tempo? Faz sete anos... e aqui está você. Tenho certeza que você e eu provavelmente poderíamos ser amigos novamente, mas... qual é o ponto? Você sabe? Você vai ter ido embora logo."

"Meus avós estão ficando velhos. Eu queria vê-los." Samuel balançou a cabeça para o lado e estreitou os olhos para mim. "Você achou que eu nunca voltaria?"

"Na verdade, não. Só achei que você teria voltado mais cedo. Onde você esteve? O que tem feito? Quer dizer... você se foi há tanto tempo!" Agora, de onde veio isso?! Corei e joguei minhas mãos, cobrindo minhas bochechas, mortificada. Desde que tinha visto Samuel na chuva que não me reconheço. Esta foi a segunda vez que eu tinha agido completamente fora do personagem, falando sem pensar, reagindo totalmente na emoção.

"Eu ainda tenho as cartas que você me enviou" Samuel ofereceu suavemente.

"Eu escrevi muitas delas" deixei escapar, e estremeci novamente. Eu não parecia ser capaz de conter meu impulso de dizer-lhe o que vinha na minha cabeça. "Mas quando você voltou no Natal e me disse que tinha me superado... bem, eu pensei que era hora de parar de me fazer de tola." Minha voz desvaneceu-se desajeitadamente, e eu enfiei meu cabelo atrás da minha orelha nervosamente.

Samuel estava olhando, quase como se não tivesse ouvido.

"Mesmo no acampamento, eu não achava certo escrever para você... mas não pude evitar, não naquele momento. Eu precisava de você demais." Sua voz era baixa e os olhos balançavam de volta para mim, uma honestidade brutal em sua expressão. "Mas você era tão jovem, e os sentimentos entre nós eram tão intensos. Encontrei-me pensando em você como se você fosse minha garota. Então eu me lembrava como você era jovem, e sentia vergonha de mim mesmo. Um dos meus amigos na escola de franco-atiradores me perguntou um dia quando eu ia mostrar uma foto sua. Eu não tinha falado sobre você, mas você era a única que me enviava cartas, e a única para quem eu escrevia. Eu me senti como um saco de lixo - dezenove anos de idade, escrevendo cartas para uma garota de 14. Eu sabia que não podia ser bom para você. Você precisava crescer, e eu também. Eu tinha coisas que tinha que fazer, e eu as fiz." Seu olhar estreitou. "E pensei que talvez fosse hora de voltar."

A maneira que ele disse isso... soou como se eu fizesse parte da razão que levou ele a retornar, e minha boca ficou seca. Limpei minha garganta, "E quando você for embora? E então?" Não sabia o que eu queria que ele dissesse, e me senti incrivelmente tola novamente.

Ele olhou para mim, sem palavras, apenas considerando-me, e eu amaldiçoei silenciosamente. Então, e daí se ele me deixasse? O que havia de errado comigo?! Eu senti como se estivesse com treze anos novamente, e odiava que ele me fazia sentir tão vulnerável. Eu peguei minha bicicleta, jogando meu livro na cesta. Subi no banco, torcendo minha saia em torno das minhas pernas para mantê-la seguro. Ele permaneceu em silêncio, me observando. Eu não olhei para trás enquanto andava para longe.

15. Paródia

Na manhã seguinte me levantei cedo como de costume, puxando meus tênis de corrida, deslizando no meu shorts e numa camiseta, e puxando meu cabelo para cima em um rabo de cavalo. Eu dei uma garfada de bolo de chocolate, bebi suco de laranja e comecei a andar pela manhã. Sobre o tapete em frente à porta estava um envelope grosso. Do outro lado do papel alguém tinha escrito 'JOSIE'. Apanhei-o e virou-me. Era pesado, e testei-o em minhas mãos curiosamente. Eu tinha encomendado alguns livros de piano para alguns alunos novos, mas isto não tinha endereço ou estava carimbado. Alguém tinha deixado no tapete esta manhã, ou talvez até tarde da noite.

Curiosamente eu abri o envelope e retirei o conteúdo. Dentro estavam pilhas de envelopes brancos selados, todos com meu nome escrito com a mesma caligrafia escrita na frente do envelope pardo. Afundei-me para baixo sobre o balanço e as puxei para fora. Virei e vi uma data escrita através da parte traseira: 19/08/1999. Eu retirei outro. Outra data estava rabiscada atrás dele. Rapidamente eu retirei todas as cartas, virando-as e ordenando-as de acordo com a data. E assim de repente eu sabia o que eram. A primeira carta era de 5 de junho de 1999, um ano depois de Samuel deixar Levan.

Meu coração bateu e meu sangue ficou gelado nas minhas veias. Com as mãos tremendo eu segurei a pilha de cartas. Peguei onde sua última carta, há muito tempo, havia parado. Ele confessou sua agonia em não ser capaz de me responder, me perguntando uma e outra vez se iria perdoá-lo. Samuel tinha me escrito dezenas de cartas. A maioria delas eram do seu primeiro ano - talvez tenha sido quando ele se sentiu mais sozinho. Mas elas continuaram pelos

próximos anos. Havia uma carta escrita em 11/09/2001. Eu tinha pensado nele quando as torres foram atingidas, querendo saber onde ele estava, ou se ele iria ser enviado para algum lugar. Quando os Estados Unidos haviam invadido o Iraque, eu tinha visto na televisão - me perguntando se Samuel estava entre os primeiros fuzileiros enviados. Aparentemente ele tinha pensado em mim também.

Eu li várias das cartas de Samuel, ali na frente do alpendre, e admirei-me com os lugares que ele tinha ido e as coisas que ele tinha visto e feito. Ele me contou sobre os livros que leu. Eu notei que muitos eram livros que eu tinha lido também, enquanto de alguns eu nunca tinha ouvido falar. Havia uma solidão definitiva em muitas delas, mas uma confiança e um senso de propósito que também estavam presentes. Eu tinha abandonado a minha corrida, e fui lá para cima, para o meu quarto. Correr poderia esperar. Eu tinha algo para fazer.



Eu saí para o pátio da frente algumas manhãs depois, a porta de tela batendo atrás de mim. Não acordei meu pai, ele já estava lá fora cuidando dos cavalos. Eu cheirei esperançosamente, tentando cheirar o outono no ar, mas infelizmente tinha um cheiro de sobras de verão em vez disso. Inclinei-me para baixo e coloquei meu tênis de corrida, mexendo os dedos dos pés.

Eu serpenteei para fora da estrada e enfrentei as montanhas retorcidas no nascer do sol. Então respirei e levantei meus braços acima da cabeça, alongando e arqueando, fazendo meus ajustes da manhã.

"Você parece a ‘Mulher que Muda’ em saudação ao sol." Uma voz falou imediatamente à minha esquerda.

Eu estava assustada, e meus braços caíram para os meus lados quando girei ao redor. "Oh! Samuel!" Eu chorei. "Você me assustou!"

"Eu sou um índio sorrateiro, fazer o quê?"

Olhei para a cara dele. Era o tipo de coisa que ele teria dito aos dezoito anos - mas teria sido atado com amargura. Hoje ele apenas sorriu um pouco e deu de ombros. Ele usava uma calça Levis desbotada e suas botas de cowboy desgastadas novamente. Sua camiseta preta, com ‘Semper Fi’ escrito em letras brancas na parte dianteira, coube confortavelmente através do seu peito e ombros largos poderosos. Seu cabelo escuro, curto no estilo militar e espetado, ainda estava molhado, como se ele tivesse acabado de sair do chuveiro. Ele parecia meu Samuel, mas não era. Por muitos meses depois que ele me deixou na primeira vez eu tinha silenciosamente chorado antes de dormir, nunca disposta a admitir para alguém como meu coração juvenil tinha doido na sua ausência. Eu tinha imensas saudades dele. Eu tinha tido tão poucos amigos, e sabia quão raro ele foi - um amigo que tinha ido embora, verdadeiramente uma alma gêmea. Quando ele me deixou pela segunda vez eu tinha ficado magoada e furiosa, e fiz de tudo para não pensar nele. Meu coração dolorosamente torceu com a memória, e eu rapidamente redirecionei minha atenção para o homem que estava diante de mim, no presente.

"Mulher que muda e o sol... essa é uma história Navajo?" Retomei meu alongamento, tentando retratar uma descontração que não sentia.

"É uma lenda Navajo. A Mulher que Muda é filha da terra e do céu. Ela está intimamente ligada ao círculo da vida, a mudança das estações, a ordem do universo. Ela foi criada quando o primeiro homem balançou o saco de remédios repetidamente na montanha santa. Dias depois, a Mulher que Muda foi encontrada em cima da montanha. O primeiro homem e primeira mulher a ensinaram e a geraram.”

"Um dia a Mulher que Muda estava andando, e ela conheceu um jovem estranho cujo brilho a deslumbrou tanto que ela teve que desviar o olhar. Mas quando ela se virou de novo para ele, ele tinha ido embora. Isto aconteceu mais duas vezes. Ela foi para casa e contou para o primeiro homem e para a primeira

mulher o que tinha acontecido. Disseram-lhe para fazer a cama fora de casa aquela noite, com a cabeça virada para o leste. Enquanto ela dormia, o jovem veio e deitou ao seu lado. Ela acordou e perguntou-lhe quem ele era. Ele disse, "não sabe quem eu sou? Você me vê todos os dias. Estou ao seu redor. Na minha presença que fostes criada." Ela percebeu então que Ele era a forma interna do sol, e a fim de vê-lo todos os dias ela foi viver no Oceano Pacífico – então, sempre que o sol se pôr na água ele poderia visitá-la."

Estávamos quietos por um momento. Os pássaros começaram a cantar, e eu desejei que eles ficassem assim. O silêncio era sedoso sem eles.

"Ela deve ter sido solitária esperando por ele vir vê-la." Eu não queria falar em voz alta, e me perguntei de onde esse sentimento tinha brotado.

"Ela era". Samuel me olhou inquisitivamente. "De acordo com a lenda, ela estava tão solitária de companhia que criou os Navajo dos flocos de sua propria pele, esfregando diversas partes do corpo dela."

A história foi estranhamente sensual - a bela jovem, esperando a cada dia para o sol visitá-la. Olhei para o astro em ascensão e fechei os olhos quando levantei meu rosto para seu calor.

"O você ouve enquanto corre?" Samuel assentiu com a cabeça em direção ao Ipod amarrado ao meu bíceps.

As memórias de compartilhar minhas preciosas sinfonias com ele no ônibus escolar me atingiram. Lembrei de nossas discussões profundas e íntimas sobre a 'Música de Deus', e virei-me de costas para ele não perceber. Não queria que ele soubesse o que eu ouvia quando corria. Eu estiquei as costas e puxei meu pé direito para cima atrás de mim, esticando meu quadríceps, fingindo não ouvi-lo. Ele estendeu a mão e pegou os fones dos meus ouvidos, colocando um no seu ouvido e apertando o play. Depois de um momento ele fez uma careta.

"Isto é música eletrônica. O tipo que você iria ouvir em um clube ou numa aula de aeróbica! Boom, Boom, Boom, Boom." Ele bateu o pé para efeito. "As mesmas frases repetidamente. Sintetizadores!" Ele disse em horror simulado.

"Eu corro ouvindo isso para manter um ritmo constante," me defendi decepcionada, arrancando o fone de ouvido dele.

Ele me encarou, pensativo, a cabeça inclinada, considerando. "Você corre com ela para não ter que pensar" ele respondeu finalmente.

Eu olhei para ele, chocada que ele tivesse tão facilmente adivinhado a verdade, pelo menos parcialmente. Eu escutava música eletrônica para que não pudesse sentir.

Não queria explicar isso a ele. Então resolvi ir embora.

Samuel rapidamente me alcançou. Apressei meu ritmo e comecei a correr. Ele começou a correr comigo. As botas de cowboy batiam alto enquanto corríamos. Eu acelerei. Então ele também. Eu corri pesado por uma milha, esticando as pernas, sabendo que ele tinha que estar morrendo com essas botas. Ele não reclamou – apenas correu comigo, passo por passo. Eu corri outra milha. Em seguida, mais duas. Meus pulmões queimaram. Eu nunca tinha corrido tão rápido. Ele sequer parecia sem fôlego.

"O que você quer, Samuel!" Perguntei-lhe de repente, derrapando em um impasse. "Você vai se machucar correndo nessas botas!" Ele parou e olhou para baixo no meu rosto vermelho. Então colocou as mãos nos quadris, e eu fiquei satisfeita em ver seu peito subindo e descendo, indicando algum esforço.

"Sou um fuzileiro Josie, e sou Navajo, um pedestre da Terra. Eu sou Samuel do povo da água amarga." Ele sorriu, as sobrancelhas diabolicamente subindo. Ele se inclinou para mim e disse maliciosamente, "portanto você não pode fugir de mim, mesmo quando eu estou usando botas de merda." Ele usou a gíria de Levan para botas de cowboy, e isso me fez rir, apesar de mim mesma. Meu riso pareceu agradá-lo.

"Onde está o "Hino à alegria", Josie?" Ele disse, muito suavemente.

Meus olhos voaram para ele, assustados. Ele lembrou-se da música que tinha uma vez me deixado tão comovida que eu não poderia passar um dia sem sua companhia.

Novamente, eu me senti sem palavras. Quando vi Samuel pela última vez eu era uma garota e ele era um homem. Ele praticamente me rejeitou, sem rodeios. Eu não tinha escrito para ele novamente. Ocasionalmente tinha perguntado a sua avó sobre ele, querendo notícias, querendo saber como ele se saiu. O problema era que ninguém além de Samuel e eu realmente sabíamos da ligação que tivemos. Ela foi encapsulada dentro das viagens para trás e através desses cumes, dia após dia, com crianças falando, rindo e discutindo tudo em torno de nós. Ninguém estava ciente das nossas conversas, nossas descobertas, nossos momentos compartilhados. Sua avó tinha me falado sobre banalidades, mas nunca soube compartilhar mais comigo, nunca soube o quanto eu desesperadamente queria saber, e eu tinha sido incapaz e sem vontade de lhe explicar o meu interesse. Sabendo quão privado e cuidadoso Samuel tinha sido, eu estava bastante certa que ele não tinha perguntado sobre mim. Ontem ele disse que Nettie tinha-lhe dito o que sabia sobre mim, mas Nettie sabia o que estava na superfície, apenas detalhes.

"A verdade é Samuel, que você e eu não nos conhecemos mais." Minha voz saiu um pouco mais amarga do que eu pretendia, e as palavras picaram meus lábios.

Ele me estudou por um minuto, mas não respondeu. Sem palavras, nós começamos a caminhar de volta para nossas casas vizinhas. Nós tínhamos feito uma grande volta quando corremos, e não estávamos muito longe de casa. Eu caminhava ao lado dele, com sentimentos crus e torcidos.

O silêncio era tenso, e eu ansiava escapar. Quando estávamos nos aproximando da casa de seus avós ele falou novamente.

"Você correu na direção errada."

"O quê?”

"Você correu para o oeste esta manhã, longe do sol. Os Navajo sempre correm para o leste, para o sol, saudando o sol. Levante o seu rosto e deixei o pai do céu derramar uma bênção para você enquanto corre em direção a ele."

Não sabia como reagir. Eu sempre tive que torcer o braço de Samuel para me dizer algo sobre suas tradições Navajo. Agora ele estava compartilhando lendas e histórias com conforto absoluto. Ele tinha mudado.

Os olhos de Samuel eram graves. "A Mulher que Muda se chama assim porque ela cresceu muito rápido. A lenda diz que ela se tornou uma mulher completa em apenas doze dias. Ela não foi uma criança por muito tempo. Acho que você é igual a ela dessa forma. Você não foi criança por muito tempo também. Aos treze anos era muito mais sábia e mais madura que todos, exceto minha avó Yazzie." Samuel fez uma pausa, seus olhos perfurando os meus. "A Mulher que Muda é também chamada assim porque é responsável pela movimentação do ciclo da vida, mas em seu coração, no seu espírito, ela é tão estável e constante quanto o sol que ela ama."

Eu balancei minha cabeça, confusa.

"A verdade é, Josie," Samuel começou sua sentença como eu tinha feito vários minutos antes. "Você é uma mulher completa agora. Mas eu não acho que seja muito diferente aqui." Samuel levemente tocou a pele lisa e exposta no V da minha camiseta, fixando os dedos contra o meu coração. "Eu acho que você ainda é você. E eu ainda sou o Samuel que você conhecia." Os dedos dele eram quentes na minha pele, e eu lutei comigo mesma para não alcançar e cobrir sua mão com a minha.

Então ele deixou cair a mão, e foi a vez dele ir embora.



Ao longo dos últimos anos eu aumentei meus preços e fiz um nome como professora de piano. No verão ensinei lições de piano quase exclusivamente, e ganhei um dinheiro decente para fazê-lo. Eu nunca tinha tido que bater nas casas. Eu era de longe a melhor pianista ao redor, e não tinha filhos, marido ou outras demandas sobre meu tempo e atenção. Eu tinha estudantes do norte distante como Provo, e tão longe ao sul como Fillmore, quase uma hora em cada sentido. E eles me procuravam.

Em casa, meu piano ainda prevalecia fielmente no mesmo lugar desde que o comprei através do anúncio de Penny Pincher, mas mesmo depois que papai tinha voltado ao trabalho após o AVC eu não tinha ensinado lições com ele. Ainda usava a sala na igreja para isso. Eu amava o antigo edifício - até mesmo tinha minha própria chave agora. Papai e eu precisávamos de um lugar calmo para vir para casa, sem o infinito fluxo de alunos e os ruídos que acompanhavam sua aprendizagem.

Quando o outono veio e as aulas começaram, o horário das minhas aulas mudou para depois da escola, das 03:00 as 06:00 horas. Consequentemente, de setembro a maio eu passei minhas manhãs na loja de Louise, ouvindo fofoca e cortando cabelo. Louise tinha uma clientela constante - ser a única loja na cidade há vinte anos tem suas vantagens. Ao longo dos últimos dois anos ela tinha estado mais do que feliz em repassar alguns dos clientes para mim, embora mais frequentemente esses fossem homens. Então ela manteve suas clientes mulheres, que tinham se apegado a ela, exatamente como as mulheres são propensas a fazer com suas cabeleireiras. Eu principalmente cortava o cabelo das crianças, dos homens e, houve uma vez, de um poodle em miniatura de Iris Peterson, Vivvi.

Setembro é tipicamente um mês bonito em todo o Ocidente: a luz é mais suave, as temperaturas diminuem, o céu geralmente é incrivelmente azul e uma pitada de cor começa a seduzir as árvores do outono. Agosto tinha deixado Levan como um acesso de raiva, deixando um rastro de calor, e eu estava

pronta para a cabeça mais fria de setembro prevalecer. Outono era a minha estação favorita, e eu estava ansiosa para cheirá-lo e senti-lo na minha pele. Infelizmente enquanto caminhava pelo corredor de Louise naquela manhã eu não via nenhum sinal dele. O vestido de verão amarelo que eu tinha colocado naquela manhã (porque lembrei-me das folhas de outono amarelas) agora espelhava um sol de verão persistente, e eu peguei meu ritmo para escapar de seus raios.

Fechei a loja com um suspiro, ouvindo o barulho da porta de tela atrás de mim e do sino de Louise tilintando acima. O ar fresco que me atingiu, e eu senti-o como a salvação quando fechei os olhos e levantei meus cachos loiros e úmidos do meu pescoço, para que o ventilador zumbindo na porta pudesse explodir diretamente na minha pele.

"Bom dia, raio de sol "Louise falou com um sorriso em sua voz.

"Bom dia, Louise" eu suspirei novamente, meus olhos ainda fechados e minha cabeça ainda curvando-se em adoração grata ao ventilador cantarolando.

"Quando você terminar de rezar você pode cumprimentar Nettie e Samuel, também."

Minha cabeça bateu para cima, e eu abri meus olhos com a menção do nome de Samuel. Nettie estava sentada na cadeira rosa de Louise, pacientemente lendo uma revista com a Julia Roberts na capa enquanto Louise enrolava seu cabelo em pequenos rolinhos cor de rosa.

"Bom dia, Nettie" Eu disse levemente, e então meus olhos arremessam para ver Samuel encostado na parede ao lado das portas giratórias que levavam a loja geral.

"Bom dia, Samuel," Eu disse, esforçando-me novamente na leveza. Em vez disso, minha voz chiou um pouco, e Louise me olhou inquisitivamente.

Samuel mergulhou sua cabeça ligeiramente, e Nettie falou, nunca levantando os olhos das páginas brilhantes. "Samuel quer aparar o cabelo Josie, se você não tem nada agendado imediatamente."

"Não," Louise forneceu sem hesitação, e ela e Nettie olharam para mim com expectativa.

"Certamente, Samuel" tentei não gaguejar. "Aqui."

Caminhei rapidamente para a minha estação e coloquei um avental preto sobre o meu vestido, amarrando-o rapidamente e tentando controlar o sistema nervoso de calor que concentrava-se no meu estômago. Eu não conseguia entender por que me sentia tão fora de ordem quando ele estava perto de mim. Eu não o via desde que tínhamos corrido juntos ontem de manhã. Parte de mim queria desesperadamente evitá-lo, mas a outra parte estava intensamente feliz em vê-lo novamente.

Virei-me, esperando que ele estivesse atrás de mim, mas encontrei seu olhar do outro lado da sala, onde ele ainda se inclinava imóvel, me olhando com uma expressão indecifrável no rosto. De forma fluida e fácil ele deslocou seu peso e caminhou na minha direção. Mais uma vez eu senti a sensação de borboletas dançando na minha barriga, e queria ter renunciado ao café da manhã.

Ele dobrou seu comprimento na cadeira rosa, e eu alavanquei a cadeira para baixo antes de abaixar sua cabeça de volta para a pia. Mantive-me ocupada, não olhando para a cara dele. Eu testei a temperatura da água e deslizei uma toalha sob seu pescoço quando ele sentou-se, para a água não escorrer em sua camisa. Concentrei-me no seu cabelo preto grosso e na sedosidade enganosa de sua textura em minhas mãos. A água estava quente quando correu por entre meus dedos, e eu massageei o shampoo no couro cabeludo dele com cuidado. Há algo sobre lavar o cabelo de outra pessoa que é muito carinhoso, e o cuidador em mim normalmente aprecia esse simples ato no serviço. Sentia prazer nos suspiros de contentamento que invariavelmente eram

expressos. A maioria das pessoas fechava os olhos e relaxava sob minhas mãos gentis.

Mas Samuel manteve seus olhos abertos e treinados em meu rosto. Eu tentei desesperadamente evitar seu olhar. Ele fez o ato de moldar as minhas mãos em sua cabeça incrivelmente íntimo, e eu queria fechar meus olhos para aliviar a tensão que ele estava criando entre nós. Eu tentei me distrair com pensamentos de Kasey. Eu nunca tinha beijado Kasey com meus olhos abertos... Eu nunca tinha sequer pensado nisso. Sempre fechei os olhos e apreciei a sensação de seus lábios nos meus. Eu queria saber se Samuel iria beijar-me com seu olhar bloqueado no meu ou... Eu fiz uma careta interiormente e castiguei-me, mortificada na direção que meus pensamentos tinham tomado. Não queria que ele me beijasse! Ele era irritante, curioso e cansativo, e eu desejava que ele fosse embora!

Eu enxaguar o cabelo com fervor e desliguei a água com um puxão frustrado. Alavanquei furiosamente a cadeira, sentei-o e comecei a esfregar vigorosamente a toalha sobre o cabelo dele.

"Você parece com raiva," ele disse suavemente. Eu queria dar um tapa nele. Eu estava com raiva. Ridiculamente e desesperadamente com raiva. Por que ele precisou voltar? Eu não queria lidar com sentimentos antigos que me traziam dor fresca. Eu estava amando pessoas que só me deixariam. Eu encontrei furiosamente seus olhos no espelho, e vi uma humilhante compaixão em suas profundezas. Minha raiva me escapou como um vestido de seda sujo. Minhas mãos ainda permaneceram no cabelo dele, e meus olhos encontraram o olhar do meu velho amigo.

"Sinto muito, Samuel. Me comportei muito mal desde que você voltou" confessei num sussurro. "Eu não consigo obter meu equilíbrio, e não sei por que." Me senti tranqüila, tentando controlar as minhas emoções indisciplinadas. "Você me perdoa?"

Ele me estudou por um momento antes de falar, o que era seu jeito. "Lady Josephine, não há nada para perdoar." Eu ri um pouco quando a memória do meu desejo infantil ressurgiu.

"Obrigada, senhor Samuel" fiz uma reverência profunda e continuei cortando o cabelo, acabando de apara-lo em silêncio. Quando eu terminei, ele me deu uma gorjeta boa, ofereceu o braço para sua avó e foi embora sem um palavra.



Eu caminhava cansadamente para casa da Igreja naquela noite, depois de ensinar lições de piano para algumas crianças sem inspiração e muito obstinadas.

Não havia nenhuma alegria em ensinar alunos indispostos. Pensei na casa tranquila que me aguardava. Papai ficaria no turno noturno por mais uma semana, e a noite à frente seria gasta em paz. Eu me senti estranhamente melancólica com a perspectiva, mas fui aplaudida por pensamentos sobre as sobras do bolo de aniversário de chocolate da minha "festa" no domingo à noite. Senti-me com vinte e três anos indo para cinqüenta.

Assim que me aproximava da minha casa eu vi Samuel sentado na sombra da minha varanda. Ele balançava lentamente no balanço de madeira grande que meu pai tinha feito para minha mãe, muitos anos antes. Eu soquei para baixo a batida reveladora do meu coração traiçoeiro quando me aproximei dele. Eu não tinha energia para Samuel agora. Exaustão desceu sobre a minha alma, e eu considerei fingir uma doença. Mas, à luz do meu pedido de desculpas mais cedo naquele dia, eu não queria parecer hostil. Eu me sentei ao lado no balanço e cumprimentei-o com um sorriso cansado.

"Por que você corta cabelo, Josie?" Samuel disse sem preâmbulo.

"Por que não?" Fiquei imediatamente aturdida - ele não poderia só dizer 'Olá' como uma pessoa normal?

"Quando fui até a loja com minha avó hoje não tinha idéia que você estaria lá. Imagine minha surpresa quando vi você em pé. Então minha avó diz para você "Samuel precisa de um corte de cabelo" como se você trabalhasse lá. Eu fiquei completamente chocado. Você caminhou de volta e vestiu o avental, e eu pensei que vocês estavam tendo um pouco de diversão às minhas custas. Mas depois você olhou para mim, e eu podia ver que não estava brincando."

"Foi realmente tão difícil de acreditar?" Escorreguei minhas sandálias e estiquei meus pés, meus dedos com unhas rosa apontando e flexionando-se em alívio.

"Sim" ele respondeu, com nenhum enfeite.

"Porquê?" Eu quase ri em descrença no aperto dos olhos dele, o conjunto desagradável da boca.

"Você sempre quis trabalhar na Ballows'Do?"

Fiquei magoada pela zombaria ouvida na voz dele, e não respondi. Ele balançou a cabeça, e havia frustração em sua respiração.

"Você se lembra de 'Pavane para uma princesa morta' de Ravel?"

Eu ri em descrença. "Eu não posso te acompanhar Samuel!" Eu chorei. "Um momento você está sendo sarcástico sobre meu trabalho, e no próximo está me perguntando sobre música clássica!"

"Lembra da peça?" Ele insistiu.

"Sim! Mas estou um pouco surpresa que *você* lembre!" Era minha vez de ser sarcástica, e senti-me infantil em minha tentativa. "Era uma das minhas favoritas " Eu adicionei em um tom mais conciliatório. Ele olhou furiosamente para mim por um minuto.

"Vem cá." Samuel agarrou minha mão firmemente, puxando-me para meus pés. Então ele estava caminhando através da grama, me puxando atrás dele.

"Samuel! Meus sapatos!" Eu gritei enquanto tentava acompanhá-lo. Quando nos aproximávamos do cascalho ele me puxou para cima e em seus braços, marchando do outro lado das rochas afiadas sem problemas. Eu atomizei e guinchei, agarrando-me ao seu pescoço. O caminhão estava estacionado em frente da casa do seu avô, do outro lado da rua, cerca de metade de um quarteirão para baixo. Senti-me ridícula sendo transportada no meio da estrada.

Ele abriu a porta do passageiro do seu caminhão Chevy preto, escorregando-me para dentro sem a menor cerimônia e fechando a porta com estrondo.

Ele ligou o caminhão e recuou enquanto cascalho cuspia atrás de nós, e rugiu na rua em direção a montanha que projetava-se para o céu há aproximadamente uma milha da cidade.

Olhei para ele maravilhada. "Posso perguntar onde estamos indo sem meus sapatos?"

Pela primeira vez seus olhos não estavam colados ao meu rosto, e sim colados atentamente na estrada em frente conforme ele começou a subir pelo desfiladeiro com o nome pouco atraente de ‘Frango Crick’.

Ele não me respondeu, mas dirigiu até que encontrou um pequeno desvio que ficava acima da cidade. Os adolescentes no vale regularmente usavam esse como um lugar sossegado. O parapeito não era alto, e podíamos olhar a cidade logo abaixo de nós, rodeada pela colcha de retalhos de terras agrícolas, suavizada pelo brilho polido do escorrer do crepúsculo se aproximando sobre as montanhas no oeste. Os extintores sobre rodas grandes correram nas linhas através dos campos de ouro e verdes, a água do seu pulverizador criando pequenos arco-íris no sol poente. Samuel rolou até parar de frente para a vista deslumbrante, e silêncio inundou o caminhão. Ele sentou-se por um minuto,

contemplando o esplendor rosado ante nós. Então estendeu a mão e empurrou alguns dos botões no seu console. Reconheci ‘Pavane para uma princesa morta’ imediatamente. Eu deveria saber. A música derramou fora dos alto-falantes, pela ponta dos pés até meus braços e pernas, levantando arrepios em meus braços. Tão linda, tão melancólica, então... tão intrusiva. Eu dobrei meus braços em meu estômago e me segurei com força. Eu estava intensamente grata quando Samuel falou.

"Eu acho que falei que meu avô Navajo era um fuzileiro naval na Segunda guerra mundial. Ele era um falador de código. Ele mentiu sobre sua idade quando o recrutador chegou à reserva. Ele tinha ouvido sobre o programa especial que eles estavam experimentando, usando a língua Navajo para criar um código que não pudesse ser quebrado pelos japoneses ou alemães. Ele estava apenas com 16 anos de idade quando se inscreveu, mas falava inglês relativamente bem, então ele estava dentro. Os codificadores Navajo realmente criaram um código usando palavras Navajo para descrever operações militares: a palavra para bombas era *a-ye-shi*, que significa ovos em Navajo. A palavra que eles usaram para os Estados Unidos foi *ne-hemah*, que significa 'nossa mãe'. Eles também criaram um alfabeto código levando uma carta em inglês, pensando em uma palavra em inglês que começasse com essa letra e em seguida, usando a palavra Navajo que significava a mesma coisa. Por exemplo, formiga significava a letra "A". A palavra Navajo para formiga é *wol-la-chee*. Então a palavra *wol-la-chee* significava "A" no código. A palavra para "B" era quieto, o que significava urso em inglês. A língua Navajo era tão única que parecia jargão para os que tentavam quebrar o código."

"Eu nunca soube disso!" Eu disse maravilhada. Nunca tinha ouvido falar em leitores de código Navajo.

"Os leitores de código Navajo foram instruídos a manter o silêncio sobre o código, no caso de serem necessários no futuro. Então, depois da guerra, a

população americana sabia muito pouco sobre o seu papel nas batalhas de todo o Pacífico."

"Isso é fascinante! Sua língua ajudou a salvar o nosso país! É uma incrível honra!" Eu tinha esquecido a dor da bela música, que tinha mudado para 'Traumerei' de Schumann.

A boca dele transformou-se um pouco quando olhou para mim, ouvindo minha resposta brilhante. "Sim, foi uma honra... Mas não pensei nisso quando eu era um bravo jovem mestiço. Pensei que o *belegaana*, o homem-branco, apenas usou meu avô e outros como ele. Usou-os, e em seguida cuspiu-os de volta para o lugar de origem, fora da vista e da mente. Perguntei ao meu avô porque ele estava tão orgulhoso de seu serviço. Ele disse-me que este país é o país de seus antepassados. Seus antepassados viveram aqui muito antes do homem branco - é o nosso país, tanto quanto de qualquer homem, e nós temos que defendê-lo. Ele também disse que fez muitos amigos entre os fuzileiros brancos. Ele tinha um guarda-costas *belegaana*... alguém atribuído a ele, para procurá-lo e mantê-lo vivo, porque ele era tão importante que poderia ser morto ou capturado pelo inimigo. Sem os leitores de código, não havia maneira segura de comunicar-se, e o inimigo teria adorado colocar suas mãos em um deles e torturá-los para revelar o código. Ele disse que o fuzileiro *belegaana* salvou sua vida várias vezes, em risco próprio. É por isso que meu nome é Samuel. Em homenagem a Samuel Francis Sutorius, um fuzileiro do Bronx, do qual meu avô não podia falar sem chorar."

Novamente, nós nos sentamos em silêncio - comovidos com a história, embalados pela música.

“Então... seu nome do meio é Francis?" Eu ri e apertei-o carinhosamente.

"Sim Josie JO Jensen, é."

"Ahhhh", eu gemi teatralmente,"Você iria ferir a garota de cidade pequena que anseia por um nome clássico?"

Samuel sorriu suavemente, mas sua voz era grave quando ele falou.

"Você nunca foi de cidade pequena, Josie." Ele balançou a cabeça para sublinhar as palavras. "Você sempre teve essa luz que te fez parecer realeza... uma mente tão incrível, tal beleza e humildade. Você roubou meu fôlego, hora após hora, dia após dia, em um mal cheiroso ônibus escolar."

O caroço na minha garganta tornou impossível para mim falar, e eu pisquei para fora a umidade em meus olhos. Ele continuou:

"O dia da tempestade, quando você percebeu que era eu, seus grandes olhos azuis se acenderam, e eu balancei em torno de você e ri. Eu não podia esperar para falar com você e te ouvir e ver o que você estava lendo, e finalmente ouvi-la tocar novamente."

Samuel parou de falar, e os olhos dele trancaram nos meus. "Mas você estava tão triste... e eu senti a solidão decantar de você quando colocou seus braços em volta de mim... estava tão molhada com a chuva, e eu sabia que você tinha sido alterada de alguma forma. Você estava diferente."

"Eu estava com raiva de você quando ouvi aquela música boba que você escuta enquanto corre. Eu estava com raiva que você parecia tão resistente as coisas que te fizeram tão radiante. E hoje! Lá estava você, trabalhando nessa lojinha, cortando cabelo, ignorando seu presente! Aqui, nesta pequena cidade que a mantém escondida... uma princesa agindo como uma indigente, e eu só não consigo entender."

Meu rosto estava vermelho, e eu senti como se tivesse levado um tapa. "É disso que se trata, Samuel? ‘'Pevane para uma princesa morta’!' Então, eu sou a princesa morta? Não sou mais boa o suficiente para você? Onde você quer que eu vá, Samuel? O que você quer que eu faça?" Eu clamei em descrença ferida. "Adorei música e livros em parte porque eu queria escapar, sair desta cidade para maiores e melhor coisas. Mas não posso deixar minha música tirar-me de tudo o que amo, tudo o que me resta!"

"Então o que mudou, Josie?” A voz de Samuel era tão sem paixão quanto a minha. "Você só virou as costas para a música? Você costumava dizer que Beethoven fazia você se sentir viva, fazia com que os mistérios de Deus parecessem atingíveis. Você disse que podia sentir sua mãe quando ouvia música. Como se você soubesse que ela estava lá fora em algum lugar, vivendo. Isso mudou? Você não quer mais sentir a sua mãe?"

"Quando ouço música bonita não sinto só minha mãe agora. Eu sinto outras coisas, também" gemi as palavras e pressionei minhas mãos para as minhas bochechas febris.

"Não entendo!" Samuel puxou minhas mãos do meu rosto e puxou meu queixo para cima, forçando-me a encontrar seu olhar brilhante. "Por que é uma coisa ruim?"

"A música faz-me sentir muito! Faz-me lembrar de coisas que nunca terei! Você não vê? A música torna tudo muito mais difícil de esquecer."

A mão de Samuel caiu do meu queixo, e compreensão caiu sobre suas características. "Que coisas? Me diga o que você nunca poderá ter!"

Eu não queria compartilhar mais. Senti-me encurralada. Nada disto era seu negócio. Eu estava de repente muito cansada, e fechei meus olhos, recusando-me a responder-lhe.

Samuel levantou meu queixo novamente, esperando até que eu levantasse os olhos para os seus mais uma vez. "Então é isso? A vida só terminou aos vinte e três? E sobre a escola? Lembro-me que você tinha grandes planos para viajar o mundo tocando piano."

Eu torci minha cabeça, puxando meu queixo da mão dele. Ele era tão... irritante! Eu não me lembrava desse lado dele. Tentei indiferença.

"Eu estava pronta para ir. Tinha uma bolsa de viagem cheia de música para a Universidade Brigham Young.” Eu tinha ganho a bolsa de músico excepcional, dada a um colegial do estado de Utah a cada ano. Lembrei-me da

emoção de ganhar, de ver minha carreira como uma pianista, compondo música no meu tempo livre, aparecendo diante de mim. O sonho estava agora enterrado sob camadas de responsabilidade.

"E?" Samuel exigiu.

"Kasey morreu, e então meu pai teve um derrame." Comecei listando as coisas, minha voz subindo com irritação, frustrada que eu tinha que defender-me. "Em seguida, Sonja foi diagnosticada com a doença de Alzheimer, e eu era necessária aqui! Está bem?" Eu joguei minhas mãos em frustração. "Eu precisava ficar aqui, então eu fiquei."

"Eu vi você com sua família, Josie. Você tende a cuidar de todos. Você é boa sendo necessária, isso é certo."

"O que isso quer dizer?" Agora fiquei muito zangada. Como ele se atreve?! "Meu pai teve um derrame uma semana antes de eu sair para a faculdade. Eu decidi adiar minha bolsa de estudos por um tempo, para cuidar bem dele. Papai não poderia trabalhar e alguém precisava pagar as contas. Eu fiz o que tive que fazer. Papai começou a melhorar, mas as contas do médico tinham empilhado, e ele ainda não podia trabalhar o tempo inteiro, então decidi esperar um pouco mais. Em seguida, Sonja foi diagnosticada com a doença de Alzheimer e Doc Grimaldi faleceu. Pouco depois colocamos ela em uma casa de repouso, e eu não podia deixá-la. Ninguém mais se importava, Samuel. E então a bolsa já estava longe!" Eu estava tagarelando e forcei-me a parar. Minha respiração estava engatada e minha garganta ficou crua com emoção. Samuel estava olhando pela janela, ouvindo - restos do garoto que tinha uma vez sido amigo.

Não havia nada mais a dizer. Samuel parecia perdido, e estava drenado. Depois de um momento ele ligou o caminhão e estávamos voltando, virando bruscamente para a estrada, virando as costas para a grandeza do crepúsculo.

Quando nós subimos no cascalho fora da minha casa ele abrandou para uma parada e deu a volta para minha porta. Eu tinha aberto e colocado um pé nu para baixo sobre as rochas, enrolando meus dedos menores para proteger

meu arco sensível do cascalho afiado. Samuel delicadamente me colocou em seus braços novamente, embalando-me como se eu fosse algo precioso. Ele entrou facilmente na grama e estabeleceu-me cuidadosamente. Suas mãos grandes aproximaram-se, emoldurando meu rosto, seus polegares escovando minhas bochechas numa breve carícia. Eu tremi involuntariamente. Ele analisou meu rosto por vários batimentos cardíacos.

Sua voz era baixa enquanto ele falava. "Não é muito tarde, Josie." E com isso, ele retirou as mãos e deixou-me. Eu permaneci de pé, com os pés descalços na grama e enterrada em introspecção, até que o céu estava camuflado na escuridão e as estrelas piscaram de volta à vida.

16. Modulação

Tara entrou na loja como um furacão uma tarde, cabelo rosa, lábios vermelhos, sorriso aberto, abraçando todo mundo e gritando como se ela tivesse ido embora há um século ao invés de três meses. Ela aparecia de vez em quando, arrumava sua ‘mãe’ e desaparecia novamente em um turbilhão.

Ela se jogou na minha cadeira e começou a me contar tudo, até o último detalhe, do que lhe tinha acontecido desde que tinha saído. De repente os olhos dela estreitaram no meu rosto, e ela mordeu os lábios carmesim em especulação.

"Eu gosto do seu cabelo." Ela disse com tal surpresa em sua voz que eu ri em voz alta. "Não! Eu gosto!" Ela insistiu. "Você está deixando ele crescer para fora, e os caracóis são todos macios e esvoaçantes." Eu tinha tido Louise cortando meu cabelo pelo ombro depois que comecei a trabalhar com ela na loja. Ele tinha sido tão torturado e esmiuçado em um ano de experimentação por Tara que eu tinha apenas dito a Louise para "cortar". Louise tinha estalado a língua o tempo todo enquanto cortava. Ela ficava me perguntando "O que você estava pensando garota, deixando Tara ter o seu caminho com seu cabelo?"

Eu toquei o cabelo que pendurava passando meus ombros auto conscientemente.

"Acho que está maior. Eu realmente não o arrumei de alguma forma especial."

"Você está namorando alguém?" Ela consultou, e então riu como se só tivesse contado uma piada hilária. "Quem você namoraria? Todas as pessoas daqui ou tem 16 anos, ou casaram, ou foram para muuuuuuito longe!"

Louise falou da sua estação, de onde ela estava cortando o cabelo de Penny Worwood. "Oh, eu não sei sobre isso. Há alguns dias Nettie Yates chegou com seu neto. Agora ele é um homem muito bonito!"

"Neto de Nettie? Quer dizer filho de Tabrina? Aquele homem é tão acolhedor como uma cerca de lama! Você está ficando desesperada com a velhice, mãe!"

"Não é o filho de Tabrina! E você está certa, você não poderia escolher aquele rapaz em um curral de porcos! Não, eu estou falando sobre o filho de Michael!" Ela disse triunfante.

"Quem é Michael?" Tara estava completamente desnorteada.

"Irmão mais velho de Tabrina."

"Nem sabia que Tabrina tinha um irmão mais velho!"

"Sim. Ele morreu quando você era apenas um bebê, é por isso que você provavelmente nunca ouviu falar sobre ele. Michael Yates foi um grande copo de algo gostoso!" Louise suspirou. "Ele era mais religioso do que o resto de sua família, e saiu em uma missão de dois anos para a Igreja, embora ninguém em sua família tinha ido. Ele era o tipo de cara tranquilo, mas 'yum, yum, yum', ele era algo para se olhar! A sua pobre irmã, Tabrina, foi o que sobrou, abençoe seu coração, e suas crianças são mais feias do que ela foi!"

"Mãe! Concentre-se!" Tara riu. "Então, esse cara Michael? Ele tinha um filho?"

"Sim. Ele viveu por aqui com seus avós por um tempo quando estava no colégio. Ele é parte índio ou algo assim. Não posso acreditar que você não se lembra dele. Qual é o nome dele novamente, Josie?"

"Samuel." Virei e me fiz ocupada limpando minha mesa de trabalho, não querendo olhar para Tara, temendo dar algo que ainda não estava pronta para discutir.

"Samuel..." Tara amassou seu rosto tentando lembrar. "Oh sim! Ei Josie, não era o garoto que você tinha que sentar junto todo o ano há muito tempo no ônibus na sétima série?" Ela estremeceu dramaticamente. "Eu achei que ele ia matar seus avós enquanto dormiam!"

"Tara"! Virei-me e olhei para ela. "Por que você diria algo assim?"

"O quê?" Ela protestou. "Ele era intimidante! Nunca disse duas palavras para alguém, e sempre tinha uma expressão no rosto. Ele usava seu cabelo longo, e eu juro que usava uma machadinha amarrada na sua perna. Não sei como você aguentou. Iria ter mijado nas calças se Sr. Walker tivesse atribuído que eu sentasse com ele."

"Eu gostava dele" disse simplesmente. "Na verdade, nos tornamos amigos. Ele era calmo e meio intenso, mas eu já fui acusada do mesmo, então." Eu olhei para Tara incisivamente.

"Ele não foi o cara que bateu palmas na igreja uma vez?" Penny Worwood resolveu participar.

Louise enrolou-se e apontou-me, acenando seu pente descontroladamente e dançando como se tivesse formigas nas calças. "Foi! Ele se levantou e bateu palmas para você depois que você tocou seu solo! Nesse tempo, só pensei que talvez ele estava tentando cutucar um pouco seus avós, constrangê-los, ser um sabichão, sabe? Eu não sabia que vocês dois realmente se conheciam! Woo! Hoo! Cara, foi realmente algo quando ele fez isso! Ainda me lembro do olhar no seu rosto, Josie Jo! Você poderia morrer e ir direto para o céu então."

"Então... este garoto Samuel... porque ele voltou à cidade?" Tara interrompeu o monólogo vertiginoso da mãe dela.

"Bem, Nettie disse-me que ele voltou para ajudá-la e obter as coisas de Don em ordem." Louise respondeu. "Eles não têm ninguém, você sabe, e estão ficando velhos. Tabrina e seu marido não ajudam, e esses dois juntos são quase tão inteligentes quanto uma caixa de pedras."

"Louise!" A repreendi.

"Oh bem, Josie. Estou sendo um pouco dura." Mas ela continuou: "Tabrina e seu marido são quase tão inteligentes quanto uma caixa de sapos". E sorriu para mim por cima do ombro direito antes de continuar.

"De qualquer forma, este Samuel - ele é um belo espécime, Tara, não importa o que você pensou quando estava na sétima série. E ele teve que voltar para fazer um trabalho legal para os avós, ajudá-los com seus carneiros vendidos, vender algumas terras, coisas assim. A saúde de Don não está tão boa, e é hora de parar de trabalhar tão duro."

"Você disse que ele estava fazendo um trabalho legal para eles. Ele é um algum tipo de advogado?" Tara canalizou com interesse. Advogados significavam dinheiro para Tara, e dinheiro era o número um, no topo dos critérios que um marido deveria ter.

"Não, ele é um fuzileiro naval." Eu ofereci.

"Ele é da Marinha, tudo bem, mas Nettie diz a Marinha ajuda a pagar sua faculdade, e em seguida ele foi para a formação do oficial, e agora está indo estudar direito. Ele está em algum tipo de licença agora."

Eu ofeguei bem alto. Samuel, tornando-se um advogado? Senti-me um pouco fraca nos joelhos, e então senti uma ridícula vontade de chorar. De repente eu estava euforicamente orgulhosa dele. Eu não tinha lido o suficiente nas cartas, obviamente, ou ele não tinha dito nada sobre isso. Mas quando ele tinha tido a oportunidade? Cada uma das nossas conversas tinha sido cheia de granadas emocionais, e recuperar o atraso não tinha acontecido. Senti vergonha de que ele havia pedido tão pouco sobre si mesmo.

"Terra para Josie!" Tara estava acenando as mãos na minha cara. "Você parece como se fosse chorar. Está tudo bem?"

Eu escovei fora as perguntas dela, sorrindo brilhantemente e desejando que o dia acabasse. Eu precisava ir encontrar Samuel, independentemente dele acreditar ou não que a "princesa estava morta".

Samuel não estava em casa quando eu bati na porta de tela de Nettie Yates mais tarde naquela noite. Eu tinha alguns biscoitos como desculpa para a visita. Eu também tinha enchido uma cesta com legumes da minha horta.

Nettie parou de cultivar uma horta nos últimos anos, queixando-se que ela era muito "frágil para trabalhar na terra". Era uma doce ironia que ela tivesse compartilhado o jardim dela comigo e minha família há muitos anos, e me mostrado como plantar e cuidar de uma, e agora eu poderia compartilhar a recompensa da minha horta em troca.

Nettie estava fazendo crochê ou algo assim, e ela me convidou para sentar-me e conversar um minuto. "Samuel e Don foram descer as vacas da montanha esta manhã. Não queria que Don fosse, eu me preocupo com ele sentado em uma sela o dia todo, mas ele não quis ouvir nada disso. Eu não lutei muito com ele. Ele tem trazido as vacas para casa do Monte Nebo desde que era velho o suficiente para amarrar seus sapatos, e essa provavelmente será a última vez. Nós estamos vendendo o gado e as ovelhas, você sabe. Don está aliviado, mas é difícil para ele também. A presença de Samuel aqui ajuda a tirar o peso dos seus ombros um pouco."

"Quando Samuel veio morar com a gente há tantos anos eu não sabia o que pensar. Ele nunca falava muito, e ele parecia tão bravo no começo. Mas então, lentamente ele começou a mudar - realmente não sei por que, mas sou grata por isso. Ele cresceu para ser um bom homem, e uma bênção para nós agora que precisamos dele. Ele diz que vai ficar até que tenhamos as coisas arrumadas."

Eu era terrível em conversa fiada, e não sabia o que dizer para manter a conversa fluindo. Decidi que só iria pedir as informações que eu buscava.

"Quando eles vão voltar?" Aventurei-me casualmente.

"Oh, eles devem chegar a qualquer momento." Nettie olhou para mim curiosamente.

Eu mudei de assunto rapidamente, perguntando a ela se poderia fazer alguma coisa antes de ir embora. Ela pensou e ponderou, não querendo me incomodar, mas acabou confessando que precisava de ajuda com os canteiros de flores no jardim da frente. Em pouco tempo eu estava em minhas mãos e joelhos na terra. Eu gostava de puxar ervas daninhas. Me chame de louca, mas há algo imensamente terapêutico sobre arrancar as coisas nocivas do solo marrom. Eu fiquei ocupada e tive pouco trabalho com o canteiro de flores do lado da calçada da frente, e estava trabalhando meu caminho para o outro quando ouvi um caminhão esmagando o cascalho. Eu tinha a esperança de ser legal e composta quando visse Samuel novamente. Em vez disso eu estava de joelhos com meu traseiro no ar, arrancando dentes de leão entre as flores.

"Olá, Senhorita Josie!" Don Yates pisou rigidamente da Pick-up, aproximando-se com uma marcha ligeiramente cambaleante. Ele tinha sido uma vez alto, mas tornou-se inclinado e encolhido nos últimos anos. Ele tinha montado touros em sua juventude, e tinha sido espancado e derrubado uma ou duas vezes. Nettie disse que ele tinha quebrado todos os ossos das mãos no momento que sua carreira estava acabada. Os dedos dele eram tão grandes ao redor como salsichas, as palmas das mãos grossas e musculares. Combinado com os músculos acumulados nos antebraços, ele parecia um pouco com Popeye, todo braços, sem bumbum e pernas curvadas.

"Olá, Sr. Yates" Tirei meu cabelo do meu rosto e limpei minhas mãos na saia do meu vestido rosa agora sujo. "Como foi a busca do gado?"

Samuel estava atrás dele, e sem dizer uma palavra ele se ajoelhou ao meu lado no canteiro de flores e começou a puxar ervas daninhas.

"Foi longa, Senhorita Josie! Woo-Wee! Eu vou entrar e ter a mãe me fazendo uma xícara de café. Se continuar andando posso cair imediatamente. Estou velho demais para conduzir gado. Você quer que eu envie uma limonada para vocês dois, ou algo assim?"

"Não, obrigada." Dei uma olhadela para Samuel em questionamento.

"Entre pai. Eu só vou ajudar Josie a terminar."

Poucos minutos depois a porta bateu atrás de Don Yates, e Samuel e eu trabalhamos em silêncio. Achei que seria mais fácil falar se minhas mãos estivessem ocupadas, então respirei fundo e joguei.

"Estou orgulhosa de você, Samuel." Eu puxei as ervas daninhas mais rápido, minhas mãos mantendo o ritmo do meu pulso galopante.

Samuel olhou para mim com surpresa. Encontrei seu olhar preto e rapidamente olhei para baixo, para ter certeza de não arrancar flores com zelo nervoso.

"Houve uma conversa hoje no salão." Eu sorri timidamente. "Bem, sempre há conversa no salão. Mas hoje encontrei na verdade algum interesse nela."

Samuel parou de puxar ervas daninhas, a cabeça inclinada para o lado e sobre mim, em silêncio.

Eu olhei para baixo, ansiosamente tentando encontrar uma erva daninha a um braço de distância. "Ouvi dizer que você vai estudar direito." Eu parei, e o orgulho que senti inchou meu coração tal como tinha sido antes. Olhei para cima para ele, engolindo para manter minhas emoções sob controle. "Não imagina como eu me senti quando ouvi. Eu só queria gritar alto... e... pular de alegria ao mesmo tempo. Eu estou tão... tão... bem, eu estou tão orgulhosa do que você conquistou." Eu mantive meus olhos nos seus, e ele parecia estar pensando nas minhas palavras.

"Obrigado, Josie. Não imagina o que isso significa para mim." Seu olhos permaneceram nos meus por um momento, e então ele continuou a puxar ervas daninhas até o último invasor teimoso ser retirado do canteiros de flores.

"E, Samuel... obrigada pelas cartas... eu não tive chance de ler todas ainda, mas eu vou." Eu me esforcei para me expressar honestamente e sem ficar muito pessoal, mas desisti quando percebi que não podia.

"Elas quase me fizeram sentir como se estivesse lá com você. Acima de tudo, me fez sentir que talvez eu não estivesse sozinha todas as noites que eu chorei por você, sentindo sua falta." Minha voz estava sufocada, mas manteve-se composta. Fiz um movimento para levantar-me do canteiro, mas a mão de Samuel se curvou ao redor do meu braço nu, logo acima do cotovelo, detendo-me.

"Me desculpe, Josie." A voz de Samuel era rouca e baixa. "Me desculpe pelo que eu disse naquela noite. Por fazer você sentir como se estivesse decepcionado com você. Não há nada de errado com quem você é e o que você fez." Ele estendeu a mão e correu os dedos levemente pela lateral do meu rosto. "Eu apenas odeio ver você sofrendo. Lidei com tudo errado. Você vai me deixar te recompensar? Vai me deixar fazer algo para você?" Sua voz estava quase implorando.

Eu queria fechar os olhos e pressionar meu rosto na palma de sua mão. Seu toque era como penas, mas seus olhos estavam pesados nos meus.

Eu balancei meu consentimento, percebendo que não importava o que ele iria fazer, contanto que eu pudesse estar em sua companhia um pouco mais. Ele levantou e me segurou, puxando-me para meus pés.

"Tenho um dia de suor e terra de cavalo moídos em mim, e eu preciso de um banho. Vou entrar cerca de 30 minutos, se não houver problema?"

Eu novamente acenei com a cabeça e me virei para ir embora.

"Josie?” Sua voz me parou. "Seu pai está em casa?"

Meu coração balançou um pouco na intimidade implícita de sua pergunta.

Eu balancei minha cabeça dessa vez... e encontrei minha voz. Ela saiu suave e fácil, pelo que eu estava grata. "Ele está no turno da noite por mais uma noite."

"Eu estarei lá." Ele se virou e entrou em casa. Tentei muito não correr, mas acabei correndo no meio da rua como uma criança boba.



Eu estava esperando por Samuel na varanda da frente do balanço quando ele veio andando pela rua, meia hora depois. Eu tinha deslizado na banheira e lavado a sujeira dos canteiros de flores fora dos meus braços e pernas. Tinha trocado meu vestido de verão rosa sujo por uma saia e uma camiseta que eu acabei percebendo serem da exata cor dos meus olhos. A saia era branca de ilhós, confortável e bonita.

Eu não coloquei sapatos nos meus pés. Minhas panturrilhas e pés eram castanhos desde o verão recente, e a falta de sapatos fazia minha preferência por saias um pouco menos formal. Eu raramente usava calças, e só quando eu estava correndo usava shorts. Eu gostei da sensação de me sentir bonita, com roupas femininas, e parei de me importar se alguém pensava que eu me vestia à moda antiga. Não tive tempo de lavar o cabelo, então só o coloquei para cima, fixei a maquiagem e coloquei um pouco de lavanda em meus pulsos. Eu me senti boba esperando por ele, mas mesmo assim esperei.

Samuel usava jeans limpos e uma camisa de cambraia macia rolada nos cotovelos, expondo seus antebraços fortes. Ele usava mocassins no pés, e seu cabelo preto curto foi escovado em volta de sua suave testa e maçãs do rosto proeminentes. Ele carregava um jarro grande e um balde de madeira ainda

maior. Ele parou na minha frente e seus olhos varreram meu dedos descobertos e meu cabelo para cima apreciativamente.

"Precisamos de música" ele disse silenciosamente. Eu poderia dizer, pela especulação nos olhos dele, que ele não sabia como eu iria responder ao seu pedido.

"Tudo bem", eu respondi uniformemente.

"Debussy."

"Debussy será."

"Eu estarei lá atrás." Ele se virou e caminhou ao redor da casa, não esperando para ver se eu faria o que ele disse. Samuel tinha mudado em muitas maneiras, mas ele ainda era um pouco mandão. Eu estava contente. Entrei na casa para encontrar Debussy.

Ele estava sentado no quintal no banco longo, apenas sob as janelas da cozinha quando eu abri a porta de tela e configurei o leitor de CD no parapeito acima dele. A luz da cozinha derramou para a noite que escurecia rapidamente, e sobre seus ombros largos e a cabeça baixa. Ele estava cortando algo com uma faca afiada, puxando a casca escura para fora, expondo uma raiz fibrosa branca que parecia lisa e escorregadia. Inclinado para a frente, ele puxou uma grande tigela prata do balde de madeira grande que ele tinha levado. Ele colocou a raiz branca dentro da tigela, pegou o jarro de estanho enorme que tinha carregado e derramou água fumegante sobre a raiz. Samuel esfregou a raiz como se fosse uma barra de sabão, e pequenas bolhas começaram a se formar. Com as bolhas transformadas em espuma ele continuou esfregando, até que a tigela de prata estava cheia de espuma branca e grossa. Definindo a tigela no chão, ele puxou uma toalha de mão e uma toalha de banho branca para fora do balde de madeira. Ele ficou no banco, colocando a toalha de mão por cima do ombro, e a toalha de banho sobre o banco. Em seguida, ele virou para mim e deu um tapinha no banco.

"Deite-se."

Eu tinha observado com fascínio, perguntando-me o que ele estava fazendo. Pensei que ele talvez fosse mergulhar meus pés quando vi a grande tigela de coisas e sabão. Fiquei curiosa, mas não o questionei. Arrumei minha saia e encostei no banco. Então ele estendeu a mão e apertou play na música, escolhendo as faixas até que encontrou o que procurava. Ele pegou o balde de madeira, colocando-o perto da minha cabeça, e sentou-se sobre ele, usando-o como um banquinho. Em seguida, puxando a toalha por baixo de mim, ele puxou-me em direção a ele, até minha cabeça estar pendurada sobre a borda da bancada, e estabeleceu-me no colo dele. Um por um, ele puxou os pinos do meu cabelo. Correu os dedos fortes através dos meus cachos, alisando-os sobre suas mãos. Percebi tardiamente que a música que estava tocando era 'Menina com os cabelos loiros' de Debussy.

"Música muito apropriada" Eu disse suavemente, o sorriso aparente na minha voz.

"Eu gosto" ele respondeu facilmente. "Não posso ouvi-la sem pensar em você."

"Você ouve isso muitas vezes?" Eu pedi um pouco ofegante.

"Quase todos os dias durante os últimos dez anos" ele respondeu uniformemente.

Meu coração gaguejou e parou, minha respiração superficial.

Ele continuou em silêncio, como se não tivesse apenas confessado algo maravilhoso. "Você lavou meu cabelo. Agora eu vou lavar o seu. Minha avó Navajo ensinou-me como fazer isso. Ela faz sabão da raiz da mandioca. A raiz de mandioca jovem faz o melhor sabão, mas a mandioca do quintal da minha avó Nettie foi plantada há muitos anos pelo meu pai. Não é nativa desta área, mas quando ele voltou para casa depois de seus dois anos na reserva, queria trazer algo com ele. Eu desenterrei um pedaço da raiz. Você tem que descascar

a casca exterior. Então tem que triturar a parte branca do interior - que é o sabão. Eu não tinha certeza que iria ensaboar, mas fez."

Delicadamente segurando minha cabeça na palma de uma mão, ele chegou para baixo e pegou a tigela, definindo-a no colo que estava agora coberto com a toalha de mão. Ele baixou minha cabeça para a água com sabão, segurando-a durante todo o tempo. A outra mão alisou a espuma pelo meu cabelo, o calor infiltrando no meu couro cabeludo, a mão dele deslizando para trás e para frente, puxando meu cabelo através de seu punho, afundando os dedos profundamente até à base do crânio e deslizando-os de volta para cima novamente. Meus olhos se fecharam e minhas terminações nervosas apertaram. Eu puxei meus joelhos para cima, deslizando as solas dos meus pés sensíveis ao longo do banco de madeira áspero, meus dedos ondulando em resposta à doce agonia de suas mãos no meu cabelo.

Samuel continuou, a música de sua voz tão suave quanto a água morna. "Minha avó usa o sabão de mandioca para lavar a lã de ovelha, depois que ela tosa todas na primavera. Ela diz que funciona melhor do que qualquer outra coisa. Seu cabelo não vai cheirar a lavanda ou rosas quando eu terminar, mas vai estar limpo. Minha avó diz que vai dar nova energia, também."

"Sua avó é sábia... Eu penso nela toda vez que alimento minhas galinhas."

"Porquê?" Havia um sorriso em sua voz.

"Bem, você me disse uma vez que ela tinha nomes para todas as suas ovelhas, e ela tinha tantas! Nomeei as galinhas quando eu era uma garotinha, depois que minha mãe morreu. De alguma forma assim ficou mais fácil para cuidar delas, chamando através dos nomes. Dei-lhes nomes como Peter, Lucy, Edmund e Susan, como os personagens das Crônicas de Nárnia. Mas sua avó chamava suas ovelhas com nomes como 'Anca Cabeluda' e 'Cara de peixe', e isso sempre me fez rir quando pensei sobre isso."

"Hmm. Os nomes soam um pouco mais poéticos em Navajo" Samuel respondeu, rindo baixinho. "Infelizmente porem, acho que 'Anca Cabeluda' e

'Cara de peixe' morreram, mas ela tem uma nova chamada 'Cara Cabeluda' agora, em honra a ambos."

Eu deixei sair uma longa gargalhada, e os dedo de Samuel apertaram em meu cabelo.

"Ahhh Josie, esse som devia ser engarrafado e vendido." Ele sorriu para mim quando olhei para ele com surpresa.

Ele desviou o olhar e pegou a jarra, chapinhando água quente em todo meu cabelo e na bacia do sabão, recomeçando o processo.

"Minha mãe é a única pessoa que já lavou meu cabelo" ofereci sonolenta, o escorregar e deslizar dos dedos dele através do meu cabelo deixando-me solta e descontraída. "Foi há muito tempo. Foi algo que eu tomei como certo e garantido... era maravilhoso."

"Você era uma criança. Claro que achou que era certo" Samuel respondeu calmamente.

"Eu sei porque minha mãe lavou meu cabelo," Eu disse corajosa, por trás dos meus olhos fechados, "mas por que você está lavando meu cabelo, Samuel? Tenho lavado um monte de cabelo no salão, e ninguém nunca voltou e se ofereceu para lavar o meu em troca."

"Eu estou lavando seu cabelo pela mesma razão que sua mãe, provavelmente."

"Porque meu cabelo está sujo e enrolado depois de brincar no celeiro?" Eu brincava com isso.

"Porque é bom cuidar de você." Sua voz era terna e sincera.

Minha alma cantou. "Cuidei de mim mesma por um longo tempo" Eu respondi calmamente, incrivelmente comovida com a doçura de sua resposta.

"Eu sei, e você é boa nisso. Você tem tomado conta de todo mundo por muito tempo também."

Ele deixou por assim, e eu também não prossegui a conversa. Demandava muita energia, e eu sentia-me embalada pela música, pelo feitiço da noite e pelas mãos firmes dele.

O som de Debussy, 'Reverie', deslizou através da negra escuridão, com a luz agrupada apenas além de nós, deixando nossos rostos nas sombras. Samuel segurava meus cabelos molhados com a mão, torcendo as seções espessas em torno de seus dedos firmemente, puxando minha cabeça para trás e arqueando minha garganta quando ele forçou o excesso de água dos fios. Eu ouvi ele colocar a tigela para baixo, ainda apoiando minha cabeça em uma mão. Ele regou água quente para baixo do comprimento, tirando o sabão, enxaguando-o mais e mais, as mãos vasculhando meu cabelo pingando até a água correr clara.

Novamente ele passou as mãos nos meus cabelos, torcendo e envolvendo em seguida minha cabeça com a toalha que ele tinha colocado em seu colo. Samuel me deixou momentaneamente e montou o banco abaixo dos meus joelhos levantados. Inclinado para a frente, ele agarrou minha mão e me puxou para cima em direção a ele, até que eu estava sentada com as pernas de cada lado do banco, minha testa repousando sobre seu peito. Ele levou a toalha de mão e levemente secou meus cachos úmidos, amassando meu couro cabeludo em suas mãos, secando a água do meu cabelo. A toalha de mão caiu no chão quando ele levantou meu rosto em sua direção. As mãos dele alisaram meu cabelo para trás, longe da minha testa e maçãs do rosto. Minha respiração ficou presa na antecipação de um beijo, mas em vez disso ele enfiou a mão esquerda em meu cabelo outra vez. Abaixando a cabeça, ele esfregou sua bochecha ligeiramente áspera para trás contra a sedosidade da minha, o calor da sua respiração fazendo cócegas no meu pescoço. O gesto foi tão amável, tão suave, que meus olhos ficaram fechados sob sua carícia simples. Eu segurei minha respiração quando ele correu os lábios ao longo da minha testa, beijando minhas pálpebras fechadas. Senti ele se afastando, e abri meus olhos. Seus

olhos seguraram os meus no escuro. Eu queria desesperadamente que ele se inclinasse e beijasse meus lábios.

As mãos de Samuel enquadraram meu rosto, e ele pareceu não respirar por uma eternidade. Em seguida, as palmas das mãos e dedos levemente viajaram para baixo nos meus braços e sobre meus pulsos, até ele segurar minhas mãos nas suas. Clair de Lune sussurrou em meio a brisa e levemente escorreu da minha pele, criando pequenos riachos de desejo onde as mãos dele tinham estado.

"Lembra da primeira vez que segurei sua mão?" A voz dele era grossa.

Meus pensamentos eram lentos e pesados, minha mente suave de suas ministrações, mas depois de um momento eu respondi pensativamente. "Foi depois que nós discutimos sobre Heathcliff. Você estava com raiva de mim. Não falou comigo por dias" Eu respondi, lembrando minha dor e confusão, querendo que ele voltasse a ser meu amigo. "Quem me dera não tivesse dito nada. Você só me deixou tão brava." Eu ri um pouco, pensando como Samuel parecia com a intenção de provar que a minha teoria estava errada.

"Você tinha treze anos! Uma garota de treze anos de idade que era linda, esperta, paciente... e irritante! Eu fiquei pensando: 'como é que ela sabe essas coisas?' Você citou a escritura como se tivesse estudado isso apenas com a finalidade de dar-me uma lição. Então você se levantou e andou pelo ônibus! Fiquei tão encantado que perdi minha parada. Ainda estava lá quando todo mundo tinha ido embora. Eu acabei tendo que ir a pé para casa, da casa do motorista de ônibus. Sr. Walker ficou nervoso e pensou que eu estava tramando alguma coisa. Acho que eu realmente não posso culpá-lo, eu estava agindo muito estranho."

Olhei para nossas mãos entrelaçadas - arrepios saltavam para cima nos meus braços conforme seus dedos desenhavam padrões lentos na minha pele.

"Coríntios 1, capítulo 13... como você sabia?" Sua voz continha uma nota de admiração. "Eu não me importo quão brilhante você era, meninas de treze anos de idade não citam as escrituras de improviso assim."

Eu balancei minha cabeça um pouco e sorri. "Algumas semanas antes de você e eu termos a nossa 'discussão', eu estava sentada na igreja com minha tia Louise e meus primos. Meu pai não ia à igreja muitas vezes, mas Tia Louise levava seu bando à igreja toda semana. Ela sempre dizia que precisava de toda a ajuda que conseguisse... e eu gostava da igreja."

Samuel gemeu, me interrompendo. "Claro que sim."

"Cale-se!" Eu ri e comecei a me defender. "A Igreja era tranquila e pacífica, a música era suave e eu sentia-me sempre amada lá. De qualquer forma, naquele domingo especial alguém levantou e leu Coríntios 1, capítulo 13. Eu pensei que era a coisa mais bonita da qual já tinha ouvido falar. Eu estava com medo que não seria capaz de encontrá-lo novamente porque, você está certo, eu não estava muito familiarizada com as Escrituras. Eu disse a tia Louise que estava doente e corri para casa, repetindo "Coríntios 1, Capítulo 13, Coríntios 1, capítulo 13" até chegar em casa, então eu não me esqueceria. Quando cheguei em casa, retirei meu-"

"-grande dicionário verde?" Samuel terminou para mim, sorrindo.

"Meu grande dicionário verde" eu repeti, sorrindo com ele, "e a Bíblia que mantivemos na estante de livros. Li os versos 4 a 9, procurando cada palavra, mesmo as que eu sabia. Eu queria ter uma perfeita compreensão de cada palavra... esses versos são como a poesia mais incrível! Para mim, era ainda melhor do que apenas um coleção de belas palavras, porque era a verdade! Eu podia sentir a verdade quando li. Quando terminei, eu escrevi... os versículos 4-9 na minha 'parede de palavras', e as lia todas as noites antes de dormir. Eu tinha memorizado rapidamente."

"Na sua parede de palavras?" As sobrancelhas de Samuel subiram.

"Você não sabe sobre minha parede de palavras?!" Sussurrei, zombando em horror. "Não acredito que nunca te falei sobre minha parede de palavras!" Eu pulei do banco e puxei-o para cima, com minhas mãos ainda entrelaçadas as suas. "Venha, eu vou te mostrar."

Entrei, com Samuel à direita e atrás de mim, e subi um pouco da escadaria para o meu quarto do sótão. Os ombros de Samuel pareciam enormes na estreita passagem. No topo da escada, eu parei. "Espere! Esqueci as regras do papai! Rapazes não são permitidos no meu quarto. Porcaria! Acho que vou ter que tirar uma foto da minha parede e mostrá-la mais tarde." Meus lábios contorceram e meus olhos se arregalaram com o riso. Agi como se fosse descer as escadas outra vez.

O braço de Samuel disparou e me segurou ao redor da cintura. "Eu ficarei na porta."

Eu ri, apreciando o flerte, e entrei no quarto pequeno que tinha sido meu desde que tinha idade suficiente para subir as escadas.

Samuel seguiu atrás de mim e, fiel à sua palavra, inclinou-se com o ombro contra o batente. Seus olhos escanearam minha obra-prima.

Eu olhei para minha parede com novos olhos, lembrando os livros onde tinha encontrado cada palavra. Mostrei-lhe o lugar onde tinha escrito Coríntios1, capítulo 13. "Aqui está... escrito antes de eu e você discutirmos a definição do verdadeiro amor." Virei e olhei para ele. Ele movimentou-se da porta, caminhando em direção a parede para ler as letras pequenas. Ele correu as mãos por cima da parede, como se tivesse feito isso muitas vezes antes, sentindo minhas palavras.

"Muito conhecimento... e está tudo aqui agora" ele disse com ternura, me alcançando e batendo suavemente na minha testa. Ele caminhou para a janela e olhou para fora, apontando para baixo da rua para onde as luzes da casa de seus avós brilhavam na escuridão.

"É estranho pensar em você aos treze anos, aqui neste quarto, lendo, enquanto eu estava a poucos quarteirões de distância." Ele hesitou por um momento, lembrando. "Aquele ano me mudou. Eu pensava em você o tempo todo, tinha argumentos com você na minha cabeça, e te amaldiçoei quando não consegui ler nada sem um dicionário." Nós dois arrebentamos em gargalhadas. Depois de alguns segundos ele continuou: "Às vezes eu ficava com raiva, porque você me fez questionar tudo que eu achava que sabia. Eu comecei a pensar que talvez não soubesse nada de nada. Metade do tempo eu queria me livrar de você, mas a outra metade eu só queria estar com você, e isso me deixou ainda mais furioso. Quando saí de Levan, jurei que não voltaria até que pudesse te ensinar uma coisa ou duas, ou pudesse provar que estava errada – o que viesse primeiro."

Lembrei-me do que ele me disse na noite em que tinha me feito ouvir 'Pavane para uma princesa morta'. Tristeza e pesar escorreram pela minha garganta, fazendo volume no meu estômago. "Agora você está aqui. E eu estou aqui. Não é bem o que você se lembra." Eu tentei rir, mas soou mais como um soluço.

Ele virou-se da janela, os polegares enfiados nos bolsos da frente, e eu lentamente fechei os poucos passos entre nós. Ele olhou para mim atentamente. Eu olhei para minhas mãos, e então enfiei o cabelo atrás das orelhas. Meu cabelo estava seco na maior parte agora, e enrolado em torno dos meus ombros. Eu sufocava a necessidade de passar meus dedos por ele, e segurei ainda mais sob seu controle.

"Não, você tem razão. Você não é a mesma. Eu também não sou. Você não tem mais treze anos, e não tenho 18. É muito bom." Ele chegou para mim então, embalando meu rosto em suas mãos, puxando-me para ele. Sempre tão suavemente, ele roçou os lábios sobre os meus. Em seguida, novamente. E outra vez. O hálito dele era a carícia mais suave na minha boca sensível. Ele nunca aumentou a pressão, nunca pisou mais perto. No fundo da minha alma eu

senti algo estrondoso e tremi, correndo minha mão pelos seus braços, envolvendo-as em torno de seus pulsos onde ele segurava meu rosto em suas mãos rugosas de trabalho.

"Vejo você amanhã?" Ele sussurrou, levantando sua boca da minha.

Eu quase exclamei que ele poderia me ver mais hoje à noite, mas freei minhas emoções descontroladas. Ele parecia saber para onde estava indo, enquanto eu não tinha a menor idéia.

"Tudo bem", eu respirei e me afastei, tentando manter minha dignidade. "Vou caminhar com você."

Pouco antes dele descer as escadas, Samuel virou-se e olhou novamente para minha parede. "Lembro-me de algumas dessas palavras. Algumas dessas palavras são *nossas* palavras." Ele me olhou com ternura.

Descemos as escadas e passamos pela porta dos fundos. Ele reuniu o balde, a bacia e as toalhas, colocando o jarro de água agora vazio junto com todo o resto. A música tinha acabado há um tempo. Nós andamos para a frente de casa, em silêncio. Desejei que ele não fosse embora.

"Boa noite Josie," Samuel disse calmamente.

Eu não respondi. Pensei que poderia revelar minha decepção desesperada que a noite estava terminando, se o fizesse. Eu tentei sorrir, e então virei e comecei a caminhar na direção da casa. Que foi quando ouvi um gemido gutural atrás de mim. Eu ouvi o balde e a tigela de prata baterem no chão com um baque ressonante. Quando virei, Samuel estava caminhando em minha direção, e eu engasguei com a veemência no seu rosto. E assim de repente eu estava firmemente agarrada em seus braços, a força do seu abraço me levantando dos meus pés. Em seguida, a boca de Samuel estava na minha, as mãos dele enterradas no meu cabelo. Seus lábios estavam exigindo, suas mãos segurando minha cabeça firmemente sob o ataque do seu beijo. Minhas mãos agarraram a cabeça dele em troca, puxando seu cabelo, puxando-o para

mim, sentindo seu braços a minha volta, abraçando-me a ele, respirando-o, triunfante. O beijo foi longo e infinito, tudo ao mesmo tempo. Ele afastou sua boca relutante dos meus lábios e descansou a testa contra a minha, nossa respiração combinada com a dureza em suas calças. Ele afastou-se tão repentinamente quanto tinha me abraçado, suas mãos equilibrando-me e então deixando-me ir, seus olhos focados nos meus lábios inchados.

"Boa noite, Josie."

"Boa noite Samuel" eu sussurrei. Ele recuou, olhos negros nos azuis, e então se virou e pegou os itens que tinha jogado no chão. Em seguida, ele caminhou lentamente para casa, virando de vez em quando para me ver assistindo-o ir embora. Então eu ouvi seus passos desvanecerem quando ele caminhou para além de onde meus olhos poderiam acompanhar.



Naquela noite eu tentei perder-me em Shakespeare, mas acabei olhando para minha parede de palavras. A escrita tinha mudado ao longo do anos, de letras grandes e atordoadas com corações pontilhando os is para a escrita pura de alguém experiente. Eu me questionei distraidamente, definindo cada palavra que aparecia em meus olhos.

turbulento: tendendo a ser problemático; difícil de lidar ou controlar.

insípido: chato, desinteressante

docente: professor, palestrante.

imanente: meus olhos pararam na palavra enquanto uma memória ressurgia. Lembrei-me do dia, há muitos anos, quando eu tinha descoberto seu significado.

Samuel e eu tínhamos atacado alguns dos sonetos de Shakespeare para sua lição de casa de inglês. Eu estava lendo em voz alta e tinha me deparado

com a palavra imanente. Eu parei: o uso não era consistente com a palavra que eu achava que sabia.

"Você sabe... iminente, o que significa que se trata de acontecer... poderia acontecer a qualquer minuto" Samuel ofereceu.

"Não acho que é isso... ou está escrito errado. Procure por imanente, com um 'a' em vez de um 'i' no meio."

Samuel tinha suspirado e aberto o dicionário, deslizando rapidamente as páginas até encontrar a palavra. Ele leu para si mesmo e, em seguida, olhou para mim, balançando a cabeça em admiração.

"Você estava certa, é uma palavra diferente. Você tem um bom olho... ou talvez sejam essas orelhas de elfo" ele disse secamente.

Minhas mãos completamente horrorizadas tinham voado para cobrir minhas orelhas. Eu tinha distraidamente dobrado meu cabelo atrás das orelhas enquanto lia, e ansiosamente puxei o cabelo para baixo outra vez, tapando-as. Eu odiava minhas orelhas! Não eram grandes e não pulavam para fora da minha cabeça, mas afinavam ligeiramente nas pontas. E para tornar as coisas piores, as pontas acabavam só um pouco, dando-me a aparência de um dos ajudantes do Papai Noel. Quando eu era pequena, minha mãe tinha me contado que eles me fizeram parecer um duende. Meus irmãos, claro, disseram que me faziam parecer mais como um troll - e eu sempre estava escondendo-as desde então.

Samuel deve ter visto o desespero que duas palavras tinham causado. O sangue correndo para minhas bochechas tinha feito meu rosto corar em conjunto com o aumento do meu batimento cardíaco. Segurei o livro com força no meu colo e lhe perguntei o que imanente significava, ansiosa para distraí-lo do meu semblante carmesim.

Ele estava quieto por alguns segundos, apenas segurando o dicionário, os olhos para baixo. Então ele estendeu a mão e cuidadosamente dobrou meu cabelo para trás da orelha mais próxima a ele. Eu gelei, me perguntando se ele

estava brincando ou zombando de mim. Mas quando ele falou não havia nenhuma malícia em sua voz. Ele disse, "Eu gosto de suas orelhas. Eles fazem você parecer uma sábia pequena fada. Seu orelhas dão a você uma beleza imanente." Suas palavras foram sinceras, e eu senti um pico de curiosidade. Meu olhar deve ter transportado minha pergunta, pois ele rapidamente forneceu a resposta.

"Imanente: habitando a natureza e as almas dos homens." Os olhos dele encontraram os meus de forma séria.

Depois de um momento, eu lentamente levantei minha mão e dobrei meu cabelo do outro lado, descobrindo minha outra orelha. Então continuei com a leitura, e mais nada foi dito sobre o tema.

Quando cheguei em casa da escola naquele dia, eu escrevi imanente na minha parede. Além da definição que Samuel tinha me dado, imanente significava ter existência apenas na mente. Eu tinha rido de mim mesma, e pensei que, mesmo se a beleza das minha orelhas existisse apenas na mente de Samuel, seria bom o suficiente para mim.

Sorrindo, eu estendi a mão e toquei a palavra, enquanto deixava a memória me aquecer. Eu estava estranhamente calma, e de repente também muito sonolenta. Eu virei-me para a cama, subi, e imediatamente cai em um pesado sono sem sonhos.

17. Roubado

Samuel estava me esperando na frente da minha casa quando eu escorreguei para o nascer do sol na manhã seguinte, para minha corrida. De alguma forma eu sabia que ele estaria lá. Não combinamos isso, mas lá estava ele. Hoje ele usava tênis e calções de malha, suas pernas bronzeadas, musculosas e levemente peludas com cabelo escuro estavam visíveis para meu deleite. Ele usava outra camiseta da USMC (United States Marine Corps), esta em cinza suave. Se encaixava confortavelmente, agarrando-se a sua forma em forma de V estreito. Yum. Eu caminhei em direção a ele, não sabendo bem o que dizer. O beijo da noite passada estava muito fresco na minha mente.

"Oi", eu disse levemente. "Você vem comigo?"

Samuel olhou silenciosamente e persistentemente nos meus olhos. Ele nunca teve pressa para responder. Eu tinha esquecido disso sobre ele. Ele sempre tomava seu tempo para falar, e eu socava meu desejo de preencher o silêncio. Essa era a maneira de Samuel. Ele poderia não responder a tudo. Afinal de contas, ele estava, obviamente, vindo comigo. A pergunta era bastante retórica.

"Estou realmente esperando ir com você" ele finalmente disse baixinho, sua voz profunda e um pouco áspera do sono, indicando que estas eram, muito provavelmente, as primeiras palavras que ele tinha falado em voz alta desde que tínhamos nos separamos na noite anterior.

Era minha vez de estudá-lo em silêncio, não tendo certeza do que fazer com o seu comentário. Ele conheceu minha leitura com seus constantes olhos negros. Nós estávamos um belo par, em pé no meio da estrada, olhando um

para o outro por longos períodos, completamente em silencio. De repente, eu ri do nosso comportamento coruja.

Eu joguei minhas mãos em direção as montanhas. "Vamos em frente, Super Sam" Eu disse galantemente. "Onde você for, eu vou seguir."

A expressão de Samuel iluminou no antigo apelido, mas ele não sorriu. "Vou cobrar isso de você, Josie biônica."

Samuel começou em um ritmo muito acelerado, e eu não era ingênua o suficiente para pensar que ele estava tentando me impressionar. Deveria ter adivinhado. O homem estava em forma, e ele sabia como correr. Eu me mantive muito bem, encontrando um ritmo e me adaptando. Nós não conversamos nada, apenas corremos em silencioso companheirismo, nossos pés batendo e nossa respiração ecoando sua cadência. Nós corremos para o leste por algumas milhas, subindo cada vez mais alto quando nos aproximamos da base da garganta, até que o sol laranja tinha saído completamente do seu pedestal na montanha e pairava fortemente sobre nós no céu da manhã. Então viramos, com seus raios cutucando nossas costas, e corremos de volta para a cidade. Escolhemos nossos pés quando a gravidade nos puxou para frente, ganhando velocidade quando fomos arremessados para baixo no vale.

Outono estava no ar. A luz muda no outono. Mesmo no nascer do sol, o ângulo é diferente. A intensidade tinha suavizado, silenciado, e era como olhar através de uma pintura debaixo d’água. O ar estava apenas alguns graus mais frio do que na manhã anterior. Eu senti uma súbita ausência de gravidade, uma explosão de alegria, e olhei para Samuel para sorrir para ele. Senti-me melhor do que eu estive em muito tempo. Senti-me plena, percebi. Completa. Como era possível que em duas semanas eu pudesse passar por essa mudança radical? Como se de alguma forma eu tivesse descoberto a chave para o jardim secreto, um lugar que tinha estado lá todo esse tempo, mas coberto de negligência. Eu tinha desbloqueado a porta e entrei, e eu estava pronta para puxar as ervas daninhas e plantar rosas.

Samuel deve ter sentido isso também, porque mostrou os dentes brancos e brilhantes para mim quando seu sorriso largo esticou seu rosto forte. Meus olhos pousaram nele, apreciando seu rosto, e então eu me virei novamente para a poeirenta estrada de terra na minha frente. Eu sabia melhor do que desviar o olhar da estrada à frente por muito tempo. Corri de cara na extremidade de um rabo de cavalo quando fiz isso da última vez.

Conforme nos aproximávamos do final da nossa corrida, meus músculos protestaram contra a marcha em velocidade, depois de se acostumarem com o sprint voador que tínhamos mantido pela última milha da reta final. Eu precisava correr com Samuel todas as manhãs; ele fez eu me esforçar, ter um grande momento. Sem mais corridas matinais preguiçosas para esta super-heroína. Samuel continuou comigo, passando pela casa de seus avós, e nós desaceleramos para uma caminhada quando chegamos a minha. Meu pai estava sentado na varanda da frente, pés em cima do trilho, uma Pepsi Diet na mão. Meu pai gostava da sua cafeína fria. Ele chamava de uísque barato, e afirmou que não havia nada melhor que a queimadura do primeiro gole longo após abri-la. Eu era filha do meu pai, e não poderia concordar mais, embora preferisse Coca-Cola Diet.

"Parece que você tem um parceiro para correr, Josie Jo" meu pai gritou em saudação enquanto caminhávamos pela grama em direção a ele.

Como toda garota, eu senti um flash de alívio que meu pai parecia bem com o fato de que eu tinha companhia masculina.

"Bom dia, papai." Eu inclinei-me sobre o parapeito da varanda e agarrei sua bebida, roubando um gole gelado.

"Senhor." Samuel assentiu com a cabeça em direção a meu pai, e estendeu a mão. As botas do meu pai caíram pesadamente para o alpendre quando ele agarrou a mão de Samuel na sua.

"Estou feliz que você tem alguém para correr, pelo menos por enquanto, não é Josie? Eu sempre me preocupo um pouco com você correndo sozinha. Mesmo em um lugar pequeno como Levan, você nunca sabe."

Dei de ombros para a preocupação do meu pai. Nas minhas corridas da manhã eu nunca tinha visto nada além de esquilos, pássaros, animais e os vizinhos que conhecia toda a minha vida.

"Samuel, venha, e eu vou pegar algo gelado para beber, desde que tenho certeza que papai não quer compartilhar." Eu sorri para meu pai e Samuel me seguiu, desculpando-se com outro educado "senhor" ao meu pai. Eu gostei disso.

"A educação, é uma coisa da Marinha?" Eu disse sobre o ombro enquanto caminhávamos pela sala em minha cozinha alegre. "Água, suco de laranja, leite ou cafeína?"

"Suco de laranja - e sim. Definitivamente é uma coisa da Marinha. Eu não conseguiria evitar dizer "Sim senhora" ou "não, senhor", nem se minha vida dependesse disso. Você vive ao redor por dez anos e isso torna-se muito arraigado."

Servi a Samuel um copo grande de suco de laranja e entreguei-o a ele. Então eu engoli meu requisitado copo de água antes de estalar o anel de uma lata fria de cafeína. Nos encostamos juntos no balcão, bebendo nossas bebidas em silêncio.

"Então, o que vem a seguir?" Apoiei meu quadril contra o balcão, voltando-me para enfrentá-lo. "Quero dizer, quão longe estão os marinheiros?"

"Honestamente não sei." O rosto de Samuel era contemplativo. "Eu voltei do Iraque há três semanas."

"Três semanas?" Eu gritei, surpreendida que ele tinha retornado tão recentemente. "Quanto tempo você esteve lá?"

"Exceto algumas vindas esporádicas para os EUA, passei quase três anos no Iraque. Dois passeios de 12 meses, com o último sendo estendido por mais seis meses. Era hora de voltar para casa, o que quer que isso signifique."

"O que quer que isso signifique?" Eu repeti, intrigada.

"Não tenho uma casa para voltar ainda" disse Samuel, puxando o assunto com naturalidade. "Estive na Marinha desde os 18 anos de idade. Eu tive missões em todos os lugares. Eu fui duas vezes para o Afeganistão após 9/11, e então completei duas missões no Iraque. Quando não estou implantado, tenho recebido formação especializada, ou sitiado em Camp Pendleton ou um navio. De qualquer forma, depois que passei pelo interrogatório, meu pelotão recebeu um mês pago de licença. Eu tenho mais que isso armazenado nos últimos dez anos. Eu não tenho tido muito. Peguei emprestado o caminhão de um membro do meu pelotão. Eu não possuo nem um carro. Sem casa, sem rodas, todo meu ajuste de posses cabe em uma mala. Enfim, faz duas semanas desde que cheguei aqui, e eu tenho mais duas semanas."

"E então?" Eu não podia imaginar voltar ao Iraque para a terceira rodada. Estava exausta apenas de ouvi-lo.

"E então eu tenho que decidir". Os olhos de Samuel encontraram os meus.

"Decidir?”

"Decidir se quero outra coisa." Samuel estava sendo evasivo novamente.

"Você quer dizer... algo além da Marinha?"

"Sim." Samuel pousou o copo e afastou-se do balcão. "O que você vai fazer hoje?"

Ele mudou de assunto abruptamente, como se seu futuro fosse algo que ele não queria discutir, e meu cérebro encheu com pensamentos dos seus últimos dez anos - pensar em suas experiências, suas perdas e triunfos, sua amizade... sua vida. De alguma forma, e principalmente porque suas cartas tinham diminuído após o campo de treinamento, eu sempre tinha imaginado-o

no contexto daquele ambiente, com a relativa segurança de uma base militar e com instrutores observando cada movimento dele, quando na verdade ele tinha passado a maior parte dos últimos dez anos em ambientes muito hostis, em lugares muito perigosos. Eu estremeci um pouco, e balancei minha cabeça em maravilha. Mesmo quando sua avó Nettie tinha maravilhado suas habilidades de atirador e suas proezas como 'assassino', eu não tinha processado o fato de que ele provavelmente tinha passado a maior parte do seu tempo como um fuzileiro, em zonas de guerra diferentes.

"Josie"? A voz de Samuel picou, e eu percebi que ele tinha me perguntado algo.

"Hmm"? Encontrei-me em minha cozinha, com Samuel olhando para mim com uma sobrancelha levantada, esperando pacientemente por minha resposta.

"O que você vai fazer hoje?" Ele repetiu.

Eu olhei de relance para o relógio. "Ir ao salão às 11:00 - trabalho até 14:30, e depois ir até a Igreja e ensinar lições de piano até 19:00h. E você?"

"Andar com meu avô até você terminar, as 19:00h." Seus olhos estavam um pouco enrugados, insinuando um sorriso e a suposição de que eu estarei à sua disposição tão logo as aulas houvessem terminado. Meu coração pulou descontroladamente, e eu resisti à tentação de olhar para baixo, para ver se a pulsação era perceptível sob minha camisa fina.

A porta traseira da cozinha se abriu, e eu pulei culposamente, embora Samuel estivesse vários pés de distância. Meu pai enfiou a cabeça branca em torno da moldura da porta, de pé a poucos passos para baixo na varanda, e se inclinou. "Ei Jos?"

"Sim, pai?"

"Eu não acho que te disse, mas Jacob está dirigindo para fora das Falésias do Livro este fim de semana. Jacob tirou folga na caça ao arco lá fora. Tenho alguns dias de folga também, agora que as paradas serão feitas na

fábrica, então nós vamos levar o trailer e os cavalos e ver se podemos conseguir um alce."

As Falésias do Livro eram em Moab, a cerca de cinco horas de Levan. Eram chamadas assim porque é o que as montanhas pareciam: livros alinhados em uma estante. Era um lugar de tirar o fôlego, e cada autorização de caça nessa área era difícil de conseguir, e altamente cobiçada. A única coisa que meu pai gostava, além de cavalos, era caçar, e eu sabia que ele deveria estar exultante com a folga de Jacob.

"Jared e Johnny também vão?"

"Jared ainda não recebeu permissão" meu pai resmungou, referindo-se a posição de Tonya como chefe de família, "e Johnny tem medo de sair, estando os gêmeos tão perto de chegarem, então somos só eu e Jake. Acho que Marv pode vir com a gente também." Marv era o sogro de Jacob, que não perdia muitas caças também.

"Quando você vai?"

"Acho que vamos sair mais tarde hoje, e provavelmente desaparecer até a próxima quinta ou sexta-feira." Meu pai pigarreou e gaguejou, como se eu fosse reclamar sobre ele ter sugerido sair por seis ou sete dias.

"Parece divertido." Dei de ombros.

"Você pode vir" meu pai ofereceu com sinceridade.

"Ha, ha, ha, papai" Eu disse sarcasticamente. "Agora, se eu dissesse que iria, o que você faria? Colocaria uma cama no trailer se eu aceitasse?" Eu ri da expressão do meu pai. Fui até ele e beijei sua face áspera. "Não, obrigada, mas tenha um tempo agradável. E obrigada por me convidar. Na verdade, enquanto você estiver fora, acho que vou tocar piano até altas horas da noite, e comer bolo de chocolate em cada refeição" Eu provoquei.

Meu pai me olhou sobriamente por um momento. "Isso seria muito bom, Jos. Faz um tempo desde que ouvi você tocar. Talvez você pudesse tocar uma

coisinha para mim quando eu voltar. Com certeza não quero perder isso." Ele disse as palavras suavemente, procurando meu rosto quando falou. Corei, percebendo que Samuel estava ouvindo a troca.

"É um encontro pai" Eu disse levemente, acariciando seu rosto e virando de costas para ele.

Eu esperava que Samuel comentasse o pedido do meu pai, mas ele deixou para lá, ajoelhando-se para cumprimentar Yazzie quando ele arrastou para a cozinha sua 'cama' do banheiro. Yazzie não dormia mais no meu quarto. Ele tinha dez anos de idade, um cão veterano, e não gostava de subir escadas, embora de vez em quando eu acordasse com ele deitado em meus pés. Acho que, às vezes, ele sentia falta dos velhos tempos. Eu sentia falta também, embora nas suas raras visitas eu tivesse acordado sem sentir minhas pernas e pés.

"Ei Samuel" meu pai virou seu olhar para onde Samuel estava agachado. "Você é bem-vindo para vir junto. Não me importaria de ver um atirador de verdade. Temos espaço para mais um homem." Meu pai olhou de relance para mim, se desculpando quando acrescentou 'mais um homem'. Aparentemente meu pai tinha aprendido um pouco sobre a experiência de Samuel no churrasco de domingo.

"Não, obrigado senhor." Samuel disse educadamente. "Fiz todo o tipo de caça que desejei por um tempo." Um pouco de vergonha cruzou o rosto de Samuel, como se ele tivesse falado sem pensar.

Meu pai sorriu como se Samuel tivesse dito algo engraçado, e abaixou a cabeça de volta ao virar a esquina sem mais comentários, a porta de tela batendo atrás dele.

"Ei, garoto." Samuel não fez a coisa de conversa de bebê quando falou com Yazzie. Sua voz era suave e baixa, e ele passou mais um minuto coçando e acariciando o cão grande. Yazzie bocejou amplamente, inclinando-se nas

grandes mãos de Samuel, seus olhos rolando para trás da sua cabeça, e sua língua para fora de sua boca, em puro deleite.

Eventualmente Samuel olhou para mim e disse simplesmente, "Eu vou ver você mais tarde." Yazzie e eu o seguimos até a porta da frente. Samuel acenou com uma mão e foi embora, caminhando pelo gramado e acima da rua, em direção a casa de seus avós. Yazzie e eu o assistimos desesperadamente, expressões idênticas em nossos rostos. "Oh bom Deus!" Eu ri, olhando para baixo para Yazzie. Yazzie 'rufou' para mim, como se dissesse "Olha quem está falando" antes de virar as costas para encontrar seu café da manhã.



Samuel deve ter testado todas as portas e encontrado a que estava destrancada, porque ele estava esperando do lado de fora da igreja, na entrada lateral, quando minha última aluna saiu na bicicleta dela. Eu estava ridiculamente feliz que não tive que manter conversa amigável com um pai à espera. Ou apresenta-lo a Samuel. Eu tinha alguns amigos bem intencionados que tentaram me arrumar um par no últimos anos, e eu tinha tido que ficar completamente obstinada com algumas pessoas que simplesmente não conseguiam parar de jogar de casamenteiro. Eu neguei cada encontro que tinham arranjado. Imagine como as línguas iriam abanar quando me vissem com Samuel. Todas as apostas estaria fora – e eu não teria nenhuma desculpa. Eu iria ser arrumada com cada tio a primo, irmão da irmã do companheiro de quarto, a partir de agora até o Natal. Estremeci com o pensamento.

Samuel caminhou em minha direção quando a pequena Jessie Ann Wood foi embora. Eu virei para me certificar que tinha desligado a luz e fechado a porta, deslizando a chave na fechadura.

"Essa é sua bicicleta, não é?" Samuel parou ao meu lado, acenando com a cabeça em direção à bicicleta a moda antiga encostada ao lado da igreja. Senti arrepios dançando até meus braços. Ele não invadiu meu espaço para alcançar-me ou tocar-me, e eu me perguntei se os beijos de ontem à noite tinham sido um acaso - um impulso provocado pelo excesso de luar e doces lembranças.

"Sim. Eu montei esta manhã. Era mais fácil do que andar. Minhas pernas estavam queimando depois de hoje de manhã - não costumo correr tão rápido. Você já me empurrou muito duro duas vezes esta semana, e minhas pernas estão como gelatina." Eu sorri para ele ironicamente.

"Nesse caso, eu sei exatamente o que você precisa."

Samuel pegou minha bicicleta e começou a caminhar em direção a sua pick-up preta emprestada, levantando-a e colocando na cabine do seu caminhão.

"O que eu preciso?"

"Você vai ver. Está com fome?"

"Sempre" eu admiti honestamente, e Samuel olhou para mim e riu.

"Também vamos colocar um pouco de carne nesses ossos."

Ele abriu a porta e eu entrei no lado do passageiro, alisando minha saia violeta ao redor das minhas pernas quando me sentei. Samuel estendeu a mão e tocou o material suavemente amassado. "Você usa muitas saias - eu gosto disso. Você não vê um monte de mulheres que gostam de ser femininas. É bom." Sua mão caiu da minha saia e fechou a porta antes que eu pudesse responder com mais do que um sorriso.

Samuel subiu e virou a chave. Imediatamente, os sons de Octobre de Tchaikovsky – ‘Chant D’Autumne’ - deslizou para o espaço em torno de nós. Forcei-me a relaxar no banco de couro, ouvindo o música e sentindo. Dirigimos por alguns minutos, apenas escutando a musica, antes de Samuel falar.

"No Iraque é quente na maioria das vezes, e a areia é presença constante. Eu costumava sonhar com o outono - todas as manhãs legais com minha avó pastoreando ovelhas longe de casa, acordar antes do sol rosa e realmente sentir o vento frio, sentar junto à fogueira e comer bolos de carne seca, farinha de milho e chá Navajo.”

"É por isso que você está ouvindo a canção de Outono?" Eu sorri.

"Exatamente."

"Tchaikovsky foi pago para criar um pequeno pedaço para cada mês do ano. Ele nomeou o trabalho com todas as estações. Ele tinha que ter um assistente para lembrá-lo quando era hora de escrever mais um 'mês'. Ele brincou, dizendo que existem dois tipos de inspiração: a que vem do coração e que vem da necessidade de várias centenas de rublos."

"Ela está de voo-ta" Samuel disse sob sua respiração, como se cantasse uma canção, e eu ri como uma criança.

"Eu costumava tocar Octobre" eu suspirei sonhadora. "Sempre me fez pensar no inverno também." Eu mudei minha atenção de volta para Samuel, "Eu podia sentir no ar esta manhã quando corremos."

"É por isso que seu rosto se iluminou e você sorriu aquele grande sorriso? Parecia que você estava prestes a levantar vôo. Eu pensei que ia ter que esperar por você, para mantê-la comigo." Samuel provocou, seus olhos brevemente tocando os meus.

"Sempre estou muito ansiosa para o outono chegar." Eu tentei ser prosaica quando confessei a razão para isso. "Ambos, Kasey e minha mãe, morreram quando o verão estava apenas começando - e eu acho que o verão traz de volta lembranças ruins. Fico sempre feliz quando acaba." Eu brinquei com meus polegares desconfortavelmente no meu colo. "Outono sempre me pareceu uma chance de recomeçar. Sei que a natureza não é projetada assim - na verdade, é

justamente o oposto. As folhas caem das árvores, as flores morrem, e o inverno começa.... mas eu adoro mesmo assim."

"O que aconteceu com Kasey?" Samuel estava muito quieto, seus olhos movendo-se de mim para a estrada e voltando novamente.

"Você não mede as palavras, não é?" Eu murmurei, colocando um cacho enroscado atrás da minha orelha.

"Minha avó Yazzie diz que é a maneira Navajo de não se apressar. Nós temos todo o tempo do mundo. Movemo-nos deliberadamente, tomamos nosso tempo, e fazemos as coisas precisamente. A vida é toda sobre harmonia e equilíbrio. É provavelmente a razão pela qual que eu sou um bom atirador. Eu posso esperar por nada em especial. Mas não sinto mais que tenho todo o tempo do mundo, não agora. Eu não quero desperdiçar o tempo com você." A expressão de Samuel era inflexível, e eu corei com sua franqueza.

"Ele bateu seu carro não muito longe daqui" Eu apontei para fora da janela, junto à estrada estreita e longa pela qual estávamos dirigindo, "ele tinha apenas me deixado em casa. Era de manhã, depois que nos formamos na escola."

Samuel permaneceu em silêncio, esperando por mim continuar.

"Eu costumava maravilhar-me com a ironia dele querer passar 20 minutos extras comigo naquela manhã, me levando para casa ao invés de permanecer em Néfi como tinha planejado. Eu tinha outra carona, você sabe... ele nunca iria estar dirigindo de volta para Néfi se não fosse por mim. Troquei 20 minutos extras com ele por uma vida toda. Irônico, não é?"

"Alguma vez você já pensou que ele poderia ter rolado o carro lá em Néfi com a mesma facilidade? E então, se ele não tivesse levado você para casa, você não teria nem mesmo esses últimos vinte minutos? Existem muitas maneiras de morrer, Josie. Você não necessariamente o colocou no caminho da morte." A voz e o rosto de Samuel estavam em branco, como se ele estivesse

discutindo a altura do trigo no campo que passamos, ou o caminho das montanhas à nossa frente, que pareciam roxas sob o céu.

"Havia um cara com o qual eu servi no Iraque. Sua mãe não queria que ele fosse - ela estava morrendo de medo de ele ir. Claro, ele foi de qualquer forma. Ele tinha se inscrito, e ele foi. E seu irmão mais novo, que ainda vivia em casa, foi morto em um acidente de carro quando ele estava indo embora. Meu amigo voltou do Iraque sem um arranhão. Isto é ironia."

Não sabia como responder, então não respondi. Eu sabia que o que Samuel disse era verdade – mas, às vezes, um pouco de culpa era um boa distração da tristeza. Entretanto, a tristeza tinha desvanecido através do anos - mas de alguma forma eu mantive a culpa.

Nós rolamos até Néfi, e eu me perguntei se Samuel pararia no Restaurante da Família Mickelson. Tinha boa comida e ficava na entrada da cidade pela rodovia, tornando-o igualmente acessível tanto para os viajantes quanto para as pessoas da cidade. Perguntava-me se eu veria alguém que conhecia lá dentro, alguém que viria para cima e começaria a colher informações sobre a pretensão de dar dois palpites sobre o que eu estava fazendo. Eu odiava ter uma pequena conversa, e evitava as pessoas no supermercado e em outros lugares, só para que não precisasse pensar em coisas a dizer. Gostava das pessoas, me importava com elas, e queria ser uma boa pessoa também - mas não me faça conversar com os braços cruzados sobre o telefone ou ter uma conversa agradável apenas por uma questão de educação. Nós nos aproximamos do restaurante, mas Samuel continuou dirigindo. Eu respirei um pouco mais fácil e perguntei em voz alta onde ele estava me levando.

"Meu avô me contou uma história interessante sobre um lago neste área. Pensei que poderíamos ter um piquenique. Vovó Nettie embalou um cesta, que deve estar cheia de coisas boas."

"Lagoa do Burraston?"

"É esta."

Pensamentos de Kasey encheram minha cabeça. Ele e seus amigos balançando em uma enorme árvore até a lagoa. Alguns ramos se estendiam até a água. Algumas crianças tinham construído uma plataforma bamba no alto da mesma árvore para saltar de uma plataforma. A plataforma ficava a cerca de dois pés por dois pés, e era uma maravilha que ninguém nunca tinha morrido lá. Eles nunca tinham sido capazes de me convencer a subir. Eu era muito sensata para isso. Então, com meu coração na garganta, eu tinha visto-o subir nos ramos altos, se firmado na plataforma pequena e então se arremessando para fora e sobre a água, com gritos de terror e deleite.

Pegamos a estrada velha de Mona, e no desvio para a lagoa desviamos para oeste na estrada de terra, batendo os pneus nas profundas faixas. Desde que a escola estava de férias e o acampamento estava vazio, o pequeno lago estava completamente vazio de pessoas e barcos. Lá tinha vento, e o sol brilhava sobre a água parada, colorindo-a em um âmbar profundo nas sombras de ébano. Eu não tinha voltado a Burraston desde que Kasey tinha morrido, mas não senti nenhuma melancolia avassaladora no retorno. Este tinha sido um ponto de encontro, um lugar para se divertir, e exceto por termos compartilhado nosso primeiro beijo aqui, não era um lugar especialmente nostálgico.

Olhando agora, percebi que era fantástico. Tranquilo e abandonado, parecia florescer em sua solidão. Saltamos para a estrada esburacada e saímos no desvio que nos levava para cima e ao redor da lagoa.

"Onde é o melhor lugar?" Samuel olhou para mim, para orientação.

Lagoa do Burraston na verdade era composta de várias lagoas, com alguns pequenos buracos de água que se rompiam, na maior parte.

"Continue indo ao redor até estarmos no lado mais distante da lagoa principal." As árvores eram grossas em alguns pontos e esparsas em outros, e nós dirigimos para a famosa ‘grande árvore’ com vista para a água. Samuel puxou para fora da estrada poeirenta e pegou um cobertor grosso e uma caixa

refrigerada na parte de trás do caminhão, enquanto eu desembarcava e subia cautelosamente até uma pequena clareira na beira da água, onde pensei que poderíamos fazer um piquenique.

O silêncio foi quebrado apenas pelo barulho dos grilos na sua sinfonia noturna e pelo zumbido ocasional de um mosquito voando sobre a água. Eu nunca tinha ido a Burraston quando ela estava deserta. Não foi surpreendente para mim gostar do lugar muito mais dessa forma. Samuel espalhou o cobertor no chão, e ficamos assistindo a água contra as pedras e os galhos que chegavam na costa e batiam na base da grande árvore.

"Então qual é a história que seu avô lhe contou?" Eu me inclinei para trás contra o cobertor, sustentando minha cabeça em uma mão e olhando para ele.

"Não era sobre a lagoa, eu acho. É mais sobre a cidade. Eu já não vinha a Mona quando morava aqui. Eu nunca tive motivo, e então quando perguntei ao meu avô se havia quaisquer pontos de pesca boa por aqui e ele mencionou esta lagoa, perguntei-lhe sobre a cidade. Ele disse que Burl Ives, o cantor, foi uma vez preso aqui em Mona. Foi antes do seu tempo, mas ele achou que era uma história engraçada."

"Nunca ouvi sobre isso!"

"Foi na década de 1940, e Burl Ives viajou ao redor do canto. Eu acho que as autoridades não gostavam de uma das suas canções, lhes parecia obscena ou algo assim, então o colocaram na cadeia."

"Qual era a música?" Eu ri.

"Era chamada ‘Foggy, Foggy Dew’. Meu avô cantou para mim."

"Cante!" Eu desafiei.

"É muito obsceno." Samuel puxou a boca em uma séria cara feia, mas seus olhos cintilaram sarcasticamente. "Tudo bem, você me convenceu" ele disse sem me pedir nada, e nós rimos juntos. Ele limpou a garganta e começou a cantar, com o toque de um sotaque irlandês, sobre um solteiro morando

sozinho e cujo único pecado tinha sido tentar proteger uma jovem donzela do orvalho nevoento, nebuloso.

Uma noite ela veio à minha cabeceira

Quando eu estava dormindo.

Ela deitou sua cabeça em cima da minha cama

E ela começou a chorar

Ela suspirou, ela chorou, quase morreu.

Ela disse 'o que devo fazer?'

Então eu carreguei ela para a cama e cobri a cabeça dela

Só para protegê-la do orvalho nevoento, nebuloso.

"Oh meu!" Eu ri, cobrindo a boca. "Não acho que eu iria prender Burl Ives por isso, mas é bem engraçado "

"Fuzileiros são os mais libidinosos, mais cruéis, mais fala suja que você jamais vai encontrar. Já ouvi coisa muito, muito pior. Cantei coisas muito, muito piores também. Tentei permanecer casto e virtuoso embora, e ainda tenho o apelido de 'pregador', mesmo após todos estes anos - mas admito que tenho sido um pouco corrompido." Ele balançou as sobrancelhas em sua obscenidade.

"Eu gostei daquela canção..." Meditei, meio brincando. "Cante outra coisa, mas sem o sotaque irlandês."

"Sem o sotaque? Essa é a melhor parte." Samuel sorriu. "Tinha um membro do meu pelotão cuja mãe nasceu e foi criada na Irlanda. Esse cara podia fazer um autêntico sotaque irlandês, e cara, ele podia cantar. Quando ele cantou Danny Boy todo mundo chorou. Todos estes duros e letais fuzileiros, chorando como bebês. Ele cantou uma única música chamada 'An Irish Lament', que eu amava tanto que memorizei. Na verdade, quando eu vi você na chuva há duas semanas, foi o a primeira coisa que me veio à mente." O sorriso tinha ido embora da expressão de Samuel, e os olhos dele estreitaram no meu rosto. Seu

humor era tão mercurial, que encontrei-me desafiada a manter o ritmo com ele. Agora havia intensidade em seu olhar, onde momentos antes ele tinha cantado uma canção obscena em um sotaque emprestado.

Olhei em volta, esperando por ele. Após alguns momentos, entretanto, eu desabei.

"Você não vai cantar *An Irish Lament* para mim?"

"Depende", ele respondeu.

"Do quê?"

"Se você vai tocar para mim quando eu a levar para casa hoje à noite."

Era a minha vez de tornar-me mal-humorada. Eu não era cega para os meus sentimentos por Samuel. Onde isso tudo nos levaria, e se qualquer um de nós poderia ou queria ir lá era o que me mantinha cavando em meus calcanhares emocionais. Eu sabia o que o incrível poder da música e o humor poderiam definir. Exemplo disso foram os beijos que tínhamos compartilhado na noite anterior, após Debussy tecer seu feitiço. Eu não confiava em mim mesma quando uma grande porção de Samuel polvilhado com sinfonias estava em causa. Não sei se meu coração poderia agüentar mais um amor perdido.

"Acho que *'An Irish Lament'* pode assustar você." O sol tinha baixado discretamente por trás das colinas ocidentais. A voz de Samuel era tão suave e tranquila quanto as sombras profundas em torno de nós.

"Talvez sim...." Evitei o olhar dele e cheguei perto da cesta de Nettie, precisando de sustento para manter meu juízo com Samuel.

Nettie tinha embalado grossos sanduíches de peru no pão caseiro e biscoitos de chocolate (Felizmente não eram tortas de limão). Ela incluíra alguns pêssegos de sua árvore grande, e Samuel tinha adicionado um par de latas de coca diet e uma garrafa de água. Nós comemos sem mais discussão, com exceção de um ocasional gemido meu.

"Tudo bem"? Samuel sorriu depois de um particularmente tempestuoso suspiro.

"A comida tem um gosto muito melhor quando não é você que a prepara."

"Você é uma grande cozinheira."

"Sim," Eu concordei sem artifícios, "mas há qualquer coisa sobre ter alguém fazendo seu sanduíche. O gosto é melhor... eu não poderia descrevê-lo."

"Ser um fuzileiro me deu uma nova apreciação sobre fazer meu próprio jantar - o refeitório não é tão ruim quando está disponível, mas os almoços desidratados... não, obrigado. No acampamento, costumávamos chamá-los de porcarias desidratadas. Prefiro saber o que está na minha comida, e a única maneira que isso acontece é se eu mesmo a faço".

"Você se tornou um maníaco por controle, Samuel?" Eu provoquei, mordendo meu pêssego.

"Hmmm. Sim, acho que eu sim." Samuel olhou através da agua. "Quando você percebe que há tanta coisa que não pode controlar, você se torna muito sovina com o que pode."

Terminamos nossa refeição em silêncio, com as sombras crescendo e eventualmente se tocando, até que todos os vestígios de luz do sol foram banidos e as estrelas começaram a aparecer.

"Não acredito que estou aqui." Samuel suspirou, os braços cruzados sob sua cabeça, seu longo corpo esticado sobre o cobertor amassado.

"Porquê?"

"Há um mês eu estava no Iraque. Adequando-me dia após dia, camuflado, botas, colete, óculos, capacete. E nunca, nunca fui a qualquer lugar sem minha arma e muita munição amarrada em mim. Isto parece-me surreal." Ele fez uma pausa por alguns segundos. "Vamos nadar."

"O quê"? Eu ri, e depois engasguei com minha risada, quando ela me fez inalar um pouco de suco do pêssego que eu estava comendo.

"Eu quero nadar. Olha como as estrelas se refletem na água. Quase parece como se estivéssemos olhando para baixo do espaço."

"Você devia ver isso de cima da árvore" Eu disse sem pensar, e desejei, de repente, que não tivesse sugerido.

"Sério?" Samuel especulativamente olhou para a grande árvore. Instantaneamente ele começou a tirar as botas e desfazer as calças.

"Samuel!" Senti o calor me inundando, e eu não tinha certeza se era vergonha ou uma genuína curiosidade sobre o que eu estava prestes a ver.

"Vou subir na árvore e saltar na água."

Eu suspirei. Deve ser uma coisa de homem. Por que todo cara que eu conhecia se sentia obrigado a subir naquela árvore e saltar?

"Venha comigo, Josie." Samuel estreitou os olhos para mim, com a camisa nas mãos. Seu peito era amplo e bem definido, seu ombros e braços puro músculo, seu abdômen ondulando para baixo em sua cueca boxer. Olhei para minhas mãos enquanto eu não falava, assim não iria ficar de boca aberta.

"Uh-uh. O mais longe que eu já cheguei foram alguns galhos acima. Só para ver o efeito das estrelas refletindo na água."

"Esta manhã você disse que iria me seguir para onde quer que eu fosse." A voz dele era a persuasão e a luz. "Por favor?"

Eu estava usando uma blusa preta, e presumi que minha calcinha preta combinada com meu top seria tão modesto quanto um maiô. Eu não ia me deixar pensar sobre isso por muito tempo. Eu sempre tinha sido muito prática, muito sensível, muito chata para meu próprio bem. Mas hoje eu ia nadar. Eu deslizei minha saia para baixo das minhas coxas, pisando fora dela, e tirei minhas sandálias. Lembrei-me de respirar. Olhei para o Samuel e inclinei meus ombros, como se fizesse esse tipo de coisa todos os dias.

"Se eu cair e me matar você vai ficar muito triste", disse, tentando ser corajosa.

Como se sentindo meu desconforto, os olhos de Samuel não se demoraram no meu corpo quase nu. Ele se virou e ergueu-se em cima da árvore, como se isso fosse tão simples quanto subir uma escada. Eu me encolhi, pensando sobre como no mundo eu ia chegar lá mantendo alguma dignidade. Ele ficou na base ampla, onde os ramos se espalhavam, e tomou distância no tronco. Ele se inclinou na minha direção, estendendo um braço longo e bronzeado.

"Agarre o meu braço até o cotovelo e eu vou te puxar."

Eu fiz exatamente como ele pediu, envolvendo ambas minhas mãos logo abaixo do seu bíceps. Ele inclinou-se para baixo, enrolando a mão esquerda em torno do meu antebraço e segurando um grosso galho de árvore acima dele com a mão direita, e começou a puxar-me facilmente para a árvore. Eu puxei minhas pernas até o tronco e fiquei rapidamente em pé, equilibrada ao lado dele, e foi tão fácil como você pode imaginar. Eu me senti como Shera, rainha da selva, a parte feminina de He Man. "Uau", respirei, e então ri como uma menina.

“Há uma pequena plataforma lá em cima, você vê?"

"Oh sim" eu gemi. "Eu sei tudo sobre a plataforma. Por favor, não me faça saltar de lá.”

"Deixe-me ver." Samuel foi subindo na árvore antes que eu pudesse protestar.

"Parece bastante sólido," ele chamou vários momentos depois. Era sólido. Estava lá por pelo menos algumas gerações, desafiando demônios. Eu suspirei cabisbaixa - ia ter que subir lá em cima e saltar com ele. Tarde demais para voltar atrás agora.

"Venha, eu vou guiá-la até aqui."

Eu sabia que ia cair da árvore. Meninas atleticamente deficientes como eu nunca deveriam subir em árvores. No mínimo, eu estava indo prender minha calcinha em algum galho e ficar usando só meu top no alto da árvore. Estremeci em horror. Eu não era esse tipo de garota. Eu tinha um bumbum decente, mas não acho que alguém fique com uma bunda boa escalando árvores. Na pior das hipóteses eu iria ficar empalada em um galho afiado como um porco no espeto. Conhecendo-me, ambos poderiam acontecer, e eu logo seria uma menina sem calcinha e empalada. Eu poderia só imaginar a história no jornal local: "Mulher local é encontrada morta e seminua na grande árvore."

Concentrei-me atentamente sobre como colocar meus pés e mãos onde Samuel tinha instruído e – pasmem! Eventualmente escalei perto o suficiente para ele abaixar o braço em volta da minha cintura e me puxar. Ele puxou para uma seção estreita de madeira compensada, que estava firmada e pregada no grande reforço dos galhos cruzados. A vista abaixo era verdadeiramente deslumbrante... e aterrorizante.

O fundo preto da lagoa criou uma ilusão de céu infinito abaixo de nós. A superfície vítrea refletia as estrelas brilhantes no firmamento acima, e parecia como se estivemos à beira de uma galáxia em miniatura.

"Oh, meu Deus" eu sussurrei em pânico, inundando meu coração com gelo.

"É bonito", Samuel também sussurrou, só que a voz dele não estava cheia de medo...

Eu apertei meus olhos fechados e agarrei seu braço, que ele mantinha apoiado em volta de mim.

"Você está pronta? Vamos lá, no três..."

"Não!" Eu gritei enfaticamente. "Ainda não! Não estou pronta!"

Samuel riu suavemente, mas eu estava com muito medo para bater nele.

Meus olhos estavam fechados tão firmemente que estava me dando uma dor de cabeça, meu rosto amassado em negação do que eu tinha me metido.

Senti o braço de Samuel puxando-me contra ele, e então senti seu fôlego contra minha boca. Ele cheirava a pêssegos e menta, e eu respirei, relaxando meu rosto, baixando meu queixo em direção a ele exatamente quando sua boca desceu sobre a minha.

E eu esqueci completamente de ter medo.

Ingenuamente coloquei meus braços ao redor dos seus ombros musculosos, enrolando meus dedos acima da pele sedosa da sua nuca. Ele me puxou para perto ainda mais firmemente, levantando meus pés fora da plataforma, e em seguida, sem aviso, Samuel empurrou a plataforma com um poderoso impulso, e nós entramos no ar carregado. Eu estava caindo... gritando e caindo.

Pouco antes de atingirmos a superfície Samuel me soltou, desembaraçando-me dos seus membros quando finalmente entramos na água preta, cheia de estrelas. Instinto assumiu quando eu chutei minhas pernas descontroladamente e nadei para cima, ou o que eu pensei que fosse para cima. Senti Samuel ao meu lado, e ele pegou minha mão e arrastou-me com ele, nosso cabeças chegando na superfície juntas. Eu ofeguei, cuspindo água da minha boca e varrendo meu cabelo do meu rosto enquanto as pernas batiam furiosamente para me manter à tona.

"Não faça isso de novo!!!!"

"O que? Beijá-la, ou beijá-la enquanto estamos saltando de uma árvore?" Samuel praticamente cantou as palavras, tão lentas e suaves.

Ele não estava respirando com dificuldade. Na verdade, ele tinha colocado a cabeça para trás na água, e parecia que isso estava funcionando para mantê-lo à tona.

"Ugh!" Eu suspirei, completamente chateada. "Sinto-me enganada! Você não quis me beijar! Você só queria me tirar da árvore!"

"Oh, eu queria beijá-la," o sotaque dele ficou ainda mais pronunciado. "Matei dois coelhos com uma cajadada". Ele levantou a cabeça para fora d'água e sorriu para mim, mostrando os dentes, e eu estava deslumbrada. Tanto que eu parei de chutar - e minha cabeça afundou sob as águas como uma pedra. Chutei descontroladamente e emergi, cuspindo e limpando meu cabelo novamente.

"Incline-se para trás, Josie" Samuel ordenou, suas palavras gentis e persuasivas quando ele deslizou ao meu lado. "Chute as pernas para fora e flutue de costas. Pare de lutar. Flutuar é fácil."

"Ha!" Eu grunhi. "Eu sabia nadar quando você ainda estava usando bóias na piscina da escola!" Ainda não tinha acabado de ficar louca com ele.

"Muito engraçado", ele riu calorosamente.

Eu fiz como ele instruiu, espalhando meus braços e pernas abertas como se estivesse fazendo um anjo de neve, a cabeça para trás e meu rosto espreitando acima da superfície. As estrelas cintilavam para baixo para mim docemente.

"Aí está". Samuel espalhou-se ao meu lado, e seus dedos escovaram os meus quando nós cortamos a lagoa plácida. Minha raiva desapareceu quando exalei levemente, não querendo chatear meu relacionamento precário com a água.

"Você vê a Via Láctea?" Samuel alcançou seu braço e apontou.

"Uh-huh."

"Minha avó diz que a Via Láctea é um caminho para os espíritos deixando a terra e subindo ao céu. Diz a lenda Navajo que a Via Láctea foi criada quando o coiote - o trapaceiro - ficou impaciente quando a primeira mulher estava tentando organizar as constelações no céu. A primeira mulher fez uma

constelação para quase todas as aves, todos os animais e quase todos os insetos. Ela fez uma constelação para *Atsa',* a águia, e *M'iitsoh*, o lobo. Ela criou uma cotovia, *Tsidiitltsoii* - então ela poderia cantar uma canção para o sol todas as manhãs. Ela até fez *Dahsani*, o porco-espinho, que estava no comando de todas as árvores crescendo e das montanhas. A primeira mulher pôs cada estrela em padrão em um cobertor antes do homem fogo elevá-las para o céu e tocá-los com sua tocha de fogo para fazê-las brilhar. O coiote quis ajudar, mas a primeira mulher lhe disse que ele só daria problemas. Finalmente, havia apenas pequenas lascas e pó de estrelas restantes no cobertor. O coiote estava impaciente, e ele pegou o cobertor e balançou no ar, espalhando o pó de estrelas para o céu criando o *Yikaisdahi* , a Via Láctea."

"Existe um nome Navajo para todas as constelações?" Olhei, tentando lembrar das poucas que eu conhecia.

"Sim. Minha avó poderia contar a história de cada uma delas, por que a primeira mulher colocou elas em cada lugar, e como elas foram nomeadas. Minha avó diz que as leis do nosso povo são escritas nas estrelas. Ela diz que a primeira mulher as colocou lá porque, ao contrário das areias que sopram para longe ou as águas que se deslocam no fluxo, o céu é constante. Isso é a grande coisa sobre o céu – ele é o mesmo nas águas da costa da Austrália ou aqui na Lagoa Burraston. Quando fui colocado no pelotão USS Peleliu, nos primeiros anos como fuzileiro, muitas vezes subia até uma pequena plataforma onde pudesse ver o céu, e buscava o maior número de estrelas e constelações que conseguia. Fazia-me sentir como se estivesse ali com a minha avó, dormindo sob as estrelas, ouvindo as ovelhas."

Nós fomos lentamente levados em direção a costa, e eu coloquei minhas pernas para baixo, achando que poderia suportar, atingindo a água logo abaixo dos meus ombros. A água estava relativamente quente, mas eu estava com pressa de sair. Samuel permaneceu em suas costas, olhando para o céu. Pensei nele, no meio do oceano, procurando o firmamento, confortando-se com

pensamentos do único lar que ele realmente tinha conhecido. Meu coração doeu por ele em seguida.

"Eu gosto de estar sozinha, mas odeio ser solitária. E sua historia soa muito solitária. Em tempos como esse, você se arrependeu de se tornar um fuzileiro?" Aventurei-me, estudando o perfil cinzelado de Samuel.

"Não, nunca me arrependi." A voz de Samuel era baixa e sincera. "Eu faria tudo de novo num piscar de olhos. Eu não tinha mais para onde ir. Encontrei a minha finalidade, descobri que eu era importante, fiz alguns amigos muito bons e perdi a pena que sentia de mim mesmo. Eu fiz o meu melhor para ser um homem que você poderia se orgulhar."

Esqueci-me de respirar. Samuel nunca me dava tempo para levantar minhas defesas; ele só dizia as coisas mais estranhas rapidamente.

"Eu?" Meu tom refletiu meus sentimentos inadequados. Eu não queria ser seu critério da retidão; eu também estava carente.

Samuel deixou cair as pernas e ficou com água batendo ao redor do seu tronco.

"Sim." A resposta de Samuel foi contemplativa, e ele manteve seu rosto afastado de mim. "Você foi sempre a medida para mim." Samuel fez uma pausa, preso entre o que disse e o que estava prestes a dizer. Sua voz era baixa e solene quando ele falou suas próximas palavras. "Eu não tinha certeza do que você pensaria a primeira vez que eu puxasse o gatilho e tirasse a vida de alguém, ou como você se sentiria se soubesse sobre todas as vidas que tirei."

Suas palavras foram tão inesperadas que eu engasguei, e seus olhos voaram para os meus, brilhando com intensidade súbita. Ele não falou por um momento, sua mandíbula trabalhando, apertando, como se ele estivesse engolindo as palavras que ainda precisava dizer.

Ele virou-se e nadou até a costa, água caindo das suas poderosas costas e coxas quando ele saiu da agua. Ele se sacudiu violentamente, e então pegou

as roupas, puxando sua camisa sobre a cabeça e enfiando as pernas no seu jeans.

Ele estava de costas para mim, e eu levantei-me fora da água atrás dele, incerta do que ele precisava de mim, mas certa que ele precisava de algo que não fosse minha censura - embora censura nunca tenha sido o que eu tinha a intenção de comunicar. Ele tinha me pegado de surpresa.

Eu escalei fora da lagoa, pingando e tremendo, e corri minhas mãos para baixo das minhas pernas, removendo o excesso de água, espremendo meu cabelo e meu top enquanto puxava minha saia para meu corpo tremendo. Enrolei meus braços ao redor de mim mesma, por modéstia e para buscar calor. Samuel pegou o cesto de piquenique abandonado, empilhando tudo e dobrando o cobertor. Ele entregou o cobertor para mim e virou-se novamente, e eu o embrulhei com gratidão ao redor dos meus ombros. Ele andou em direção à costa, de cócoras para baixo ao lado da piscina rasa, arrastando a mão do outro lado da água prateada.

Minha voz parecia incerta quando falei. "Samuel. É a guerra. Eu não condeno você por se defender." Não me aproximei dele, mas esperei.

Ele ficou em silêncio por alguns segundos antes de responder. "Tenho matado alguns homens em combate... mas muitos dos homens que matei, Josie... eles nem sabiam que eu estava lá. Isso é quando puxar o gatilho se torna mais difícil. Eu assistia-os através da minha mira telescópica, às vezes por dias a fio, e quando era o momento certo e eu recebia a ordem... eu atirava." Ele falou sem desculpas, e não havia tristeza ou arrependimento na voz dele. Mas havia vulnerabilidade lá, com certeza. E ele queria que eu soubesse.

Caminhei na beira da água e me ajoelhei ao lado dele, colocando minha mão para fora como ele estava fazendo, sentindo a seda fria da água beijando minhas palmas.

Lavei as pontas dos meus dedos contra a mão dele, perguntando-me se ele iria se afastar. No escuro, minha pele pálida brilhava contra a luminosidade

das estrelas na superfície. Eu coloquei minha mão em cima da dele, retorcendo os dedos através dos seus - luz na escuridão. Eu vi quando ele virou o rosto para mim, sua expressão completamente questionadora. Apoiei-me nele, meus olhos nos dele, e respondi da única maneira que eu sabia que ele ia me ouvir.

Escovei meus lábios suavemente nos dele, da maneira que ele tinha feito depois que tinha lavado meu cabelo na noite anterior. Só que desta vez eu olhei nos seus olhos - piscinas pretas refletindo a água, e me ajoelhei ao seu lado. Eu ouvi sua ingestão rápida de respiração, mas além do aperto da sua mão na minha ele manteve-se completamente imóvel enquanto meus lábios tocavam suavemente os seus. Ainda assim, eu não fechei meus olhos - assisti-o silenciosamente, acalmando-o.

"Você realmente acredita que o que fez a serviço de seu país, para os homens que você lutou ao lado, é algo que precisa explicar para mim?" Minha voz era um pouco mais alta que um sussurro, meu rosto um sopro do dele.

"Você acha que você tem que se justificar para mim? Eu? Alguém que nunca teve que marchar milhas com 150 quilos nas costas, ou ter sido alvejado, ou passado dias com pouco ou nenhum sono? Alguém que não passou os últimos dez anos em condições adversas, com pouco conforto, alguém a quem nunca pediram para fazer coisas incrivelmente difíceis, para manter outras pessoas seguras?" Eu o beijei novamente, as pontas dos meus dedos molhadas levemente repousando em seu maxilar. "Onde todos estaríamos sem pessoas como você?"

Os olhos de Samuel brilharam para mim, emoção apertando os cantos da sua boca. E ele ainda não fez nenhum movimento para me beijar de volta.

"Lembra o que Deus disse a Davi? Como ele disse que Davi tinha muito sangue em suas mãos?" A voz de Samuel era um sussurro rouco.

"Não. Lembre-me." Lembrava-me da história de Davi, de sua luxúria por Batsheba, sua trama para assassinar o marido dela e, posteriormente, a morte

de seu filho. A Bíblia estava cheia de tais histórias. Qualquer um quem dissesse que a bíblia era chata não tinha lido após o Gênesis.

"Deus disse a Davi que ele não poderia construir o templo, porque tinha muito sangue em suas mãos. Ele permitiu-lhe recolher os materiais para o templo, mas o filho de Deus comandou o filho de Davi, Salomão, para realmente construí-lo."

"Não entendo o que você está tentando me dizer, Samuel. Você acha que tem muito sangue em suas mãos? Que você esta... caído em desgraça?"

Samuel simplesmente olhou para baixo para mim.

Eu fracassei, não seguindo sua linha de pensamento em tudo. "Davi causou a morte de Urias, marido de Batsheba, porque Batsheba estava grávida do filho de Davi, e Davi a queria para ele. Talvez esse seja o sangue que é referido, o sangue que Deus não poderia ignorar. Não o sangue daqueles que David tinha matado na guerra, ou em batalha."

"Eu sou realmente tão diferente?"

"Samuel! Não entendo como você pode se comparar com Davi. E mesmo assim, Davi morreu nas boas graças de Deus. Ele tinha se arrependido de seus pecados, e nós temos o livro de Salmos para provar que ele foi... favorecido por Deus." Eu estava realmente confusa. O silêncio de Samuel durou vários minutos desta vez. Eu estava melhorando em esperar por ele. Quando ele falou, o assunto aparentemente tinha mudado e eu mentalmente corri para acompanha-lo.

"Recebi uma carta da minha avó Nettie quando você ficou noiva, Josie. Ela pensou que eu me lembraria de você, e mencionou o assunto de passagem, tipo 'Oh, a propósito.'" Samuel fez uma pausa. "Eu me lembro onde estava quando li aquela carta, onde eu estava sentado, o que eu tinha feito nos momentos que antecederam a leitura. Eu fiquei completamente lívido com a notícia, para dizer o mínimo. Eu tinha saído há quase cinco anos; e não te via há mais de dois. Você

era ainda muito jovem, e eu pensei que tinha tempo. Veja, na minha mente, sempre me mantive te acompanhando. Eu marcava o tempo com seus aniversários. Josie tem 16 anos, mas eu tenho 21. Josie tem 17 anos, ainda muito jovem. Então, sem mais nem menos esse garoto veio e pegou você, e você estava de repente tomada."

Olhei para Samuel, minha boca aberta, completamente desfeita pelo que ele havia revelado. Samuel expulsou uma risada curta e dura em minha reação atordoada, e de repente suas mãos molhadas se apoderaram dos meus ombros, e ele ficou de pé, puxando-me com ele.

"Eu não sabia quem era Kasey; minha avó falou seu nome e disse que ele era um bom rapaz. Lembro-me apenas de como eu estava com raiva e do quanto queria caçá-lo. Eu tinha mais dois anos no meu contrato com a Marinha, mas tudo o que eu queria fazer era voltar para Levan e matá-lo, e defender meu caso com você. Eu queria te pedir para não casar com ele. Até escrevi uma carta para você, dizendo para esperar por mim."

"Nunca recebi essa carta." Meus pulmões estavam queimando. Eu percebi que estava prendendo a respiração.

"Eu nunca enviei. Eu não poderia. Não tinha absolutamente nenhum direito."

De repente, Samuel segurou meu rosto em suas mãos. Estavam frias e ainda um pouco molhadas. Eu tremia enquanto seus olhos queimavam buracos para baixo dos meus. "Alguns meses depois, minha avó mandou-me um carta dizendo-me que Kasey tinha morrido. Eu me senti mal, porque no meu coração, eu desejei isso. Eu queria que ele se fosse. Então, será que sou mesmo tão diferente de Davi?"

Eu não pude responder imediatamente; minha cabeça estava girando com a paixão em sua voz e a intensidade em seus olhos. Ele interpretou meu surpreendente silêncio como censura mais uma vez, e deixou cair as mãos do meu rosto. "Me desculpe, Josie. Eu não tinha intenção de fazer você se sentir

assim. Mas não podia deixar você me beijar confortavelmente sem explicar que tipo de homem eu sou, sem lhe contar tudo. E a pior parte é... Estou feliz que ele se foi. Eu não estou feliz que ele está morto, eu não desejei isso. Mas sim, estou feliz que ele se foi. E não sei que tipo de homem isso me torna."

"Acho que isso te faz um honesto", eu sussurrei, finalmente encontrando minha voz, insegura sobre o que dizer além disso. Ele olhou fixamente para mim, e eu encontrei seu olhar sem piscar. "Eu nunca teria adivinhado que você reagiria assim... que você tinha pensado em mim depois que saiu. Eu não sabia que você... que você gostava de mim." Eu terminei rapidamente, incapaz de comunicar o temor que estava sentindo com sua confissão.

"Eu fiz, e eu faço" Samuel respondeu categoricamente. Sua boca foi desenhada em uma linha apertada, seus olhos nos meus. Eu expirei lentamente, sentindo que ia desmaiar.

A água pingou do meu cabelo e encontrou seu caminho nas minhas costas, e eu tremi violentamente. Samuel abaixou-se e pegou minha mão, e caminhamos na direção do caminhão, o cobertor à direita atrás de mim.

Ele inclinou-se e pegou o cooler, colocando-o nas costas quando abriu a porta e me ajudou a entrar. Com o aquecedor no máximo, nós dirigimos para Levan.

Música verteu suavemente nos alto-falantes, e eu ouvi uma sugestão do Elegie de Rachmaninoff. Sempre tinha amado esta peça. Rachmaninoff foi considerado um dos melhores pianistas do seu tempo. Sonja tinha uma gravação ao vivo dele tocando Elegie, e isso trouxe-me as lágrimas quando eu tinha ouvido pela primeira vez. Passaram-se muitos anos desde que eu tinha gostado da abrangência expressiva e o lirismo rico em sua peça. Hesitante eu estendi a mão e aumentei o volume, permitindo que a música preenchesse a cabine e reverberasse para fora das janelas.

"Este é o meu pedaço favorito de música, do meu compositor favorito." A voz de Samuel rompeu quando a música abrandou, e suspirou.

"Você sempre amou Rachmaninoff." Lembrei-me da primeira vez que ele tinha ouvido Rachmaninoff no ônibus, e da sua reação para o poder e a intensidade do Prelúdio em Dó Sustenido Menor. "Rachmaninoff foi o último dos românticos da grande música clássica. Ele foi muitas vezes desencorajado pela música modernista que estava se tornando popular. Uma vez, em uma entrevista, ele disse que a música moderna dos novos compositores era escrita mais na cabeça do que no coração. Sua música continha muito pensamento e nenhum sentimento. Ele disse que os compositores modernos 'pensavam, raciocinavam e analisavam, mas não exaltavam.'" Segurei dois dedos em cada mão e mexi com eles para indicar as aspas. "Eu procurei a palavra 'exaltar' no dicionário quando Sonja me fez memorizar sua citação. O significado que eu mais gostei foi ‘fazer sublime’, para ampliar, para louvar, *exaltar*. A música de Rachmaninoff nos levanta, eleva."

"Eu amo Elegie, porque é o que parece ser o som do desejo." Samuel olhou em frente enquanto falava.

Olhei para Samuel por um momento, mudando com a simplicidade de sua descrição. "Acho que Elegie realmente significa lamentar. Alguns dizem que Rachmaninoff estava deprimido quando escreveu isso, mas há uma esperança tão pronunciada tecida ao longo da peça que eu tendia a pensar que, apesar de seu caráter sugerido, Elegie não era uma expressão de derrota – ele só estava... ansioso." Eu sorri para ele quando narrei sua simples sinopse. "Ele considerou desistir logo no início de sua carreira. Sua filosofia era enraizada no espiritualismo - ele queria criar beleza e verdade em sua música, e sentia como se sua música não lhe pertencesse. É irônico que ele deu sua última grande entrevista em 1941, quando o mundo estava em guerra. O mundo precisava de verdade e beleza depois disso, mais do que nunca."

Dirigimos através de Néfi pela longa estrada que conectava as cidades pequenas. Em breve as luzes de Levan cintilavam diante de nós, e nós chegamos na pequena cidade adormecida, virando em um caminho escondido

na rua lateral, passando o bar e a antiga igreja antes de dirigir até a iluminada rua para casa.

Nós trituramos o cascalho na frente da minha casa. Estava escura e vazia - meu pai há muito tempo estava a caminho de Moab e da Colina dos Livros.

"Você gostaria de entrar por um minuto? Você pode verificar a casa procurando por bandidos e enquanto eu faço algo gostoso para comermos. Eu acho que tem sorvete no congelador, e eu poderia fazer um pouco de cobertura quente para colocar em cima?" Eu ergui as sobrancelhas para ele, e ele sorriu um pouco.

"Bandidos?”

"Oh, você sabe, estou aqui sozinha, a casa é escura. Basta olhar sob as camas e certificar-se que ninguém está escondido no meu armário."

"Tem medo de ficar sozinha à noite?" Suas sobrancelhas estavam baixas e preocupação caiu sobre seus olhos negros.

"Não. Eu só queria te dar uma razão para entrar."

Sua expressão limpou, e sua voz baixou ainda mais. "*Você* não é razão suficiente?"

Senti o calor subir na minha cara. "Hmmm", foi tudo o que eu disse.

"Josie."

"Sim?"

"Eu adoraria entrar."

Saiamos da pick-up e entramos. Eu liguei as luzes e me desculpei por um minuto. Corri lá em cima para o meu quarto no sótão e tirei minha roupa molhada. Fui correndo à procura de algo para usar – roupa de ginástica? Não. Pijama? Não! Vesti um vestido rosa solto e alisei meus dedos em meus cachos úmidos - meu cabelo cheirava um pouco a água da lagoa... ugh! Eu me banhei com alfazema e puxei meu cabelo em um clipe, não querendo parecer que

estava me esforçando demais. Deixei meus pés descalços e corri lá para baixo. Meu pés ficaram um pouco atrapalhados e eu fui arremessada fora do último degrau da escada para o banheiro como um morcego fugindo do inferno. Eu me estabilizei na secadora e respirei fundo. "Meu Deus! Calma, mulher!" Disse a mim mesma severamente. Quando Samuel estava por perto eu parecia ser um pacote de geléia e hormônios. "Isso é o que precisamos, eu cair das escadas e passar o resto do tempo que Samuel tem em Levan de muletas" eu murmurei.

Entrei na cozinha, onde eu tinha deixado Samuel alguns minutos antes. Juntei leite, açúcar, manteiga, baunilha e cacau em pó enquanto conversávamos sobre isso e aquilo. Em breve o cheiro de molho de chocolate quente flutuava pela cozinha, e eu suspirei em contentamento. Pegando duas tigelas, servi duas porções grandes de sorvete de massa de biscoito e reguei com quantidades generosas de calda de chocolate por cima.

"Vamos comer!" Declarei, sentando-me e colocando uma colher gigante de sorvete na boca.

Samuel riu bem alto, uma rica gargalhada que ecoou em meu coração.

"O quê?" Eu disse, minha boca cheia de sorvete.

"Você me faz rir."

"Porquê?"

"Você é essa menina bonita, cachos loiros, olhos azuis. Sempre usa vestidos e pinta as unhas dos pés, e você é completamente a moda antiga - livros, música, seu nome... você é completamente feminina. Acho que só não esperava que você comesse assim. Você fez a mesma coisa no início da noite na lagoa. Você gosta de comida. Agora mesmo eu pensei que você com certeza colocaria um guardanapo no colo e comeria pequenas colheradas como uma pequena dama."

"Senhora, schmady," Eu dei uma risadinha. "Eu adoro comer. É por isso que eu corro todos os dias. Caso contrário, ficaria muito voluptuosa e rubenesca."

"Não tenho certeza do que rubenesca significa exatamente, mas tenho certeza que ficaria bem em você." Samuel cavou em sua taça também, e nós comemos nosso sorvete em silêncio, até a última porção de molho quente ser totalmente consumida. Eu me contive de lamber minha taça. Samuel não.

"Esse molho é inacreditável", disse apreciativamente.

"Sim! É a receita da minha mãe. É original."

Eu lavei nossas taças, e Samuel entrou para a sala de estar sentando-se no banco do piano, me olhando através da porta estreita em frente a pia da cozinha.

"Vem comigo para ver minha avó?"

"Nettie?" Eu questionei, confusa.

"Não, quero que venha para o Arizona e conheça minha Vovó Yazzie."

Meus olhos voaram para o rosto dele, e eu pude ver no conjunto da sua boca larga que ele estava falando sério.

"Quando?"

"Amanhã".

"Mas... Eu tenho que trabalhar no salão amanhã e... por quanto tempo estaríamos fora?"

"Sua tia não vai te deixar ir?"

"É claro que ela deixaria. Não tenho nada programado. Eu teria apenas que estar lá para andarilhos."

"Dilcon está há mais de 700 milhas de distância. Precisamos de um dia inteiro para ir e um para voltar, e quero ficar por três dias. Então, cinco dias.

Amanhã é sábado. Voltaríamos no máximo na quarta-feira à noite. Você pode se organizar?"

Eu mordi meu lábio quando pensei sobre isso. Eu estava tão tentada. As longas horas de condução eram incrivelmente sedutoras – a conversa com Samuel sempre foi animada, e o pensamento de ouvir música e falar por horas a fio com ele era mais do que eu poderia deixar passar. Meu pai tinha ido embora. Ele não iria telefonar para casa - o sinal de celular não estava disponível onde ele estava. Eu teria que cancelar minhas aulas de piano, mas a perda de dinheiro não me machucaria. O que eu tinha para gastar meu dinheiro, de qualquer forma? Acho que hesitei por um momento muito longo.

"Por favor, Josie?" Sua voz era insistente. "Você queria conhecê-la. Contei a ela sobre você. Você vai adorá-la."

Eu me virei para encará-lo. "Tudo bem. Eu vou. Sempre quis conhece-la. Mas..." Eu segurei um dedo como uma condição, "Não posso sair bem cedo, tenho que ligar para meus alunos e Louise-"

"Ligue para eles no caminho, Josie. Traga o seu celular. Eu vou pegar você às 06:00h"

Tanto para 'por favor, Josie'. Samuel mandão estava de volta. Mas mandão realmente não era a palavra certa. Ele era mais direto e simples - mas chama-lo de mandão me fez sentir melhor quando ele começou a dar ordens. Ele continuou:

"Eu quero chegar a reserva antes de escurecer. Já é difícil o suficiente encontrar o *hogan* da vovó durante o dia. E ela poderia estar em qualquer lugar. Eu liguei para o posto de troca quando cheguei nos EUA e deixei uma mensagem para ela. Disse-lhe para me esperar neste fim de semana. Tenho uma palavra para ela através do homem que trabalha no posto comercial. Liguei para ele hoje, e ele disse que ela estava em um dos seus tapetes. Ele deu-lhe a mensagem por mim."

"Isso é como você se comunica?" Eu disse, incrédula.

"Isso funciona. Vovó não lê ou escreve, e não tem telefone."

Eu senti um frisson de mal-estar que esta reunião seria muito estranha. Fale sobre dois mundos diferentes. Samuel deve ter visto algo no meu rosto, porque ele levantou-se e caminhou até onde eu ainda estava parada, encostada na pia. Ele estendeu a mão e passou-a levemente para baixo na minha bochecha.

"Não se preocupe. Vovó é fácil de amar. Pense nisso como um aventura."

Eu sorri, trêmula.

"Vejo você amanhã," ele disse, sua voz baixa.

"Prometo arrumar alguns jeans e botas" Eu disse com uma careta.

Eu tinha desistido de usar meus jeans, e dei um tempo nas camisetas. Ainda os tinha (quem não tinha um em Levan?), mas eles não eram mais os meus preferidos.

"Minha avó usa saia todos os dias também... mas, sim. Você pode querer trazer alguns jeans, a menos que tenha uma grande saia longa de pioneira que goste de usar para andar a cavalo" Ele brincou. Então deslizou silenciosamente para fora da porta, e eu ouvi o caminhão arrancar e ir embora.

Eu acelerei para as escadas e comecei a atirar coisas em minha mala. - era quase 22:00. Eu nunca seria capaz de dormir. Meu coração batia muito rápido em antecipação.

18. Oratória

Dormi inquieta, levantando-me para reembalar minha mala várias vezes. Eu nunca estive em uma reserva indígena antes. Não sabia do que precisaria. Eu acordei antes do despertador e fiquei lá, me sentindo muito cansada e desejando que não tivesse aceitado ir, pensando que tinha iniciado um movimento de enganação. Na verdade, eu sabia por que estava indo; se estivesse sendo honesta comigo mesma era estritamente para passar tempo com Samuel, o que, novamente, era completamente idiota. Samuel me deixaria novamente. Em breve. E eu estaria sozinha aqui novamente. Em breve.

Eu joguei fora minhas cobertas e tomei banho, tentando me afastar da sensação de sono. Eu estava pronta antes de Samuel chegar, e sentei na varanda da frente, esperando com Yazzie. Ele colocou seu cabeção no meu colo e olhou para mim com olhos lúgubres. Ele sabia que eu estava indo e que não viria comigo. Samuel tinha ligado depois que saiu ontem à noite, e disse que Nettie viria alimentar as galinhas e olhar Yazzie. Envergonhou-me um pouco que ela sabia que eu iria com ele, embora eu apreciasse ele fazendo arranjos para Yazzie. Gostaria de saber o que ela pensava de seu convite. Então eu realmente não queria saber. Esperava somente que ela estivesse tranquila sobre isso. E percebi que a cidade inteira saberia logo. Talvez quando eu voltasse seria notícia velha. Eu suspirei, sabendo que estava indo para obter olhares curiosos por um longo tempo sobre essa pequena "aventura" que Samuel tinha planejado.

Samuel parou prontamente às 06:00, e meu coração acelerou como uma garota boba quando ele desligou seu caminhão e saiu, um pequeno sorriso em torno de seus lábios.

"Pronta?”

Eu dei a Yazzie um abraço e milhões de beijos, e pisei fora da varanda com minha mala. Eu não sabia exatamente o que levar, mas sabia o suficiente para perceber que aparecer na hogan de Stella Yazzie com uma enorme mala cheia de roupas e produtos de higiene pessoal seria errado. Eu tinha embalado tão pouca coisa quanto poderia, possivelmente.

Samuel olhou para minha bagagem com aprovação e a tirou de mim quando viu meu Levis desgastado. Eu tinha me vestido com uma túnica branca e brincos de arco brancos. Eu tinha um par de sandálias, também. Coloquei minhas botas velhas atrás do assento da frente do seu caminhão, sabendo que precisaria delas uma vez que chegássemos lá.

"Sim, toda garota" Samuel sorriu.

"Ei, eu ainda posso montar um cavalo, limpar os estábulos, ordenhar uma vaca e separar galinhas geniosas, senhor," disse, irritada. "Gosto de me vestir como uma menina. Passei muitos anos usando roupas velhas do meu irmão. Tem algum problema com isso?"

"Não, senhora. Definitivamente não tenho nenhum problema com a forma como você parece" Samuel respondeu, todos os sinais de provocação presentes em sua voz.

Engoli duro e tentei não sorrir.

Samuel tinha abastecido o caminhão antes de vir me buscar, e havia uma Coca Diet no porta-copo esperando por mim, bem como um celestial cheiro vindo de um saco marrom sentado no assento.

"Rolos de canela da Betty suada!" Eu gritei, reconhecendo o aroma.

"Como você a chamou?" Samuel levantou suas sobrancelhas quando bateu a porta e entrou no caminhão.

Contei para ele sobre o infeliz apelido de Betty enquanto mastiguei feliz o quente e pegajoso pedaço de paraíso.

"Quem me dera que eu soubesse seu apelido antes de comer três desses rolinhos." Samuel estremeceu de horror simulado.

"Se você perdeu o apetite ainda tenho espaço para este ultimo," Eu forneci, lambendo meus dedos. "Digam o que quiserem sobre Levan, mas definitivamente tem suas vantagens. Betty suada cozinha muito bem, com suor e tudo."

"Honestamente, não tenho nada além de coisas boas a dizer sobre Levan." Samuel repousava seu antebraço contra o volante, se arrumando para a longa viagem.

"Sério?" Fiquei um pouco surpresa. Lembrei-me das palavras de sua avó na mesa da cozinha há tantos anos; elas tinham deixado uma impressão diferente. "Acha que você gostaria de viver aqui?"

Assim que as palavras saíram de minha boca eu violentamente me arrependi, percebendo quão ansiosa e desesperada eu deveria parecer - como uma mulher que já estava fazendo planos de casamento... e procurando casas. Eu não quis dizer isso assim.

Samuel olhou para fora de sua janela por um minuto, e depois olhou para mim sobriamente, sobrancelhas desenhadas para baixo em um ligeiro V.

"Não Josie. Acho que não gostaria de viver aqui" Samuel disse suavemente.

Considerei abrir a porta e arremessar-me para a estrada. Eu segurei meu desejo de me explicar, percebendo que nada do que dissesse poderia remediar a situação. Terminei meu rolo de canela sem gostar e engoli metade da minha Coca Diet. O silêncio constrangedor entre nós permaneceu por muitas milhas,

enquanto o sol da manhã subiu lentamente as colinas e estendeu seu braços longos através do vale do sono, para a esquerda do longo trecho da I-15. Íamos viajar na I-15 por 90 milhas, até que virasse a I-70, então viajaríamos a leste em direção a Moabe, cortando através de Monument Valley e Arizona.

Nós finalmente relaxamos na conversa, e eu abandonei meu desconforto quando ele compartilhou experiências de sua vida no exército. Eu tentei encontrar anedotas bem humoradas da vida diária em Levan. Nós levamos vidas muito diferentes nos últimos anos, mas de alguma forma, eu não me senti alienada por causa de suas experiências, como tinha me sentido uma vez lendo as cartas dele. Eu só queria saber mais, para entendê-lo melhor.

Paramos para um almoço tardio em Moab, mas voltamos novamente para a estrada dentro de quinze minutos, agora com fast food entre nós. Samuel queria chegar a sua avó antes de anoitecer, e tínhamos um longo caminho a percorrer ainda. A paisagem tinha crescido regularmente mais austera e dramática. Enormes platôs e montanhas salientes saiam para fora da terra, como enormes castelos revestidos em pedra vermelha grossa. Eu muitas vezes queria saber como os Mórmons se sentiram quando seu líder tinha declarado que o vale do Lago Salgado era "o lugar". Eles tinham viajado tão longe e por tanto tempo, sofrendo terrivelmente, só para acabar em um vale bastante estéril, sem árvores, sem água. Como seus corações devem ter tremido dentro deles, e quão desesperados devem ter se sentido. Mas eles tinham prosperado. Gostaria de saber agora como as antigas tribos indígenas tinham existido e prosperado nesta paisagem de deserto. No entanto, poderia ser deslumbrante e majestoso, e completamente inóspito. Devo ter ponderado isso em voz alta, porque Samuel inclinou-se para a janela e os olhos dele estreitaram-se sobre a paisagem ao nosso redor quando ele começou a falar.

"Os Hopi na verdade tem uma lenda interessante sobre como chegaram a esta terra."

"Os Hopi?" Questionei-me fixamente.

"Os índios Hopi ocupam uma seção de terra aqui, em quatro áreas nos cantos, principalmente no deserto do Arizona a nordeste, rodeado por todos os lados pela nação Navajo. Os Hopis são pacifistas – na verdade, Hopi significa 'povo sábio e pacífico.' Este tipo de história ilustra que a qualidade de humilde aceitação é tradicionalmente Hopi. De qualquer forma, dizem os Hopi que quando os primeiros seres humanos subiram do submundo para este mundo, o rouxinol os enfrentou com várias espigas de milho, em todos os tamanhos e cores diferentes atrás dele. Rouxinol disse a eles que cada tribo ou família deveria escolher uma espiga de milho. A espiga de milho lhes diria seu destino – por exemplo, o Navajo escolheu o milho amarelo, o que significava que eles teriam grande prazer, mas uma vida curta."

Samuel parou de falar neste momento, e olhou para mim com tristeza.

"Não necessariamente tive grande prazer na minha vida, por isso estou esperando que a outra metade do destino Navajo também não se aplique a todos.

"Então todas as tribos começaram a segurar o milho. Os Utes escolheram o milho duro e os Comanche o milho vermelho. Os Hopis apoiaram e assistiram todos agarrando e empurrando para conseguir a melhor espiga de milho, mas não escolheram nada. Finalmente, havia apenas o milho azul curto, que mais ninguém queria. O milho azul curto previa um destino de trabalho duro e labuta, mas também vida longa, cheia. O Líder Hopi pegou o milho azul e aceitou este destino para seu povo, e eles vagavam à procura de um lugar para morar. Eventualmente eles chegaram nas três mesas no deserto. O Deus da morte, Masauwu, proprietário da terra, disse que eles podiam ficar. Os Hopis olharam em volta e disseram que a vida seria difícil aqui, mas que ninguém mais iria querer esta terra, então ninguém tentaria tirá-la deles."

Eu ri alto com isso. "Acho que isso é olhar para o lado positivo das coisas."

“Bem, eles estavam na maior parte certos. Mas os Hopis eram agricultores e criaram métodos bem sucedidos para o cultivo nesse ambiente, entãoforam

constantemente invadidos pelas circundantes tribos Ute, Apache e Navajo, que queriam seu milho."

"Então ninguém queria suas terras, mas queriam suas culturas?"

"Isso mesmo."

Nós dirigimos em silêncio por muitas milhas mais, cada um de nós perdido em reflexão.

"Eu gosto de como você conhece não só a sua história, mas a história das outras tribos também. Você é como meu próprio guia pessoal de tudo sobre os nativos americanos."

"Você perceberá que a maioria das lendas entre os nativos americanos são variações das mesmas histórias. Nós podemos contar um pouco diferente, ou ter nossa própria inclinação sobre as coisas, mas são todos parecidos, especialmente entre as tribos que ocupam a mesma área geográfica. Os Hopi compartilham muitas semelhanças religiosas com os Navajo. Cada tribo é grande em cerimônias religiosas. Ambas as religiões giram em torno da harmonia, de coisas que estão em equilíbrio e na importância de ter um bom coração, que na sua maioria vem de estar em paz com as pessoas e as circunstâncias em sua vida."

"*Hozho*", lembrei-me em voz alta.

Samuel ficou boquiaberto comigo, e então acenou com a cabeça. "Sim, *hozho*. Como você conhece essa palavra?"

"Lembro-me de falar sobre harmonia com você há muito tempo. Eu pensei sobre isso muitas vezes desde então. Até escrevi *hozho* na minha parede de palavras."

"Imagine isso - uma menina de Levan, Utah, com uma palavra Navajo escrita na parede."

"Imagine isso, " Eu concordei. "E então Samuel?"

"Sim?"

"Você encontrou isso?"

"O quê?”

"Harmonia, equilíbrio, *hozho*... o que você quiser chamá-lo. Desde que estive fora por todos esses anos, já encontrou?'

Samuel me olhou por um momento, e depois voltou seu olhar para a estrada. "É uma coisa permanente, Josie. Você não o encontra e mantêm. É como manter o equilíbrio em uma moto – uma pequena coisa pode começar a balançar. Mas eu aprendi que uma grande parte da harmonia está em ter um propósito. Também tive de largar um monte de raiva e tristeza. Quando te conheci há tantos anos, eu estava cheio de raiva. Eu comecei a mudar quando meu coração começou a amolecer.”

"O que suavizou seu coração?" Eu perguntei baixinho.

"Boa música e um amigo."

Eu senti meus olhos queimando um pouco quando virei para ele, piscando rapidamente de volta a picada das lágrimas. "A música tem um poder incrível."

"Assim como a amizade" ele forneceu francamente.

"Você era tão bom amigo para mim" Eu respondi rapidamente.

"Não, eu não era. Nem de perto. Mas tão sórdido e cruel como eu muitas vezes fui, você nunca guardou rancor. Eu nunca conseguia entender você. Você só parecia me amar, de qualquer jeito que fosse. E eu não entendia de amor. Então, eu tive uma experiência em que me ensinaram. Você sabe que eu levei a bíblia do meu pai comigo quando fui para os fuzileiros. Eu lia um pouco. Eu tinha passado por ela, lendo isto e aquilo, começando e parando. Acho que não te contei sobre a experiência que eu tive. Pode estar em uma daquelas cartas que eu trouxe, porem.”

"Eu estava no meio do Afeganistão, em uma área onde nós acreditávamos estar um grande grupo de combatentes talibãs. Havia um tipo em particular que nós realmente queríamos muito. Os rumores de Osama estavam desenfreados. Eu tinha sido enviado à frente com outro sniper – estamos sempre sendo enviados para fora em pares – para sondar uma área que era uma possível abertura para uma série de cavernas que os terroristas estavam, supostamente, usando como buraco para se esconder. Eu estava com muita fome, procurando através do meu escopo por horas a fio por três dias. Eu estava exausto e irritável, e só queria explodir todo o país esquecido por Deus e voltar para casa."

"Parece terrível", me compadeci.

"Foi", Samuel riu sem muito humor e sacudiu seu cabeça. "Antes de ter sido enviado para fora nesta pequena viagem de escotismo, eu tinha estado lendo a parábola do filho pródigo. Isso deixou-me um pouco bravo. Senti-me com raiva pelo filho que ficava ao redor e foi fiel, e então posto de lado por seu pai. Pensei que compreendia o que Jesus estava tentando ensinar com essa parábola - que era só sobre Jesus amar o pecador e não o pecado, e que ele nos perdoaria se só retornássemos a ele e permitíssemos que ele nos curasse. E eu sabia que tudo isso era verdade, mas fiquei pensando sobre como não era certo e não foi justo, e que 'bom filho' não merecia ser um dado adquirido. Eu até estava pensando que a parábola de Jesus não era o melhor exemplo de acolher o pecador de volta ao redil – que ele poderia ter usado uma história melhor para ilustrar seu ponto."

"Então, lá estava eu, cansado, irritado, e tinha essa história do filho pródigo correndo pela minha cabeça. Só que desta vez eu vi o que parecia ser o alvo, que se aproximava desta entrada com dois outros homens. Eu fiquei excitado porque estava pensando 'finalmente alguém vai para ter o que merece'. Você consegue imaginar isso? Eu, criticando o mestre em minha cabeça, enquanto estava me preparando para explodir outro cara em direção ao reino

dos céus. Eu estava todo animado, tinha ordens para atirar e matar, e de repente meu parceiro diz "Não é ele".

"'É ele! Eu estou dizendo. É ele!' Eu fiquei insistindo para atirar... mesmo quando estava percebendo que não era o nossa cara - mas eu não queria ficar para baixo." A voz e corpo de Samuel estavam tensos quando ele recontou a história, e ele balançou a cabeça veementemente, transportado-se para o passado escarpado em um país distante.

"Na verdade, estava pronto para puxar o gatilho quando, de repente, do nada, uma voz fala para mim, tão claramente como se fosse meu amigo falando diretamente ao meu ouvido." Samuel fez uma pausa, e de repente seu rosto estava encharcado de emoção. "Mas não era meu parceiro. Ele ainda estava sussurrando freneticamente – insistindo que aquele não era o nosso cara. A voz que ouvi não era audível a ninguém além de mim. A voz disse 'quanto deves ao meu senhor?'"

O silêncio na cabine estava grosso com algo semelhante a angústia, e, embora não tenha entendido o que a pergunta significava, sabia que Samuel tinha compreendido, e estava apenas esperando controlar suas emoções o suficiente para compartilhar sua visão. Ele respirou profundamente algumas vezes e continuou com a voz rouca e um pouco quebrada.

"A história do filho pródigo não é apenas sobre os pecados do filho que saiu e voltou. É também sobre os pecados do filho fiel..." Samuel olhou para mim, e eu olhei de volta, à espera dele continuar.

"Naquele dia, em um canto rochoso do Afeganistão, eu estava tão envolvido 'em todo mundo recebendo o que merecia' que quase matei um cara que eu sabia não ser um alvo. Ele poderia estar procurado uma cabra perdida, por tudo que sei. A coisa é, o que nós realmente *merecemos*, Josie? Quais são os nossos direitos? As palavras que ouvi naquele dia foram as palavras da parábola seguinte, onde Jesus ensina, no livro de Lucas, sobre o mordomo infiel. Eu leria isso logo depois de ter lido o parábola do filho pródigo – mas tinha

estado tão envolvido com o que tinha julgado como injustiça em uma parábola, que não tinha realmente lido as palavras na próxima. 'Quanto deves ao meu senhor?' Quanto? Quanto devo? A verdade é que já não posso pagar minha dívida. Nunca mais. TODOS nós devemos tudo a Deus. Não há nenhum nível de dívida. Eu sou menos endividado do que aquele homem que quase perdeu sua vida na minha mão? O filho mais fiel tem menos dívida que seu irmão pródigo? Todos nós devemos tudo para Jesus Cristo. Ainda, no final da parábola, o pai amorosamente diz a seu filho irritado 'filho, você sempre ficou comigo, e tudo que eu tenho é teu.' Agora, isso é amor. Dois filhos que eram indignos, ambos se amaram e abraçaram. E naquele dia, com um lembrete gentil, um pai misericordioso me mostrou quão indigno eu fui – e me salvou apesar disso. Esse foi o dia em que eu realmente comecei a entender."

Eu soltei o cinto de segurança e deslizei para o lado de Samuel sobre o amplo banco. Eu pus minha cabeça em seu ombro e envolvi sua mão direita nas minhas. Nós nos sentamos com lágrimas em nossos olhos, as mãos entrelaçadas, e permanecemos além das palavras por muitas milhas.



Chegamos em Dilcon pouco antes do pôr do sol. Ela parecia muito com qualquer outra cidade pequena. A paisagem era um pouco diferente e seus sinais vangloriavam tapetes Navajo e jóias – mas ela não parecia diferente de Levan, verdade seja dita. Nós percorremos a cidade e fomos para fora, viajando por estradas sem sinais ou marcas, ocasionalmente passando um rebanho de ovelhas ou um trailer duplo. Contei algumas pick-ups abandonadas também. Eu vi um hogan de pé no meio do nada e apontei para Samuel.

"Quando o proprietário de um hogan morre, ele não é habitado novamente. Você se lembra de *chidi*? Como o mau espírito permanece? Se você acredita em *chidi* ou não, o respeito pela tradição apenas determina que o Hogan seja

deixado desabitado para regressar à terra mãe. Você vai ver hogans abandonados aqui e ali. Cada vez menos Navajos vivem em Hogans nestes dias. É mais confortável ter água corrente e eletricidade, e controles de temperatura. Nós temos alguns a moda antiga, no entanto. Vovó Yazzie é definitivamente um deles."

Eu não sabia como Samuel encontrou o seu caminho virando para baixo em uma estrada ou outra, até que finalmente ele recuperou seu caminho sobre a terra desigual para um hogan solitário com uma pickup velha estacionada na frente - que parecia a irmã mais velha do Velho Marrom. Um enorme curral de madeira de zimbro estava entrelaçado de forma aparentemente aleatória ao norte do hogan. Pelo menos cem ovelhas ficaram confinadas dentro do curral. O hogan estava virado para leste. A porta estava aberta, e as profundas sombras do sol criaram sombra na frente, onde uma mulher velha estava sentada penteando o que parecia ser lã em torno de um grande carretel de madeira. Ela não se mexeu ou levantou à medida que nós desaceleramos para uma parada, e o caminhão soltou um suspiro agradecido de chegada quando Samuel virou a chave. Nós saímos rigidamente por nossas respectivas portas, e eu me segurei quando Samuel caminhou para frente e pegou a pequena mulher, levantando-a do seu banco e segurando-a firmemente em seus braços. A lã e os carretéis caíram despercebidos para os pés dela quando ela o abraçou, suas mãos pequenas correndo para cima de seus braços, afagando o seu rosto e murmurando algo que eu não conseguia entender.

Samuel eventualmente deixou-a para baixo e virou para mim, alcançando minha mão, e na língua Navajo me apresentou a sua amada Shima Yazzie.

Vovó Yazzie era linda como madeira velha é linda. Sua pele era marrom quente e profundo, e uma sabedoria profunda me fez procurar nas linhas de seu rosto as respostas para as maiores questões da vida. Seu cabelo era branco e espesso, puxado para trás e enrolado em um coque tradicional Navajo. A blusa era de um roxo desbotado, de mangas longas, e a saia era azul, em camadas e

empoeirada. Ela usava antigas botas de cowboy com cordões no pés, e grandes anéis de turquesa e prata no dedo anelar de cada mão enrugada. Ela não era muito alta, talvez 1,52m, mas era robusta e compacta – vento não a derrubaria – na verdade, eu tinha a impressão de que muito pouco podia passar por ela.

Ela assentiu com a cabeça para mim quase regiamente e então voltou sua atenção para seu neto. Ela fez um gesto em direção ao hogan e nos pediu para entrar. O hogan era mais espaçoso do que eu esperava. Um enorme tear ocupava quase um lado inteiro; um pallet estava contra uma parede adjacente, com uma pequena caixa de gavetas e um pequeno fogão a lenha. Uma grande mesa com duas cadeiras consistia na área da cozinha.

"Vovó está preocupada que você ficará desconfortável aqui." Samuel falou-me baixinho. "Eu disse a ela que nunca teve ninguém mexendo com você, então ela não deve mexer com você também. Eu disse a ela que você só ficará desconfortável se ela estiver desconfortável. Acho que ela se sentiu melhor com isso."

Fiquei brevemente maravilhada em como Samuel me compreendia.

Comemos uma refeição simples de pão frito com guisado de carne de carneiro. Senti meu os olhos ficando pesados enquanto me sentei do lado de fora em uma das cadeiras da cozinha e escutei a cadência suave de Samuel e sua avó conversando. As mãos da avó Yazzie estavam sempre ocupadas. Ela tinha me mostrado, com Samuel interpretando, o tapete que estava trabalhando em seu tear. Ele tinha apenas as cores naturais de lã, tecidas num projeto complexo. Ela disse que misturou um pouco da sua própria tintura de plantas diferentes, mas que não usaria corantes neste tapete. O vermelho, marrom, preto e cinza do projeto eram as cores da lã tirada de suas ovelhas. Perguntei-lhe se ela planejou e testou o padrão antes de tecer. Samuel respondeu por ela, antes mesmo de traduzir o que eu disse.

"O padrão irá emergir por conta própria. A lã permite que você saiba qual será o padrão. Existem padrões tradicionais – esqueci o que isso significa. Mas

cada padrão conta uma história. Algumas histórias são complicadas e envolvem muito padrões intrincados e detalhados. Vovó diz que este é um tapete cerimonial."

Isso fez sentido para mim, e eu meditava em voz alta, "Tecelagem é como escrever música. A canção quase se escreve sozinha; você só tem que começar a tocar." Samuel imediatamente traduziu em Navajo, dizendo a sua avó o que eu disse e o que ele tinha me dito. Ela assentiu com a cabeça quando ele falou, concordando com a explicação dele, e sorrindo um pouco para mim quando ele deve ter contado a ela o que eu disse sobre música.

Naquela noite, Samuel dormiu fora, fazendo sua cama do caminhão, e eu dormi em um saco de dormir no Hogan, com a avó de Samuel deitada silenciosamente ao meu lado. Naquela noite eu sonhei que sentei no tear, tecendo um tapete estampado com espigas de milho em vermelho, amarelo, azul e branco. Um papagaio sentado no meu ombro me disse para escolher o meu destino. Toda vez que eu chegava perto do milho amarelo, o pássaro ia bicar minha mão e piava "não é para você! Não é para você!" em sua voz esganiçada de papagaio.



Passamos o dia seguinte a cavalo, pastoreando ovelhas pelo canyon. O inverno estava definido nas altitudes mais altas, e em um mês as ovelhas iriam pastar perto do Hogan da vovó Yazzie. Nós tínhamos chegado antes do sol, e eu fiz o meu melhor para ficar bonita, mesmo sem muito trabalho. Eu sabia que meu dias com Samuel estavam contados, e queria fazê-lo reparar em mim. Não examinei meus sentimentos por ele além do prazer de tê-lo de volta. Eu sabia que minha vacância de qualquer contemplação profunda sobre o assunto era um auto-engano, mas eu não podia fazer-me considerar o que viria a seguir. Tinha sido um longo tempo desde que eu tinha passado qualquer tempo real na

sela, e eu sabia que estaria sentindo isso no dia seguinte. Eu nunca tinha pastoreado ovelhas antes, e sabia que a vovó Yazzie não necessariamente precisava da minha ajuda; então eu recuei, esperando a direção, e na maior parte apenas desfrutando da companhia tranquila de Samuel e sua avó.

O frio da manhã eventualmente deu lugar ao sol e céu azul, com um lembrete subjacente da queda no cheiro do vento. Quando alcançamos o vale onde as ovelhas passavam várias horas, nós descemos dos cavalos, impedindo que elas fugissem, e aproveitamos um pouco de chá e pães fritos que sobraram da noite anterior. Então nos estabelecemos em silêncio por um tempo enquanto as ovelhas pastavam.

Eu tinha começado a cochilar um pouco, ouvindo a conversa de Samuel à sua avó - e não entendendo nada, claro, mas não sentindo necessidade disso. Senti Samuel escovando meu braço e abri um olho em questão.

"Você tinha um carrapato rastejando sobre você. Vovó diz que eles estão terríveis este ano."

O pensamento de um carrapato fazendo seu caminho no meu braço foi tão eficaz como um balde de água fria na minha sonolência. Sentei-me, escovando para baixo meus braços e pernas e correndo os dedos pelo meu cabelo.

"Você sabe por que um carrapato é plano, não sabe?" Samuel sentou-se onde ele estava descansando contra uma grande pedra. Ele não parecia tão preocupado com a idéia de um carrapato rastejando ao redor.

"Eu nunca olhei para um por tempo suficiente para saber que eles eram planos" Eu admiti, ainda limpando meu jeans.

"Outra história Navajo... vovó conta-as melhor do que eu... mas a lenda é que o coiote, o *trickster*, estava andando um dia quando conheceu uma mulher velha. A mulher lhe disse que havia um gigante nas proximidades, e que ele deveria virar e ir embora. O coiote disse que não tinha medo de nada, especialmente de um gigante, e continuou andando. Ele pegou uma vara afiada,

porém, apenas no caso de precisar, caso se deparasse com o gigante. Eventualmente ele chegou na boca desta caverna enorme e, curioso como a maioria dos coiotes são, ele caminhou para explorar. Depois de caminhar um pouco, ele viu uma mulher deitada no chão da caverna. Ele perguntou o que estava errado. Ela disse que estava tão fraca que não poderia suportar ficar de pé. O coiote lhe perguntou se ela estava doente. Ela disse que estava morrendo de fome, de estar presa dentro da barriga do gigante sem nada para comer. O coiote disse “que gigante?" A mulher riu e disse que ele também estava dentro da barriga do gigante. A caverna que ele tinha entrado era a boca do gigante. "É fácil de entrar" a mulher disse, "mas ninguém nunca sai.'"”

"Não sabendo o que mais poderia fazer, o coiote continuou andando e explorando. Em seguida, ele encontrou muitas outras pessoas, todas fracas e morrendo de fome. O Coiote disse-lhes: "se isto é a barriga de um gigante, as paredes são feitas de músculo e gordura, e podemos cortar as paredes e comer esta carne." Então o Coiote usou seu pau afiado e seus dentes, e cortou pedaços de carne das paredes da barriga do gigante. Ele alimentou todas as pessoas, e eles ficaram felizes. Eles disseram, "Obrigado por ter nos alimentando, mas ainda não conseguimos sair." O Coiote disse-lhes: "se esta é a barriga do gigante, seu coração não pode estar muito longe. Vou encontrar seu coração, dar uma facada e matá-lo." Uma das pessoas disse, "Está vendo aquele grande vulcão de bombeamento? É o coração do gigante."

"O Coiote rastejou acima do vulcão e esfaqueou seu pau dentro do coração do gigante. O gigante gritou. "É você coiote? Pare de me cortar e esfaquear, ou eu vou abrir minha boca e deixá-lo sair."

“Mas o Coiote não queria se salvar sozinho, ele precisava salvar os outros também. Lava espessa começou a sair do vulcão que era o coração do gigante. O gigante começou a tremer, e o coiote disse as pessoas que o vulcão estava causando um terremoto, e quando o gigante abrisse a boca todos deveriam fugir. Como o gigante estava em agonia, ele rugiu em dor e as pessoas presas

na barriga fugiram através da sua boca. O coiote os salvou." Samuel terminou seu conto e sentou me olhando, com expectativa.

"Essa é uma boa história... mas não sei o que tem a ver com o carrapato." Eu levantei minhas sobrancelhas em questão.

"Oh sim" Samuel sorriu de volta. "Veja, o carrapato é o último a sair, e ele só rasteja para fora quando o gigante morre e suas mandíbulas fecham. O Coiote teve que puxá-lo entre os dentes do gigante, e ele ficou achatado no processo."

"Ahhh, isso faz muito sentido." Gargalhei. "Eu gosto como as lendas nativas americanas parecem ser uma mistura do muito rebuscado com o muito prático."

A avó de Samuel estava sentada nas proximidades, trabalhando com sua lã novamente, mas olhou para cima quando eu ri. Ela parecia seguir a nossa conversa, e eu cheguei à conclusão que ela deveria entender Inglês melhor do que podia falá-lo.

Ela falou comigo agora, embora eu não entendesse. Seu rosto estava bondoso e suas palavras eram suaves.

"A avó diz que assim como as histórias na minha Bíblia, as lendas escondem lições, se olharmos profundo o suficiente. É a lição por trás da história a parte mais importante." Samuel traduziu para mim quando olhou para sua avó, sua expressão correspondendo com a dela.

"Como parábolas?"

Vovó Yazzie acenou com a cabeça quando entendeu minha pergunta. Ela falou para mim novamente, desta vez em inglês empolado, e eu escutei atentamente, sabendo que era desconfortável para ela e sabendo que ela tentava por minha causa.

"Coiote não sabe que está preso." Ela olhou para baixo, para a lã, e não disse mais nada.

Eu olhei para Samuel para mais esclarecimentos, não entendendo o que a avó dele estava tentando me dizer. Samuel ficou parado por um momento, e então estabilizou seu olhar no meu, fechando os olhos um pouco contra o sol que havia se infiltrado nos limites da nossa sombra.

"Coiote estava dentro da barriga do gigante, e nem sequer sabia disso. Ele estava completamente inconsciente de que estava preso. Eu acho que é isso o que vovó estava tentando dizer."

"Você também pode argumentar que o coiote era o único que não estava realmente preso." Dei de ombros, sabendo o que a interpretação da lenda feita pela avó de Samuel era para mim. Meu estômago torceu com o conhecimento, e eu estava de repente ansiosa para virar o jogo. "Coiote não tinha problemas para sair – mas ele sabia que não podia deixar os outros para trás."

"Hmm. Sabia que você veria assim." Samuel estendeu a mão e escovou as pontas dos dedos para baixo da minha bochecha. "Me sinto de volta ao ônibus, tentando acompanhar você. Você estava sempre dois passos à minha frente."

"Faria você se sentir melhor se nós lutássemos?" Eu joguei para ele, "Tenho certeza que eu não teria a menor chance." Fiquei aliviada ao transformar a conversa em uma direção diferente. Samuel riu alto, e sua avó olhou para cima agudamente, os olhos dela descansando amorosamente no seu rosto sorridente. Seu olhar deslizou com relutância do seu rosto ao meu, e seus olhos estavam cheios de perguntas.

19. Crescendo

É suposto existir um link entre matemática, música e astronomia – alguns dos maiores compositores foram ávidos observadores das estrelas. A conexões entre a matemática e a música fazia sentido – embora não haja mais para a conexão de temporização, contagem e notas sobre uma linha. Na verdade, há algo neurológico que ocorre no cérebro quando certos tipos de música são tocados. Essa alteração neurológica, dizem, afeta positivamente nossas habilidades matemáticas. Eu tinha sido fascinada pelo que alguns pesquisadores tinham chamado de efeito Mozart, quando usaram o estudo para convencer mais do que uma mãe a manter seu filho lutando em aulas de piano.

Mas a única ligação que eu já tinha feito entre astronomia e música era a forma como me fazia sentir. Quando eu olhava para o firmamento sentia a mesma reverência que se movia em mim quando ouvia as ondas de uma boa música. Nunca ninguém tinha me ensinado sobre as estrelas como a avó de Samuel havia feito por ele, e o que eu tinha aprendido na escola com livros didáticos não tinha conseguido inspirar-me, como se alguma peça vital estivesse sendo omitida. A galáxia era um enigma que todo mundo fingia conhecer a resposta, mas ninguém realmente sabia. Na escola, eu tinha muitas vezes encontrado-me impaciente com fatos e figuras que pareciam insignificantes sugestões para algo que estava além de palavras e explicações.

Depois de jantar no nosso terceiro dia lá, Samuel e eu escalamos um conjunto de origem rochosa perto do hogan de sua avó, quando o sol se pôs. E quando o roxo crepúsculo foi superado pelo preto, observamos as que estrelas piscavam e acordavam acima de nós. Conforme a noite se aprofundou e o céu

se tornou mais dramático, eu senti aquela maravilha familiar e humilde que sempre achei quando contemplava os céus. Meus membros estavam pesados e minha barriga estava cheia, e eu me senti mais completa e relaxada do que podia me lembrar em muito tempo.

A avó de Samuel tinha matado uma cabra em honra a sua visita, e ela tinha passado os últimos dois dias cozinhando e preparando pratos. Eu não era especialmente sensível, mas quando Samuel tinha me dito que sua avó usava literalmente tudo, desde o bode, tinha ficado um pouco duvidosa sobre minha habilidade para participar da festa que estava sendo preparada. Tinha visto-a preparar bolos de sangue que, apesar do nome horrível, não eram ruins. Eles eram pesados e cheios, e quando estavam cozinhando cheiravam deliciosos. Dois dos amigos da vovó Yazzie vieram e a ajudaram com os preparativos, e eu fiquei impressionada com quão semelhantes eram com as mulheres da minha igreja, rindo e trabalhando lado a lado. Fiquei maravilhada com a engenhosidade e a desenvoltura dessas pessoas. Elas até usaram cinzas das árvores de zimbro como fermento para engrossar seu pão.

A festa do bode tinha sido uma alegre reunião dos amigos da vovó Yazzie, todos que pareciam conhecer e manter a afeição por Samuel. A mãe dele tinha vindo também, mas parecia pouco à vontade em confrontar a vovó Yazzie. De certa forma, ela parecia ainda mais velha que sua mãe, embora provavelmente só tivesse quarenta anos. Linhas profundas e olhos encovados contaram a história de uma mulher muito triste. Samuel parecia feliz em vê-la e a abraçou calorosamente, mas encolheu os ombros com aceitação quando ela foi embora logo depois que chegou.

Agora, deitada ao lado de Samuel sobre a superfície lisa de arenito, olhando para a vastidão infinita do céu noturno, eu perguntei a ele sobre a mulher que era sua mãe.

"Ela ainda mora com meu padrasto, embora eu não o tenha visto desde que os deixei no meu último ano no colégio. O hogan da minha shima foi terreno neutro para mim e minha mãe vermos um ao outro ao longo dos anos.”

"Ela não parece gostar muito da vovó Yazzie" eu disse, com sinceridade.

"Ela nunca consegue fingir para a vovó. Acho que ela tenta provocar os maus tratos para justificar seus próprios sentimentos ruins. Mas minha vovó a ama e, pelo que vejo, oferece paz sempre que ela aparece. Infelizmente minha mãe traiu-se muitas vezes, e está virando um urso."

"Um urso?" Eu questionei, confusa.

“Outra lenda. Quando eu era pequeno minha avó contou-me uma história sobre uma mulher que foi capturada pelo clã dos ursos. À noite eles eram ursos, mas de dia eram humanos. A mulher se casou com o chefe do clã urso e, eventualmente, depois de viver com o clã dos ursos por muitos anos, ela começa a ter pêlos crescendo em seu corpo, e foi transformando-se em um urso também."

"E sua mãe está se tornando como o urso com o qual ela se casou?"

"Ahh, você aprende rápido, Josie. Na verdade, na lenda, o urso é altruísta e amoroso, e morre pela sua família no final. Mas eu sempre fiquei impressionado com a idéia de que nós nos tornamos o que nos cerca." Samuel suspirou. "Ou talvez seja mais fácil culpar meu padrasto pelo que minha mãe se tornou, ao invés de responsabilizá-la."

"Acho que essa lenda é mais verdadeira do que você imagina. Alguma vez você já notou como os velhos casais começam a assemelhar-se uns aos outros depois de muitos anos de casamento?" Eu ri com o pensamento de alguns dos muitos casais velhos em Levan, e como eles quase poderiam ser irmão e irmã de tão parecidos que eram.

"Então, se você se casar comigo, em cinquenta anos meu cabelo vai começar a enrolar e meus olhos serão de um azul brilhante?" Samuel brincou

suavemente, não voltando-se para mim, seus olhos apontados para as estrelas acima de nós.

Meu coração gaguejou, e a imagem de ficar velha com Samuel de repente apareceu na minha mente em imagens em movimento. Sentei-me abruptamente, envolvendo meus braços ao redor de meus joelhos e me esforçando para pensar em algo, qualquer coisa, apenas para tirar as imagens da minha cabeça e o desejo do meu coração.

Se Samuel percebeu meu desconforto ele não transpareceu, e sua voz era suave quando ele mudou a conversa para um terreno menos pessoal. Mas ele estendeu a mão e correu os dedos delicadamente através dos meus cachos enquanto falou.

"Eu vou estar em campo Pendleton, em San Diego, durante o próximo par de anos, Josie. Aceitei um trabalho na base como franco-atirador da divisão. Eu vou ser instrutor, treinando e trabalhando com os fuzileiros que são atiradores peritos. Não terei que viver na base, e não serei considerado ativo para implantação com minha unidade. Fui aceito na faculdade de direito no estado de San Diego, e poderei assistir às aulas no período da tarde e à noite."

Ele tinha tudo planejado. Acho que ele finalmente tinha descoberto o que queria. Quando nós permanecemos na cozinha na manhã depois do nosso reencontro, ele tinha alegado que ainda não tinha decidido o que viria a seguir. Mas parecia agora que ele já sabia. Eu estava orgulhosa dele, e frustrada ao mesmo tempo.

"Como você faz isso, Samuel?" Eu perguntei, e fiquei surpresa com a borda de confronto na minha voz, "como você vem aqui e vê sua avó, a vê envelhecer, sabendo que um dia ela terá ido embora, sem saber se esta será a última vez que irá vê-la antes de sair de novo?"

"Você acha que minha shima precisa que eu fique, Josie?" Samuel sentou-se ao meu lado, e os dedos, que tinham estado retorcidos suavemente no meu

cabelo, agora deslizavam para o meu queixo, virando meu rosto para ele. "Você realmente acha que ela quer que eu fique?"

Eu tentei afastar meu rosto da mão dele, mas ele se inclinou para mim e respondeu sua própria pergunta. "Eu não consegui nada ficando aqui. Minha avó sabe que eu a amo, e ela espera que eu continue seguindo em frente. Você se lembra que, quando eu nasci, minha avó enterrou meu cordão umbilical em seu hogan para que eu soubesse que sempre teria uma casa?"

Concordei com um breve sim.

"Este lugar está no meu coração, mas não pode ser minha casa, não agora, talvez não para sempre. Você se lembra como a vovó sabia que não era certo, então ela desenterrou o cordão e o colocou sobre o rack de armas?"

Mais uma vez, concordei.

"Existem muitos tipos de guerreiros, Josie. Eu fui um tipo, e você conhece o ditado, uma vez fuzileiro sempre fuzileiro, mas agora eu preciso ser um tipo diferente de guerreiro para o povo Navajo. Eu quero receber o meu diploma de direito para poder ajudar os povos nativos a reterem suas terras, e não apenas o povo Navajo. Nosso governo não precisa de hectares e hectares de terra. Você sabe que o governo dos Estados Unidos possui mais de metade das terras para o oeste? Mais de 60% das terras em alguns estados. O governo entra e leva a terra em nome do povo, mas o que ele está fazendo é tomar a terra *do* povo. Os fundadores, bem como alguns dos grandes chefes, iriam estar rolando em seus túmulos se soubessem sobre a grilagem de terras que acontece em nosso próprio governo."

Samuel respirava em frustração, soltando a mão do meu rosto e passando-a através do seu cabelo. "Nem me deixe começar, Josie." Ele fez uma pausa e, em seguida, confrontou-me novamente. "Então, você acha que eu deveria morar aqui, com a minha avó, no Hogan dela? É isso que você está dizendo, Josie? Viver aqui e pastorear ovelhas? Você acha que minha avó acharia que eu a amo mais se eu fizesse isso?"

Eu me senti como a menor forma de vida, e balancei minha cabeça miseravelmente. "Samuel, não. Desculpe. Não sei realmente o que eu quis dizer."

O silêncio em torno de nós foi quebrado apenas por ocasionais risos distantes flutuando acima do hogan abaixo, e por uma orquestra de grilos felizes, unidos em sua canção noturna. Vários momentos passaram antes que Samuel fornecesse, gentilmente, "Talvez não estamos realmente falando sobre mim, Josie."

Samuel esperou pacientemente por uma resposta, mas depois que um tempo significativo passou em silencio, ele silenciosamente se levantou. Ele lançou sua mão para baixo e eu a peguei, deixando ele me puxar ao seu lado.

"Nós iremos embora amanhã cedo, Josie. Vamos voltar e ver se eles deixaram algum sorvete de intestino de cabra para nós."

"Ugh!" Eu chorei, totalmente apaixonada por ele.

"Estou brincando, querida. Olhos de cabra são, na verdade, muito saborosos, no entanto. São considerados uma iguaria entre o meu povo."

"Samuel"!

Seu riso aliviou a agitação em meu coração, e eu o segui pelo caminho íngreme de volta para a luz ofuscante do hogan da vovó Yazzie.



Não haviam lágrimas quando Samuel e sua avó trocaram suas despedidas na manhã seguinte. O sol estava apenas espiando seu caminho sobre as montanhas orientais quando eles falaram em tons baixos, suas bochechas pressionadas juntas, a testa de Samuel repousando sobre o ombro dela, as costas curvadas para acomodar seu abraço. Me virei para longe deles, com

vergonha que eles vissem que meus olhos estavam úmidos quando os deles não estavam.

Acho que só não gosto de despedidas.

Senti um toque suave na minha manga, e virei-me para ver vovó Yazzie em pé perto de mim. Seus olhos procuraram os meus, observando - tenho certeza que meus olhos estavam molhados e ameaçando me superar. Ela estendeu a mão e acariciou meu rosto com a palma quente e áspera. Quando ela falou, seu o inglês era quase perfeito.

"Obrigada por ter vindo. Samuel te ama. Você ama Samuel. Vão e sejam felizes."

Eu coloquei minha mão sobre a dela e segurei-a por um momento. Então ela pisou longe de mim, e meus olhos transbordaram. Me virei rapidamente, ocupando a cabine do caminhão. Samuel deve ter ouvido o que ela tinha dito; ele estava a apenas alguns metros de distância. Nossas duas malas pequenas e os dois sacos de dormir já estavam arrumados no bagageiro do caminhão, prontos para irmos, e então só demorou um minuto antes dele subir ao meu lado e ligar o caminhão.

Quando arrancamos, eu encontrei-me engolindo enquanto tentava conter o fluxo de lágrimas que não iria acalmar. Eu procurei no porta-luvas, buscando reforços, e agarrei um punhado de guardanapos marrons do Taco Bell, esfregando-os no meu rosto, tentando desesperadamente parar o fluxo das minhas emoções indisciplinadas.

"Oh Josie," Samuel suspirou suavemente. "Seu coração é demasiado sensível para seu próprio bem."

"Eu não choro geralmente assim Samuel. Nossa, faz anos desde que chorei assim. Mas desde que você, eu voltou não consigo parar. Parece uma nuvem que brotou dentro de mim, e eu estou presa em uma constante chuva torrencial."

"Vem cá, Josie" Samuel disse, e quando eu deslizei para o seu lado, ele me beijou suavemente na testa e alisou meu cabelo para longe do meu rosto úmido. "Bem, então é melhor você ir em frente e deixar a chuva cair por um tempo."

E assim eu fiz. Chorei até que tudo estava espremido, e não achei que choraria novamente por uns bons anos. Então coloquei minha cabeça para baixo na coxa direita de Samuel e adormeci, com sua mão no meu cabelo e Conway Twitty cantando "Não me leve embora" no rádio.



Fizemos um bom tempo no caminho para casa. Aparentemente, todas as lágrimas que eu tinha chorado tinham sido pesadas, porque senti-me estranhamente sem peso e vazia na maior parte do tempo na volta. Samuel e eu falamos disso e aquilo, mas a conversa foi leve. Nós ficamos presos em uma chuva torrencial de causa natural, e quando a chuva limpou, um enorme arco-íris atravessou o céu. Isto levou a outra lenda Navajo, sobre os filhos da Mulher que Muda tentando alcançar a casa turquesa do Deus-sol através da água. A história contava que, quando eles chegaram as grandes águas, seguiram as direções da mulher-aranha, e com canções e orações colocaram as mãos nas grandes águas quando uma enorme ponte de arco-íris apareceu para levá-los para o Deus-Sol. A história também envolveu os filhos conhecendo um homenzinho ruivo, que se assemelhava a um escorpião-areia e que cuspiu quatro vezes em suas mãos, mas era uma boa história, independentemente.

As peculiaridades da história me fizeram pensar se muitas das lendas nativas americanas começaram como verdades há muito tempo esquecidas, e se a história tinha ficado distorcida quando passada de uma geração a outra, assim como as crianças jogavam em festas onde todo mundo sentava em um círculo e uma pessoa sussurrava algo no ouvido da pessoa sentada ao lado

dela, e essa pessoa repetia o que ouviu para a pessoa sentada ao lado dela, e assim por diante, até que o assunto viaja ao redor do círculo inteiro. Se o círculo for grande o suficiente, a frase no final raramente se assemelha a frase original. Eu perguntei a Samuel o que ele pensava da minha teoria.

"Provavelmente um pouco do que aconteceu" Samuel concordou. "Não havia maneira de gravar com precisão as histórias, porque nós não tínhamos uma língua escrita. Muitas das nossas lendas e nossa história agora são registradas, no entanto, o que eu acho que você poderia dizer que é um ponto positivo na assimilação das crianças nas escolas americanas. Podemos falar e escrever em inglês, e podemos preservar nossa cultura dessa forma, também."

"Eu acho que muitas das lendas não são verdadeiras, para começar. Não da maneira que você quer dizer, pelo menos. Muitas das lendas eram histórias do povo nativo, usadas para ensinar a seus filhos e para criar um código de conduta para se viver. Não tinham uma Bíblia para ensinar seus filhos sobre um Salvador amoroso, sua expiação e uma vida depois desta. Acho que muitas das nossas lendas são uma tentativa de explicar o que eles não entendiam – incluindo de onde eles vieram, e por que existiam. Eles queriam saber o que todos queremos saber. Quem sou eu? Por que estou aqui?"

Ponderei sobre o que Samuel tinha dito e me questionei sobre minhas próprias perguntas desesperadas depois da morte de Kasey. Não tinha sido até ele morrer que eu realmente questionei o plano de Deus para mim. Eu realmente não tinha questionado quem eu era e por que eu estava aqui até não poder olhar mais para meu futuro com qualquer tipo de alegria ou antecipação, até que eu precisava de ajuda para encontrar uma razão para continuar. Foi então que eu precisei de respostas acima de tudo, e a única resposta que encontrei, minha única razão de ser, tornou-se a necessidade do meu pai. Em seguida, Sonja precisou de mim, e eu tinha encontrado uma medida de alegria no serviço, e isso tinha me sustentado.

Até agora.

Agora eu voltei a ter dúvidas.



Nós chegamos em Levan aproximadamente as 06:30 daquela noite. Sentia-me abatida e nojenta, mas estava relutante em me afastar de Samuel por qualquer período de tempo. Sugeri que nos encontrássemos de volta na minha casa para jantar dentro de uma hora, dando a cada um de nós a chance de refrescar-se após vários dias tomando banho com um balde e uma toalha de mão.

Eu cumprimentei meu cão feliz com um abraço e um beijo, e tropeçei no banheiro, evitando o espelho inteiramente, decidindo que o que eu não sabia não poderia me machucar. Após estar limpa, ensaboada e hidratada, sai do chuveiro com a sensação de estar quase nova. Eu joguei todas as roupas dos cinco dias de viagem na máquina de lavar e puxei uma saia e um pequeno top rosa, e coloquei um pouco de maquiagem, me olhando em um espelho de corpo inteiro pela primeira vez em dias. Meu nariz estava um pouco queimado de sol, e minhas bochechas tinham mais algumas sardas, mas quando eu estava pronta parecia revigorada, e meu cabelo brilhava em torno dos meus ombros.

Comecei a massa no fogão e descongelei uma linguiça no microondas. Eu fritei e derramei algum molho de tomate caseiro que eu tinha em conserva de algumas semanas anteriores por cima, decidindo que isso que seria suficiente para uma refeição fácil. Eu corri para minha horta, por um capricho, desejando legumes frescos em uma salada, e só estava arrumando minha cesta cheia de produtos quando Samuel surpreendeu-me, caminhando ao redor da casa até mim. Meu coração realizou uma série de saltos, e eu me concentrei na minha respiração antes de ficar sem sentido.

Como, após apenas uma hora de distância, eu podia estar tão desesperadamente feliz em vê-lo? Seu cabelo preto brilhava, assim como sua pele quente, e ele atirou-me um sorriso que enviou uma sacudida de meu estômago para os meus agora vacilantes joelhos. Eu enrolei meus pés descalços na terra, empurrando para cima entre meu dedos, e sorri de volta para ele, esperando-o chegar a mim.

Ele parou na minha frente e sem perder uma batida levou o cesto da minha mão, configurando-o para baixo ao lado de meus pés e embrulhando seus braços ao meu redor. Ele cheirava maravilhoso – como árvores de zimbro, sabonete Ivory e tentação, tudo misturado. Minhas pálpebras vibraram fechadas quando os lábios dele encontraram os meus - e não recuaram, por vários minutos.

"Eu senti sua falta" ele respirou, e havia uma expressão triste no rosto dele enquanto minhas pálpebras levantaram fortemente para encontrar seu olhar. Ele deixou cair outro beijo nos meus lábios carentes quando inclinou-se para baixo e pegou a cesta de legumes, jogando seu braço livre ao redor da minha cintura enquanto fazíamos nosso caminho para casa.

Comemos com Yazzie dormindo aos nossos pés, e com o som de um cortador de grama distante cantarolando pela janela da cozinha aberta. Beethoven suavemente tocava uma serenata para nós através do som da sala, e eu estava perdida na música e na refeição por algum tempo, antes de perceber que Samuel tinha parado de comer e estava ouvindo atentamente.

Eu o assisti, esperando que ele me dissesse o que estava errado.

"Como se chama?"

"A peça"?

"Não... não o nome da peça. O termo musical. Você me explicou uma vez. Acabei de me lembrar, enquanto estava ouvindo a música continuamente voltar para aquele som... como se chama?

"Você quer dizer a nota tônica?" Eu perguntei, surpresa.

"Sim, acho que é assim que você chamou."

"Seu ouvido tornou-se muito afiado. Você está ouvindo a nota tônica, mesmo quando não está sendo tocada. É mais sutil neste pedaço do que em outros trabalhos."

"Me explique novamente" ele exigiu, sua expressão em profunda concentração.

"Bem... uma nota tônica é a primeira nota de uma escala, que serve como base em torno das quais todos os outros arremessos giram, e na que eles finalmente gravitam. Se uma música tem uma base forte tônico você pode cantarolar a nota tônica em toda a música, e ela se misturará com cada nota e acorde."

"É isso mesmo. Eu me lembro agora." Samuel parecia estar pensando sobre esse pequeno pedaço de teoria musical muito a sério, e eu ficava roubando olhares da sua expressão carrancuda. Limpei os pratos, lavamos e secamos, lado a lado, a 13ª sinfonia de Beethoven tocando atrás de nós. Ele entrou na sala de estar e desligou o radio, colocando o último prato no armário. Ele se mudou para o piano e levantou a tampa sobre as teclas.

"Eu não ouvi você tocar durante tanto tempo, Josie. Você vai tocar para mim hoje à noite?" Sua voz era melancólica quando os dedos dele tocaram as teclas do piano.

"Eu não sei. Você nunca cantou *'An Irish Lament'*" Eu provoquei suavemente, lembrando-lhe do nosso acordo no lago Burraston.

"Hmm. Isso é verdade. Tínhamos um acordo. Ok... Eu vou recitar '*An Irish Lament,* não vou cantá-lo. Mas você tem que me prometer uma coisa em primeiro lugar."

Eu esperei, olhando para ele.

"Você tem que prometer que não vai fugir."

Samuel se moveu no banco, alto e reto, e olhou para mim. "Não quero que o poema faça você se sentir desconfortável. É um poema sobre amantes. Isso pode assustá-la e fazer você correr, ou pode deixá-la apaixonada por mim." Eu corei e bufei, como se sua sugestão fosse ridícula.

"Então não posso fugir, mas está tudo bem se eu cair de amor por você?"

"Isso depende", ele respondeu suavemente.

"Do quê?"

"Se você fugir."

"Você está falando por enigmas."

Ele encolheu os ombros. "Temos um acordo?"

"Negócio feito." Eu estendi minha mão, mas meu coração balançou um pouco no meu no peito.

Samuel fechou os olhos por um minuto, como se para puxar as palavras de alguns recessos na cabeça dele, então ele inclinou a cabeça em minha direção e começou a recitar baixinho:

Oh, uma pálida nuvem foi desenhada sobre a aurora ofuscante no choroso amanhecer

Quando para o lado de Josie finalmente voltei

E o coração no meu peito para a garota que eu mais amei

Estava batendo, ah! batendo, tão alto e rápido!

Enquanto as dúvidas e os medos dos anos há muito doloridos

Foram se misturando com as vozes com o dilúvio gemendo:

Até completar meu caminho, como um espectro de água selvagem,

Meu verdadeiro amor se lamentava na sombra.

Mas o beijo de sol de repente beijou a névoa fria e cruel

Em um show de dança de orvalho de diamante

E a corrente de fluxo das escuras risadas de volta ao seu feixe

E a cotovia subiu alto no mastro azul:

Embora nenhum fantasma da noite mas uma forma de prazer

Correu com os braços abertos para seu querido menino,

E a garota que mais amo no meu peito latejante selvagem

Escondendo seus mil tesouros com um choro de alegria.

Havia um caroço gigante na minha garganta, e nós nos entreolhamos. Eu respirei profundamente, tentando travar a emoção erguendo-se sobre mim.

Samuel fechou a distância entre nós.

"É exatamente assim que aconteceu, também. De repente você veio de lugar nenhum no meio de uma tempestade. E então, você estava em meus braços."

"Você está tentando me seduzir, Samuel?" Queria parecer brincalhona, mas minha voz saiu em um baixo apelo.

"Não". A voz de Samuel era quente e intensa, e ele balançou a cabeça enquanto falou.

"Eu sou a garota que você mais ama?" Novamente busquei a leveza, mas falhei, incapaz de vestir as palavras em tom de brincadeira. Eu não queria que ele respondesse à minha pergunta, então rapidamente afastei meu olhar do dele e caminhei para o piano. Eu deslizei no banco e toquei Chopin '*Fantasie Impromptu*', meus dedos voando vertiginosamente sobre as teclas. A música era tão frenética quanto os batimentos do meu coração. O segundo movimento, porem, suavizava a linda melodia, e eu toquei por vários minutos com Samuel em pé atrás de mim, mantendo-se imóvel. Quando a peça retomou o ritmo alucinado do movimento de abertura, ele mudou-se para trás de mim e colocou as mãos sobre meus ombros, e eu esforcei-me para terminar o número.

"Você fugiu. Você disse que não iria." Samuel suspirou atrás de mim.

"Estou aqui."

"Seus dedos estão voando, tentando escapar."

Eu coloquei minhas mãos no meu colo e inclinei a cabeça. A música foi muito reveladora. Chopin tinha dito a Samuel exatamente o que eu estava sentindo, apesar das minhas tentativas de evitá-lo.

Uma das mãos de Samuel subiu para a minha cabeça curvada, e ele traçou um cacho solto que tinha ficado contra a minha nuca com os dedos calejados. Eu tremia. "Você vai tocar outra coisa?"

"Você não pode me tocar. Eu... não consigo me concentrar quando você me toca." Minha voz era um sussurro, e eu me encolhi numa inspiração infantil.

As mãos de Samuel caíram longe de meus ombros, e ele mudou-se para longe sem resposta, inclinando-se contra a porta da sala de estar, onde ele podia ver meu rosto enquanto eu tocava. Isso não era muito melhor. Eu tentei fechar os olhos, para que eu pudesse me concentrar. Eu sabia o que ele queria ouvir. E eu sabia o que eu queria tocar, mas fiquei preocupada pois, novamente, isso deixaria meu coração aberto, revelando demais.

Deixei meus dedos dançarem levemente entre as teclas, cedendo a vulnerabilidade que sabia que ecoava da minha primeira composição. Eu não tinha escrito qualquer música por um tempo muito longo. Eu havia composto febrilmente até que conheci Kasey, quando então me deixei ter dezessete anos. Eu tinha sido jovem e apaixonada, e não tinha mais sentido a melancolia que induziu meus momentos mais criativos, e então não queria escrever. Eu queria ter dezessete anos. Eu tinha gostado da qualidade da minha vida. Claro, desde que ele tinha morrido, a melancolia não tinha sido um problema. Mas meu presente tinha estado estranhamente silencioso nos últimos cinco anos.

Agora, '*A canção de Samuel*' ressuscitou amorosamente a partir das teclas e feriu seu modo em torno de nós. Embelezei enquanto toquei, lembrando de todos os velhos sentimentos. Uma garota apaixonada por alguém que não podia

ter. Meu coração doeu no meu peito, mas eu deixei. Eu não ia mais me esconder. Eu mantive meus olhos fechados - minhas mãos sabiam o caminho. As teclas eram frias contra meus dedos, e eu me perdi na doce agonia da minha música.

De repente Samuel estava ao meu lado no banco, seu corpo esguio deslizando ao lado do meu, minhas mãos caindo discordantes das teclas quando seus braços envolveram em torno de mim, quando seus lábios capturaram os meus ansiosamente. Meus braços correram para abraçá-lo, e minha mão direita se levantou para percorrer o rosto dele. Minha cabeça foi pressionada em seu ombro, e ele puxou-me através do seu colo, a boca movendo-se febrilmente sobre a minha.

Eu me ouvi dizer o nome dele enquanto ele movia seus lábios dos meus para iniciar uma chuva de beijos no meu queixo, descendo pela coluna de seda da minha garganta. Eu estremeci no fundo no meu estômago, e minha mão apertou seu rosto, empurrando-o para cima para que eu pudesse olhar em seus olhos. Ele baixou os olhos para mim, e sua respiração estava pesada hálito, como nunca aconteceu quando ele correu. Seus olhos brilharam e queimaram, e seus lábios estavam entreabertos quando ele lutou para controlar sua respiração.

"Como eu vou manter minha promessa, se você continuar a me beijar?" Eu sussurrei urgentemente.

"O que você prometeu?"

Ele não tinha afrouxado seu domínio sobre mim, e eu ainda estava agarrada firmemente em seus braços.

"Não ficar apaixonada por você," eu murmurei enfaticamente. O calor na minha barriga desafiou a gravidade e subiu para o meu rosto já corado.

Ele não respondeu; apenas me afastou dos seus braços - ele me deixou ir. Eu levantei e me afastei dele. Ele ficou atrás de mim, e eu mudei-me para a porta.

"Josie".

"Sim".

"Você não me deixou responder sua pergunta."

"Qual pergunta?"

"Você me perguntou se você era a garota que eu mais amava."

Agora eu não respondi.

"Você não é a garota que eu mais amo, Josie". Meus ombros apertaram contra a rejeição. "Você é a *única* garota que eu já amei", ele finalizou em voz baixa. Minha respiração ficou presa, não acreditando no que eu estava ouvindo. "Eu sei que estou indo rápido demais. Só não consigo ajudar a mim mesmo. Eu assisto você, e ouço você, e tudo que eu quero fazer é te abraçar e te beijar, e eu... Me desculpe se estou empurrando..." Sua voz desvaneceu. Eu não sabia como reagir. Meu coração tinha retomado o seu galope, e eu coloquei uma mão contra o meu coração para aliviar o ritmo. As mãos dele estavam suaves nos meus ombros, e ele me virou para enfrentá-lo. Eu olhei para o seu enfrentamento e estava perdida com o que sabia que estava chegando.

"Quero que você venha para San Diego comigo. Eu quero que você se *case* comigo. Agora, na semana que vem, mês que vem, quando estiver pronta. Você pode ir para faculdade ou apenas tocar piano todos os dias. Não me importo, contanto que você esteja feliz e fique comigo." As mãos de Samuel emolduraram meu rosto, e os olhos dele se confessaram aos meus.

"Primeiro você me diz para não cair de amor por você, e 5 minutos mais tarde me pede para *casar* com você!" Eu deixei escapar. Eu estava cambaleando, euforia ameaçando surgir e me levar embora enquanto o peso das minhas responsabilidades arranhavam minha garganta.

"Ah Josie! Estou fazendo uma bagunça, não é? Por favor, tente entender" Samuel gemeu. "Quero que você me ame, Josie. Porque eu te amo tanto que me causa dor. Mas se você vai fugir, me amar só fará você infeliz."

"Eu não sou a única saindo Samuel! Por que você não pode ficar aqui? Por que tem que ir embora?" Eu chorei, soando para meus próprios ouvidos como uma criança pequena.

"Pelas mesmas razões que não posso viver na reserva. Meu futuro não está aqui. Tenho compromissos que tenho que manter com os fuzileiros navais, comigo, com o meu povo. Aqui não é onde sou necessário."

"Eu preciso de você!" Novamente a criança em mim fez seu apelo.

"Então venha comigo."

"Não posso ir. Não posso deixar. Eu preciso estar aqui."

"E eu preciso de *você*", Samuel implorou suavemente, repetindo as minhas palavras. "Eu preciso de você porque eu te amo."

Senti-me estranhamente isolada, como se estivesse vendo esta cena de fora de um romance de Jane Austin. Senti dor, mas foi uma dor simpática, o tipo de sofrimento que muitas vezes eu senti pela dor de outra pessoa - quase como senti no funeral da minha mãe - como se não fosse ainda real. Afastei-me de Samuel.

"Não posso ir com você, Samuel. Me desculpe." Minha voz soou engraçada e isso pesou em meus lábios, semelhantes àqueles sonhos horríveis onde você tenta falar mas não pode, porque sua boca de repente é incapaz de formar palavras.

A cara de Samuel apertou brevemente, como se estivesse com raiva de mim, e em seguida ele suavizou sua expressão quando olhou de volta para mim. Seus olhos negros demoraram-se mais um pouco.

"Eu tinha medo disso. Percebi uma coisa hoje à noite, quando estávamos ouvindo Beethoven. Você é como uma nota tônica. Você é a nota à qual todas

as outras giram e gravitam em torno. Você está em casa. Sem você, a música só não pode ser uma canção, a sua família não pode ser uma família. É o seu medo, não é? Quem vai intervir e ser a base, a nota tônica, se você for?" Os olhos de Samuel eram sombrios quando ele continuou, a voz rouca e baixa. "Isso é o que você foi para mim desde que te conheci. A nota que eu ouvia, mesmo quando não estava sendo tocada. A única pela qual eu estava gravitando, durante todos esses anos." Ele se inclinou para mim e beijou suavemente o topo da minha cabeça. A mão em concha tocou minha bochecha brevemente, e seu polegar traçou meu lábio inferior, tremendo.

"Eu amo você, Josie" ele disse. Então se virou e caminhou para fora da minha casa.

Na manhã seguinte seu caminhão tinha desaparecido, tal como tinha acontecido no dia seguinte ao nascimento do potro de Daisy, há tantos anos.

20. A nota líder

Samuel tinha desaparecido há duas semanas, e eu me mantive ocupada tanto quanto poderia. Eu fiz todos os meus deveres regulares - cortei cabelo, ensinei lições de piano e corri várias milhas por dia. Além disso, eu colhi o que sobrou na minha horta. Então enlatei conservas de beterraba e tomate e feijão verde e picles até as primeiras horas da manhã. Eu fiz lasanhas e caçarolas e coloquei no congelador em porções únicas. Quando não sobrou nada para enlatar ou cozinhar eu arrumei em ordem alfabética e reorganizei meu armazenamento de alimentos. Então decidi que a casa estava precisando de uma profunda limpeza - eu limpei os vidros e lavei cortinas e tapetes no vapor. Então eu comecei no pátio. Em outras palavras... Eu estava um caco.

Obriguei-me a ouvir a música que eu adorava enquanto trabalhava. Eu não seria mais uma covarde. Se eu agisse como uma lunática, que assim seja! Em minha mente eu me enfureci, e jurei que a partida de Samuel não me faria recorrer ao holocausto musical. Terminei com essa bobagem! Eu toquei Grieg até meus dedos ficarem duros, e trabalhei com o frenesi de '*Islamey*' de Balakirev batendo fora dos alto-falantes. Meu pai entrou em casa durante um desses momentos uma vez, mas se virou e fez o caminho de volta para fora novamente logo em seguida.

No dia 15 eu fiz um bolo de chocolate digno do livro dos recordes. Era repugnantemente rico e engordativo, oscilando em vários andares de altura, pesando mais do que eu, carregado com uma espessa camada de cream cheese e deliberadamente polvilhado com raspas de chocolate. Sentei-me para comê-lo com um garfo grande e sem guardanapo. Eu comi com um entusiasmo

visto apenas por aqueles que comiam cachorro-quente em competições, onde a pequena menina asiática chutava a bunda de todos os meninos gordos.

"JOSIE JO JENSEN!" Louise e Tara estavam na porta da cozinha, choque e repulsa e talvez um pouco inveja em seus rostos. ‘*Rhapsodie nº 2 em Sol menor*‘ de Brahms estava balançando a minha cozinha. Comer bolo ouvindo Brahms foi uma experiência nova para mim. Eu gostei. Eu continuei comendo, ignorando-as.

"Bem mãe”, disse Tara, "o que fazemos?"

Minha tia Louise era uma mulher muito prática. "Se você não pode vencê-los, junte-se a eles!" Ela citou alegremente.

Antes que eu percebesse, Tara e Louise tinham garfos também. E elas também não pareciam precisar de guardanapos. Nós comemos, aumentando nosso ritmo quando a música se intensificou.

"BASTA!". Meu pai gritou na porta. Ele estava bom, e louco também. Seu rosto bronzeado do sol estava tão corado quanto os meus saltos altos favoritos.

"Eu mandei vocês duas para uma intervenção! O que é isto?! Anônimas indo selvagens?"

"Ah, papai." Pegue um garfo, eu respondi, mal quebrando o ritmo.

Meu pai andou a passos largos, pegou o garfo da minha mão e atirou-o de lado - os dentes batendo na parede primeiro. Ele ficou preso lá, incorporado e vibrando como uma espada num torneio medieval. Ele puxou minha cadeira e agarrou-me nos braços, empurrando-me para fora da cozinha. Eu tentei tirar um último pedaço no meu bolo, mas ele soltou esse rugido desumano e eu abandonei a esperança de fazer-me bem e verdadeiramente doente.

"Tara! Tia Louise!" Eu gritei freneticamente. "Quero que vocês vão embora!!! Esse é o meu bolo! Vocês não podem comer sem mim!"

Meu pai me empurrou pela porta da frente e saiu para a varanda, a tela batendo atrás dele. Afundei-me para o alpendre, de repente limpando migalhas

de chocolate da minha boca. Meu pai pisou de volta para dentro da casa e, de repente, a música tocando em cada canto parou abruptamente. Ouvi-o dizer a Louise que ligaria mais tarde, e então a porta da cozinha explodiu, indicando a partida da minha tia e Tara. Bom. Elas teriam comido todo aquele bolo. Eu vi o jeito que elas estavam famintas.

Meu pai arrastou-se para fora da porta e afundou-se no balanço ao meu lado. Nós balançamos em silêncio por um tempo, meus pés debaixo de mim, seus pés em suas botas velhas, empurrando para a frente e para trás, para frente e para trás. Havia uma vivacidade no ar da noite que não tinha estado lá uma semana atrás. A queda estava em potência máxima agora; as folhas brilhantes em sua agonia de morte. Eu podia sentir o inverno chegando. O que me disse Samuel sobre a Mulher que Muda e sobre a primavera ser uma molda de renascimento?

A Mulher que Muda inaugurou as estações do ano, trouxe vida nova. Esta temporada não estava inaugurando uma nova vida para mim, entretanto. Minha vida continuaria a ser a mesma.

De repente eu senti-me muito velha, cansada... e cheia. Vergonha e fadiga caíram sobre mim, e eu alcancei a mão do meu pai. Suas mãos estavam rachadas e desgastadas, e eram quase tão bronzeadas quanto as de Samuel.

Como eu amava as mãos do meu pai! Como eu o amava. Eu tinha deixado meu pai preocupado nos últimos dias. Olhei na cara dele agora e vi as emoções que estava sentindo espelhadas em seus olhos. Eu trouxe sua mão em minha bochecha e inclinei meu rosto em sua palma. Ele segurou meu rosto em sua grande palma, seus olhos cheios de tristeza.

"Josie Jo. O que eu vou fazer sem você?" Sua voz era rouca e cansada.

"Eu não vou a qualquer lugar, pai." Eu disse suavemente, rachando minha voz um pouco quando pensei em Samuel.

"Sim querida, você vai". Emoção abalou sua voz. "Você está indo embora - não vou mais te deixar ficar aqui."

Eu senti a queda no fundo do meu peito e meu coração despencou, caindo em pedaços pequenos aos meus pés. Minha mão, ainda agarrada à sua, caiu no meu colo.

"Você não quer que eu fique com você, pai?" Minha voz balançou, e eu mordi meu lábio inferior.

"Querida, não é mais sobre o que eu quero. Eu a deixei tomar conta de mim e dos seus irmãos desde que você tinha nove anos de idade! Eu só não posso, em sã consciência, deixar você continuar fazendo isso."

"Papai!" Clamei em negação, "você cuidou de todos nós! Eu só fiz a minha parte!"

"Você fez mais que sua parte, Josie. Você nunca foi uma criança... não depois que sua mãe morreu. Você sempre teve essa sabedoria e maturidade que me fez sentir que talvez isso estivesse bem, deixá-la em sua cabeça. Mas seu coração governa a cabeça, Josie. E ficar aqui para sempre só para cuidar de mim, permanecendo fiel a um amor que nunca vai retornar... não nesta vida. Kasey se foi, bebê. Ele não vai voltar."

"Eu sei disso papai, acredite em mim, eu sei... só não sei como dizer adeus desta vez. Não é igual ao que foi com a mamãe. Com ela, eu sabia que estava chegando, mesmo tão chovem como eu era. Eu sabia que ela iria morrer; sabia que ela ia ter que me deixar. E eu sabia que ela esperava que eu vivesse, amasse e aprendesse. Não sei como me despedir desta vez" Eu repeti, e reprimi um soluço. Meu pai puxou-me em seu colo, como tinha feito há mais de quatro anos quando me encontrou no vestido de casamento da minha mãe.

Ele me balançou, esfregando minhas costas e alisando meu cabelo enquanto eu chorava em sua camisa. Eu pensei que tinha acabado com as lágrimas. Eu não queria mais chorar por Kasey. Mas, no fundo, eu sabia que

não era por ele que eu estava chorando. Eu acho que estava chorando de auto-piedade, e isso era ainda pior. Esfreguei irritadamente as minhas bochechas e pressionei meus punhos em meus olhos, disposta a parar.

"Eu estou apaixonada por Samuel, pai."

Os pés do meu pai gaguejaram um pouco no seu ritmo e, em seguida, com apenas um engate, ele retomou o balançar.

"Eu pensei que talvez você estivesse. Você tem agido tão estranha ultimamente." Ele me levantou do peito para que pudesse olhar para meu rosto.

"Mas querida... não é um pouco cedo demais para saber? Ele estava na cidade apenas há cerca de um mês."

Eu ri em voz alta, o som áspero e sem humor. "Eu amei Samuel desde os treze anos de idade, pai." Eu respondi, olhando fixamente de volta para seus olhos, sorrindo para o seu choque. Eu acariciei sua bochecha, tranquilizando-o. "Não se preocupe, pai. Não foi assim." Eu me inclinei para trás contra ele quando contei nossa história de amor. Porque isso é o que era.

"Samuel e eu nos encontramos no ônibus escolar. Fomos designados para o mesmo banco. Por oito meses nós subimos naquele ônibus, indo e voltando de Néfi, e lentamente nos tornamos amigos. Nos apaixonamos por Beethoven e Shakespeare. Tivemos uma discussão sobre livros e viés e princípios e paixão. Nossa amizade foi verdadeiramente única." Hesitei um pouco, reunindo meus pensamentos. "Eu não sabia quão especial tinha realmente sido até ele ir embora. Não sabia que estava apaixonada por ele naquela época; eu só queria meu amigo de volta. E ele se foi por tanto tempo. Ele se foi por tempo suficiente para que eu acreditasse que nunca voltaria – o suficiente para eu me apaixonar novamente. A segunda vez, com Kasey, eu tinha idade suficiente para reconhecê-lo pelo que era. Eu era inteligente o suficiente para segurar firme esse sentimento, e isso fez a perda de Kasey ainda mais difícil. Eu tinha me apaixonei antes, e sabia como me sentiria ao perdê-lo."

"Eu nunca soube nada sobre Samuel, Josie." A voz do meu pai era descrente.

"Ninguém sabia, pai. Eu não sabia como compartilhar algo assim. Pensei que, se eu falasse sobre ele com você, você poderia ficar nervoso. Ele tinha dezoito anos e era meio índio Navajo, o que teria feito você ainda mais desconfortável, porque não sabe nada sobre ele ou da onde ele veio. E eu era sua garotinha de treze anos de idade. Vê o dilema?"

"Sim. Não é uma negociação fácil, não é?" Meu pai murmurou e riu com simpatia para o meu longo sofrimento anterior.

Nós balançamos mais uma vez em silêncio.

"E agora, Josie?" Meu pai disse lentamente. "Onde ele está?"

Meu coração contraiu-se ferozmente. "Eu lhe disse que não poderia casar com ele pai. Esta é a minha casa. Ele é da Marinha, e ele tem responsabilidades. Ele não pode ficar, e eu não posso ir. Isso é tudo que existe." Minha voz carregava um bravata que era completo fingimento.

"É por causa do que você disse antes, Josie?" Meu pai perguntou suavemente.

"O que você quer dizer?" Eu perguntei hesitante, não acompanhando seu raciocínio.

"Quando você disse que não sabia como dizer adeus dessa vez. Por que você não pode dizer adeus? Você acabou de dizer que amava Samuel mesmo antes de se apaixonar por Kasey. Por que você deixaria Samuel, mesmo quando Kasey estava perdido para você, afinal?"

"Eu nunca fui a única a sair, pai." Não sabia como colocar em palavras. Meu pai olhou para mim, sombriamente à espera.

"Todo mundo me deixou.. mamãe, Samuel, Kasey, até Sonja. Eles me deixaram. Eu fiquei. Não sei como sair. Parece errado. Sinto-me errada por deixar Sonja, errada por deixá-lo, e parece uma traição deixar Kasey."

"Não acha que ele iria querer isso?"

"Honestamente não sei, pai. Ser deixado para trás é horrível."

"Ah querida, você não está pensando direito." Ele estava quieto por um momento, e percebi que estava lutando para dizer o que viria a seguir.

"E não acho que eu sabia que um dos seus dilemas era sobre me deixar. Não permitirei isso, Josie. Eu sou seu pai, e você não vai ficar aqui toda a sua vida por lealdade a mim. Crescer e se mudar não é a mesma coisa que sair, e você não pode pensar assim." Sua voz era severa, e eu decidi não discutir com ele.

"Você acha que Kasey amava você, Josie?" Meu pai perguntou, após um um momento ou dois.

"Eu sei que ele fazia, pai," Eu respondi, e senti-me ficando sufocada novamente.

"Eu sei que ele amou muito, querida. Mas eu não sei se você teria sido tão feliz quanto poderia ter sido, se tivesse casado com ele."

Eu estava atordoada. "O que você está falando?" Meu pai nunca expressou quaisquer dúvidas sobre Kasey e eu.

"Kasey era um bom rapaz. Ele era tudo o que um homem quer para sua filha. Ele teria sido fiel e trabalhador. Ele teria sido amoroso e fiel e comprometido com você, durante toda a sua vida."

"Mas...?" Havia um 'mas' nesta equação, e eu nem sequer conseguia descobrir o que poderia ser.

"Mas você teria sido solitária, bem lá no fundo. Você teria lutado com isso durante toda a sua vida."

"Eu não estava sozinha com Kasey, nunca!" Argumentei sinceramente.

"Você teria sido, querida. Você tem esta fome para... para coisas que são um mistério para mim. Você tem música no sangue. Você vê beleza em coisas

que outras pessoas só tomam como garantidas. Precisa de compreensão e, e... de profundas conversas, e de alguém que possa manter você lá em cima com essa sua mente! Quando você era apenas uma criança já me perguntava coisas estranhas sobre Deus e o universo... coisas que iriam me surpreender. Uma vez você estava brincando com esse quebra-cabeça no chão, e não poderia ter mais de cinco ou seis anos então. Você parou e olhou para o quebra-cabeça por um longo tempo. Finalmente você me perguntou, 'pai, você acha que esse quebra-cabeça poderia alguma vez se juntar se eu apens o balançasse para a direita?' e eu disse, 'não querida, acho que não há qualquer chance disso.' Você se lembra o que respondeu então?" Eu balancei minha cabeça em perplexidade. "Você disse, 'bem, então acho que é impossível que o mundo só aconteceu por si só. Alguém teve que colocá-lo junto.' Eu pensei sobre isso por duas semanas! Inferno, Josie - eu não entendo metade do que você diz quando fala... e eu sei com certeza que o pobre Kasey Judd também não tinha uma pista sequer, na maior parte do tempo."

Não sabia o que dizer. Apenas me sentei lá, com minha boca aberta.

"Você disse que você e Samuel se apaixonaram por Beethoven e Shakespeare. Isso me diz alguma coisa." Meu pai inclinou-se para frente, apoiando as mãos nos joelhos e olhando para o céu enluarado. Quando ele falou novamente, sua voz estava rouca com emoção.

"O que Samuel faz quando você fala com ele, Josie? O que ele faz? Ele ouve você, do jeito que nenhum de nós pode?" Meu pai olhou para mim então, e aí formaram-se lágrimas nos meus olhos.

Eu trouxe minhas mãos para o rosto do meu pai, profundamente comovida pela sua compreensão. Uma compreensão que nunca tinha lhe dado crédito. Lágrimas escorreram pelo meu rosto e correram ao longo da minha mandíbula, derramando-se para baixo pelo meu pescoço.

"A maneira que eu vejo Josie, é que Deus conhece o seu coração." Os olhos do meu pai nunca deixaram os meus, e nós dois choramos

descaradamente. "Ele levou Kasey embora por uma razão. Kasey não era para você. E você nunca teria visto isso por conta própria. Eu sei que você já pensou que Deus virou as costas para você. Mas ele cuidou de você, Josie. Ele preparou alguém para você, alguém que pode amar cada parte sua. Não quero te segurar durante toda a sua vida, para que você apenas se compartilhe nas pequenas doses que as pessoas vão aceitar. Se Samuel é homem o suficiente para aguentar tudo, até a última gota... então eu espero que você saiba onde ele está... porque eu espero que você o encontre."

Meu pai ficou em pé, caminhando em direção a porta da frente, a emoção da noite começando a ser demais para ele. Ele precisava de seus cavalos como eu precisava de 'Ode à alegria'. Sua mão repousava sobre a alça da porta quando ele se virou para mim novamente. "Você tem algo escrito na parede de seu quarto. Lembro-me de lê-lo... está lá para sempre. É uma escritura, eu acho... mas você mudou um pouco. Alguma coisa sobre o que o verdadeiro amor é. Se o que você e Kasey tinham era amor verdadeiro Josie, ele não ia querer que você ficasse, também."

Ele suspirou. Ele tinha dito o que precisava dizer, e estava ansioso para terminar a conversa. "Eu amo você, Josie. Não fique aqui fora por muito tempo. Você tem que fazer alguma coisa com essa confusão de bolo lá dentro."

Ele sorriu para mim e foi embora, caminhando pela casa e fora pela porta dos fundos, fugindo para o consolo de seus amigos equinos.

"'O amor é paciente, o amor é bondoso. Não inveja, não se vangloria, não se orgulha. Não maltrata, não procura seus interesses, não se ira facilmente, não guarda rancor. O amor não se alegra com a injustiça, mas se alegra com a verdade. Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. O verdadeiro amor nunca falha." Eu sussurrei as palavras para mim mesma, e finalmente encontrei uma maneira de dizer adeus.



Caro Samuel,

Quando duas notas de cortesia são cantadas ou tocadas no tom perfeito, ocorre um fenômeno. As frequências relacionados realmente se dividem, como a luz através de um prisma, e sobretons podem ser ouvidos. Soa quase como as vozes dos anjos cantando juntos em perfeita harmonia. Elas podem ser difíceis de ouvir - elas brilham dentro e fora como a recepção de um rádio defeituoso - mas estão lá, um pequeno milagre esperando para ser descoberto.

A primeira vez que as ouvi eu pensei em você, e quis te dizer que eu finalmente tinha ouvido uma cepa de música de Deus. E quando eu estou com você, um fenômeno semelhante acontece. Eu ouço música.

Onde quer que vá, eu seguirei. Eu só quero ficar com você. Você quer se casar comigo?

Eu te amo,

Josie

21. Poslúdio

Casei com Samuel Yates um mês depois, no dia de ação de Graças, na linda capela em Levan. Samuel tinha um amigo, um companheiro Fuzileiro, que tocava piano de ouvido. Ele estava nos Estados Unido para o nosso casamento e, depois de ouvir a '*Música de Samuel*' algumas vezes, foi capaz de tocá-la com perfeição enquanto eu caminhava pelo corredor. Sonja não pôde comparecer, mas ela estava lá naquela canção. Lembrei-me das palavras dela pra mim, quando eu tinha derramado meu coração e minha alma, há muito tempo. "Se eu não soubesse melhor, Josie, pensaria que você está apaixonada."

Samuel estava deslumbrante em seu uniforme azul. Suas duas avós e sua mãe sentaram juntas e choraram como um trio. Meu pai e Don Yates igualmente foram superados. A capela estava cheia de familiares e amigos. Até mesmo os pais de Kasey vieram. Gosto de pensar que talvez ele e minha mãe fossem capazes de atender, e entrar no nosso reino por um breve momento.

Eu usava o vestido de minha mãe, e meu cabelo estava varrido sob o longo véu branco em que eu me enrolei há anos em nosso balanço da frente, lamentando a noiva que pensei que nunca seria.

Tara foi minha única dama de honra. Ela usava amarelo e alegremente jogou pétalas de rosa enquanto caminhava até o altar. Quando chegou a hora, eu andei com passos medidos em direção a Samuel, e seu rosto refletia a alegria que cantava em minha alma. Estendeu a mão para mim, aceitando minha mão na sua quando meu pai me entregou, e então deslizou para o banco ao lado de tia Louise, deixando-a segurar a mão dele enquanto ele chorava, sem vergonha.

Samuel e eu trocamos votos simples de incontáveis gerações, mas ele me surpreendeu ao recitar os versos escritos na minha parede – as palavras de Coríntios 1, capítulo 13. Enquanto ele cantava as palavras com tanta devoção sincera, eu fiquei maravilhada que Deus tinha me trazido para este dia, com este homem.

Quando todas as palavras foram ditas e fomos declarados marido e mulher, Samuel deslizou um anel no meu dedo, uma pedra para representar cada uma das quatro montanhas sagradas da nação Navajo, incorporadas numa faixa de prata. Tinha sido o anel da mãe dele, dado a ela pelo pai de Samuel.

Depois que beijei meu marido pela primeira vez, ele sussurrou algo no meu ouvido, e eu olhei para seu rosto quando ele repetiu a palavra suavemente.

"É meu nome Navajo."

Toquei seu rosto com reverência.

"Você é minha esposa e a pessoa mais próxima a mim. Você deve saber o meu nome, porque agora ele é seu também."

Meu coração estava tão cheio que eu não conseguia falar.

"Mas tenho um nome Navajo para você também, Josie. Dei a você um tempo atrás. Minha *Chitasie*" murmurou Samuel.

"O que significa?"

"Professora."